



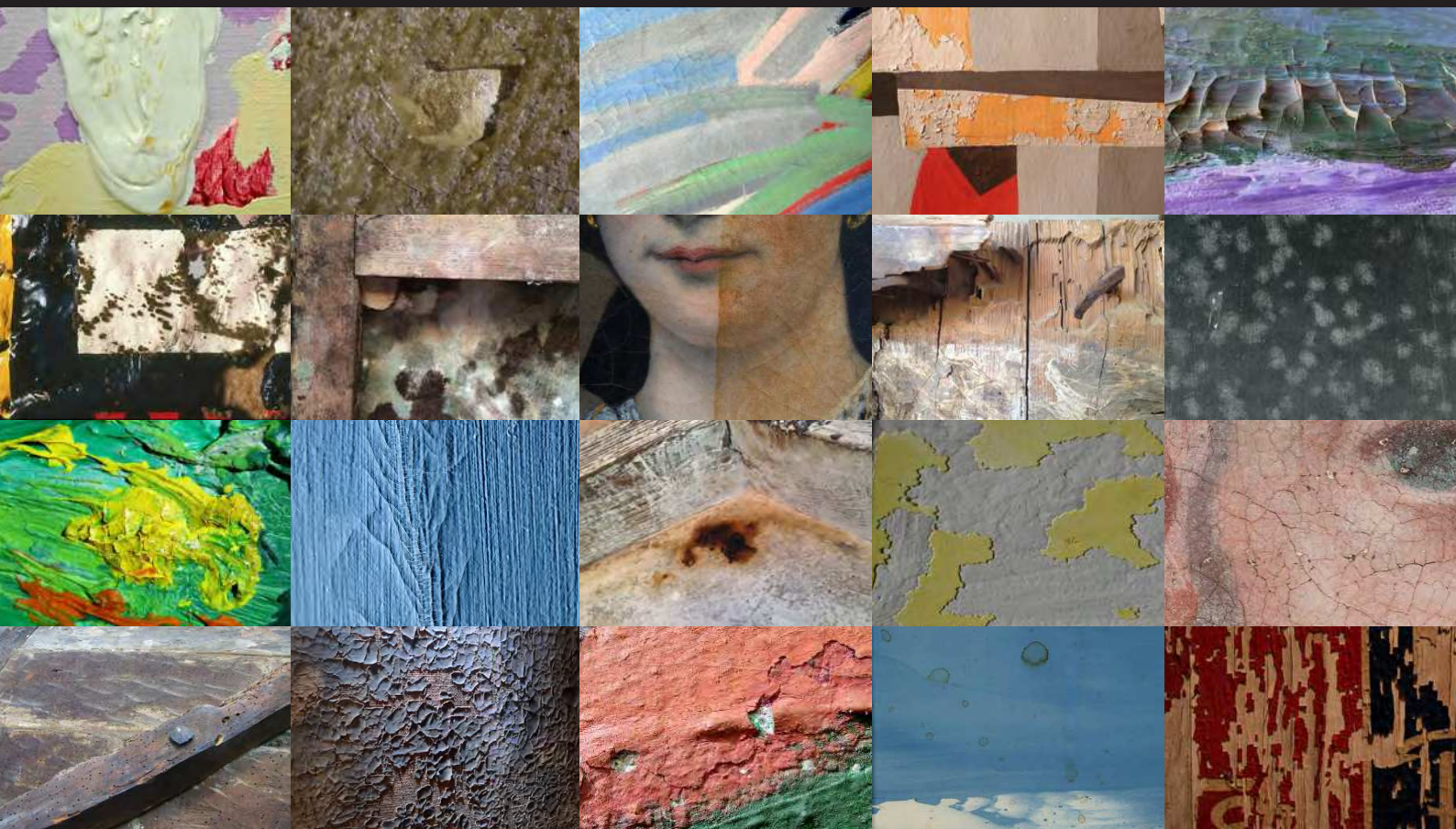
Ana Martins Panisset

# GLOSSÁRIO VISUAL DE ALTERAÇÕES EM BENS CULTURAIS

Ferramenta de diagnóstico, documentação e gestão de acervos museológicos de pinturas

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI





# **GLOSSÁRIO VISUAL DE ALTERAÇÕES EM BENS CULTURAIS:**

*Ferramenta de diagnóstico, documentação  
e gestão de acervos museológicos de pinturas*

*por*

**Ana Martins Panisset**

*Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio  
Linha 02 - Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Museologia e  
Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST)

Orientadora: Professora Doutora Elizabete de  
Castro Mendonça


## FOLHA DE APROVAÇÃO

# GLOSSÁRIO VISUAL DE ALTERAÇÕES EM BENS CULTURAIS

*Ferramenta de diagnóstico, documentação  
e gestão de acervos museológicos de pinturas*


Dissertação de Mestrado de Ana Martins Panisset submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

*Aprovada por*

Documento assinado digitalmente  
 ELIZABETE DE CASTRO MENDONÇA  
Data: 21/10/2024 10:51:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

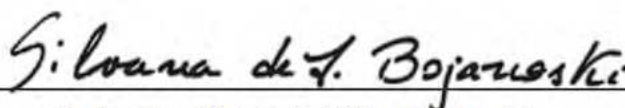
Profa. Dra. Elizabete de Castro Mendonça  
(orientadora - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente  
 DIANA FARJALLA CORREIA LIMA  
Data: 18/12/2024 17:30:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima  
(membro interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

---



Profa. Dra. Silvana de Fátima Bojanoski  
(membro externo - Universidade Federal de Pelotas)

**Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2024**

Catálogo informatizado pela autora

P187 Panisset, Ana  
Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais:  
ferramenta de diagnóstico, documentação e gestão de acervos  
museológicos de pinturas / Ana Panisset. -- Rio de Janeiro  
: UNIRIO, 2024.  
295 f.

Orientador: Elizabete de Castro Mendonça.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e  
Patrimônio, 2024.

1. gestão de acervos. 2. protocolos de documentação. 3.  
diagnóstico de conservação. I. de Castro Mendonça, Elizabete,  
orient. II. Título.

Ao meu pai Oxaguiã e a todos os Orixás

Ao meu filho João, maior motivo de felicidade, amor, força e crescimento. João nasceu no primeiro mestrado, cresceu durante o doutorado, e agora, na sua adolescência ainda teve que aguentar outro mestrado, agradeço a compreensão em tantos momentos de ausência.

À minha mãe Letícia pelo apoio incondicional e pelo exemplo de dedicação profissional e familiar. A ela e ao Álvaro agradeço imensamente por sempre acolherem a mim e meu filhote.

Ao meu querido pai Ulysses, figura repleta de força de vida, que sempre foi apoiador nas minhas dúvidas, nos erros e nos acertos, grande amigo e conselheiro.

À Mãe Angeli que me fez renascer através de suas mãos e dos Orixás, por todo amor e apoio.

(*In memoriam*) Ao meu avô Amilcar, meu primeiro mestre, pelo exemplo e por ter incentivado em mim, desde criança, a curiosidade e a vontade de aprender. À minha avó Beatriz, com eterna admiração e gratidão e por sempre ter me “empurrado” para a carreira acadêmica acreditando que assim eu seria feliz. Ao meu avô Ulysses, eterno professor, exemplo de vida, ética e alegria.

À professora Elizabete de Castro Mendonça, minha querida orientadora, agradeço pelas contribuições, pelo estímulo e pelas sugestões apresentadas ao longo desta pesquisa, além da confiança, paciência e compreensão nos momentos difíceis.

Às professoras da banca Ana Bailão, Diana Farjalla Correia Lima, e Silvana de Fátima Bojanoski que participaram também em minha banca de qualificação, pelos comentários que foram muito importantes para o aprofundamento deste trabalho, agradeço ainda pela compreensão e carinho.

À Giulia Giovani, pela amizade, pelo companheirismo, reflexões e parcerias de estudo e trabalho.

À Jacqueline Muniz incentivadora principal deste mestrado.

Aos amigos que sempre me apoiam, de um jeito ou de outro, Juliana Monteiro, René Lommez Gomes e Tatiane Giacomini.

À amiga louca das planilhas, Ana Carolina Montalvão, que me ajudou em muito com a geração dos gráficos da pesquisa.

Aos blocos de carnaval Clandestinas e Truck do Desejo, espaços de resistência, sororidade, alegria e aprendizado, onde reencontrei a força para seguir.

À empresa Sistemas do Futuro, principalmente Fernando Cabral, pela parceria e disponibilização do software *in thesauri*.

Ao Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, por possibilitar o afastamento, e especialmente à Ana Paula Pacheco que gentilmente me substituiu nas disciplinas.

Ao Pró-Reitoria de Pesquisa (PRPQ-UFMG) pelo apoio através do *Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados ou Recém-Doutorados*.

Aos bolsistas do projeto *A documentação como ferramenta de preservação: protocolos para documentação e gestão de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos na UFMG*, Bruner Tunes de Senna Jeronymo, Dayana Priscilla dos Santos Mesquita, Gabrielle Moraes Lopes da Silva, Lucas Galeno Ferreira Costa e Luisa de Castro Chagas que colaboram muito na primeira etapa de construção do Glossário.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST, coordenação, colegiado, professores e colegas, especialmente à Alexandra por toda ajuda.



Em tempo, dedico esse trabalho e agradeço a Natália Maria da Costa Jorge (*in memoriam*), que partiu recentemente, logo antes da finalização desta dissertação. Natália fazia parte da equipe da Sistemas do Futuro e, além de ser uma excelente profissional, dedicada às terminologias, com muitas contribuições para o campo – sua atuação foi fundamental para a criação e estruturação do sistema *in thesauri*, com o qual trabalhamos para estruturação do Glossário – Natália era uma pessoa iluminada, sempre com um sorriso no rosto e pronta para ajudar.





*Words matter*  
(Applebaum, 2010, p. 37)

## RESUMO

Panisset, Ana Martins. **Glossário visual de alterações em bens culturais**: ferramenta de diagnóstico, documentação e gestão de acervos museológicos de pinturas.

Orientadora: Elizabete de Castro Mendonça. UNIRIO/MAST. 2024. Dissertação.

A presente pesquisa de mestrado aborda a importância da documentação como ferramenta fundamental para a preservação e gestão de bens culturais. A proposta visa mapear lacunas na gestão de acervos, apresentando protocolos e melhores práticas para o diagnóstico do estado de conservação desses bens. A dissertação também busca integrar as áreas de Conservação, Museologia, Ciência da Informação e Terminologia, promovendo um diálogo interdisciplinar necessário para o aprofundamento teórico e metodológico na preservação de acervos e desenvolvimento de terminologia especializada. O estudo analisa os termos relacionados à conservação de bens culturais em museus, com foco específico nas alterações em pinturas de cavalete. A pesquisa também inclui uma aplicação prática, criando uma ferramenta piloto voltada para o diagnóstico, documentação e gestão de acervos museológicos: o *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais: pinturas de cavalete*. Este glossário, multilíngue e ilustrado, reúne termos que descrevem as alterações em pinturas de cavalete, unificando a terminologia e incorporando conhecimentos interdisciplinares. A ferramenta proposta visa servir como referência para instituições que atuam na preservação de bens culturais, assim como para acadêmicos e profissionais da área, auxiliando na identificação do estado de conservação de acervos e oferecendo um recurso valioso para pesquisa e descrição. Disponibilizado em uma base de dados terminológica, o glossário representa a primeira fonte de referência terminológica em língua portuguesa nesse campo, estabelecendo padrões de comunicação fundamentais para a salvaguarda do patrimônio cultural.

Palavras-chave: **gestão de acervos; protocolos de documentação; diagnóstico de conservação; glossário visual; preservação de bens culturais; alterações; degradações; deteriorações.**

## ABSTRACT

Panisset, Ana Martins. **Visual glossary of alterations in cultural heritage**: a tool for the diagnosis, documentation, and management of museum painting collections.

Supervisor: Elizabete de Castro Mendonça. UNIRIO/MAST. 2024.

This research addresses the importance of documentation as a fundamental tool for the preservation and management of cultural heritage. The proposal aims to map gaps in collection management by presenting protocols and best practices for condition assessment. The dissertation also seeks to integrate the fields of Conservation, Museology, Information Science, and Terminology, promoting an interdisciplinary dialogue necessary for the theoretical and methodological deepening in the preservation of collections and the development of specialized terminology. The study analyzes terms related to the conservation of cultural heritage in museums, with a specific focus on changes in easel paintings. The research also includes a practical application by creating a pilot tool aimed at the diagnosis, documentation, and management of museum collections: the Visual Glossary of Alterations in Cultural Heritage: Easel Paintings. This multilingual and illustrated glossary compiles terms that describe alterations in easel paintings, unifying the terminology and incorporating interdisciplinary knowledge. The proposed tool aims to serve as a reference for institutions involved in the preservation of cultural heritage, as well as for academics and professionals in the field, assisting in the identification of the conservation status of collections and offering a valuable resource for research and description. Available in a terminological database, the glossary represents the first terminological reference source in Portuguese in this field, establishing fundamental communication standards for the safeguarding of cultural heritage.

**Keywords:** collection management; documentation protocols; condition assessment; visual glossary; cultural heritage preservation; alterations; degradations; deteriorations.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

AAM -	<i>The American Alliance of Museums</i>
AAT -	<i>Art &amp; Architecture Thesaurus</i>
ABNT -	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AHIP-	<i>Getty Art History Information Program</i>
AIC -	<i>American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works</i>
AICCM -	<i>The Australian Institute for the Conservation of Cultural Material</i>
BDT -	Base de dados terminológica
BPG -	<i>Book and Paper Group</i>
BSI -	<i>British Standards Institution</i>
CCI -	<i>The Canadian Conservation Institute</i>
CCO -	<i>Cataloguing Cultural Objects</i>
CCQ -	<i>Centre de conservation du Québec</i>
CDWA -	<i>Categories for the Description of Works of Art</i>
CHIN -	<i>Canadian Heritage Information Network</i>
CIDOC -	Comitê Internacional para a Documentação do ICOM
CIDOC CRM -	<i>Conceptual Reference Module</i>
CMS -	<i>Collections Management Systems</i>
CONA -	<i>The Cultural Objects Name Authority</i>
CT -	<i>Collections Trust</i>
ECCO -	<i>European Confederation of Conservator-Restorers' Organizations</i>
GCI -	<i>The Getty Conservation Institute</i>
GRI -	<i>The Getty Research Institute</i>
IBRAM -	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM -	Conselho Internacional de Museus
ICOM-CC -	<i>International Council of Museums - Committee for Conservation</i>
ICOMOS -	<i>International Council on Monuments and Sites</i>
IFLA -	<i>The International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IIC -	<i>International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works</i>
IPHAN -	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPI -	<i>Image Permanence Institute</i>
IRGMA -	<i>Information Retrieval Group of the Museum Association</i>
ISCS -	<i>Icomos International Scientific Committees</i>
ISO -	<i>International Organization for Standardization</i>
MA -	<i>Museums Association</i>
MAST -	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MDA -	<i>Museum Documentation Association</i>
NUGEP -	Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

OIM -	<i>Office International des Musées</i>
ONU -	Organização das Nações Unidas
PNM -	Política Nacional de Museus
PRPQ-	Pró-Reitoria de Pesquisa
REC -	Relatório de Estado de Conservação
SGA -	Sistemas de Gestão de Acervos
SGBD -	Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados
SPECTRUM -	<i>Standard Procedures for Collections Recording Used in Museums</i>
ST -	Socioterminologia
TCT -	Teoria Comunicativa da Terminologia
TERMISUL-	Projeto Terminológico Cone Sul
TGN -	<i>The Getty Thesaurus of Geographic Names</i>
TGT -	Teoria Geral da Terminologia
TST -	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
UCM -	<i>Universidad Complutense Madrid</i>
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ULAN -	<i>The Union List of Artist Names</i>
UMAC -	Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNIRIO -	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
VRA -	<i>Visual Resources Association</i>





## SIGLAS CORPUS DE ESTUDO<sup>1</sup>

AAT -	<i>Art &amp; Architecture Thesaurus Online</i>
AICL -	<i>American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works Lexicon Terms</i>
AICCM -	<i>The Australian Institute for the Conservation of Cultural Material Visual Glossary</i>
CCI -	<i>The Canadian Conservation Institute Condition Reporting – Paintings Glossary</i>
CCQ -	<i>Centre de conservation du Québec Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées</i>
C+RT -	<i>Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural</i>
EWA -	<i>European illustrated glossary of conservation terms for wall paintings and architectural surfaces</i>
FACPT -	<i>The Fine Arts Conservancy Glossary for paintings</i>
GIP -	Glossário ilustrado de conservação e restauração de obras em papel
GTP -	Glossário técnico de conservação e restauração em pintura
GVC -	Glossário visual de conservação
MCOC -	<i>Manual para el cuidado de objetos culturales</i>
MPDA -	<i>The Modern Paint Damage Atlas</i>
NPS -	<i>National Park Service Glossary</i>
SPCG -	<i>Smithsonian Museum Conservation Institute Painting Conservation Glossary of Terms</i>
WCCFA -	<i>Western Center for the Conservation of Fine Arts Painting Conservation Glossary</i>




---

<sup>1</sup> Essas siglas foram criadas para simplificar a referência ao corpus de estudo em tabelas e compilações de termos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Estruturação do Glossário em sua primeira versão (2018).....	5
Figura 2. Algumas disciplinas que compõem a preservação dos bens culturais móveis..	23
Figura 3. Termos definidos na Resolução do ICOM-CC .....	28
Figura 4. Diagrama dos agentes de degradação / deterioração .....	69
Figura 5. Representação gráfica da classificação de Ashley-Smith das possíveis alterações em um objeto de conservação. ....	85
Figura 6. Mudanças de estado: alterações, degradações e deteriorações. ....	89
Figura 7. Diagrama conceitual relativo às definições .....	139
Figura 8. Captura de tela do site do AICCM <i>Visual Glossary</i> .....	145
Figura 9. Organização do campo patrimonial.....	148
Figura 10. Grupos de trabalho do ICOM-CC .....	149
Figura 11. Especialidades existentes no AIC .....	150
Figura 12. Níveis de delimitação da estrutura conceitual.....	151
Figura 13. Organização do campo dos Bens Móveis Artísticos .....	152
Figura 14. Mapa conceitual de estruturação do domínio .....	154
Figura 15. Árvore de domínio elaborada para estruturação do Glossário-piloto.....	157
Figura 16. Nuvem de palavras relacionada ao levantamento do corpus de estudo.....	159
Figura 17. Recorte da planilha de organização das fontes levantadas.....	160
Figura 18. Número de publicações de acordo com as tipologias de objetos. ....	161
Figura 19. Número de publicações por Tipologia de objeto / Material .....	162
Figura 20. Recorte da tabela de compilação de termos, definições, variantes e equivalentes. ....	163
Figura 21. Recorte da tabela geral de compilação de termos.....	164
Figura 22. Gráfico dos 40 termos mais frequentes em inglês .....	166
Figura 23. Gráfico dos 20 termos escolhidos em português .....	167
Figura 24. Gráfico dos 20 termos escolhidos em português .....	167
Figura 25. Termos e seus desdobramentos .....	168
Figura 26. Relações de tipos de craquelês .....	169

Figura 27. Relações de tipos de craquelês .....	170
Figura 28. Exemplo de tabela de base definicional.....	172
Figura 29. Exemplo de definição elaborada.....	174
Figura 30. Ilustração dos termos <i>powdering/chalking</i> no <i>Modern Paint Damage Atlas</i> . .	176
Figura 31. Organograma de armazenamento de imagens.....	177
Figura 32. Exemplo de ficha de inserção dos termos na BDT .....	183
Figura 33. Captura de tela do site do <i>AIC Lexicon</i> .....	187
Figura 34. Captura de tela do site do <i>AIC Lexicon</i> .....	188
Figura 35. Captura de tela da publicação <i>Proyecto COREMANS</i> em PDF .....	189
Figura 36. Captura de tela do AAT apresentando a faceta de atributos físicos .....	191
Figura 37. Captura de tela da publicação C+R em PDF .....	193
Figura 38. Captura de tela da publicação EWAGLOS em PDF .....	194
Figuras 39 e 40. Captura de tela do <i>Glosario 3.0 de términos en Conservación del Patrimonio</i> .....	195
Figura 41. Captura de tela do site do <i>Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées</i> .....	197
Figura 42. Captura de tela do site do <i>Interdisciplinary Multilingual Dictionary</i> .....	198
Figura 43. Recorte da tabela <i>Guía para el cuidado de los objetos</i> .....	200
Figura 44. Captura de tela do site do <i>Modern paint damage atlas</i> .....	201
Figura 45. Captura de tela do site do <i>Modern paint damage atlas</i> .....	201
Figura 46. Captura de tela do site do <i>The Fine Arts Conservancy Glossary</i> .....	203



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>1. DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS: FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1. Conceitos importantes: desambiguação de terminologia .....	18
1.1.1. Preservação .....	20
1.1.2. Conservação / Conservação Preventiva .....	24
1.1.3. Acervos ou coleções? .....	29
1.2. Musealização   Gestão   Documentação .....	31
1.2.1. Documentação e conservação: responsabilidade ética e legal .....	45
1.2.2. Sistematização e normalização: a importância dos protocolos de documentação .....	55
1.2.2.1. Standards de conteúdo e valor de dados .....	64
1.3. Documentação: avaliação/diagnóstico de estado de conservação .....	68
1.3.1. Relatórios de estado de conservação .....	73
1.3.1.1. Terminologia   Normalização para os RECs .....	78
1.3.2. Conceitos para denominação na mudança no estado de conservação dos bens culturais: alterações, danos, degradações, deteriorações .....	82
<b>2. TERMINOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO: PROTOCOLOS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM PRODUTO TERMINOGRÁFICO .....</b>	<b>91</b>
2.1. Terminologia .....	94
2.1.1. Breve histórico da Terminologia moderna e contemporânea .....	98
2.1.2. Terminologia prescritiva X Terminologia descritiva .....	101
2.1.3. Terminologia e Documentação   Ciência da Informação .....	106
2.1.4. Normas terminológicas .....	110
2.2. Terminografia .....	112
2.2.1. Aplicações terminológicas: glossário e base de dados terminológica .....	115
2.2.1.1. Base de dados terminológica (BDT) .....	118
2.3. Pesquisa terminológica e elaboração de produto terminográfico .....	121
2.3.1. Organização e planejamento do trabalho .....	126
2.3.1.1. Considerações sobre o público-alvo .....	126
2.3.1.2. Delimitação do domínio / tema .....	126
2.3.1.3. Elaboração da árvore de domínio / Organização de conceitos .....	128
2.3.1.4. Escolha das línguas .....	130
2.3.1.5. Seleção e avaliação de fontes   Corpus de estudo .....	130
2.3.1.6. Extração de termos   Definição da Nomenclatura .....	133
2.3.1.7. Fichas terminológicas .....	135

2.3.1.8. Elaboração das definições.....	137
2.3.1.9. Estruturação do glossário .....	141
<b>3. DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA PROPOSTA.....</b>	<b>145</b>
3.1. O processo de elaboração do glossário .....	145
3.1.1. Organização e planejamento do trabalho.....	146
3.1.1.1. Considerações sobre o público-alvo.....	147
3.1.1.2. Delimitação do domínio   tema .....	147
3.1.1.2.1. Domínio: alterações em pinturas de cavalete.....	151
3.1.1.3. Elaboração da árvore de domínio   Organização de conceitos .....	156
3.1.1.4. Escolha das línguas.....	158
3.1.1.5. Seleção e avaliação de fontes   Corpus de estudo.....	158
3.1.1.6. Extração de termos   Definição da Nomenclatura .....	162
3.1.1.7. Fichas terminológicas .....	170
3.1.1.8. Elaboração das definições.....	172
3.1.1.9. Estruturação do glossário .....	174
3.1.1.10. Ilustração dos termos.....	176
3.2. Base de dados terminológica (BDT).....	179
3.3. Corpus do estudo: obras terminográficas sobre alterações em bens culturais.....	183
3.3.1. Normalização terminológica aplicada à conservação do patrimônio cultural	204
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>208</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>214</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>233</b>
APÊNDICE A - Levantamento de glossários e outros produtos terminográficos .....	234
APÊNDICE B - Estrutura do glossário.....	241
APÊNDICE C - Legendas das imagens da capa e início dos capítulos .....	273





# INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado busca dar continuidade ao trabalho de investigação, sistematização, análise e revisão de processos de diagnóstico e documentação, além de sua gestão integrada, como ferramentas essenciais para medidas de preservação, iniciado desde a graduação em Artes Plásticas. Tal interesse ganhou maior densidade com o desenvolvimento da dissertação de mestrado, *O inventário como ferramenta de diagnóstico e conservação preventiva: estudo de caso da coleção Santos de Casa de Marcia de Moura Castro* (PANISSET, 2011), apresentada em 2011 ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG e, sobretudo, na tese de doutorado *A documentação como ferramenta de preservação: protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG* (PANISSET, 2017), apresentada em 2017 ao mesmo programa.

Dentre os protocolos estabelecidos para conservação<sup>2</sup> e gestão de bens culturais, consideramos o processo de documentação como ferramenta basilar para o reconhecimento de acervos – sua quantificação, qualificação e gestão. A documentação cumpre o papel de registro e se coloca como a primeira estratégia de levantamento para avaliação de acervos, pois estas operações se iniciam através do conhecimento dos objetos tutelados, sua identificação, seu registro e diagnóstico. Esse esforço nos parece essencial para garantir a preservação e a consequente transmissão de bens culturais de valor científico, artístico, cultural e social ao futuro (Panisset, 2017).

Para que este trabalho de diagnóstico e documentação seja realizado de forma consistente, é necessário adotar terminologia<sup>3</sup> padronizada para nominar com precisão as alterações no estado de conservação dos objetos culturais. De acordo com Silvana Bojanoski (2013):

No caso específico da falta de dicionários técnicos na língua portuguesa, os problemas ficam evidentes até mesmo em rotinas corriqueiras, como na elaboração e preenchimento de uma ficha de diagnóstico de conservação ou de restauração, ou ainda na elaboração de relatórios

---

<sup>2</sup>Convencionamos o uso do termo Conservação com inicial maiúscula para definir a ciência, a área de conhecimento, assim como a expressão Conservação-Restauração. Já os termos conservação e restauração com letras minúsculas serão empregados quando nos referirmos às atividades executadas dentro da área. No primeiro capítulo discutiremos o uso destes termos dentro da área e justificaremos a nossa opção ao longo do texto.

<sup>3</sup>A terminologia é um termo múltiplo, que se refere tanto a um conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica, assim como à disciplina ou ao campo de estudo teórico e aplicado, dedicada aos termos técnico-científicos. [...] A elaboração de glossários e dicionários é a aplicação mais reconhecida da Terminologia [...]. (Bojanoski, 2013, p. 2620). Para fins de diferenciação e clareza optamos por grafar a palavra terminologia com t minúsculo referenciando um conjunto de termos, e com T maiúsculo quando referirmos à disciplina.

técnicos finais, os quais por suas características devem primar pela clareza e exatidão (Bojanoski, 2013, p. 260, grifo nosso).

Tomamos como recorte analítico-descritivo a problemática dos processos de documentação de acervos. Em termos específicos, objetivamos a elaboração e a estruturação de uma ferramenta piloto de auxílio para preservação, documentação e gestão de acervos museológicos: o *Glossário visual de alterações em bens culturais: pinturas de cavalete* – caracterizada como uma obra de caráter terminográfico, estruturada em forma de glossário bilíngue<sup>4</sup> com equivalências em outros idiomas, ilustrado e disponibilizado em base de dados terminológica<sup>5</sup> para consulta e constante atualização. Buscamos, por meio desta proposta, mapear e preencher lacunas verificadas na gestão de acervos museológicos e apresentar protocolos e melhores práticas para diagnóstico, documentação e preservação.

Temos aqui um desdobramento do projeto de pesquisa *Glossário visual de alterações em bens culturais* que desenvolvi na Universidade Federal de Minas Gerais como professora-pesquisadora de Preservação de Acervos, no trabalho de coordenação do *Laboratório de Preservação de Acervos*, e, ainda, na coordenação anterior do *Acervo Artístico da UFMG*; ou seja, de minha atividade docente e profissional. Pretendemos, portanto, dar continuidade a um trabalho de pesquisa-intervenção já em andamento, buscando mapear as abordagens teóricas-metodológicas distintas e enquadramentos procedimentais diversos diante das ferramentas de documentação adotadas.

O projeto de construção do glossário-piloto teve início em 2018 com subsídios do *Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados ou Recém-Doutorados*<sup>6</sup>. As proposições do projeto e seus primeiros resultados foram apresentados em três importantes congressos da área, notadamente: *III Congresso Ibero-Americano Investigações em Conservação do Patrimônio (ICP)*; *APOYOnline 30º Aniversário: Conferência e Oficina de Preservação do Patrimônio - 30 anos construindo pontes e abrindo caminhos para a preservação do patrimônio cultural das Américas*; e *IV Simpósio SENAI/ABER de Inovação, Desenvolvimento e Tecnologia na Preservação de Acervos*,

---

<sup>4</sup>O glossário terá como línguas principais o português e o inglês, incluindo definições nos dois idiomas e com a apresentação dos termos equivalentes em espanhol, francês e italiano.

<sup>5</sup>Glossário - costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade. Banco de dados terminológicos - é uma estrutura informatizada que contém uma lista de termos e um repertório de termos, além de uma série de outras informações relativas ao uso e funcionamento das terminologias (Krieger; Finatto, 2004, p. 51).

<sup>6</sup>Edital 11/2017 – ADRC – Pró Reitoria de Pesquisa UFMG – PRPQ/UFMG.

alcançando grande receptividade dos profissionais da área de Preservação de Bens Culturais.

A etapa realizada no âmbito do Programa consistiu na aquisição de alguns instrumentos de pesquisa; na busca de uma ferramenta informatizada para abrigar o banco de dados terminológico; na realização de levantamento bibliográfico introdutório; e na estruturação inicial de dados, que diz respeito ao trabalho preliminar de definição dos campos da ficha de trabalho e a estrutura prevista para o Glossário<sup>7</sup>.

Desde a primeira etapa do projeto contamos com o apoio da empresa Sistemas do Futuro<sup>8</sup>, que nos cedeu o software *in thesauri*<sup>9</sup>, para a informatização do glossário, estrutura do banco de dados terminológico e posterior disponibilização online. Na época, estruturamos com sucesso a versão teste do glossário na primeira versão disponibilizada do software, como é possível ver na figura 1.

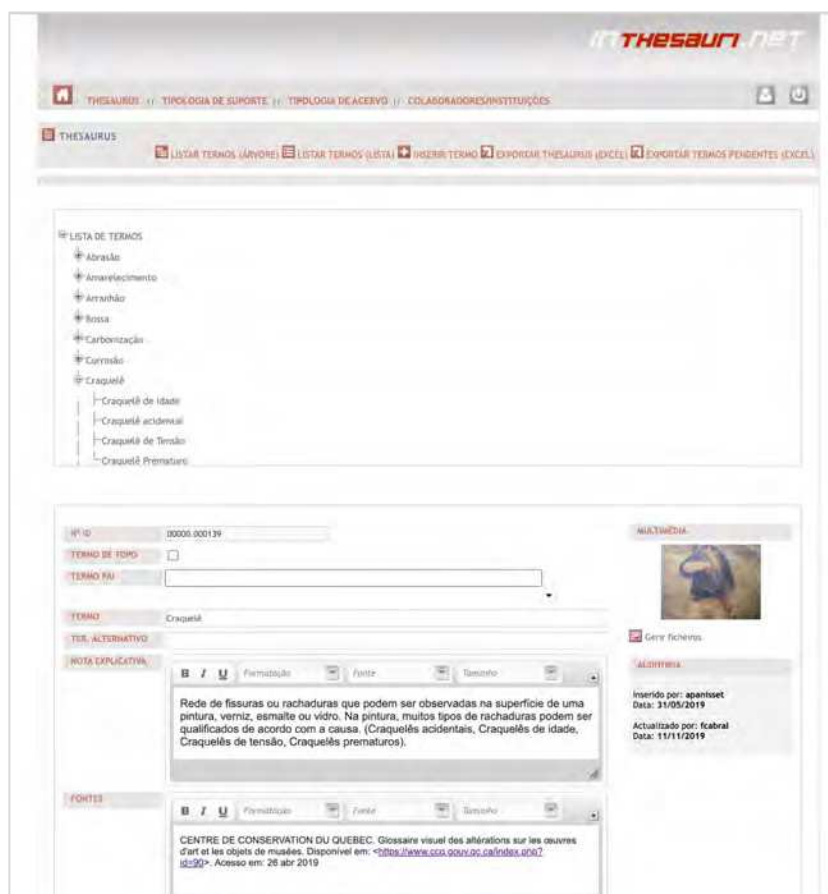
---

<sup>7</sup>Grafamos a palavra glossário em maiúscula para denominar o produto desta dissertação: o *Glossário visual de alterações em bens culturais: pinturas de cavalete*.

<sup>8</sup>A Sistemas do Futuro, é uma empresa portuguesa, com sede na cidade do Porto, fundada em 1996, que desenvolve, comercializa e promove a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação na gestão do património cultural e natural. Disponível em: <https://sistemasfuturo.pt>.

<sup>9</sup>A aplicação *In Thesauri* permite a construção de diferentes tipos de ferramentas terminológicas – permitindo, por exemplo, a criação de glossários assim como diferentes tipos de vocabulários controlados (como taxonomias, tesouros etc.).

Figura 1. Estruturação do Glossário em sua primeira versão (2018)



Fonte: Captura de tela.

Nesta dissertação, buscamos dar seguimento à segunda etapa, que se caracteriza como um aprofundamento de questões teórico-práticas sobre a ferramenta e seu desenvolvimento, e na consolidação do Glossário-piloto.

Ao se buscar refletir e elaborar a estrutura de um glossário-piloto de alterações em bens culturais, pretendemos, entre outras questões, de acordo com Barbosa (2018, p.9), “divulgar um saber científico específico de forma a padronizar a linguagem empregada pelos profissionais e eliminar a ambiguidade de certos termos especializados”, esforço fundamental para a regularidade dos trabalhos de documentação e gestão de acervos.

Tendo a interdisciplinaridade como foco, a questão da documentação e da conservação de acervos disputa espaço entre diversas áreas. Ao tratar da padronização de terminologia, no contexto da interdisciplinaridade do campo da preservação, Bojanoski (2013, p. 257) aponta:

O campo preservação de bens culturais é inerentemente marcado pela interdisciplinaridade e essa necessária interface interdisciplinar, que já há algumas décadas caracteriza a disciplina da conservação, vem se ampliando ao longo do tempo. Atualmente a conservação e a restauração



estão necessariamente vinculadas a diversas áreas do conhecimento, podendo-se enumerar, além das disciplinas basilares da museologia, arquivologia e biblioteconomia, ainda a física, a química, a biologia, a história, a antropologia, a arqueologia, as engenharias, as ciências dos materiais, a arquitetura, as belas artes, as ciências da informação, a informática, dentre tantas outras que aportam conhecimentos para garantir a preservação adequada dos patrimônios culturais.

Das considerações colocadas pela autora, pode-se depreender que a interdisciplinaridade é, a um só tempo, um atributo, uma forma de enquadramento e um desafio a ser enfrentado no processo de preservação do patrimônio cultural que exige uma abordagem transversal entre campos de conhecimento com linguagens singulares e que expressam sistemas classificatórios específicos (Panisset, 2017). Daí a importância do trabalho crítico de padronização de terminologias incorporando os saberes em sua interdisciplinaridade, de forma a constituir um campo comum que possibilite e se beneficie da intersecção entre conhecimentos e a interlocução entre especialistas.

Diante desse quadro faz-se necessária a elaboração de obras de referência que padronizem e facilitem tanto a comunicação entre os especialistas e profissionais da área específica e das inúmeras áreas afins, assim como a sua divulgação para públicos mais amplos e diversificados, pois hoje em dia cada vez mais se ampliam o número de agentes envolvidos ou interessados na preservação do patrimônio cultural (Bojanoski, 2013, p. 257).

Esta pesquisa se inscreve como uma contribuição reflexiva-procedimental na discussão sobre a padronização de terminologias e seus rendimentos para os atores envolvidos no processo de preservação do patrimônio cultural, sua divulgação e compreensão de seus públicos.

O Glossário final – projeto a ser desenvolvido posteriormente a partir do piloto aqui elaborado – ambiciona cobrir grandes conjuntos temáticos deste campo de estudo e alcançar tanto especialistas, quanto estudantes, assim como profissionais de áreas correlatas. Nesta dissertação, apresentaremos a estrutura do Glossário-piloto indicando alguns desses conjuntos temáticos relacionados a pinturas de cavalete.

Entendemos que este instrumento terminológico poderá ser utilizado como auxiliar na identificação do estado de conservação de acervos e se apresenta como ferramenta inestimável na pesquisa e na descrição do estado de conservação de bens culturais por meio da comparação de imagens – para ilustração, explicitação e esclarecimento de ambiguidades de termos técnicos do campo. Compreendemos que a designação acurada do fenômeno físico-químico associada à nomeação da alteração do estado de conservação é essencial para diagnóstico preciso, como também favorece a comunicação técnica e científica (Bojanoski; Almada, 2021).

Em nosso levantamento bibliográfico para esta pesquisa, e experiência na área, localizamos somente quatro publicações exclusivamente terminológicas, em língua portuguesa – três específicas para acervos em papel<sup>10</sup> e uma para pinturas<sup>11</sup>. Porém não foram encontradas ferramentas online ou em bases de dados informatizadas em língua portuguesa. Algumas publicações por vezes apresentam glossários ao final, disponibilizados como um instrumento auxiliar para a compreensão do texto, não direcionados à linguagem de especialidade, que incluem termos do campo da Conservação e certas designações de alterações. Porém, estes são bastante generalizados e reduzidos, apresentados como explicação de alguns conceitos citados. Bojanoski (2013; 2018) obteve o mesmo resultado em suas pesquisas:

No Brasil a elaboração desse tipo de ferramenta online é inexistente. Um levantamento bibliográfico inicial, mostrou que também existem poucas publicações em língua portuguesa, sendo que o número de obras terminográficas é quase inexistente (Bojanoski, 2013 p. 258).

Identificamos também dois trabalhos acadêmicos sobre área da Conservação, cujo objetivo é a elaboração de trabalhos terminológicos: a tese de Silvana Bojanoski (2018) *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação* – que foi nossa principal fonte teórica-metodológica nesta pesquisa; e a dissertação de Alessandra Barbosa (2018) *Dicionário ilustrado de conservação de documentos gráficos*. Ambos são focados em acervos em papel, mas como as outras obras levantadas, incluem termos gerais do campo da Conservação e trazem alguns poucos termos sobre alterações no estado de conservação.

Encontramos na pesquisa alguns instrumentos de terminologia de alterações em bens culturais em outras línguas, como o *Visual Glossary* apresentado pelo *Australian Institute for the Conservation of Cultural Material* (AICCM, [2024]) e o *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* elaborado pelo *Centre de Conservation du Québec* (CCQ, 2013), entre outros. Buzzanca (2000, p. 266), afirma perceber a mesma dificuldade: "a busca por material que se refira especificamente a

---

<sup>10</sup> Vale destacar que um desses glossários, é destinado a profissionais em formação e foram desenvolvidos em áreas correlatas, sem a colaboração dos conservadores-restauradores. A metodologia utilizada para sua criação não pôde ser identificada, mas, com base em suas características, parecem ser listas de termos e definições comuns às disciplinas dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia (Bojanoski, 2018).

<sup>11</sup> Paglione, Camila Zanon. *Glossário visual de conservação: um guia de danos comuns em papéis e livros*; Bojanoski, Silvana; Almada, Márcia (Orgs). *Glossário ilustrado de conservação e restauração de obras em papel: danos e tratamentos*; Rosenfield, Lenora Lerrer. *Glossário técnico de conservação e restauração em pintura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

questões de documentação no mundo da conservação do patrimônio é difícil" (tradução nossa).<sup>12</sup>

Diante dos desafios do relacionamento entre teoria e prática nas questões relativas à documentação em museus, pretendemos contribuir também para o aprofundamento do conhecimento teórico sobre o tema. Do mesmo modo colaborar com a aproximação entre as áreas da Conservação, Museologia, Ciência da Informação/Documentação e Terminologia, e diversas outras áreas já citadas, a partir de um diálogo interdisciplinar que se entende imprescindível para o aprofundamento teórico-metodológico da preservação e gestão de acervos museológicos. Tendo a interdisciplinaridade como foco, a questão da documentação, da preservação e da conservação de acervos disputa espaço entre diversas áreas (Panisset, 2017). De acordo com Froner (2007, p.1), e norteando esta pesquisa devemos levar em conta que:

Para que seja possível compreender as alterações nos paradigmas que atuam na preservação de bens culturais, três pontos devem ser considerados: a transformação do status do objeto cultural e sua resignificação social; a alteração dos modelos institucionais e dos paradigmas do conhecimento no que tange a articulação das áreas que atuam em relação ao patrimônio cultural; a Conservação Preventiva como base normativa para a salvaguarda dos bens culturais.

Uma das discussões teóricas pertinentes à pesquisa é a escolha do termo 'alterações' – que, na nossa percepção, é um termo mais abrangente e menos subjetivo para nomear o que é frequentemente denominado de danos, deteriorações ou degradações na disciplina da Conservação, principalmente no Brasil. Nossa abordagem converge com as de Ashley-Smith (1995), Munõz Viñas (2005, 2010) e Appelbaum (2007), que evidenciam que os termos danos, deteriorações ou degradações possuem um caráter resultante de percepções subjetivas e carregam juízo de valor sobre a mudança no estado de conservação dos objetos. "No entanto, nem sempre é claro que 'dano' não é o mesmo que 'alteração'" <sup>13</sup> (Munõz Viñas, 2005, p.101, tradução nossa). Por esse motivo, decidimos adotar o termo alteração.

Outra questão que precisamos apontar é que, embora não seja um estudo de caráter linguístico, a pesquisa proposta utiliza, como sustentação teórico-metodológica para elaboração do Glossário, aportes das áreas da Terminologia, da Terminografia e da Ciência da Informação/Documentação.

---

<sup>12</sup>No original: "The search for material referring specifically to documentation issues in the world of heritage conservation is a difficult one" (Buzzanca, 2000, p. 266).

<sup>13</sup>No original: "Nevertheless, it is not always clear that 'damage' is not the same as 'alteration'" (Munõz Viñas, 2005, p.101).

Conforme apontado por Bojanoski (2018, p. 21):

No processo de elaboração de obras terminográficas podem ser seguidas diferentes metodologias, que atendem a objetivos e interesses específicos. 1) a metodologia estabelecida pela área da Ciência da Informação, com o objetivo de criar vocabulários controlados e que resulta na elaboração dos tesouros; 2) a metodologia desenvolvida pela disciplina de Terminologia, em uma perspectiva linguística, que se caracteriza como um campo teórico e aplicado voltado aos estudos das unidades de conhecimento especializados (UCE) e das linguagens especializadas e que também possibilita gerar produtos terminográficos, como, por exemplo, glossários e dicionários especializados.

De acordo com Krieger e Finnato (2004), a Terminografia é primariamente uma atividade aplicada, enraizada em princípios e métodos específicos. Porém, além da ação em si, existe um amplo conjunto de estudos teóricos que procuram desenvolver instrumentos para organizar e representar sistemas de informação.

É importante registrarmos que tal pesquisa e elaboração de termos e definições não é de caráter exaustivo e que instrumentos terminológicos devem estar sempre em sistemática atualização. Sendo assim, o Glossário proposto deverá se apresentar como instrumento em constante crescimento e atualização: de abrangência, de normalização e de controle terminológico. Portanto, necessitamos criar protocolos para que a expansão do glossário possa ser realizada por diversos atores de forma colaborativa e normalizada.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa desenvolvida no mestrado toma, como recorte analítico-descritivo, a problemática dos processos de documentação de acervos, buscando enfatizar a importância dos processos de diagnóstico, documentação, gestão e preservação, e sua gestão integrada como ferramentas indispensáveis para as ações de preservação. Procuramos, também, realizar uma análise conceitual acerca da interdisciplinaridade e dos modelos terminológicos utilizados no campo da Documentação em Museus, da Conservação Preventiva e da Preservação do Patrimônio Cultural.

Iniciamos como uma questão: Quais são os principais termos e conceitos utilizados na área de conservação de bens culturais que precisam ser sistematizados num glossário para facilitar o diagnóstico, documentação e gestão de acervos museológicos?

Com base em reflexões sobre modelos terminológicos para fins terminográficos, objetivamos analisar termos da área de conservação de bens culturais, sistematizando-os na estrutura de um Glossário-piloto que subsidie o desenvolvimento de uma ferramenta destinada ao diagnóstico, documentação e gestão de acervos museológicos. Para isso, buscamos: mapear conceitos e ferramentas de documentação e diagnóstico de estado de conservação; analisar termos relativos aos bens culturais; sistematizar termos da área de diagnóstico de estado de conservação de bens culturais, como alterações, danos,

degradações e deteriorações. Por fim, buscamos estruturar o piloto do *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais: pinturas de cavalete*.

É necessário justificarmos aqui a escolha para a apresentação, neste momento, de um Glossário-piloto, com uma quantidade de termos pré-estabelecida<sup>14</sup>, voltado à nomeação de alterações de determinada tipologia de objeto, em seus diversos tipos de suportes, materiais e técnicas. Krieger e Finatto (2004) apontam que a elaboração de um glossário costuma obter melhores resultados quando não há somente uma pessoa engajada no processo. Consequentemente a confecção de um 'projeto piloto' ou de 'um ensaio de glossário' é algo aconselhável, pois permite vivenciar as rotinas de trabalho numa escala menor, além de tornar possível a percepção antecipada de ajustes e tarefas. Além disso, segundo Almeida (2000), precisamos, a princípio, experimentar todas as etapas que compõem a execução de um produto terminográfico, confirmando a metodologia proposta e colaborando para que algumas etapas do trabalho se tornem mais sistemáticas e eficazes.

Por conta da grande diversidade de tipologias de bens culturais móveis, definimos como recorte para o Glossário-piloto, o levantamento de termos de alterações em pintura de cavalete. Este recorte também se justifica pela escassez de pesquisas similares no Brasil. O estudo dos termos de alterações em bens culturais poderá ser posteriormente expandido para outras tipologias de acervo em futuros projetos.

Conforme Bojanoski (2018, p. 39):

A multiplicidade de sentidos do patrimônio cultural [...] se reflete na variedade de tipos de bens, que dentro do domínio da preservação dos bens culturais tangíveis ou materiais, são abordados em inúmeras especialidades. Ainda que não exista uma classificação estabelecida destas tipologias, os bens culturais podem ser organizados por similaridades de materiais (p. ex.: metais), por técnicas de produção (p. ex.: pintura) ou, ainda, por áreas de conhecimento (p. ex.: objetos etnográficos).

A capacidade ampliada da conservação preventiva prevê um deslocamento entre, além e através de múltiplas disciplinas na busca de soluções dos problemas relacionados à gestão e à preservação das coleções, atuando para além de paradigmas fixos gestados em áreas fixadas. Sendo assim a documentação e a gestão de acervos se apresenta como uma das principais respostas aos problemas enfrentados nos acervos (Panisset, 2011).

Conforme aponta Gonzáles-Varas (2003, p. 77), as operações de salvaguarda começam pelo conhecimento dos bens, tarefa esta que é executada primordialmente pela

---

<sup>14</sup>Explicamos mais a frente no capítulo 3 como foi a determinação de quantos e quais termos seriam inseridos nessa etapa de construção do Glossário-piloto.

devida documentação: “na verdade, não é possível conceber qualquer ação de conservação do patrimônio cultural que não parta do conhecimento prévio e, o mais abrangente possível, da realidade dos bens que integram esse patrimônio”<sup>15</sup> (tradução nossa).

A documentação de bens culturais se define como um processo contínuo que consiste em investigar, diagnosticar, registrar, documentar e gerenciar as informações sobre um determinado bem, permitindo sua melhor compreensão (Panisset, 2011). De acordo com Cândido (2000, p. 32):

[...] O potencial de um objeto museológico como bem cultural se estabelece a partir do somatório das informações de que ele se torna portador. Ou seja, materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associados a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos, são imprescindíveis para a definição do lugar e da importância do objeto como testemunho da cultura material (grifo nosso).

Como apontamos previamente, ao longo do levantamento bibliográfico de obras voltadas para a nomeação e definição de alterações em bens culturais, encontramos poucas referências. Observamos que os raros glossários e dicionários técnicos existentes foram elaborados a partir de iniciativas individuais e sem critérios metodológicos claros. O problema da pesquisa foi definido a partir da percepção das dificuldades de desenvolvimento da área no Brasil, pois entendemos que tal lacuna compromete e, frequentemente, coloca em risco a integridade de acervos que compõem o patrimônio cultural brasileiro.

A justificação para empreender o levantamento, a compilação e a definição de modo estruturado, de termos de alterações em bens culturais é, desta forma, resultado de duas questões, de acordo com Bojanoski (2018, p. 122):

Primeiro, a constatação da carência de obras terminográficas da área, havendo, portanto, a necessidade de realizar e incentivar os estudos terminológicos voltados para os profissionais conservadores-restauradores; segundo a percepção de que um estudo neste âmbito deverá ser respaldado por uma metodologia adequada e consistente.

Segundo um artigo – publicado na reconhecida revista sobre conservação *The Getty Conservation Institute Newsletter* – no qual a documentação é defendida como base para os processos de conservação preventiva:

A documentação do patrimônio cultural, amplamente definida, inclui duas atividades principais: (1) a captura de informações sobre os bens

---

<sup>15</sup>No original: “*En efecto, nos es posible concebir ninguna acción de conservación de patrimonio cultural si no es partiendo del conocimiento previo, y lo más exhaustivo posible, de la realidad de bienes que integran este patrimonio*” (González-Varas, 2003, p. 77).

culturais, incluindo suas características físicas, história e problemas, e (2) o processo de organizar, interpretar e gerenciar essas informações<sup>16</sup> (Leblanc; Eppich, 2005, p. 6, tradução nossa).

Além disso, o diagnóstico e a documentação são produtos do trabalho de várias pessoas: conservadores, museólogos, curadores etc. – variando de acordo com os interesses profissionais de cada um – o que torna a documentação dos acervos, de forma geral, muito desigual, raramente integrada a um sistema complexo (Homulos, 1978). O campo carece de normas e diretrizes e uma melhor comunicação entre os profissionais, comunicação essa que se propõe, acima de tudo, a ser concisa, precisa e adequada (Panisset, 2017).

A escolha de um glossário para abordar as alterações em bens culturais móveis deve-se, portanto, entre outras questões, à necessidade de um maior controle do vocabulário utilizado por essa área de conhecimento, pois no que se refere ao uso especializado a precisão terminológica é fundamental. De acordo com Bojanoski (2018, p. 20):

A área da Conservação, inerentemente marcada pela interdisciplinaridade, necessita de obras terminográficas que possibilitem a harmonização de seus termos especializados e que também facilitem a comunicação, tanto entre os profissionais da área específica, assim como com os especialistas das áreas afins. Não se pode desconsiderar a necessidade de comunicação com outros públicos, também envolvidos ou interessados nas questões relativas ao campo do patrimônio cultural.

Temos que ter em vista que a Conservação do Patrimônio Cultural é uma disciplina científica de implantação recente, portanto, embora este estudo se justifique pela falta de trabalhos semelhantes, percebemos que há um interesse da área de se compreender e se organizar, estabelecendo padrões de comunicação. “Iniciativas voltadas à composição de uma linguagem de especialidade têm surgido em debates em congressos e seminários, assim como grupos voltados para a discussão da terminologia da área” (Barbosa, 2018, p. 25).

Como aponta Almeida (2000), os termos constituintes de um domínio especializado refletem a estruturação conceitual desse domínio. “À medida que, em Terminologia, um fazer dicionarístico técnico-científico assume valor ímpar, ao mesmo tempo fornece importante material para a reflexão teórica da disciplina” (Krieger; Finatto, 2004, p. 123). De tal forma que a elaboração de uma terminologia especializada está relacionada também

---

<sup>16</sup>No original: "*Documentation of cultural heritage, broadly defined, includes two main activities: (1) the capture of information regarding monuments, buildings, and sites, including their physical characteristics, history, and problems; and (2) the process of organizing, interpreting, and managing that information*" (Leblanc; Eppich, 2005, p. 6).

com o processo de inserção da Gestão de Acervos e da Conservação em um campo científico, como afirma Bojanoski (2018, p. 17):

A consolidação de uma área de conhecimento, além da necessidade de estabelecer seus pressupostos teóricos, definir seu objeto e delimitar o campo de atuação dos seus profissionais, também exige a construção de um vocabulário próprio. O desenvolvimento da terminologia é fundamental para a estruturação e o reconhecimento social de um novo domínio de conhecimento. Como bem afirma Benveniste (1989, p. 252), “a constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando assim, um momento decisivo de sua história”.

Nesse sentido, notamos, de fato, a importância da precisão no trabalho terminológico, uma vez que as terminologias constituem a base de:

- a – o ordenamento do conhecimento (ou seja, a classificação conceptual de cada disciplina científica ou ramo de atividade humana);
- b – a transferência de conhecimentos e de know-how tecnológico;
- c – a formulação e disseminação de informações especializadas (redação e publicação científicas);
- d – a transferência de textos científicos para outros idiomas (pela tradução e pela interpretação);
- e – a armazenagem e recuperação de informação especializada (por meio de linguagens de busca, tesauri (*sic*), índices, classificações, inclusive bancos de dados eletrônicos) (Aubert, 2001, p. 23).

Entendemos a necessidade de unificar critérios terminológicos nesta disciplina científica de implantação recente, como é o caso da Conservação do Patrimônio Cultural, a fim de evitar confusões com as diversas acepções que muitos termos podem englobar. A estruturação do Glossário-piloto é, portanto, uma tentativa de iniciar uma padronização da terminologia utilizada para identificar as características das alterações em bens culturais.

Segundo Matos (2014) documentar uma coleção, ou seja, gerir a informação existente sobre os objetos que a compõem, é uma das tarefas fundamentais que os museus precisam executar com máxima eficiência. Não é, no entanto, uma tarefa fácil e exige da parte da comunidade museológica empenho e determinação na construção de recursos que facilitem sua execução com rigor e critério científico.

O termo ‘gestão de acervos’ descreve uma abordagem integrada para o desenvolvimento e a preservação dos acervos, gerando informações sobre as coleções e permitindo ao público acesso, uso e aprendizado. A gestão de acervos combina uma série de atividades, que transmitem a missão do museu ou sua vocação organizacional e beneficiam o público usuário e os profissionais relacionados. A normalização é parte relevante na prática da gestão de acervos – pois é o ponto de referência diante do qual definimos, avaliamos e melhoramos nossas ações quando gerimos as coleções.



Salientamos que, inseridos na discussão da documentação como ferramenta da preservação – premissa que será abordada no capítulo 1, é importante frisar que a normalização reforça o caráter preservacionista da documentação uma vez que é só através da normalização que podemos consistentemente salvaguardar as informações geradas sobre os acervos. As estruturas normatizadas e as terminologias são ferramentas conceituais importantes tanto para as abordagens de teorização quanto em relação às questões operacionais.

O ponto de partida para a construção do corpo teórico e metodológico desta pesquisa envolveu a busca por uma área de conhecimento capaz de oferecer subsídios para o desenvolvimento de um instrumento que fosse consistente, tanto em relação ao conteúdo quanto à estrutura, assegurando rigor e precisão em sua elaboração.

Ao iniciarmos o levantamento bibliográfico para identificar metodologias para elaboração de glossários, nos deparamos com a pesquisa de Silvana Bojanoski – profissional e docente da área da Conservação, que tem se dedicado ao estudo da terminologia relacionada à conservação de bens culturais. Em sua tese de doutorado, Bojanoski (2018, p. 8) propôs uma “metodologia adequada para elaborar os glossários e dicionários, visando suprir a carência deste tipo de obra na área da Conservação no Brasil”. No entanto, durante a pesquisa, percebemos uma dicotomia entre nossa proposta de um produto com linguagem normatizada e a abordagem de Bojanoski, que se fundamenta na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). O glossário apresentado por Bojanoski (2018, p. 22) busca “a aproximação com a disciplina de Terminologia, em uma perspectiva linguística e, mais especificamente, comunicativa e textual”.

Assim, além de utilizarmos a proposta de Bojanoski (2018) como referência metodológica, buscamos também fundamentos para a estruturação do glossário em outras autoras das áreas da Conservação e da Terminologia. Destacamos Gladis Maria de Barcellos Almeida (2000), Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto (2004), e Alessandra Andrade Barbosa (2018). Além das autoras mencionadas, utilizamos como referencial teórico-metodológico as normas da *International Organization for Standardization* (ISO)<sup>17</sup>, notadamente os documentos ISO 1087-1 (ISO, 2000) e ISO 704 (ISO, 2022), bem como as normas nacionais NBR 13789 (ABNT, 1997a) e NBR 13790 (ABNT, 1997b).

---

<sup>17</sup> Organização Internacional de Normalização.

A elaboração e sistematização de ferramentas terminológicas requerem, conforme aponta Barbosa (2018, p. 28):

O estabelecimento de alguns critérios, como a uniformidade dos procedimentos de coleta dos termos, sua posterior análise, além de rigor e coerência no registro dos verbetes. Esses critérios, quando bem aplicados, refletem-se na organização interna da obra, que deve ser clara, explicitando sua estrutura e definindo a abordagem escolhida.

Esta dissertação também apresenta aplicações práticas da pesquisa, desenvolvendo protocolos que validam o estudo realizado, bem como a implementação dos modelos estudados, objetivando a organização de uma ferramenta piloto, resultado de todas as considerações teóricas e, sobretudo, metodológicas realizadas ao longo da pesquisa. Procuramos estabelecer uma sequência que permita seguir os passos necessários para conduzir um estudo terminológico.

A fim de atingirmos os objetivos acima descritos, desenvolvemos a dissertação da seguinte forma:

O primeiro capítulo aborda a importância dos processos de documentação de acervos, e sua gestão, como ferramenta indispensável para a preservação dos bens musealizados, enfatizando também sua importância como ferramenta para as ações de conservação preventiva, como meio de conhecimento e valoração dos bens culturais, e como parte de um gerenciamento de riscos<sup>18</sup> eficiente. É também nossa intenção neste capítulo afirmar a importância da sistematização e normalização terminológica no diagnóstico e documentação de bens culturais.

Demarcamos ainda os paradigmas conceituais e as terminologias que suportam a área de conhecimento da investigação, o campo da Preservação de Acervos: principalmente os termos preservação e conservação. Apresentamos também o procedimento de diagnóstico de estado de conservação, metodologia que avalia as alterações de um bem cultural – ferramenta essencial na gestão de acervos, que requer a padronização da terminologia utilizada para identificar as características das alterações em bens culturais.

Discutimos os termos e conceitos do trabalho de diagnóstico de estado de conservação de bens culturais: alterações, danos, degradações e deteriorações – objeto do estudo terminológico para elaboração do Glossário.

---

<sup>18</sup>Gestão de riscos é a utilização integrada dos recursos e conhecimentos disponíveis, com o objetivo de prevenir riscos, minimizar seus efeitos e responder às situações de emergência.

O capítulo 2 é dedicado à discussão teórica sobre a Terminologia e as aplicações terminológicas. Discorreremos sobre a fundamentação teórica que baseou a metodologia adotada no estudo terminológico realizado, analisando os conceitos de Terminologia e Terminografia e suas aplicações, assim como suas interfaces com a Documentação e a Ciência da Informação. Apresentamos, além disso, as etapas necessárias para elaboração de um trabalho terminográfico.

O terceiro capítulo traz a aplicação e desenvolvimento da metodologia em todas suas etapas, contando com os princípios conceituais e metodológicos apresentados no capítulo anterior sobre Terminologia e Terminografia. Quais os modelos foram escolhidos, os motivos da escolha e os resultados propostos na aplicação.

Trazemos ainda, nesse capítulo, o levantamento das obras terminográficas buscadas para dar corpo à estrutura terminológica do Glossário. A proposta é contextualizar brevemente a organização de cada uma das aplicações terminológicas, a fim de caracterizar suas estruturas como ferramentas de normalização terminológica.

Por fim, nas considerações finais, revisamos os resultados alcançados em relação aos objetivos inicialmente estabelecidos, ressaltando a importância das discussões terminológicas para a elaboração de produtos terminográficos.

Como resultado de todas as considerações teóricas e, sobretudo, metodológicas realizadas ao longo da pesquisa apresentamos o Glossário visual de alterações em bens culturais: pinturas de cavalete.



# **CAPÍTULO 1**

## **DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS: FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO**



## **1. DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS: FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO**

O objetivo deste capítulo é descrever a importância dos processos de documentação e de gestão de acervos, como ferramenta indispensável para a preservação dos bens musealizados. Além disso, enfatiza-se também a importância desses processos para as ações de conservação preventiva, como meio de conhecimento e valoração dos bens culturais, e como parte de um gerenciamento de riscos eficiente. É também intenção deste capítulo afirmar a importância da sistematização e normalização terminológica no diagnóstico e documentação de bens culturais.

Uma das bases fundamentais para a discussão do tema proposto é a demarcação dos paradigmas conceituais e das terminologias que abrangem a área de conhecimento da investigação, o campo da Preservação de Acervos. A partir do referencial teórico adotado ao longo da pesquisa, compreendemos que os termos desempenham um papel fundamental tanto como unidades de comunicação quanto como representação. Os termos constituintes de um domínio especializado refletem a estruturação conceitual desse domínio e possibilitam a ordenação do pensamento. Segundo Krieger (2006), os termos técnico-científicos transmitem conceitos próprios do conhecimento científico, além de designarem componentes e produtos resultantes de técnicas e tecnologias. Assim, torna-se importante designar alguns conceitos fundamentais da área para o desenvolvimento desta pesquisa.

Discutimos ainda os termos e conceitos do trabalho de diagnóstico/avaliação de estado de conservação de bens culturais: alterações, danos, degradações e deteriorações – objeto do estudo terminológico para elaboração do Glossário.

Conforme demonstramos, por se tratar de um campo em desenvolvimento, ainda existem muitas discordâncias sobre esses termos. Esta discussão possibilitou esclarecer nossa postura em relação às denominações, as quais foram adotadas ao longo da pesquisa.

### **1.1. Conceitos importantes: desambiguação de terminologia**

Iniciamos abordando os principais conceitos na área da Preservação de Acervos, tentando entender, conceituar e delimitar principalmente os termos: preservação e conservação, assim como conservação preventiva. Sendo a Conservação<sup>19</sup>, uma disciplina científica recentemente implementada, em processo de desenvolvimento, ainda existem

---

<sup>19</sup>Convencionamos o uso de Conservação com inicial maiúscula para definir a ciência, assim como a expressão Conservação-Restauração. Já os termos conservação e restauração com letras minúsculas serão empregados quando nos referirmos às atividades executadas dentro da área.

muitas discordâncias sobre os termos que a conceitualizam, além de reconhecermos a necessidade de esclarecê-los. De acordo com Bojanoski (2018, p. 93):

Observamos que dentre os vários autores citados, não existe uma concordância sobre os termos que definem a área e suas especialidades. Esta polissemia dos termos, natural das línguas, também é resultante de diferentes tradições, contextos sociais e históricos, que prevalecem nas diversas instituições e tipologia de acervos

Constatamos que a imprecisão terminológica em torno desses conceitos é ainda mais acentuada pela variação dos termos em diferentes idiomas, já que recorreremos a uma bibliografia que não se limita apenas ao português, principalmente devido à escassez de materiais disponíveis nesse idioma.

Ana Bailão (2013, p. 18) destaca que, embora exista um vocabulário técnico especializado na área, ele nem sempre é utilizado com precisão, a autora ainda sinaliza a utilização de termos diferentes empregados como sinônimos:

A conservação e restauro, como qualquer outra área do conhecimento, tem o seu vocabulário técnico específico. Todavia, nem toda a terminologia utilizada é aplicada com rigor e clareza, existindo proliferação de sinônimos (*sic*) que dificultam a comunicação e diálogo entre profissionais do sector (*sic*), quer no discurso escrito, quer no discurso oral.

É importante destacar que a abordagem adotada para os conceitos se restringiu ao aspecto objetivo – focando nas atividades de salvaguarda<sup>20</sup> dos bens culturais. Não buscamos aprofundar em discussões filosóficas, históricas ou epistemológicas, nem foi intenção esgotar ou introduzir inovações nos termos e conceitos relacionados à preservação de bens culturais<sup>21</sup>.

De acordo com Bojanoski (2018, p. 85), “Os termos preservação, conservação, conservação preventiva e restauração<sup>22</sup> são, por sua natureza, polissêmicos. Contudo, são estes termos que definem e identificam o domínio de conhecimento especializado em estudo dentro do campo patrimonial”. “Estes [termos] indicam ações fundamentais,

---

<sup>20</sup>Segundo Cristina Bruno, salvaguarda refere-se ao conjunto de ações voltadas à proteção, preservação e valorização do patrimônio cultural, envolvendo tanto a conservação material quanto a manutenção dos significados e valores imateriais associados a esses bens. A autora destaca que a salvaguarda abrange não apenas o cuidado físico, mas também o fortalecimento da memória e da identidade coletiva, sendo essencial para a continuidade do legado cultural (BRUNO, 2010).

<sup>21</sup>De acordo com Carsalade (2015, p. 14), Bem cultural é “qualquer bem produzido pela cultura é, tecnicamente, um bem cultural, mas o termo, pela prática, acabou se aplicando mais àqueles bens culturais escolhidos para preservação – já que não se pode e nem se deve preservar todos os bens culturais –, fazendo com que, no jargão patrimonial – e por força de convenções internacionais –, a locução bem cultural queira se referir ao bem cultural protegido”.

<sup>22</sup>Conforme documento do ICOM-CC, a definição de restauração é: “todas aquelas ações aplicadas de maneira direta a um bem individual e estável, que tenham como objetivo facilitar sua apreciação, compreensão e uso. Estas ações somente se realizam quando o bem perdeu uma parte de seu significado ou função através de alterações passadas. Baseia-se no respeito ao material original. Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem” (ABRACOR, 2010, p.3). Os outros termos serão tratados com maior profundidade ao longo do capítulo.

específicas e diferenciadas, mas em sua essência interdependentes, em relação aos bens culturais” (Bojanoski, Michelon, Bevilacqua, 2017, p. 444).

Na construção do pensamento preservacionista dos bens culturais, estas palavras mantêm alguns sentidos da sua essência etimológica, ao mesmo tempo que adquirem significados específicos e especializados. Não se pode desconsiderar que estes termos apresentam variações de sentidos dentro do próprio campo patrimonial, resultado não somente das inúmeras tipologias de bens culturais e características das instituições responsáveis pela sua salvaguarda, como também dos diferentes usos e apropriações por parte das várias categorias de atores sociais, não raro em situações de conflito e competição dentro do campo patrimonial (Bojanoski, 2018, p. 86).

A preservação/conservação dos bens culturais tem despertado interesse e preocupações de diversos profissionais como conservadores-restauradores, museólogos, bibliotecários, arquivistas e historiadores, entre outros, profissionais que trabalham de forma multi e interdisciplinar, compartilhando conhecimentos e técnicas para garantir a proteção e a continuidade do patrimônio cultural. Conforme verificamos na literatura estudada, a confusão entre os termos preservação e conservação tem gerado debates e conflitos na área, porém acreditamos que ambos os termos são complementares e essenciais para a salvaguarda do patrimônio cultural.

### 1.1.1. Preservação

O conceito de preservação, fundamental para a compreensão e atuação na área, é complexo e abrangente. Apresentamos aqui uma visão geral sobre o conceito, explorando diversas significações atribuídas, de forma a estabelecer uma base para a compreensão do tema e apontar nossas escolhas dentro da pesquisa.

O *Grande Dicionário Houaiss* e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, trazem as seguintes acepções do termo ‘preservação’.

**preservação:** ato ou efeito de preservar. 1. conservação (no sentido de 'conjunto de medidas'). 2. série de ações cujo objetivo é garantir a integridade e a perenidade de algo; defesa, salvaguarda, conservação «p. de um bem cultural» (Preservação, [2024].

**preservação:** 1. Ato ou efeito de preservar(-se). 2. Ação que visa garantir a integridade e a perenidade de algo, como p. ex., um bem cultural; salvaguarda (Ferreira, 1986, p. 1388).

Segundo Cassares (2000, p.12), a preservação é “um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos acervos”.

Alessandra Barbosa (2018), em sua tese de doutorado, traz a seguinte definição:

**preservação:** Proteção de bens culturais através de atividades que minimizem a deterioração e danos químicos e físicos e que evitem a perda de conteúdo informativo. Entendida como o conjunto de medidas e

estratégias voltadas para o prolongamento da existência de um bem cultural e a manutenção da integridade dos materiais. Abrange as políticas destinadas a salvaguarda do patrimônio cultural, entre elas as atividades relacionadas à Conservação (Barbosa, 2018, p. 155).

Fadel (2020, p. 107) define preservação de bens culturais como:

Um conjunto de atividades que vão desde o controle ambiental até as medidas que devem ser colocadas em prática a partir da entrada de um documento em uma instituição até o seu manuseio pelo usuário. Inclui todas as considerações administrativas e financeiras relacionadas à armazenagem e às condições de acomodação, staff, políticas, técnicas e métodos envolvidos na preservação de materiais [...] bem como de toda a informação contida neles. A preservação é a manutenção do Patrimônio Cultural.

Segundo Desvallées e Mairesse<sup>23</sup> (2013, p. 79):

Preservar significa proteger uma coisa ou um conjunto de coisas de diferentes perigos, tais como a destruição, a degradação, a dissociação ou mesmo o roubo; essa proteção é assegurada especialmente pela reunião, o inventário, o acondicionamento, a segurança e a reparação.

De acordo com Conway (2001), a preservação de bens culturais passou por uma transformação conceitual ao longo do tempo. Anteriormente, os termos 'conservação' e 'preservação' eram usados de forma intercambiável pelos profissionais que trabalham na salvaguarda dos bens culturais. No entanto, para o autor, atualmente, a preservação é considerada uma noção mais abrangente, que engloba diversas políticas e opções de ação. Estas incluem não apenas os tratamentos de conservação, mas também aspectos como a aquisição, a organização, a distribuição e a operacionalização de recursos humanos, financeiros e materiais. Essa abordagem prioriza não apenas a preocupação com os suportes físicos, mas também considera o conteúdo intelectual e o uso dos bens culturais. As estratégias recentes de gerenciamento de preservação reconhecem a importância de tornar os acervos acessíveis e utilizáveis.

Concordamos com Appelbaum (2010) que, ao retardarmos a deterioração de um bem cultural, através das ações de preservação, também aumentamos sua utilidade, e que o uso destes objetos não é antítese da preservação, pelo contrário,

uso e preservação não são antagonistas. Um objeto que não pode ser usado – para pesquisa, exposição ou qualquer outro tipo de uso físico ou intelectual – não oferece benefício algum. A aritmética simples nos diz

---

<sup>23</sup> A obra *Conceitos-chave de Museologia* é uma versão reduzida do *Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie*, publicado em 2011, e coordenado por André Desvallées e François Mairesse com participação de diversos colaboradores.



que um objeto inutilizável [sem uso, ou acesso]<sup>24</sup>, mesmo que dure para sempre, tem utilidade zero<sup>25</sup> (Appelbaum, 2010, p. xxvi).

Na área da Preservação, a promoção do acesso aos bens culturais destaca-se como uma ação relevante, pois permite a disseminação do conhecimento e contribui para o fortalecimento da valorização do patrimônio cultural.

Neste estudo, portanto, consideramos ‘preservação’ como um termo ‘guarda-chuva’, um conceito amplo. É uma atividade de caráter multidisciplinar que engloba todas as ações desenvolvidas pelas instituições – de ordem administrativa, política e técnica/operacional, com o objetivo de retardar a deterioração, prolongar a vida útil de materiais e objetos de acervos, garantindo o uso pleno dos bens culturais sob sua responsabilidade e assegurando sua contínua disponibilidade. A preservação envolve a combinação do acesso à informação com a proteção da integridade física desses bens.

Embora reconheçamos que esse entendimento de preservação, associado ao acesso à informação, esteja mais evidente no contexto da Preservação de Acervos em arquivos e bibliotecas, acreditamos que o mesmo princípio se aplica igualmente aos acervos museais. O *Código de Ética dos Conservadores-Restauradores Brasileiro*<sup>26</sup>, documento que estabelece os princípios éticos a serem seguidos pelos profissionais que atuam na conservação e restauração de bens culturais no Brasil, apresenta em sua introdução os conceitos de preservação, conservação-restauração e conservação preventiva. O texto afirma que "entendemos preservação de modo abrangente, compreendendo todas as ações que visam retardar a deterioração e possibilitar o pleno uso dos bens culturais", destacando ainda que o papel essencial do conservador-restaurador é "a preservação dos bens culturais para benefício da atual geração e das gerações futuras" (ABRACOR, 2013, p. 3).

No documento de *Política de Preservação de Acervos Institucionais do Museu de Astronomia e Ciências Afins* (MAST), uma questão importante é levantada:

A preservação não é um fim em si mesma. Só preservamos para que as informações contidas nos bens culturais possam favorecer o homem no resgate de sua identidade e de sua história, permitindo, assim, o exercício

---

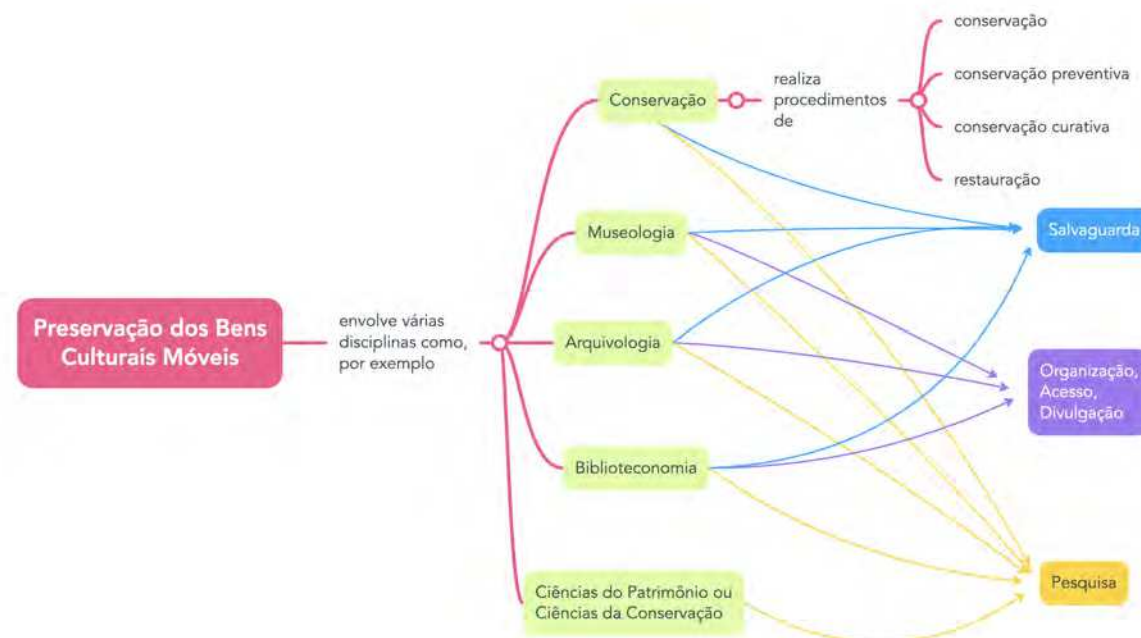
<sup>24</sup> Nota nossa.

<sup>25</sup> No original: "Use and preservation are not antagonists. An object that cannot be used – for research, exhibition, or any other physical or intellectual use – provides no benefit. Simple arithmetic tells us that an unusable object, even if it lasts forever has zero utility" (APPELBAUM, 2010, p. xxvi).

<sup>26</sup> "O Código de Ética do Conservador-Restaurador de Bens Culturais é uma publicação conjunta das seguintes associações e entidades representantes de classe: Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (Aber); Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (Abracor); Associação Paulista de Conservadores e Restauradores (APCR); Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ACCR); Associação de Conservadores Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) e Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais (Arco.IT, Paraná). Segundo o documento da Abracor o texto foi elaborado a partir dos códigos do *International Council of Museums* – ICOM, do *American Institute of Conservation* – AIC, do *European Federation of Conservator-Restorers' Organizations* – ECCO e de DUVIVIER, Edna May" (ABRACOR, 2013).

pleno da sua cidadania. [O documento ainda aponta que] na preservação de acervos, a conservação deve ser considerada como uma das medidas prioritárias (MAST, 1995, p. 15-16).

Figura 2. Algumas disciplinas que compõem a preservação dos bens culturais móveis



Fonte: Elaborado pela autora<sup>27</sup> adaptado de Bojanoski (2018, p. 107).

A estrutura mostrada no mapa conceitual acima foi elaborada por Silvana Bojanoski (2018), tendo o termo preservação no primeiro nível da organização de conhecimento, abaixo do qual se inserem as outras disciplinas. A Conservação é apresentada com seus desdobramentos: conservação, conservação preventiva, conservação curativa e restauração.

Entendemos que a preservação, seguindo inclusive a acepção dicionarística, está associada com a salvaguarda dos bens culturais em um sentido mais amplo e geral. Neste sentido, a preservação é o termo que abriga outros domínios de conhecimento, da qual a Conservação é uma das disciplinas. Propomos uma representação possível das atividades mais frequentemente associadas com a preservação — organização/ acesso/divulgação, pesquisa e salvaguarda — relacionadas com as disciplinas especializadas (Bojanoski, 2018, p. 86).

O mapa conceitual, elaborado por Bojanoski (2018) e redesenhado por nós, com a inclusão da conservação curativa – de acordo com a terminologia elaborada pelo ICOM-

<sup>27</sup> Para elaboração dos mapas mentais, mapas conceituais, árvores de domínio etc., utilizamos a aplicação online *MindMeister*, disponível em <https://www.mindmeister.com/>.

CC – ilustra, de forma clara, nossa concepção de que a preservação é o termo mais abrangente. Entendemos, portanto, que a conservação está à serviço da preservação.

### 1.1.2. Conservação / Conservação Preventiva

O *Grande Dicionário Houaiss* e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* trazem as seguintes definições do termo 'conservação'. Percebemos que estas acepções, assim como as de preservação, se relacionam também ao patrimônio cultural:

**conservação:** ato ou efeito de conservar(-se). 2 Conjunto de medidas permanentes para impedir que se deteriorem com o tempo objetos de valor, como monumentos, livros, obras de arte etc. (Conservação, [2024]).

**conservação:** 1. Ato ou efeito de conservar(-se). 2. *Arquit.* Conjunto de medidas de caráter operacional — intervenções técnicas e científicas, periódicas ou permanentes — que visam a conter as deteriorações em seu início, e que em geral se fazem necessárias com relação às partes da edificação que carecem de renovação periódica, por serem mais vulneráveis aos agentes deletérios (Ferreira, 1986, p. 457).

Cassares (2000, p. 12), supracitada nas definições de preservação, também explicita o conceito de conservação: “é um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento)”.

Ana Maria Calvo Manuel (2003) apresenta a seguinte definição de conservação na obra *Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos de la A a la Z*:

Conservação - É entendida como o conjunto de operações e técnicas que têm como objetivo prolongar a vida dos bens culturais. Para conservar os objetos, existem dois caminhos: a prevenção da deterioração (conservação preventiva ou preservação) e a reparação do dano (restauração). Ambas se complementam, mas a restauração é consequência da ineficácia ou ausência de meios preventivos. A conservação é vista como a finalidade de manter as propriedades, tanto físicas quanto culturais, dos objetos para que perdurem no tempo com todos os seus valores. Tão importante quanto o suporte ou elementos materiais é a mensagem ou elementos sustentados no objeto. Pretende-se conservar a integridade física e funcional (capacidade de transmitir a informação que contém)<sup>28</sup> (Calvo Manuel, 2003, p. 63, tradução nossa).

Muñoz Viñas (2010, p. 19), em seu livro *Teoría Contemporánea de la Restauración*, argumenta que é mais apropriado descrever a conservação com base em sua finalidade,

---

<sup>28</sup> No original: “*Conservación – Se entiende como tal el conjunto de operaciones y técnicas que tienen como objetivo prolongar la vida de los bienes culturales. Para conservar los objetos hay dos caminos: la prevención del deterioro (conservación preventiva o preservación) y la reparación del daño (restauración). Ambas se complementan, pero la restauración es consecuencia de la ineficacia o ausencia de medios preventivos. La conservación se plantea como finalidad mantener las propiedades, tanto físicas como culturales, de los objetos para que pervivan en el tiempo con todos sus valores. Tan importante es el soporte o elementos materiales, como el mensaje o elementos sustentados en el objeto. Se pretende conservar la integridad física y la funcional (capacidad de transmitir la información que encierra)*” (Calvo Manuel, 2003, p. 63).

do que em seus resultados, e propõe a seguinte definição: “A conservação é a atividade que busca evitar futuras alterações em um bem. Ou melhor: conservação é a atividade que consiste em adotar medidas para que um bem específico sofra o menor número de alterações pelo maior tempo possível<sup>29</sup>”.

O ICON<sup>30</sup>, *Institute of Conservation*, organização do Reino Unido, apresenta a seguinte definição de *conservation*, em seu glossário de termos – *Conservation glossary*:

Conservação: Uma abordagem aos objetos/itens que visa preservar e realçar esses objetos/itens para os propósitos de acesso e compreensão pública. A conservação engloba várias ações diferentes, incluindo investigação, documentação, higienização, estabilização e preservação de longo prazo para gerenciar mudanças ao longo do tempo. A conservação se preocupa com as camadas de significado que os objetos/itens adquiriram ao longo do tempo, em vez de sua restituição para um estado anterior projetado ou 'como novo' (ICON, [2023], tradução nossa)<sup>31</sup>.

Para o *American Institute of Conservation*<sup>32</sup> (AIC),

A conservação abrange todas as ações tomadas em direção à preservação de longo prazo do patrimônio cultural. As atividades incluem exame, documentação, tratamento e cuidados preventivos, apoiados por pesquisa e educação<sup>33</sup> (AIC, [2023], tradução nossa).

O documento da *European Committee for Standardization* (CEN), norma EN 15898 – *Conservation of cultural property – Main general terms and definitions*, que tem o propósito de definir “os principais termos gerais utilizados no campo da conservação de bens culturais, com especial atenção para aqueles termos que têm amplo uso ou significância<sup>34</sup>, traz as seguintes definições:

Conservação: medidas e ações destinadas à salvaguarda do patrimônio cultural com respeito à sua significação, incluindo sua acessibilidade às gerações presentes e futuras. A conservação engloba a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. O termo “conservação-restauração” é principalmente utilizado no contexto do

<sup>29</sup> No original: “La conservación es la actividad que aspira a evitar futuras alteraciones de un bien. O mejor: La conservación es la actividad que consiste en adoptar medidas para que un bien determinado experimente el menor número de alteraciones durante el mayor tiempo posible” (Muñoz Viñas, 2010, p.19).

<sup>30</sup> “O ICON é uma empresa beneficente que trabalha para proteger o patrimônio cultural e é o órgão profissional de associação para a profissão de conservação”. Disponível em: <https://www.icon.org.uk/about-us.html>.

<sup>31</sup> No original: “Conservation: An approach to objects/items, which aims to preserve and enhance those objects/items for the purposes of public access and understanding. Conservation encompasses many different actions including investigation, documentation, cleaning, stabilization, and long-term preservation to manage change overtime. Conservation is concerned with the layers of significance objects/items have acquired over time rather than with repair to a projected former or ‘as new state” (ICON, [2023]).

<sup>32</sup> Organização norte-americana que apoia profissionais da conservação na preservação do patrimônio cultural, estabelecendo e mantendo padrões profissionais, promovendo pesquisa e publicações, oferecendo oportunidades educacionais e fomentando a troca de conhecimento entre conservadores, profissionais aliados e o público

<sup>33</sup> No original: “Conservation encompasses all those actions taken toward the long-term preservation of cultural heritage. Activities include examination, documentation, treatment, and preventive care, supported by research and education” (AIC, [2023]).

<sup>34</sup> No original: “the main general terms used in the field of conservation of cultural property with particular attention to those terms which have wide use or significance” (BSI, 2012, p. 10, tradução nossa).

patrimônio cultural móvel. O termo "preservação" é também utilizado, por exemplo, em bibliotecas e arquivos. Todas as ações de conservação são fundamentadas em documentação e/ou evidências materiais<sup>35</sup>.

Conservação preventiva: medidas e ações voltadas para evitar ou minimizar futuros danos, deterioração e perdas, e, conseqüentemente, qualquer intervenção invasiva. No âmbito do patrimônio móvel, a "conservação preventiva" geralmente ocorre de forma indireta; ou seja, essas medidas e ações são realizadas no ambiente imediato do objeto<sup>36</sup>

Conservação curativa: ações aplicadas diretamente a um objeto para interromper a deterioração e/ou limitar danos<sup>37</sup> (CEN, 2012, p. 10, tradução nossa).

Além das acepções expostas acima, existe uma extensa lista de outras definições, cada uma com suas próprias particularidades derivadas de contextos culturais, formação e perspectivas de aplicação prática por parte dos profissionais que as formulam. Como aponta Gaël de Guichen, "conservação, restauração, preservação – palavras usadas indistintamente por alguns e, ao contrário, com significados bem específicos por outros. Na verdade, é curioso ver que a profissão nunca definiu esses termos de forma unânime, assim como a maioria das grandes organizações nacionais ou internacionais"<sup>38</sup> (Guichen, 1995, p. 4, tradução nossa).

Frente ao crescente número de profissionais envolvidos na conservação dos bens culturais, provenientes de diversas culturas, e à multiplicação de termos utilizados para descrever a Conservação e suas atividades essenciais, o *Comitê Internacional para Conservação do Conselho Internacional de Museus* (ICOM-CC) implantou uma força tarefa, liderada por Gaël de Guichen, para estabelecer uma terminologia unificada, com objetivo de resolver as confusões causadas pela diversidade de termos, facilitando uma comunicação mais clara e coerente entre os profissionais a nível mundial, e com o público em geral.

A terminologia em questão foi elaborada pelos especialistas da área, seguindo uma metodologia baseada na compilação dos termos e na

---

<sup>35</sup>No original: "conservation (en), conservation-restoration (Syn.) (en): measures and actions aimed at safeguarding cultural heritage while respecting its significance, including its accessibility to present and future generations. Conservation includes preventive conservation, remedial conservation and restoration. The term "conservation-restoration" is mainly used in the field of movable cultural heritage. The term "preservation" is also used, e.g. in libraries and archives. All conservation actions are based on documentary and/or material evidence" (CEN, 2012, p. 10, tradução nossa).

<sup>36</sup>No original: "preventive conservation (en): measures and actions aimed at avoiding or minimizing future damage, deterioration and loss and, consequently, any invasive intervention. In the field of movable heritage, 'preventive conservation' is generally indirect; namely, these measures and actions are carried out within the immediate environment of the object" (CEN, 2012, p. 10, tradução nossa).

<sup>37</sup>No original: "remedial conservation (en): actions applied directly to an object to arrest deterioration and/or to limit damage" (CEN, 2012, p. 10, tradução nossa).

<sup>38</sup>No original: "Conservation, restoration, préservation – mots utilisés indifféremment par les uns et au contraire avec des significations bien spécifiques par les autres. En fait, il est curieux de voir que la profession n'a jamais défini ces termes des mêmes que d'ailleurs la plupart des grands organismes nationaux ou internationaux" (Guichen, 1995, p. 4).

consulta aos membros do próprio ICOM-CC para avaliar a sua pertinência. Não houve, portanto, a aplicação de uma metodologia própria dos estudiosos da Terminologia ou de linguistas. No entanto, verificamos que a proposta se alinha sob vários aspectos com as tendências contemporâneas em discussão na disciplina de Terminologia (Bojanoski, 2018, p. 94).

Com resultado desse trabalho, em setembro de 2008, durante a *25ª Conferência Triannual em Nova Delhi*, o ICOM-CC anunciou a resolução *Terminologia para Definir a Conservação do Patrimônio Cultural Tangível*<sup>39</sup>, que apresenta as definições dos termos conservação, conservação preventiva, conservação curativa e restauração<sup>40</sup>. Elaboradas no idioma inglês com suas equivalências em francês e espanhol (os outros dois idiomas oficiais da organização) (ICOM-CC, 2008b). A resolução foi traduzida para o português<sup>41</sup> e publicada no Boletim Eletrônico da ABRACOR, em junho de 2010 (ABRACOR, 2010, p. 2-3).

No documento as definições de conservação e restauração são apresentadas da seguinte forma:

Conservação - todas aquelas medidas ou ações que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações atuais e futuras. A conservação compreende a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas essas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural em questão.

Conservação preventiva - todas aquelas medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são realizadas no contexto ou na área circundante ao bem, ou mais frequentemente em um grupo de bens, seja qual for sua época ou condições. Essas medidas e ações são indiretas – não interferem nos materiais e nas estruturas dos bens. Não modificam sua aparência.

Conservação curativa - todas aquelas ações aplicadas de maneira direta sobre um bem ou um grupo de bens culturais que tenham como objetivo deter os processos danosos presentes ou reforçar a sua estrutura. Estas ações somente se realizam quando os bens se encontram em um estado de fragilidade adiantada ou estão se deteriorando a um ritmo elevado, de tal forma que poderiam perder-se em um tempo relativamente curto. Estas ações às vezes modificam o aspecto dos bens.

Restauração – Todas aquelas ações aplicadas de maneira direta a um bem individual e estável, que tenham como objetivo facilitar sua apreciação, compreensão e uso. Estas ações somente se realizam quando o bem perdeu uma parte de seu significado ou função através de alterações passadas. Baseia-se no respeito ao material original. Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem. (ABRACOR, 2010, p. 2-3).

---

<sup>39</sup>No original: *Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage*.

<sup>40</sup>No original: *conservation, remedial conservation, preventive conservation e restoration*.

<sup>41</sup>Na publicação não há menção à autoria da tradução.

Na figura 3, apresentamos em forma de um mapa conceitual, a estrutura definida na resolução do ICOM-CC, incluindo os termos e suas equivalências em português, inglês, francês e espanhol, com base no modelo proposto por Bojanoski (2018, p. 101).

Figura 3. Termos definidos na Resolução do ICOM-CC



Fonte: Elaborado pela autora baseado em Bojanoski (2018, p. 101), com a inclusão dos termos em português.

Percebemos que, no documento do ICOM, o termo utilizado como mais abrangente é conservação e não preservação conforme propomos nesta pesquisa. Essa constatação é também apresentada por Bojanoski (2018, p. 96): “ao final, a resolução do ICOM-CC, na sua versão em inglês, estabeleceu o termo hiperônimo<sup>42</sup> *conservation*, que tem uma acepção mais ampla e abrangente, ao qual estão ligados três termos hipônimos, com sentidos mais específicos: *preventive conservation*, *remedial conservation* e *restoration*”.

A iniciativa do ICOM-CC evidencia a importância de uma terminologia precisa e específica para uma comunicação efetiva entre os profissionais dedicados à conservação. Esta necessidade não é exclusiva desta área, mas também se estende a outros domínios do conhecimento, nos quais a terminologia científica desempenha um papel fundamental como ferramenta de estudo, pesquisa e compartilhamento de informações. Ao unificar os termos utilizados, essa abordagem aproxima os trabalhos realizados por profissionais ao redor do mundo que compartilham interesses e temas comuns.

Após a leitura e análise das diferentes definições de conservação encontradas, optamos por adotar, nesta pesquisa, a definição do ICOM-CC apresentada acima. Isto se

---

<sup>42</sup>“Na Semântica, que estuda os significados das palavras, as relações estabelecidas entre hiperônimo e hipônimo indicam um sentido mais genérico e abrangente para o primeiro, e um sentido mais específico para o segundo” (Bojanoski, 2018, p. 96).

deve ao fato de que consideramos a definição a mais completa e que, com base em nossa experiência profissional e acadêmica, é a que melhor descreve a atividade. Além do mais, de acordo com Bojanoski: “ainda que a resolução do ICOM-CC não tenha uma proposta prescritivista e normativa, não se pode ignorar a autoridade da instituição, a partir da qual a terminologia tende a se impor” (Bojanoski, 2018, p. 100).

### 1.1.3. Acervos ou coleções?

Outra questão terminológica que merece esclarecimento é a distinção, que consideramos relevante, entre os termos ‘coleção’ e ‘acervo’. É interessante notar que, em inglês, idioma de onde extraímos a maioria de nossas referências, e em francês, essa distinção não existe; ambos os termos são tratados como *collection* (coleção). Isso fica evidente nas duas definições a seguir:

Durost (*apud* Pearce, 2001, p. 157), um dos pioneiros no estudo do colecionismo, afirma que uma coleção é essencialmente definida pela natureza do valor atribuído a um objeto ou pelos significados que ele carrega. Quando o valor predominante de um objeto ou de seu significado está relacionado ao uso, propósito ou qualquer outra característica intrínseca, ele não constitui parte de uma coleção. Se o valor predominante é o representativo ou representante, ou seja, se o objeto ou seu significado é valorizado principalmente pela relação que mantém com algum outro objeto ou significado, ou objetos ou significados, como sendo parte de uma série ou parte de um todo, então é objeto de uma coleção (Panisset, 2011).

Pomian (1997, p. 53) define como coleção “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial, num local fechado preparado para este fim, e expostos ao olhar do público”. Estar “fora do circuito das relações econômicas” não significa a perda do valor de troca, que na maioria dos casos é aumentado muitas vezes, mas remete à necessidade de que os objetos recebam proteção e sejam preservados, mantendo algum tipo de relação entre si; refere-se ao fato de o objeto de coleção perder sua função prática. O caráter de portador de significado do objeto e o estabelecimento de séries são fatores de identificação da coleção, e a torna distinta da acumulação (Panisset, 2011).

Na tradução do livro *Conceitos-chave de Museologia* (Desvallées; Mairesse, 2013), os tradutores observam que, em português, os termos ‘coleção’ e ‘acervo’ são correlatos, mas não necessariamente sinônimos. Na publicação, apenas o termo ‘coleção’ é definido, embora o termo ‘acervo’ apareça em outros trechos do texto. A definição de ‘coleção’ é apresentada de maneira detalhada e extensa; destacamos aqui os seguintes trechos:



Coleção: de modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. Para se constituir uma verdadeira coleção, é necessário que esses agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo [...] (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 32).

Além disso:

A coleção do museu sempre teve de ser definida em relação à documentação que a acompanha e pelo trabalho que resultou dela, para ter a sua relevância reconhecida. Esta evolução levou a uma aceção mais ampla da coleção, como uma reunião de objetos que conservam sua individualidade e reunidos de maneira intencional, segundo uma lógica específica (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 35).

Voltando às definições dicionarísticas, de acordo com o Grande Dicionário Houaiss e o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, os termos acervo e coleção têm as seguintes definições:

acervo: conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação (Acervo, [2024]).

coleção: 1. reunião ou conjunto de objetos. 2. reunião ordenada de objetos de interesse estético, cultural, científico etc., ou que possuem valor pela sua raridade, ou que simplesmente despertam a vontade de colecioná-los (Coleção, [2024], grifo nosso).

acervo: [...] 3. Conjunto de bens que integram um patrimônio. [...] O conjunto de obras que integram o patrimônio de uma biblioteca, de um museu, etc. (Ferreira, 1986, p. 28).

coleção: 1. Conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm relação entre si (Ferreira, 1986, p. 429).

Verificamos que em português, o termo 'acervo' é frequentemente utilizado como sinônimo de 'coleção' em vários textos. Contudo, observa-se que os dois termos possuem significados distintos, apesar de muitas vezes serem empregados de forma intercambiável.

O acervo é o conjunto global de bens culturais que uma instituição preserva e mantém sob sua custódia. Trata-se de um agrupamento amplo, composto por todos os itens que a instituição possui, independentemente de seu valor específico ou do contexto em que foram adquiridos. Segundo Tereza Scheiner (2003), o acervo é a totalidade dos objetos preservados pela instituição, independentemente de sua origem ou características.

A coleção, por outro lado, é formada por objetos ou itens que compartilham uma característica em comum, seja temática, histórica, tipológica ou estética, ou qualquer outro critério que os organize de maneira coesa. Scheiner (2003) caracteriza coleção como uma organização intencional de objetos com valor cultural, cujos vínculos são estabelecidos com base em critérios de relevância histórica, artística ou científica. De maneira semelhante, Chagas (2009) define coleção como um agrupamento intencional de objetos, conectados por uma lógica que pode ser científica, histórica ou estética.

Entendemos que a principal diferença está na abrangência e na unidade lógica. O acervo representa o conjunto total de bens culturais que pode ser composto por diversas coleções, que, assim como as coleções, podem ou não ser institucionalizados. Por outro lado, a coleção é uma parte desse acervo, organizada de acordo com critérios específicos e pressupõe unidades lógicas. Em termos práticos, todos os itens de uma coleção estão incluídos no acervo, mas nem todos os itens do acervo pertencem a uma coleção específica.

Sendo assim, os museus são portadores de acervos e coleções (Lourenço, 1999), e esses acervos e coleções podem existir afiliados ou não a uma instituição museológica. Nesta dissertação, optamos por utilizar principalmente o termo acervo para nos referirmos ao conjunto de bens culturais sob a responsabilidade de uma instituição.

## **1.2. Musealização | Gestão | Documentação**

Apresentamos aqui as práticas de documentação e gestão de acervos museológicos como fundamentais para a preservação e conservação preventiva, considerando-as basilares para todas as atividades que venham a ser desenvolvidas nessas instituições. A gestão de acervos vem ganhando cada vez mais destaque no campo museológico, evidenciada pelo fato de que tem sido objeto de debates que se estendem do âmbito local ao internacional, pois essas instituições só poderão desempenhar adequadamente suas funções básicas de preservação, pesquisa e comunicação por meio de uma gestão eficiente.

Dessa forma, propomos analisar a gestão de acervos, com foco na documentação, como um instrumento essencial para a preservação do patrimônio museal. Para abordarmos a gestão de acervos e a documentação em museus de forma reflexiva, é fundamental discutirmos previamente sobre conceitos e práticas que compõem esse processo.

Retornando aos conceitos de preservação, conforme abordado por Desvallées e Mairesse (2013):

Na Museologia, a preservação engloba todas as operações envolvidas quando um objeto entra no museu, isto é, todas as operações de aquisição, entrada em inventário, catalogação, acondicionamento, conservação e, se necessário, restauração. Em geral, a preservação do patrimônio conduz a uma política que começa com o estabelecimento de um procedimento e critérios de aquisição do patrimônio [...], cuja continuidade é assegurada com a gestão das coisas que se tornaram objetos de museu, e finalmente com sua conservação. Neste sentido, o conceito de preservação representa aquilo que é fundamental para os museus, pois a construção das coleções estrutura o seu desenvolvimento e a missão do museu. A preservação constitui-se em um eixo da ação museal [...]. A gestão e o regimento das coleções constituem o conjunto das operações ligadas ao tratamento administrativo dos objetos de museu, considerando a sua inscrição no catálogo ou no registro de

inventário do museu, de maneira a certificar o seu estatuto museal [...] (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 79).

Segundo Mensch (1984, p. 21), objeto museal<sup>43</sup> é “qualquer elemento pertencente ao âmbito da natureza e da cultura material que seja considerado merecedor de preservação [...]”<sup>44</sup>. O ato de selecionar e atribuir valor, por si, já acrescenta um novo valor ao objeto – o de ter sido escolhido – e este valor aumenta com o passar do tempo. As medidas de salvaguarda farão com que os objetos escolhidos perdurem e aqueles objetos desprezados pelos critérios de seleção sejam abandonados ao esquecimento ou condenados ao desaparecimento.

Objetos museais são objetos separados de seu contexto original (primário) e transferidos para uma nova realidade museal com o objetivo de documentar a realidade da qual foram separados. Um objeto de museu não é apenas um objeto em um museu. É um objeto coletado (selecionado), classificado, conservado e documentado. Como tal, ele se torna uma fonte para pesquisa ou exposição<sup>45</sup> (Mensch, 1992, s.p.).

Ainda, para Van Mensch (1992), o objeto é ‘portador de informações’. O valor do objeto é determinado por propriedades e informações deduzidas do próprio objeto (valor intrínseco), e por informações não materiais, documentais e contextuais obtidas por meio de outras fontes além do objeto (valor extrínseco). Ao se tornar um objeto de museu, em geral, este deixa sua funcionalidade habitual (função cotidiana) e começa a ter a ênfase da sua valorização por suas características intrínsecas e extrínsecas que auxiliam na sua categorização como patrimônio cultural. Assim, ele deixa de ser um simples objeto e se transforma em museália, ou seja, um objeto de museu. Portanto, “refletir sobre o objeto musealizado implica em considerar o conceito de musealização” (Loureiro; Loureiro, 2013, p. 5).

De um ponto de vista mais estritamente museológico, a musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal - isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um ‘objeto de museu’ que se integre no campo museal (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57).

Nesse contexto, um ponto que suscita reflexões e debates ao abordar os processos de musealização é o aspecto do deslocamento, seja ele físico ou simbólico:

---

<sup>43</sup>MUSEAL ou MUSEALÍSTICO [MUZEÁLNÍ; *museum* (como adjetivo), museal (não usado na linguagem corrente no inglês); *muséal* – algo que representa um valor cultural e de memória de uma musealidade. (Stránský, 2005, p. 256) Adj. – Que tem relação com o museu. Por derivação semântica, tem-se a tendência a substituir impropriamente museal por museográfico ou por museológico” (Desvallées, 2000, p. 48 *apud* Baraçal, 2008, p. 109).

<sup>44</sup>No original: “Any element belonging to the realm of nature and material culture that is considered worth to be preserved [...]” (Mensch 1984b, p. 21).

<sup>45</sup>No original: “Museum objects are objects separated from their original (primary) context and transferred to a new, museum reality in order to document the reality from which they were separated. A museum object is not just an object in a museum. It is a collected (selected), classified, conserved, and documented object. As such it has become either a source for research or an exhibit when put on display” (Mensch, 1984, s.p.).

[...] dos objetos de seu contexto primário para um contexto segundo (e artificial), a coleção, onde assume uma função documental e se torna representante da realidade da qual foi afastado. Nessa passagem, o objeto perde seu espaço e funções originais: ele é re-contextualizado e re-significado, desprende-se de uma realidade imediata para remeter e evocar realidades ausentes (Loureiro; Loureiro, 2013, p. 6).

De acordo com Lima (2019, p. 87) a “Musealização/Patrimonialização” é um processo específico do campo da Museologia. Trata-se de uma forma cultural que se define como um “predicado diferencial”, um atributo de valor que confere uma significação única ao domínio, distinguindo-o dos demais. Esse processo representa tanto um “juízo” quanto uma “atitude” próprios do campo. Ele reflete em seus conteúdos “critérios e procedimentos especializados” que envolvem a atribuição de valores, ponderações que estabelecem “posturas conceituais e práticas” e que constroem a imagem de uma competência profissional socialmente legitimada<sup>46</sup>.

É importante destacar que a musealização envolve uma ação consciente de preservação, que se inicia antes mesmo da chegada do objeto ao museu. Isso implica em um olhar especializado, uma pesquisa prévia e uma escolha intencional. Como mencionado por Chagas (2016, p. 182), a musealização requer uma atitude crítica e questionadora, capacitada para uma reflexão distanciada diante do conjunto de bens culturais e naturais. Somente após esse processo é que se inicia a seleção dos objetos propriamente dita.

Ao buscar uma definição (ainda que aberta e provisória) para o processo de musealização a partir de uma perspectiva informacional, é essencial reconhecer a irregularidade de seu contorno, identificar seus componentes e os problemas aos quais remete. Admitindo a musealização como estratégia de preservação (que deve ser compreendida em sentido amplo: preservação física e preservação das informações, o que pressupõe o acesso) e como processo (ou conjunto de processos) de caráter necessariamente seletivo (musealizar implica em selecionar) (Loureiro; Loureiro, 2013, p. 6).

Trazendo um ponto de vista mais atual sobre o conceito, de acordo com Elizabete de Castro Mendonça (2020), o processo de musealização:

[...] é o conjunto de ações, medidas, estratégias e procedimentos de ordem simbólica, política, técnica e administrativa aplicadas as referências culturais pelo museu – visando atribuir ao objeto função documento, desvelar seus sentidos, contribuir para a potencialidade informacional sobre a referência cultural e contribuir também para a manutenção da integridade material. Reúne teoria, prática e consciência política. Foca hoje nas perguntas: por que, como e para quem musealizar? (Mendonça, 2020, p. 194).

---

<sup>46</sup> Palavras destacadas entre aspas pela autora Diana Farjalla Lima.

Ainda, segundo Cury (2005), a musealização pode ser compreendida como um processo que integra preservação e comunicação. Isso ocorre porque a 'documentalidade' está relacionada ao ato de ensinar algo: o potencial do objeto museológico em transmitir conhecimento a alguém. "Como testemunho, o objeto deve ser preservado: preservar para ensinar, preservar para comunicar" (Cury, 2005, p. 25). Nesse sentido, o processo de musealização é percebido como uma série de ações sucessivas sobre os objetos.

De acordo com Alves (2012, p. 24), um objeto não precisa ser transferido à uma instituição museológica para ganhar o status de patrimônio, "basta que ele seja tratado com princípios museológicos a fim de tornar possível sua interpretação e valorização como parte de nossa identidade", ou seja, basta que seja musealizado. Sendo assim, o objeto que está em seu uso cotidiano, a partir do momento que recebe tratamento documental e museológico é legitimado como patrimônio cultural e, conseqüentemente, está vinculado à ideia de salvaguarda da identidade cultural. "Todo objeto pode ser interpretado e passar a ser considerado patrimônio. A busca dos valores intrínsecos<sup>47</sup> dos bens patrimoniais e a pesquisa sobre sua relação com o meio são maneiras de atribuir outros valores ao bem patrimonial público e, conseqüentemente, levam a uma política de preservação" (Alves, 2012, p. 38).

A definição do termo musealização, apresentada na obra *Conceitos-chave de Museologia* (Desvallées; Mairesse, 2013), indica que as atividades de salvaguarda e comunicação são necessárias para o objeto que foi musealizado, uma vez que este perdeu informações ao ser retirado do local em que foi produzido:

Um objeto separado do contexto do qual foi retirado não é nada além de um substituto dessa realidade que ele deve testemunhar. Essa transferência, por meio da separação que ela opera com o meio de origem, leva necessariamente a uma perda de informações [...]. É por esta razão que a musealização, como processo científico, compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu: um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) ou, segundo outro ponto de vista, das atividades ligadas à seleção, à indexação e à apresentação daquilo que se tornou *musealia* [isto é, objeto de museu] (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57-58).

As discussões sobre o processo de musealização destacam os conceitos de documento e objeto como documento, ou seja, a materialidade como veículo de informações.

Em virtude de seu caráter multidimensional, o processo de musealização é de difícil apreensão em sua totalidade. Sua dimensão informacional, entretanto, é enfatizada por inúmeros autores, entre os quais Ulpiano Bezerra de Meneses (1992, 111), para quem o eixo da musealização é o

---

<sup>47</sup>Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza, etc." (Menezes, 1998, p.91).

“processo de transformação do objeto em documento”, e Ivo Maroevic (1998, 74), que associa o amadurecimento teórico da disciplina Museologia ao reconhecimento do valor informativo do objeto e, conseqüentemente, de seu estatuto de documento (Loureiro; Loureiro, 2013, p. 1-2).

Ao discutir o processo de musealização, é relevante enfatizar a importância da documentação museológica. Conforme observado por Loureiro (2008, p. 104), "o trabalho de documentação museológica envolve um processo de 'tradução' que reflete a complexidade inerente ao objeto musealizado". Portanto, a documentação museológica não deve ser vista apenas como um fim em si mesma, mas sim como uma ferramenta essencial para monitorar e gerenciar o patrimônio em todas as suas dimensões. Ela desempenha um papel crucial ao longo de todo o processo de musealização de um objeto.

A documentação museológica seria esse “trabalho adicional” realizado nos museus para que os objetos se tornem mais móveis e mais combináveis. O trabalho cotidiano de produção de informações é o complemento obrigatório e indispensável à etapa de mobilização, que reuniu espacialmente objetos vindos de domínios da realidade até então estranhos. Trata-se de uma tarefa constante que permite a preservação do conteúdo informacional dos objetos e também o estabelecimento de ligações até então impensadas e impossíveis (Loureiro, 2008, p.110).

Segundo Mensch (1984):

[...] quando nos concentramos em objetos, é importante perceber que o valor da informação não se restringe ao próprio objeto. A documentação e a informação contextual são igualmente importantes. "Hardware" (informação do objeto) e "software" (documentação e informação contextual) juntos transformam um objeto em um testemunho<sup>48</sup> (Mensch, 1984, p. 19, tradução nossa).

De acordo com Alain Godonou (1999, p. 28), “se o acervo é o coração do museu, pode-se dizer que a documentação é a sua cabeça; ambas constituem os órgãos vitais da instituição e sua interação constante é essencial para a sua sobrevivência<sup>49</sup>”. A documentação das coleções é um dever fundamental que decorre diretamente da função de conservação das instituições museológicas:

A conservação preventiva pressupõe o conhecimento de todos os objetos nas coleções de um museu. Na verdade, os objetos sem informação são quase sem sentido: a informação é a outra metade do objeto, distinguindo-o de todos os outros artefatos e justificando sua presença no museu e o interesse e os cuidados que lhe são conferidos. Documentar

---

<sup>48</sup> No original: “[...] when we concentrate on objects it is important to realise that the information value is not restricted to the object itself. Documentation and context-information are of equal importance. "Hardware" (Object information) and "software" (documentation and context information) together make a testimony [...] out of an object” (Mensch, 1984, p. 19).

<sup>49</sup> No original: “If the collection is the heart of the museum, it may be said that documentation is its head; both constitute the vital organs of the institution and their constant interaction is essential for its survival” (Godonou, 1999, p. 28, tradução e grifo nosso).

coleções simplesmente significa organizar essa informação<sup>50</sup> (Godonou, 1999, p. 28, tradução e grifo nosso).

O princípio da preservação é gestado pela transdisciplinaridade e o conceito de 'documentação' "permite ativar uma série diversificada de áreas do conhecimento e disciplinas a partir das quais se abrem caminhos inter e multidisciplinares" (Loureiro, 2008, p. 24).

Conforme Froner (2007), a Conservação Preventiva envolve procedimentos voltados à adequação das condições ambientais, físico-químicas e de gestão que afetam um bem cultural. Esses procedimentos abrangem as interações com o macroambiente, o ambiente médio e o microambiente ao redor do bem cultural, bem como as políticas relacionadas ao seu uso e preservação. Os princípios filosóficos que sustentam a Conservação Preventiva consideram, entre outros aspectos, os elementos estéticos, históricos, estruturais e materiais que compõem um bem cultural móvel, além de sua vulnerabilidade.

É necessário compreendemos que as relações de vulnerabilidade são determinadas não apenas pela qualidade físico-química da materialidade de um bem cultural e sua interação com o ambiente em que se encontra exposto, mas também pelos riscos potenciais às catástrofes de ordem humana ou natural e em relação às escolhas culturais, sociais e políticas (Froner, 2007). Ou seja, nos moldes tradicionais, a conservação dos acervos museais chama a atenção para o ambiente e condições físicas do acervo e de seu meio envolvente. Contudo, as novas perspectivas museológicas trazem uma nova consciência à necessidade de salvaguardar os conteúdos informacionais destes objetos, que vão além das suas características físicas (Panisset, 2017).

Se até este ponto de viragem da designada "Nova Museologia", a responsabilidade museológica era açambarcada pelo sentido de cuidado de conservação centrado no aspecto físico, na integridade física das coleções – suportes, a atenção volta-se agora também para aquilo que as coleções documentam. Consequentemente, a salvaguarda do património museológico já não passa apenas pelo cuidado de conservação física, mas também pela salvaguarda da informação que testemunham. O estudo, coleta e produção de informação associada às coleções e às próprias instituições vão desenvolver-se, multiplicando a informação no contexto museológico (Ramos; Vasconcelos; Pinto, 2014, 17).

Concordamos com Gaël de Guinchen quando ele afirma que:

Contrariamente ao que alguns membros da profissão podem acreditar, conservação preventiva significa muito mais do que a mera manutenção do clima e do monitoramento. É muito mais do que uma moda passageira

---

<sup>50</sup> No original: "Preventive conservation presupposes knowledge of all the objects in a museum's collections. In fact, objects without information are almost meaningless: information is the other half of the object, distinguishing it from all other artefacts and justifying its presence in the museum and the interest and the care bestowed on it" (Godonou, 1999, p. 28).

e irá gradualmente tornar-se parte integrante da profissão dos museólogos trazendo com certeza profundas mudanças<sup>51</sup> (Guichen, 1999, p. 5, tradução nossa).

A capacidade ampliada da Conservação Preventiva prevê um deslocamento entre, além e através de múltiplas disciplinas na busca de soluções dos problemas relacionados à gestão e à preservação, atuando para além de paradigmas fixos gestados em áreas fixadas. Sendo assim, a documentação e a gestão de acervos se apresentam como uma das principais respostas aos problemas enfrentados nos acervos (Panisset, 2011).

Como aponta Maria Luíza Loureiro (2008), historicamente, os museus concentraram seus esforços na preservação física dos objetos de seus acervos, uma atividade cuja importância é, sem dúvida, incontestável. Contudo, no contexto museológico, aspectos relacionados à informação frequentemente foram relegados a um papel secundário em comparação às ações voltadas à conservação material. Preservar é muitas vezes compreendido apenas como garantir a integridade física dos objetos pelo maior tempo possível. No entanto, a preservação vai além disso; trata-se de um processo dinâmico. Ao ser musealizado, um objeto assume a função de documento. Assim, preservar não significa imobilizar ou congelar os objetos, mas mantê-los acessíveis e disponíveis como fontes de informação. Embora a preservação física seja essencial, ela não é suficiente. É igualmente necessário preservar as informações intrínsecas ou associadas a esses objetos.

Segundo Alves (2012), o estudo das informações sobre os objetos permite a interpretação destes como uma testemunha da história. As atividades de registro e documentação dos bens culturais supõem, portanto, seu reconhecimento como patrimônio, que exige tutela e proteção. Esse reconhecimento do valor e importância de um bem cultural é muitas vezes o primeiro passo para a sua conservação:

A conservação do patrimônio cultural em suas diversas formas e períodos históricos é fundamentada nos valores atribuídos a esse patrimônio. Nossa capacidade de aceitar estes valores depende, em parte, do grau de confiabilidade conferido ao trabalho de levantamento de fontes e informações a respeito destes bens. O conhecimento e a compreensão dos levantamentos de dados a respeito da originalidade dos bens, assim como de suas transformações ao longo do tempo, tanto em termos de patrimônio cultural quanto de seu significado, constituem requisitos básicos para que se tenha acesso a todos os aspectos da autenticidade (UNESCO; ICCROM; ICOMOS, 1994, art. 9, grifo nosso).

---

<sup>51</sup> No original: “*Contrary to what some members of the profession may believe, preventive conservation means much more than mere maintenance and climate-monitoring. It is much more than a passing fad and will gradually become part and parcel of the museum profession to which it is certain to bring profound changes*” (Guichen, 1999, p. 5).



Para Francisca Hernández (1994), os acervos museológicos são integrados não só pelos objetos, mas também pela informação sobre os objetos: a dinâmica dos elementos que compõem a unidade “objeto-informação” desenvolve-se em direções contrárias, enquanto os objetos tendem a perder suas características físico-químicas originais, a informação sobre eles vai sendo aprofundada.

Ainda, segundo a definição apresentada por Helena Dodd Ferrez<sup>52</sup> (1994, p. 1), a documentação em museus é uma tarefa complexa. Trata-se de um conjunto de informações sobre cada um dos objetos de um acervo, e, “por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação, ordenação, classificação, seleção e difusão de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações, em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento”.

Para Ferrez, a documentação caracteriza um dos aspectos da gestão de acervos, no qual dados são organizados de maneira a produzirem informações, reunindo dados intrínsecos e extrínsecos ao objeto. Para Odon (1968), o objetivo da documentação é verificar e preservar a identidade das coleções museológicas (Panisset, 2017).

Podemos perceber que a documentação é o elemento essencial que guia todo o processo de musealização de um objeto, contribuindo para que o museu represente adequadamente seu acervo. Dentro do âmbito da musealização, a documentação consiste em políticas, processos e procedimentos destinados a organizar, recuperar e gerenciar informações sobre cada objeto de museu, representando-os por meio de palavras e elementos audiovisuais (Mendonça, 2020, p. 194). Portanto, é parte integrada da gestão de acervos.

A gestão de acervos “tem como foco a preservação das coleções, preocupando-se com o bem-estar físico e a segurança em longo prazo” (Ladkin, 2004, p. 17). O termo gestão de acervos se refere a diversos métodos legais, éticos, técnicos e práticos pelos quais as coleções são formadas, organizadas, interpretadas e preservadas (Alves, 2012). Essa gestão dedica-se à preservação e utilização do acervo, ao registro de dados e à análise de como o acervo contribui para a missão e os objetivos do museu. Além disso, o termo é utilizado para descrever as atividades específicas realizadas no âmbito do processo administrativo (Ladkin, 2004).

A documentação museológica representa um dos aspectos da gestão dos museus destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição. Neste processo estão envolvidas tarefas direcionadas à coleta, armazenamento,

---

<sup>52</sup> A abordagem de Ferrez, na década de 1990, é focada no objeto no museu. A autora utiliza o conceito de documentação museológica.

tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação. Considerando os documentos como registros da atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica (Yassuda, 2003, p. 22).

No documento *Conservation of cultural property - Main general terms and definitions*<sup>53</sup> (BSI, 2012, p. 14), apresentado acima, o termo gestão de acervos (*collection management*) engloba os “processos e procedimentos relacionados ao desenvolvimento, informação, acesso e cuidado de uma coleção. Isso inclui aquisição/descarte, registro, catalogação, documentação, segurança, etc”<sup>54</sup>. Sendo assim, a gestão de acervos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento, organização e preservação do acervo de cada museu, visto que seu principal objetivo é fornecer os recursos necessários para a preservação das coleções, tanto em termos físicos quanto de acesso à informação.

Conforme podemos verificar, a atividade de documentação está incluída, por alguns autores, na função básica de preservar. De acordo com Helena Ferrez (1994), as instituições museológicas, assim como a própria Museologia, estão dirigidas basicamente para as funções de preservação, pesquisa e comunicação das evidências materiais do homem e do seu meio ambiente, de acordo com a definição do ICOM<sup>55</sup>, sendo que “a função básica de preservar, lato senso, engloba as de coletar, adquirir, armazenar, conservar e restaurar aquelas evidências, bem como a de documentá-las” (Ferrez, 1994, p. 1).

O texto de introdução das *Diretrizes internacionais de informação sobre objetos de museus* do Comitê Internacional de Documentação do ICOM (CIDOC, 2014) indica quais são os objetivos específicos da documentação, sendo que podemos perceber que todos eles perpassam pelo propósito de preservação:

‘responsabilidade’ sobre o acervo – *accountability* –, que se refere, nesse contexto, à demonstração por meio de relatórios, auditorias e prestação de contas, por parte do museu, de que cuida adequadamente do acervo e dos recursos que recebe para tanto. Um dos elementos que auxilia o museu a comprovar tal cuidado é a manutenção de um inventário atualizado de seu acervo;

segurança do acervo – *security* –, que se refere ao cuidado do museu em manter informações atualizadas sobre a situação atual do objeto, além de fornecer descrições e comprovar a propriedade do museu sobre a peça;

---

<sup>53</sup> Conservação de bens culturais - Principais termos e definições gerais.

<sup>54</sup> No original: “*Collection management: processes and procedures relating to a collection's development, information, access and care This includes acquisition/disposal, accessioning, cataloguing, documentation, security, etc.*” (BSI, 2012, p. 14).

<sup>55</sup> Definição de museu do ICOM de 1989 (Estatutos do ICOM, aprovada pela 16ª Assembleia Geral, Haia, Holanda, 05 de setembro de 1989), versão vigente em 1994, data de publicação do texto de Helena Ferrez: “Um museu é uma instituição sem fins lucrativos, instituição permanente a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do homem e seu ambiente (Lopes, 2013, p.2).

da formação de um “arquivo histórico” sobre a coleção – *historic archive* –, que se refere à constituição de um dossiê com informações sobre a produção, coleta, propriedade e posse dos objetos de um acervo [...];

acesso físico e intelectual à coleção – *access* –, que se refere ao apoio que as Diretrizes podem fornecer à estruturação de vias de acesso físico às peças, ou acesso às informações produzidas sobre elas (CIDOC, 2014, p. 38).

María Teresa Marín Torres (2002, p. 296-297) aponta que a informação inerente aos acervos das instituições museológicas, registrada através das ferramentas disponíveis, objetiva diferentes usos, similares àqueles apontados pelo CIDOC:

- Como apoio à própria atividade do museu, uma vez que é necessária para executar suas atividades mais básicas, como a conservação, a exposição e a divulgação ao público. Essa perspectiva, considerada a mais tradicional da documentação em museus, é vista como a base estrutural de suas operações;
- Para que o museu funcione como um verdadeiro centro de pesquisa, atendendo não apenas às necessidades internas dos técnicos da instituição, mas também de um público externo especializado. Nesse contexto, a documentação assume seu sentido mais essencial: gerar novo conhecimento por meio da ciência.
- Para demonstrar a propriedade legal das coleções;
- Para combater o tráfico ilícito, uma das principais preocupações de todos os países no cumprimento de sua missão de proteger o patrimônio cultural.

É importante ressaltar a premissa de Marín Torres, citada acima, sobre o papel documentação em “criar novo conhecimento através da ciência”, esta é especialmente importante quando tratamos da definição de uma terminologia especializada.

De acordo com Bojanoski (2018, p. 17):

O desenvolvimento da terminologia é fundamental para a estruturação e o reconhecimento de um novo domínio de conhecimento. Como bem afirma Benveniste (1989, p. 252), “a constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando assim, um momento decisivo de sua história”.

Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados (Benveniste, 1989, p. 252 *apud* Bojanoski, 2018, p. 17).

Além da documentação constituir uma importante fonte de pesquisa sobre o patrimônio histórico e cultural para diversas áreas e disciplinas, é também um meio de comunicação com o público em geral, ajudando a educá-lo sobre a importância do patrimônio e promovendo seu envolvimento na preservação (Panisset, 2017). É importante termos em vista, principalmente no campo da gestão pública, que: “as decisões

concernentes à dotação de recursos e à conservação das propriedades culturais implicam em considerações políticas. Um maior apoio político para a conservação e a preservação de bens culturais dependerá de uma maior consciência pública de sua necessidade” (Froner, 2001, p. 46). Verificamos, portanto, uma indissociabilidade entre as práticas de preservação e da documentação: "a catalogação, pesquisa e inventário são indispensáveis no processo de estruturação dos projetos de preservação, locais, nacionais ou internacionais" (Froner, 2001, p. 270).

A preparação de uma documentação bem elaborada traz também benefícios econômicos aos projetos de preservação e salvaguarda dos bens culturais. Uma boa documentação economiza tempo e dinheiro, ajudando a priorizar recursos e evitando a duplicação de esforços.

A documentação funciona ainda como uma espécie de apólice de seguro contra perda, pois constitui um registro do bem para a posteridade e para o conhecimento das gerações futuras, especialmente em caso de catástrofes e desastres. Se bem empreendida e devidamente gerenciada, a documentação fornece um registro duradouro do patrimônio cultural. Cabe ressaltar que, no caso dos bens móveis, especificamente, a documentação é crucial para medidas de proteção contra roubos e tráfico ilícito, pois, quando esses bens não são documentados, se tornam difíceis de recuperar (Panisset, 2017).

O núcleo documental da peça é formado pelo seu registro. Sua importância e independência são evidentes. Se a peça for perdida por qualquer motivo, ou se a peça perdeu sua referência museológica, ela não terá sido completamente perdida se este núcleo documental for preservado, através do qual podemos conhecer sua história, reconstruí-la (mesmo para a função comunicativa, para a exposição) ou encontrá-la, redescobri-la. É no registro onde a memória e o contexto do objeto são preservados<sup>56</sup> (Caballero Zoreda, 1983, p. 4, tradução nossa).

Segundo Marín Torres (2002, p. 24, tradução nossa), “neste desejo de deixar por escrito o conteúdo de uma coleção, há um interesse pela perpetuidade da mesma no tempo, e mesmo que se desintegre e disperse, sempre haverá a lembrança do que aquela foi”<sup>57</sup>.

A documentação meticulosa é também um fator fundamental para um gerenciamento de riscos eficiente, sobretudo para evitar a dissociação de acervos. Considerada como um dos agentes de deterioração aos quais um acervo está submetido

---

<sup>56</sup> No original: “*El núcleo documental de la pieza lo forma el expediente. Su importancia y su independencia es evidente. Si la pieza se pierde por cualquier razón, o si la pieza ha perdido su referencia museológica no se habrá perdido del todo si se conserva este núcleo documental, a través del cual podemos conocer su historial, reconstruirla (incluso para la función comunicativa, para la exposición) o encontrarla, redescubrirla. Es en el expediente donde se conserva la memoria del objeto, su contexto*” [...] (Caballero Zoreda, 1983, p. 4).

<sup>57</sup> No original: “*En este deseo de dejar por escrito el contenido de una colección hay un interés por la perpetuidad de la misma en el tiempo, y aunque se desintegre y disperse, siempre quedará la memoria de lo que aquélla fue*” (Marín Torres, 2002, p. 24, tradução nossa).

pela visão do gerenciamento de riscos (Waller, 2008), a dissociação resulta na perda irreversível de objetos e no desmembramento de uma determinada coleção, incluído:

a perda dos objetos por extravio, perda permanente de dados sobre os objetos e uma série de outras deficiências intelectuais e legais, que reduzem o uso e o valor das coleções. Uma documentação periódica e bem empreendida, além de conectar a informação com o objeto, ajuda na prevenção de riscos na medida em que verificamos o estado atual do acervo, paralelamente, ao fazer o levantamento de dados. A realização de inventários periódicos funciona também como um diagnóstico recorrente da coleção. A documentação atua, portanto, em dois estágios - prevenir e detectar - no gerenciamento de riscos (Panisset, 2017, p. 178).

O CIDOC acredita que acervos sem documentação adequada não podem ser considerados verdadeiros acervos museológicos. Isso se deve porque eles não podem ser adequadamente salvaguardados e cuidados; o museu não pode demonstrar a responsabilidade legal sobre os objetos e não consegue prestar contas sobre seu acervo; e ainda porque seu valor para a pesquisa e interpretação é bastante reduzido. “Não é possível ter um verdadeiro museu ou coleção sem o conhecimento, ainda que mínimo, sobre os objetos que a constituem. O seu registro e documentação são tarefas primordiais que devem ser assumidas, sem qualquer condicionamento, como elemento fundamental na missão e objetivos de qualquer museu”, lembrando que umas das funções primordiais destas instituições é a preservação (Matos, 2012, p. 21).

Segundo Bottalo (2010, p. 52):

[...] é preciso entender que a Documentação Museológica é um sistema e, por isso, exige rigor metodológico. O sistema da Documentação Museológica vai além da reunião de postulados que regulam a ordem de identificação dos fenômenos museológicos. Também não se limita a ser um método de classificação de um conjunto observável. Mas, acima de tudo, trata de um conjunto de princípios que – ao serem reunidos e combinados por meio de coordenadas pré-estabelecidas – formam um corpo de doutrina. A busca, o registro e a disponibilização das informações sobre o acervo devem ser feitas de maneira padronizada de acordo com normas pré-estabelecidas. É dessa forma que podemos torná-las acessíveis de maneira ampla, fidedigna e, portanto, verdadeira, seja como fonte, ou como produto.

No trabalho cotidiano de uma instituição museológica em que não exista um conhecimento mínimo das coleções e/ou objetos, nos deparamos com diversos problemas que se manifestam em distintos graus e medidas. A gestão administrativa destas instituições, a sua missão, os recursos que têm à sua disposição, a definição de estratégias de extroversão, a divulgação, os planos de conservação, as políticas de documentação, os protocolos formativos, enfim, o trabalho institucional emana, em grande parte, do conhecimento existente sobre os objetos sob a tutela do museu, adquirido por meio da ação de documentação (Panisset, 2017).

Como é possível ter uma boa política de gestão de acervos sem conhecer o acervo? Como elaborar um bom plano de preservação sem termos o diagnóstico do estado de conservação dos objetos existentes? Como planejar uma exposição, sem reconhecer os objetos que melhor representam o tema proposto? Ou seja, como realizamos qualquer atividade em uma instituição museológica sem a devida documentação que proporciona o conhecimento sobre os acervos? (Panisset, 2017, p.179),

Na conservação do patrimônio cultural, a importância da manutenção versus a intervenção em grande escala é cada vez mais reconhecida. Nesse contexto, a documentação assume uma importância especial, pois é indispensável como base para a avaliação do estado de conservação. De fato, a manutenção eficaz só pode ser implementada se a observação e a avaliação adequadas do estado de conservação forem realizadas com sucesso. É por isso que o uso crítico e a atualização regular da documentação devem ser vistos como um pré-requisito fundamental para a manutenção. Portanto, a documentação nunca deve ser considerada definitiva, mas deve ser projetada para expansão e atualização contínuas<sup>58</sup> (Leitner, 2000, p.107, tradução nossa).

Observamos que, apesar das diversas vantagens de se realizar uma documentação detalhada, como já mencionamos, a documentação não é considerada uma prioridade na maioria das instituições museológicas. Isso se deve, provavelmente, em grande parte, ao fato de que essa atividade tem pouca visibilidade em comparação com outras ações das instituições, como exposições e atividades educativas, por exemplo (Panisset, 2017). Sendo assim, conforme aponta Holm, “a documentação muitas vezes é fácil de ser ignorada nas fases iniciais da implantação de um museu, porque as terríveis consequências da negligência podem levar várias gerações para se manifestar” (Holm *apud* Matos, 2007, p. 91).

Além disso, segundo Homulus (1978, p. 158),

a documentação é o produto de muitas pessoas: documentalistas, curadores, conservadores, etc.; portanto, varia de acordo com os interesses profissionais, assim como com as abordagens pessoais dos indivíduos envolvidos. O resultado é que a documentação de uma coleção é frequentemente muito desigual e raramente integrada em um sistema completo.

Ainda, de acordo com Homulus, o campo carece de normas e diretrizes e uma melhor comunicação entre os profissionais. Podemos dizer que a preocupação com documentação de fato, é recente, principalmente no Brasil, e isso se reflete nos recursos

---

<sup>58</sup>No original: “*In conservation of cultural heritage, the importance of maintenance versus large-scale intervention is increasingly recognized. In this context, documentation assumes a special importance, as it is indispensable as a basis for evaluating condition. In fact, effective maintenance can only be implemented if adequate observation and evaluation of condition are successfully performed. This is why the critical use and regular updating of documentation must be seen as a fundamental prerequisite for maintenance. Therefore, documentation should never be seen as definitive but must be designed for continuous expansion and updating*” (Leitner, 2000, p.107).

destinados ao trabalho de documentação, tanto do ponto de vista financeiro, de pessoal e de tecnologia – ou na ausência deles.

Percebemos também que a documentação não é, na maioria das vezes, efetivamente tomada como ferramenta de preservação e de conservação preventiva, ela é considerada como uma forma de mero registro e ferramenta de busca e localização de informações.

Independente do paradigma do objeto museológico ser um documento, ao longo de toda a história dos museus, o registro do patrimônio encerrado nas instituições museológicas é uma prática, uma matéria essencial ao exercício da Museologia, necessitando de uma definição de regras de registro, catalogação e gestão da informação (Oliveira Jr., 2014, p. 49).

Acreditamos que, ao contrário do catálogo de uma biblioteca, que atua como um índice para a coleção e que pode ser recriado se necessário, o catálogo de um museu é o registro exclusivo da maioria das informações sobre as coleções. Muitas coleções são praticamente inúteis sem a documentação de apoio, e sem essa documentação de apoio não é possível salvaguardar os acervos.

Lembramos ainda que um sistema de documentação museológica eficiente gera, dissemina e preserva as informações de que são portadoras suas coleções.

Dada a complexidade do conjunto de objetos criados pelo homem, é necessário o desenvolvimento de sistemas de documentação igualmente complexos no âmbito dos museus, de modo a otimizar o acesso não só aos objetos, mas também às informações (intrínsecas e extrínsecas) (Loureiro, M.L., 2008, p. 113).

Um museu precisa de um sistema de documentação racional e viável que registre além de todas as informações descritivas dos objetos, também as informações sobre seu estado de conservação e procedimentos relacionados.

Quanto mais a conservação e a restauração são vistas como uma disciplina científica, mais cresce a importância da documentação. A documentação deve ser definitivamente considerada uma ferramenta científica, que primeiro visa registrar informações relevantes sobre o objeto — tornando-as disponíveis para processamento e análise futuros — e, finalmente, transmite os dados por meio de uma apresentação adequada<sup>59</sup> (Leitner, 2000, p.107, tradução nossa).

Precisamos, portanto, tomar medidas para assegurar que a documentação não seja apenas uma operação técnica, mas o resultado de uma abordagem cultural complexa, pois "coleccionar dados não é o bastante" (Carvalho, 2010, p. 2). Há a necessidade de

---

<sup>59</sup> No original: "The more conservation and restoration is seen as a scientific discipline, the more the importance of documentation grows. Documentation must definitely be considered a scientific tool, which first aims to register relevant information about the object — making it available for further processing and analysis — and finally conveys the data through adequate presentation" (Leitner, 2000, p.107).

implementarmos normas e orientações internacionais para que a comunicação seja completa e as ações de documentação efetivas.

### 1.2.1. Documentação e conservação: responsabilidade ética e legal

#### 3.6.8

##### **documentação**

informações registradas criadas, coletadas, mantidas e conservadas com o propósito de conservação presente e futura e para referência. NOTA: Este termo também pode se referir ao próprio processo<sup>60</sup>.

(BSI, 2012, p. 15, tradução nossa).

Conforme podemos constatar através dos documentos internacionais, das legislações e dos campos da Museologia e da Preservação, a documentação é o fio que percorre todo o processo de salvaguarda do patrimônio cultural e se apresenta como ferramenta indispensável nas ações de preservação e conservação. A documentação tem sido assinalada como parte integral da conservação e gestão dos bens culturais em documentos como leis, decretos, normas e recomendações nacionais e internacionais (Panisset, 2017).

Camillo Boito (1836-1914), restaurador, arquiteto e grande pensador do século XIX, destacou que as complexas relações da conservação envolvem tanto o entendimento quanto os vínculos afetivos e fenomenológicos que os monumentos, documentos e obras de arte despertam. Dessa forma, ele abriu sua conferência *I Restauratori*, apresentada na Exposição de Turim em 1884, conduzindo o ouvinte a perceber que compreender e amar são ações interligadas. Concordando com suas palavras, podemos afirmar que compreender um bem cultural é a chave para sua preservação. Quanto melhor conhecemos e entendemos nosso patrimônio, mais o valorizamos (Panisset, 2011).

Para bem restaurar, é necessário amar e entender o monumento, seja estátua, quadro ou edifício, sobre o qual se trabalha, e do mesmo modo para a arte antiga em geral. Ora, que séculos souberam amar e entender as belezas do passado? E nós, hoje, em que medida sabemos amá-las e entendê-las? (Boito, 2002, p. 31, grifo nosso).

Conforme aponta Gonzáles-Varas (2003), as operações de salvaguarda começam pelo conhecimento dos bens, tarefa esta que é executada primordialmente pela devida documentação: “na verdade, não é possível conceber qualquer ação de conservação do patrimônio cultural que não parta do conhecimento prévio e, o mais abrangente possível,

---

<sup>60</sup>No original: “*documentation (en) documentation (fr) recorded information created, collected, held and maintained for the purpose of present and future conservation and for reference / NOTE This term can also refer to the process itself*” (BSI, 2012, p. 15).



da realidade dos bens que integram esse patrimônio”<sup>61</sup> (González-Varas, 2003, p. 77, tradução nossa). A documentação de bens culturais se define como um processo contínuo que consiste em investigar, registrar, documentar e gerenciar as informações sobre um determinado bem, permitindo sua melhor compreensão (Panisset, 2011).

Como destaca Froner (2001, 2008, p. 263), "os objetos adquirem valor pelas mãos do conhecimento [...]. O objeto existe enquanto um elemento a ser preservado quando lhe é imputado um valor histórico, artístico e cultural". As atividades de registro, diagnóstico e documentação dos bens culturais supõem, portanto, seu reconhecimento como objeto, que exige tutela e proteção. Esse reconhecimento do valor e importância de um bem cultural é muitas vezes o primeiro passo para a sua conservação.

[...] O potencial de um [objeto] como bem cultural se estabelece a partir do somatório das informações de que ele se torna portador. Ou seja, materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associados a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos, são imprescindíveis para a definição do lugar e da importância do objeto como testemunho da cultura material (Cândido, 2000, p.32, grifo nosso).

Por muitos anos, as investigações sobre os bens culturais eram efetuadas mediante aproximações, e com base em critérios empíricos, não havia uma abordagem metodológica e científica em relação a sua conservação (González Mozo, 2004). Essa prática metodológica só teve início em finais do século XIX, com as bases da formação da conservação-restauração como disciplina, contando com discussões teóricas e com o advento da fotografia (Panisset, 2011).

A contribuição teórica de Camillo Boito é fundamental para a introdução da metodologia nas intervenções de conservação-restauração, fixando a prática do uso de documentação como embasamento das intervenções e como forma de sistematizar o registro dessas intervenções, elaborando diretrizes para uma política de tutela.

Boito fundamentou seu trabalho em análises aprofundadas da obra, procurando apreender seus aspectos formais e técnico-construtivos, baseado em estudos documentais e na observação[...]. Fez largo uso de desenhos e também de fotografias, examinando a configuração geral do complexo [...] (Kühl, 2002, p. 13).

Propondo critérios de intervenção, Camillo Boito contribuiu de forma direta para a formulação dos princípios modernos da conservação-restauração. Boito teve atuação primordial na construção do documento gerado a partir do *III Congresso dos Engenheiros e Arquitetos Italianos* de Roma em 1883. Este documento é considerado a primeira carta

---

<sup>61</sup> No original: "En efecto, nos es posible concebir ninguna acción de conservación de patrimonio cultural si no es partiendo del conocimiento previo, y lo más exhaustivo posible, de la realidad de bienes que integran este patrimonio" (González-Varas, 2003, p. 77).

de restauro italiana, a primeira formulação de uma série de normas de intervenção coerentes com uma teoria rigorosa.

Estes pontos definidos por Boito, a princípio estabelecidos para serem aplicados na arquitetura, constituem o primeiro quadro deontológico da restauração e ainda são os critérios básicos seguidos pelos restauradores contemporâneos que, com pequenas variações, são usados em todos os campos da conservação de bens culturais (Sánchez Hernampérez, 2008, p. 6 *apud* Bojanoski, 2018, p. 47).

Dentre os sete axiomas propostos no congresso, os dois últimos prescrevem a necessidade de se documentar detalhadamente as intervenções:

[...] registrar as obras, apontando-se a utilidade da fotografia para documentar a fase antes, durante e depois da intervenção, devendo o material ser acompanhado de descrições e justificativas [...] (Kühl, 2002, p. 21).

Esse documento, adotado então pelo Ministério da Educação italiano, foi um ponto de referência fundamental para as cartas patrimoniais<sup>62</sup> que regem as práticas preservacionistas contemporâneas.

Seguindo as recomendações do documento italiano de 1883, diversas dessas cartas citam o registro dos bens culturais e a documentação dos processos de conservação como tarefas fundamentais para a salvaguarda do patrimônio. Existem cerca de vinte documentos<sup>63</sup> provenientes de convenções nacionais e internacionais que têm recomendações sobre o registro e a documentação dos bens patrimoniais (Cf. Panisset, 2011, p. 226).

É relevante reafirmarmos aqui o caráter indicativo das cartas patrimoniais. De acordo com Kühl (2010, p. 288):

[...] as cartas patrimoniais são fruto da discussão de um determinado momento. Antes de tudo, não têm a pretensão de ser um sistema teórico desenvolvido de maneira extensa e com absoluto rigor, nem de expor toda a fundamentação teórica do período. As cartas são documentos concisos e sintetizam os pontos a respeito dos quais foi possível obter consenso,

---

<sup>62</sup>As chamadas cartas patrimoniais são documentos internacionais no formato de cartas, recomendações, convenções, normas ou regulamentos, criados por diversos órgãos internacionais de defesa do patrimônio histórico e cultural. As cartas são documentos importantes para o entendimento da evolução do pensamento preservacionista através dos tempos. Estas cartas têm um propósito principalmente indicativo, didático e, às vezes, administrativo. Esses documentos são geralmente o resultado de encontros de especialistas e declaram uma intenção geral e metodológica, além de indicarem a necessidade de desenvolver instrumentos prescritivos para aplicação em nível nacional e/ou internacional (Panisset, 2017).

<sup>63</sup>Carta de Atenas (1931), Carta de Veneza (1964), Recomendação Paris (1964), Recomendação Paris de Obras Públicas ou Privadas (1968), Convenção Relativa às Medidas a Serem Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência de Propriedades Ilícitas dos Bens Culturais (1970), Compromisso Brasília (1970), Compromisso Salvador (1971), Carta do Restauro (1972), Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), Resolução de São Domingos (1974), Declaração de Amsterdã (1975), Convenção de San Salvador (1976), Recomendação de Nairóbi (1976), Recomendação para a Proteção dos Bens Culturais Móveis (1978), Carta de Burra (1980), Carta de Washington (1986), Carta Petrópolis (1987), Carta de Lausanne (1990), Conferência de Nara (1994), Declaração de Sofia (1996), Declaração de São Paulo II (1996), Carta de Fortaleza (1997), Princípios para a documentação de monumentos, grupos de edifícios e sítios (1996), Cartagena de Índias - Colômbia (1999).

oferecendo indicações de caráter geral. Seu caráter, portanto, é indicativo ou, no máximo, prescritivo [...].

Após a iniciativa italiana, as primeiras medidas normativas de caráter internacional são introduzidas através da *Carta de Atenas – Conclusões Gerais e Deliberações da Sociedade das Nações*, do *Escritório Internacional dos Museus* – de 1931. Esse documento dá ênfase ao valor de uma documentação internacional, e já preconizava o registro dos monumentos e formatação de inventários nacionais, regionais ou locais.

c) Valor da documentação internacional

A Conferência expressa o desejo de que:

- 1 Cada país, ou as instituições criadas ou reconhecidas como competentes para esse fim, publiquem um inventário de monumentos antigos, com fotografias e notas explicativas;
- 2 Cada país constitua registros oficiais que contenham todos os documentos relativos aos seus monumentos históricos;
- 3 Cada país deposite cópias de suas publicações sobre monumentos artísticos e históricos junto ao Escritório Internacional de Museus;
- 4 O Escritório [Internacional de Museus] dedique uma parte de suas publicações a artigos sobre os processos e métodos gerais empregados na preservação de monumentos históricos;
- 5 O Escritório [Internacional de Museus] estude os melhores meios de utilizar as informações assim centralizadas<sup>64</sup> (ICOMOS, 2004, p. 32, tradução nossa).

É também no início do século XX que diversas disciplinas científicas – química, física, biologia – começam a contribuir com as tarefas de investigação dos bens culturais, principalmente em relação ao estudo e compreensão dos materiais e seu estado de conservação. Essa colaboração é fundamental para o estabelecimento de metodologias de documentação mais fundamentadas.

A Carta de Veneza de 1964, documento considerado basilar para a prática de conservação-restauração, seguida como um código de ética, registra a necessidade da documentação durante os processos de conservação:

Artigo 16 - Em todas as obras de preservação, restauração ou escavação, deve sempre haver uma documentação precisa na forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Cada etapa do trabalho de limpeza, consolidação, rearranjo e integração, assim como as características técnicas e formais identificadas durante o curso do trabalho, devem ser incluídas. Este registro deve ser arquivado em uma

---

<sup>64</sup> No original: “c) *Value of international documentation. The Conference expresses the wish that: 1 Each country, or the institutions created or recognised competent for this purpose, publish an inventory of ancient monuments, with photographs and explanatory notes; 2 Each country constitute official records which shall contain all documents relating to its historic monuments; 3 Each country deposit copies of its publications on artistic and historic monuments with the International Museums Office; 4 The Office devote a portion of its publications to articles on the general processes and methods employed in the preservation of historic monuments; 5 The Office study the best means of utilising the information so centralised*” (ICOMOS, 2004, p. 32).

instituição pública e disponibilizado para pesquisadores. Recomenda-se que o relatório seja publicado (ICOMOS, 2004, p. 38, tradução nossa).<sup>65</sup>

A Carta de Veneza trouxe contribuições significativas sobre o registro dos processos de conservação, resultando em uma nova abordagem para a documentação, que agora abrange diversos recursos e etapas. Essa abordagem é muito similar ao conceito contemporâneo de documentação de diagnóstico em conservação (Xavier; Hannesch; Campos, 2023).

O documento ratificado pela 11ª Assembleia do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS)<sup>66</sup> de 1996, denominado *Princípios para a documentação de monumentos, grupos de edifícios e sítios*<sup>67</sup>, teve seu conteúdo inteiramente dedicado à importância dos registros. Neste texto, são listadas as principais razões, responsabilidades, medidas de planejamento e gestão para a devida documentação do patrimônio cultural.

Sendo o patrimônio cultural uma expressão única da realização humana; sendo que o patrimônio cultural está permanentemente em risco; sendo a documentação um dos principais meios disponíveis para dar significado, compreensão, reconhecimento e definição dos valores do patrimônio cultural; sendo que a responsabilidade pela conservação e manutenção do patrimônio cultural não é somente tarefa de seus proprietários mas também de especialistas em conservação, de profissionais, gestores, políticos e administradores que trabalham em todos os níveis de governo, como também do público; e sendo conforme exige o artigo 16 da Carta dos Veneza, é essencial que as organizações responsáveis e os indivíduos registrem a natureza do patrimônio cultural<sup>68</sup> (ICOMOS, 1996, tradução nossa).

A maioria das cartas patrimoniais e publicações sobre os métodos de documentação são dirigidas principalmente ao patrimônio edificado – bens imóveis. "A noção de autenticidade do Patrimônio Cultural embasado no critério de monumento serviu de justificativa à concentração de esforços para com esse tipo de bem cultural" (Froner, 2001, p. 469). Porém acreditamos, de acordo com Feilden (1981), que, apesar da diferença

---

<sup>65</sup> No original: "Article 16. In all works of preservation, restoration or excavation, there should always be precise documentation in the form of analytical and critical reports, illustrated with drawings and photographs. Every stage of the work of clearing, consolidation, rearrangement and integration, as well as technical and formal features identified during the course of the work, should be included. This record should be placed in the archives of a public institution and made available to research workers. It is recommended that the report should be published" (ICOMOS, 2004, p. 38).

<sup>66</sup>No original: *International Council on Monuments and Sites*.

<sup>67</sup>No original: *Principles for the recording of monuments, groups for buildings and sites*.

<sup>68</sup> No original: "As the cultural heritage is a unique expression of human achievement; and as this cultural heritage is continuously at risk; and as recording is one of the principal ways available to give meaning, understanding, definition and recognition of the values of the cultural heritage; and as the responsibility for conserving and maintaining the cultural heritage rests not only with the owners but also with conservation specialists and the professionals, managers, politicians and administrators working at all levels of government, and with the public; and as article 16 of the Charter of Venice requires, it is essential that responsible organizations and individuals record the nature of the cultural heritage".

de escala e extensão, os princípios básicos de conservação são os mesmos, tanto para bens culturais móveis quanto para os bens imóveis. Principalmente os princípios éticos e metodológicos da documentação.

Algumas poucas iniciativas foram tomadas exclusivamente em relação aos bens culturais móveis. Consideramos duas dessas iniciativas especialmente importantes no que se refere à documentação. A primeira delas é a *Reunião de Especialistas sobre Métodos Modernos de Inventário de Bens Móveis*<sup>69</sup>, realizada pela Unesco em Barcelona, no ano de 1976, voltada unicamente para os inventários de bens móveis, na qual foram elaboradas recomendações para a documentação e registro desses bens (Panisset, 2017).

A outra iniciativa foi adotada durante a *Conferência Geral da Unesco*, realizada em Paris em 1978. O documento *Recomendação para a Proteção de Bens Culturais Móveis*<sup>70</sup> aborda a questão dos bens patrimoniais móveis de maneira exclusiva. Segundo Froner (2001, p. 273), no documento, "o patrimônio móvel é considerado mais susceptível [sic] aos danos ocasionados por conflitos armados, acidentes e, principalmente, roubo e tráfico ilícito. A documentação que possibilite a identificação desses elementos torna-se [portanto] fundamental à sua salvaguarda". No artigo décimo segundo das medidas recomendadas, lê-se:

Medidas para a prevenção de riscos:

12. Os Estados-Membros devem tomar todas as medidas necessárias para assegurar a proteção adequada aos bens culturais em museus e instituições afins. Em particular, devem:

- (a) incentivar a inventariação e catalogação sistemática dos bens culturais, com o máximo possível de detalhes e de acordo com os métodos desenvolvidos especialmente para esses meios [...]. Tal inventário é útil quando se deseja determinar os danos ou deterioração de bens culturais. Com essa documentação as informações necessárias podem ser divulgadas, com todas as precauções devidas, às autoridades nacionais e internacionais responsáveis pela luta contra os roubos, o comércio ilícito e a circulação de falsificações,
- (b) incentivar, conforme o caso, a identificação padronizada de bens culturais móveis[...]”<sup>71</sup> (Unesco, 1978, tradução nossa, grifo nosso).

Conforme podemos constatar através dos documentos internacionais, das legislações e da teoria da conservação, a documentação é parte integral da conservação

<sup>69</sup> No original: *Meeting of experts on the modern methods of inventory of movable cultural property*.

<sup>70</sup> No original: *Recommendation for the protection of movable cultural property*.

<sup>71</sup> No original: "Measures for the prevention of risks. 12. Member States should take all necessary steps to ensure adequate protection for cultural property in museums and similar institutions. In particular, they should: (a) encourage the systematic inventorying and cataloguing of cultural property, with the fullest possible details and in accordance with methods specially developed for the purpose (standardized fiches, photographs - and also, if possible, color photographs - and, as appropriate, microfilms). Such an inventory is useful when it is desired to determine damage or deterioration to cultural property. With such documentation the necessary information can be given, with all due precautions, to the national and international authorities responsible for combating thefts, illicit trading and the circulation of fakes; (b) encourage, as appropriate, the standardized identification of movable cultural property using unobtrusive means offered by contemporary technology" (Unesco, 1978).

e gestão dos bens culturais; é o fio que percorre todo o processo de preservação do patrimônio cultural e se apresenta como ferramenta indispensável nas ações de conservação e restauração (Panisset, 2017). Verificamos uma indissociabilidade entre as práticas de preservação e documentação.

A documentação possibilita a compreensão, o monitoramento e a manutenção dos bens culturais, atuando nos processos de conservação antes, durante e depois. É somente a partir de uma documentação exaustiva e coerente que podemos assegurar o rigor e precisão nas tomadas de decisão para a salvaguarda desses bens. Uma documentação bem empreendida permite uma melhor compreensão do valor econômico, histórico, científico, estético e social de um bem cultural (Panisset, 2011, p. 19).

Segundo um artigo – publicado na reconhecida revista sobre conservação *The Getty Conservation Institute Newsletter* – no qual a documentação é defendida como base para os processos de conservação preventiva:

A documentação do patrimônio cultural, amplamente definida, inclui duas atividades principais: (1) a captura de informações sobre os bens culturais, incluindo suas características físicas, história e problemas, e (2) o processo de organizar, interpretar e gerenciar essas informações<sup>72</sup> (Leblanc; Eppich, 2005, p. 6, tradução nossa).

A documentação significa tanto o processo de coleta e armazenamento de informações quanto seu produto na forma de documentos escritos, mapas, fotografias, desenhos, etc.

Podemos enumerar diversos motivos para utilizarmos obrigatoriamente a prática da documentação na metodologia de conservação, incluindo:

- avaliar os valores e importância do patrimônio em questão;
- conhecer a história, características físicas, tecnologia de fatura e atuais condições de conservação do bem cultural;
- orientar o processo de conservação, quando se deve registrar todas as intervenções preventivas e curativas;
- garantir que as intervenções respeitem as características do patrimônio;
- registrar os resultados após as intervenções;
- realizar um registro permanente do patrimônio cultural antes da alteração, planejada ou não;
- fornecer bases para o monitoramento, gerenciamento e manutenção de rotina;

---

<sup>72</sup> No original: "Documentation of cultural heritage, broadly defined, includes two main activities: (1) the capture of information regarding monuments, buildings, and sites, including their physical characteristics, history, and problems; and (2) the process of organizing, interpreting, and managing that information" (Leblanc; Eppich, 2005, p. 6).

- fornecer uma ferramenta de acompanhamento e gestão do patrimônio em todos os níveis.

Precisamos ainda reforçar que utilizar a documentação exaustiva é um compromisso ético do conservador-restaurador. Os relatórios dos procedimentos adotados durante um processo de conservação fazem parte do código de ética do profissional que atua em qualquer bem cultural móvel ou imóvel. Intervenções de conservação se constituem em um momento crítico na vida de um bem cultural, e um registro cuidadoso pode preservar informações que serão a base para avaliações futuras e novos tratamentos (Panisset, 2017).

A *Recomendação para a Proteção de Bens Culturais Móveis* – acima citada – indica que "os especialistas responsáveis [pela conservação] devem incluir nos inventários informações sobre o estado físico dos objetos e recomendações relativas às condições ambientais necessárias." <sup>73</sup> (Unesco, 1978, art. 6, tradução nossa, grifo nosso).

Ciente dessa responsabilidade, as associações de classe no Brasil incluíram no código de ética do conservador-restaurador quatro artigos dedicados à pesquisa e à documentação. Destacamos:

14. Antes de iniciar qualquer ação ou intervenção em uma obra o conservador-restaurador deve colher todas as informações capazes de gerar e salvaguardar o conhecimento a seu respeito, além de levar a cabo um acurado exame de sua composição e estado de conservação, recorrendo para isto, se necessário, a instituições e técnicos de outras áreas, nacionais ou internacionais. Os resultados desse exame devem ser extensamente anotados e documentados, fotograficamente, por meio de gráficos, mapas, tabelas e análises estatísticas. Baseado nestes dados, o restaurador elaborará um relatório sobre a peça e estabelecerá o procedimento a ser seguido, o qual deverá ser apresentado ao proprietário ou guardião legal do bem (ABRACOR, 2013, p. 7, grifo nosso).

O documento *Code of Ethics and Guidelines for Practice* do *American Institute for Conservation* (AIC, 1994) apresenta também a responsabilidade da documentação para os profissionais de conservação:

24. Documentação: O profissional de conservação tem a obrigação de produzir e manter registros precisos, completos e permanentes de exames, amostragens, investigações científicas e tratamentos. [...] Os objetivos dessa documentação são: estabelecer a condição do patrimônio cultural; auxiliar no cuidado do patrimônio cultural, fornecendo informações úteis para tratamentos futuros e contribuindo para o corpo de conhecimento da profissão; [...]

25. Documentação do Exame: Antes de qualquer intervenção, o profissional de conservação deve fazer um exame minucioso do

---

<sup>73</sup> No original: "The responsible specialists should include in the inventories data on the physical state of the objects and recommendations concerning the requisite environmental conditions" (Unesco, 1978, art. 6).

patrimônio cultural e criar registros apropriados. [...] Os registros devem também incluir, conforme apropriado, uma descrição da estrutura, materiais, condição e história pertinente. [...]

28. Preservação da Documentação: A documentação é uma parte inestimável da história do patrimônio cultural e deve ser produzida e mantida da maneira mais permanente possível. [...] A documentação também é uma parte importante do corpo de conhecimento da profissão. O profissional de conservação deve se esforçar para preservar esses registros e fornecer a outros profissionais acesso apropriado a eles [...] <sup>74</sup> (AIC, 1994, [s.p.], tradução nossa, grifo nosso).

O Código de Ética para Museus, elaborado pelo ICOM em 1986 e revisado entre 2001 e 2004, é o documento que rege as práticas profissionais em museus a nível mundial, e “estabelece normas mínimas para a prática profissional e atuação dos museus e seu pessoal”. Ao aderir à organização, os membros do ICOM adotam as provisões deste Código. O documento incluiu a documentação das coleções na seção “Proteção de acervos” (*Care of collections*), em conjunto com a conservação, o que reafirma no documento, o caráter preservacionista da documentação:

#### 2.18 Permanência de acervos

Os museus devem estabelecer e aplicar políticas que garantam que os acervos (tanto permanentes como temporários) e suas respectivas informações, corretamente registradas, sejam acessíveis para uso corrente e venham a ser transmitidas às gerações futuras nas melhores condições possíveis, considerando-se os conhecimentos e os recursos disponíveis.

[...]

#### 2.20 Documentação dos acervos

Os acervos dos museus devem ser documentados de acordo com normas profissionais reconhecidas. Esta documentação deve permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização. Estes dados devem ser mantidos em ambiente seguro e estar apoiados por sistemas de recuperação da informação que permitam o acesso aos dados por profissionais do museu e outros usuários autorizados.

[...]

#### 2.23 Conservação preventiva

A conservação preventiva é um elemento importante na política dos museus e da proteção de acervos. É responsabilidade básica dos

---

<sup>74</sup> No original: “24. Documentation: The conservation professional has an obligation to produce and maintain accurate, complete, and permanent records of examination, sampling, scientific investigation, and treatment. [...] The purposes of such documentation are: to establish the condition of cultural property; to aid in the care of cultural property by providing information helpful to future treatment and by adding to the profession’s body of knowledge; [...] Documentation of Examination: Before any intervention, the conservation professional should make a thorough examination of the cultural property and create appropriate records. These records and the reports derived from them must identify the cultural property and include the date of examination and the name of the examiner. They also should include, as appropriate, a description of structure, materials, condition, and pertinent history. [...] Preservation of Documentation: Documentation is an invaluable part of the history of cultural property and should be produced and maintained in as permanent a manner as practicable. [...] Documentation is also an important part of the profession’s body of knowledge. The conservation professional should strive to preserve these records and give other professionals appropriate access to them [...]” (AIC, 1994).



profissionais de museus criar e manter ambientes adequados para a proteção dos acervos e sua guarda, tanto em reserva, como em exposição ou em trânsito.

#### 2.24 Conservação e restauro de acervos

O museu deve acompanhar com atenção o estado de conservação dos acervos para determinar quando um objeto ou espécime necessita de intervenções de conservação-restauração ou de serviços de um conservador-restaurador qualificado. O principal objetivo deve ser a estabilização do objeto ou espécime. Todo procedimento de conservação deve ser documentado e, na medida do possível, reversível; toda alteração do objeto ou espécime original deve ser claramente identificável. (ICOM-BR, 2009, grifo nosso).

No documento de *Política de Preservação de Acervos Institucionais do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST*, a importância da documentação para a preservação dos acervos e apresentada da seguinte forma:

#### 2. DOCUMENTAÇÃO

21 A instituição deve considerar que, no âmbito da preservação do acervo, a documentação ocupa lugar relevante, sendo diretamente responsável pela manutenção da memória institucional e dos acervos;

22 Todo bem cultural pode ser entendido como documento por si mesmo, portador de informações, mas é a documentação técnica produzida a partir do bem cultural, o conjunto de conhecimentos sobre o mesmo, que o mantém contextualizado e atuante;

23 Devem ser estabelecidas normas técnicas e rotinas para elaboração do sistema de documentação relacionado com o acervo, e a instituição deve encarregar profissional capacitado para este trabalho; [...] (MAST, 1995, p. 19-20, grifo nosso).

Em relação à prática da documentação nos processos de conservação dos acervos Velios (2016, p. 13) salienta que “embora o valor da documentação seja enfatizado na formação em conservação e seja uma tarefa realizada regularmente na profissão, discussões aprofundadas por conservadores sobre práticas de documentação são raras”<sup>75</sup>. Assim, apesar das inúmeras vantagens de se realizar uma documentação exaustiva, de sua importância ser amplamente destacada em instrumentos internacionais de preservação e sua obrigatoriedade estar prevista nos códigos de ética, é consenso entre os pesquisadores da área que essa prática ainda é inadequadamente aplicada (Leblanc; Eppich, 2005).

---

<sup>75</sup>No original: “Although the value of documentation is emphasized in conservation training and it is a task undertaken regularly in the profession, in depth discussions by conservators on documentation practices are rare” (Velios, 2016, p. 13).

## 1.2.2. Sistematização e normalização: a importância dos protocolos de documentação

*The role of standards is not to standardise, but to enable!*<sup>76</sup> (Poole, 2011).

“Normalizar é a palavra-chave em documentação de museus” (Matos, 2010, p. 28). Para que a transmissão e preservação de informação sejam consistentes e eficientes, é necessário que seu registro, análise e classificação sejam feitos através de protocolos preestabelecidos. Isto se aplica para informações registradas independentemente do modo, seja ele manual ou informatizado, independentemente do tamanho da instituição e do volume de seu acervo (Panisset, 2017).

Segundo Cabré (1999, p. 241) “normalmente, o termo normalização é usado para se referir a dois conceitos distintos: a) o processo de transformar ou tornar-se norma, entendido como padrão, referência ou forma de referência; e b) o processo de transformar ou tornar-se normal, ou seja, comum ou habitual”<sup>77</sup>. Aqui nos referimos ao primeiro sentido, ou seja, padronização<sup>78</sup>.

A normalização da estrutura de dados, da sintaxe e da terminologia, vem sendo empregada nos sistemas de documentação mesmo antes da informatização, porém, com o advento do uso de computadores e da automação dos sistemas, essa normalização se tornou indispensável (Panisset, 2011). Segundo Robert Chenhall e Peter Homulus (1978, p. 206) – especialistas e pioneiros na normalização e informatização da documentação em museus – a documentação de acervos na Era da Informação é, em vários aspectos, bastante diferente das fichas e registros como realizados no passado. Atualmente, um dos fatores mais importantes é o nível de exatidão do registro das informações relativas à cada objeto, que deve ser muito mais precisa “do que era quando se destinava a ser lida e, quando necessário, interpretada e traduzida apenas por meio dos mecanismos do olho humano e do cérebro”<sup>79</sup> (tradução nossa).

Segundo Bevilacqua (2011, p. 8):

com o desenvolvimento e a evolução das ferramentas informatizadas de organização e disseminação da informação e a universalização das redes

<sup>76</sup> “O papel dos standards não é padronizar, mas viabilizar” (Poole, 2011, tradução nossa).

<sup>77</sup> No original: “*Habitualmente se usa el término normalización para referirse a dos conceptos distintos: a) el proceso de convertir o convertirse en norma, entendida como patrón, estándar o forma de referencia y b) el proceso de convertir o convertirse en normal, es decir, en usual o habitual*” (Cabré, 1999, p. 241).

<sup>78</sup> Os verbos ‘normalizar’ e ‘normatizar’ estão dicionarizados como sinônimos em língua portuguesa, ambos com o sentido de estabelecer normas e padrões (Houaiss, 2024). Preferimos utilizar o verbo ‘normatizar’, já que ‘normalizar’ também pode se referir ao ato de retornar ao estado normal, conforme mencionado por Cabré. No entanto, como a maior parte da literatura teórica adota o termo “normalizar”, seguimos essa convenção.

<sup>79</sup>No original: “[...] *when it was intended to be read and, if necessary, interpreted and translated through the mechanisms of the human eye and brain alone*” (Chenhall; Homulus, 1978, p. 206).

de computadores, o potencial informativo das instituições museológicas tem se expandido enormemente nas últimas décadas.

Por conseguinte, à proporção que mais instituições museológicas em todo o mundo investem na documentação de suas coleções, muitas vezes com novas tecnologias sofisticadas, a necessidade de padrões para gerenciar a informação que essas coleções contêm torna-se cada vez mais urgente. Em vista disso, a aplicação da normalização é fundamental para que a tarefa de documentação do patrimônio funcione adequadamente, bem como para conferir as bases necessárias à informatização e ao acesso.

A normalização deve ser uma base sólida, um modelo com regras de estruturação de informação definidas que permita que os dados inseridos sejam depois lidos, indexados, cruzados entre si e, não menos importante, pesquisados e resgatados de uma forma satisfatória de acordo com os interesses do utilizador comum (Bower; Roberts, 2001). Ou seja, que os dados se transformem em informação, contribuindo assim para que o conhecimento do patrimônio cultural possa ser alargado ao maior número de pessoas.

Além da necessidade de padronização de linguagem, é muito importante que medidas sejam tomadas para a documentação e gestão sistemática e permanente, desenvolvidas segundo procedimentos e metodologia instituídos e contando com uma periodicidade para revisão de informações e armazenamento de dados.

Segundo Alexandre Matos:

Desde que surgiram os primeiros museus, foram criados sistemas de registro e classificação dos objetos relativamente simples, que teriam como objetivo o conhecimento dos bens existentes, entendendo este procedimento como uma forma documental de salvaguardar e organizar o acervo. No entanto, com o desenvolvimento e democratização dos museus, bem como das ciências que se reúnem à sua, percebeu-se a necessidade da criação de sistemas de classificação e produção de informação sobre as coleções que fosse para além do simples registro (Matos, 2007, p. 3).

Em contraste com o mundo das bibliotecas, onde o formato MARC<sup>80</sup> (*Catálogo Legível por Computador*) tem dominado por mais de quatro décadas, o contexto museológico e da conservação de bens culturais, não possuem uma longa tradição de padrões de dados e de normalização de terminologia (Panisset, 2017). À medida que as redes de informação começaram a proliferar no final da década de 1980, a comunidade de informação artística (*art information community*) reconheceu a crescente necessidade de algum tipo de padrão de metadados para descrever objetos de arte, sua materialidade (incluindo suas alterações de estado de conservação), e seus representantes visuais (*visual surrogates*) (Baca, 2001).

---

<sup>80</sup>No original: *Machine Readable Cataloging*.

Conforme aponta Matos, é no século XX, “com a massificação dos sistemas de informação e comunicação que a normalização assume um papel imprescindível para a gestão de informação sobre os acervos museológicos” (Matos, 2013, p. 1). As evoluções tecnológicas cotidianas facilitam a melhoria da gestão de informação e as boas práticas. No entanto, esta melhoria requer uma organização coerente da informação a ser registrada, para obter eficazmente o aperfeiçoamento dos processos de documentação e gestão de acervos. “Os dados só se ‘transformam’ em informação quando são relacionados entre si ou percebidos por alguém” (Matos, 2007, p. 9).

Provavelmente o motivo mais convincente para o uso de standards é proteger o valor de longo prazo dos dados, o que reforça o caráter preservacionista da normalização. A normalização é, portanto, particularmente importante no uso de sistemas informatizados de base de dados. Estrutura e conteúdo devem ser padronizados para que os dados sejam corretamente recuperados. Toda tecnologia muda eventualmente, os sistemas precisam ser atualizados ou a informação migrada para equipamentos e/ou *softwares* diferentes. A normalização da informação não apenas garante que a base de dados seja internamente consistente de modo que possa ser gerida com eficácia, mas também permite que os dados sejam formatados e armazenados, de modo que sejam mais fáceis de serem exportados e migrados para outros sistemas (Panisset, 2011).

As organizações internacionais que lidam com gestão do patrimônio cultural – como a Unesco, o *Getty Research Institute*, o ICOM-CIDOC, o ICOM-CC, a *Museum Documentation Association* - MDA atualmente *Collections Trust* e a *Canadian Heritage Information Network* (CHIN) – vêm demonstrando, ao longo dos anos, uma preocupação especial em relação à padronização de informações. Estas têm se dedicado substancialmente ao desenvolvimento da normalização de conteúdo (terminologia), sistemas e procedimentos, elaborando documentos normativos considerados atualmente referência internacional no setor.

A normalização foi enfaticamente recomendada pela *Reunião de Especialistas sobre Métodos Modernos de Inventário de Bens Móveis*<sup>81</sup> realizada pela Unesco em Barcelona em outubro de 1976. Durante o encontro foi aconselhada a criação de comitês nacionais de documentação em cada Estado-membro, recomendando que estes deveriam ser responsáveis pelo estabelecimento de normas para o registro de informações em seus museus (Olcina, 1978).

O ICOM-CIDOC e *The Getty Art History Information Program* (atualmente *Getty Research Institute*) se uniram em 1993 para desenvolver o projeto *Evolução nos Standards*

---

<sup>81</sup>No original: *Meeting of Experts on Modern Methods of Inventory of Movable Cultural Property* (Unesco, 1976).

de *Informação dos Museus e do Patrimônio Cultural*<sup>82</sup>, visando a criação de padrões de informação para a gestão de bens culturais. Conforme aponta a publicação desenvolvida pelo projeto, a definição mais básica para standard<sup>83</sup> é "designação acordada mutuamente que ajuda a garantir um resultado consistente"<sup>84</sup> (Bower; Roberts, 2001, tradução nossa). No contexto museológico, "standards de informação são definições acordadas sobre as formas de informação e os procedimentos de documentação que seguimos ao salvar e utilizar as coleções"<sup>85</sup> (Roberts, 1992, p. 125).

Ressaltando os benefícios das normas como processo administrativo na gestão das coleções: "a aplicação de standards é uma técnica administrativa para lidar com a diversidade. Reduz as oportunidades de confusão e facilita a replicação de resultados"<sup>86</sup> (Martin, 1984 *apud* Sledge, 1988).

As normas oferecem um modelo que pode ser utilizado como base para criação de sistemas práticos e de diretrizes. Fornecem regras para a estruturação da informação de modo que os dados inseridos em um sistema possam ser lidos, indexados, classificados, recuperados e comunicados com segurança entre sistemas, proporcionando interoperabilidade (CIDOC, 1995).

De acordo com a *British Standards Institution* - BSI:

Uma norma pode ser definida, de forma mais sucinta, como maneira acordada, repetível, de se fazer algo. É um documento publicado que contém especificações técnicas ou outros critérios precisos destinados a serem utilizados de forma consistente como regra, diretriz ou definição. As normas ajudam a tornar a vida mais simples e a aumentar a confiabilidade e eficácia de muitos produtos e serviços que usamos. Normas são criadas através da experiência e conhecimentos de todas as partes interessadas [...] <sup>87</sup> (BSI, [2023], tradução nossa).

Os padrões de informação podem ser variáveis, partindo de normas mais rigorosas e específicas para orientações mais flexíveis, de acordo com as necessidades do acervo ou instituição. O relatório do *Grupo de Trabalho sobre Standards de Descrição*

<sup>82</sup> No original: *Developments in International Museum and Cultural Heritage Information Standards*.

<sup>83</sup> Utilizamos aqui para conceituar a normalização dos termos standards, padrões e normas. Na literatura pesquisada, quase toda em inglês, o termo standard é usado unanimemente para descrever a padronização de informações. A palavra já foi incorporada ao português e seu significado de acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009) é: padrão, tipo, modelo, norma.

<sup>84</sup> No original: "[...] *Mutually agreed-upon designation that helps to ensure a consistent result*" (Bower; Roberts, 2001).

<sup>85</sup> No original: "[...] *Museum information standards are agreed definitions of the form of museum information and the documentation procedures we follow when caring for and using collections*" (Roberts, 1992, p. 125).

<sup>86</sup> No original: "*Standardization is an administrative technique for coping with diversity. It reduces the opportunities for confusion and it facilitates the replication of results*" (Martin, 1984 *apud* Sledge, 1988).

<sup>87</sup> No original: "*Put at its simplest, a standard is an agreed, repeatable way of doing something. It is a published document that contains a technical specification or other precise criteria designed to be used consistently as a rule, guideline, or definition. Standards help to make life simpler and to increase the reliability and the effectiveness of many goods and services we use. Standards are created by bringing together the experience and expertise of all interested parties [...]*" (BSI, [2023]).

*Arquivística*<sup>88</sup> publicado na revista *American Archivist* (Walch et al., 1989) descreve três diferentes teores de normas que são também aplicados à documentação em museus como afirmam Bower e Roberts (2001):

- Normas técnicas: as mais rígidas e exigentes e, quando seguidas corretamente, permitem resultados idênticos;
- Convenções: mais flexíveis que as normas técnicas, permitem algumas variações locais e, quando seguidas corretamente, produzem resultados similares, mas não necessariamente idênticos;
- Orientações: fornecem um amplo conjunto de critérios de prática ou de serviços com os quais os produtos ou programas podem ser medidos.

Dentro destes três grandes grupos de standards, apontamos quatro tipos de padrões necessários para a gestão de bens culturais em museus de acordo com o projeto *Evolução nos Standards de Informação dos Museus e do Patrimônio Cultural* (Bower; Roberts, 2001). Apesar de cada tipo de padrão poder operar independentemente dos outros, raramente funcionam corretamente sem os restantes:

Padrões de sistemas de informação definem as funcionalidades básicas necessárias ao sistema de informação como um todo, os componentes deste sistema de informação: a catalogação e inventário, as questões relacionadas à conservação, a documentação associada, as questões administrativas do museu e das coleções, a gestão dos recursos existentes, entre outros pontos da gestão corrente de um museu. Este tipo de norma define os papéis de cada componente e suas inter-relações dentro do sistema geral (Walch et al., 1989).

Padrões de dados (*data standards*): definem a estrutura (campos), conteúdo e valores que englobam as informações sobre os acervos. Enquanto cada nível pode operar de forma independente dos outros, idealmente, a normalização deve progredir do geral – sistema de informação, para o particular – valor do dado. De acordo com Alexandre Matos (2007, p. 14) “são estas normas que permitem definir a forma como deve ser construído um sistema de informação sobre as coleções do ponto de vista da estrutura de dados e dos conteúdos que esta irá integrar”, e representam o que é fundamental na construção de um sistema de documentação normalizado dentro de uma instituição museológica.

Os standards de dados subdividem-se em três subcategorias importantes - estrutura, conteúdo e terminologia:

---

<sup>88</sup>No original: *Working Group on Standards for Archival Description*.

Estrutura de dados (*data structure*): definem quais elementos constituem um registro, um sistema de informação ou uma base de dados, como quais os diferentes campos deverão ser utilizados para registrar informação e a relação entre eles. Exemplos: Diretrizes internacionais de informação sobre objetos de museus (CIDOC-ICOM), CDWA (*Categories for the Description of Works of Art*);

Conteúdo (*data content*): fornecem as regras e convenções que regem o modo como os dados são inseridos em cada campo, incluindo regras de catalogação, e controle de sintaxe, pontuação, capitalização etc. Exemplo: CCO (*Cataloguing Cultural Objects*);

Valor (*data value*): fornecem os dados a serem inseridos nos campos, o vocabulário/terminologia aceitável para preenchimento de determinado dado– vocabulário controlado – termos, nomes, códigos alfanuméricos, etc. Esses standards incluem as listas de termos autorizados e os tesouros. Exemplos: AAT (*Art & Architecture Thesaurus*), *Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa*<sup>89</sup> (Panisset, 2017, p. 206, grifo nosso).

É importante destacar que, para esta pesquisa, os standards de valor são os mais relevantes, pois orientam a terminologia correta para a nomeação dos dados inseridos. O glossário proposto pretende funcionar, em certa medida, como uma lista de termos autorizados para a descrição das alterações em bens culturais, oferecendo a conceituação e desambiguação dos termos.

Padrões processuais<sup>90</sup> (ou “de procedimentos” (Matos, 2014)): definem o escopo dos procedimentos (funções práticas), necessários para gerir as operações de forma eficaz, para que a informação seja precisa e facilite cada vez mais as tarefas do museu. Neste tipo de normas são definidos procedimentos adotados para o empréstimo de objetos, verificação do estado de conservação, aquisição de objetos nos acervos, citando somente alguns exemplos que possibilitam agilizar e sistematizar a gestão do acervo (Matos, 2007, p. 15). Exemplo: SPECTRUM<sup>91</sup>.

Segundo Matos (2011), o SPECTRUM é a principal e exemplar referência de norma internacional de procedimentos, relacionada à definição dos processos de documentação e gestão das coleções museológicas. A norma funciona como um guia de boas práticas para a gestão de acervos museológicos e foi desenvolvida em parceria com a comunidade museológica internacional. O standard contém procedimentos para gerenciar objetos e os

---

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://tesauroonline.museus.ul.pt/>>. Acesso em 17 mar. 2024.

<sup>90</sup> Apesar de nosso foco ser nas normas de dados, trataremos também das normas processuais para o trabalho de diagnóstico do estado de conservação dos bens culturais mais a frente deste capítulo. Como exemplo trazemos o “Procedimento de verificação e avaliação técnica do estado de conservação” que consta como um dos procedimentos principais para a gestão de coleções, e que converge com a pesquisa que realizamos: “A documentação e gerenciamento de informações sobre a composição e estado de conservação de um objeto, e recomendações para seu uso, tratamento e meio ambiente envolvente” (SPECTRUM, 2014).

<sup>91</sup> SPECTRUM é um acrônimo para “*Standard ProcEdures for CollecTions Recording Used in Museums*” – “Procedimentos Padrão para o Registro de Coleções Utilizado em Museus”.

processos a que são submetidos, bem como identifica e descreve as informações que precisam ser registradas para dar suporte a estes procedimentos. O documento foca nos procedimentos de gestão de acervos e nos requisitos ou tipos de informação que devem ser utilizados em cada um desses procedimentos (Panisset, 2017).

Padrões de intercâmbio de informação: definem a estrutura técnica para a troca de informações, seja entre sistemas em uma única instituição ou entre sistemas em várias instituições. “É este tipo de normas que permite, como acontece já há alguns anos nas bibliotecas, por exemplo, fazer com que dois ou mais sistemas de informação possam comunicar entre si, com as vantagens que daí resultam” (Matos, 2007, p. 16). Exemplo: CIDOC CRM - *Conceptual Reference Module*.

Ressaltamos que, em nossa revisão bibliográfica sobre a importância da normalização na documentação de museus, encontramos uma ênfase considerável na estruturação de dados. Entretanto, no que se refere às informações de conservação e sua terminologia, identificamos uma lacuna. Apenas em normas europeias, algumas ainda em desenvolvimento, encontramos uma abordagem para esses conceitos — as quais abordaremos mais adiante.

No desenvolvimento de projetos de documentação convergem estes diferentes tipos de padrões listados acima, que são aplicadas no registro, representação da informação e interoperabilidade de dados. No entanto, cada uma, isoladamente, não garante a consistência da informação, ou seja, cada uma destas normas raramente funciona corretamente sem as restantes (Panisset, 2017). Esses padrões funcionam assim de forma integrada, decorrendo o fato de que um sistema de gestão de coleções fica inevitavelmente incompleto se não for “compatível, ou se não permitir utilizar as normas de referência para cada uma destas categorias” (Matos, 2013). Por essa razão, detalhamos os padrões essenciais para a documentação em museus, embora nossa principal ênfase esteja na documentação dos processos de conservação.

Para ilustrar a interoperabilidade dos diferentes tipos de normas, citamos o exemplo de Alexandre Matos:

Não é possível implementar uma norma de procedimentos num museu, sem que exista um sistema de gestão de coleções que esteja de acordo com uma estrutura de dados pré-definida em norma ou sem a existência de tesouros [vocabulários] que permitam maior compreensão dos dados introduzidos e resultados mais eficientes nas pesquisas de informação. Ou melhor, possível é, mas a curto prazo será visível que todo o trabalho se torna uma gigantesca teia onde poucos conseguem apreender qualquer tipo de conhecimento (Matos, 2010, p. 30).



De acordo com o artigo quarto do documento *Declaração de princípios da documentação de museus*<sup>92</sup> produzido pelo CIDOC com a finalidade de orientar as intuições museológicas no desenvolvimento de suas políticas de gestão de documentação e acervo – em conformidade com o *Código de Ética para Museus* do ICOM (2006)<sup>93</sup>:

4. O sistema de documentação e as informações nele contidas devem estar em conformidade com os padrões adequados desenvolvidos por organizações nacionais e internacionais, levando em consideração as necessidades locais (artigo 2.20 do Código)<sup>94</sup> (CIDOC, 2012, p. 1, tradução nossa).

A fim de possibilitar uma comunicação eficiente, é importante que exista, dentro do possível, uma padronização internacional. Uma das tarefas da documentação em museus é identificar padrões apropriados existentes e incentivar sua adoção. O uso desses padrões internacionais existentes e o desenvolvimento de standards nacionais suplementares é importante por vários motivos:

- criar bases de dados compatíveis e consistentes dentro do sistema de inventário;
- permitir uma eficiente recuperação de informações;
- facilitar o intercâmbio de informação;
- permitir a utilização da informatização, necessária para o gerenciamento de grande quantidade de dados e estruturas complexas;
- permitir uma gestão a longo prazo e assegurar uma migração de dados sem risco, na medida em que as tecnologias evoluem e novos sistemas de informação substituem os antigos;
- até mesmo economizar tempo, aproveitando a experiência dos outros<sup>95</sup> (Council of Europe, 2009, p. 53-54, tradução nossa).

A existência de sistemas de informação e gestão de coleções sem uma normalização eficaz não é possível, principalmente diante dos desafios de gerir toda a informação e diante da dimensão atual de seu crescimento constante, sem colocar em causa a missão a que se compromete o museu, de “adquirir, conservar, investigar,

<sup>92</sup>No original: *Statement of principles of museum documentation*.

<sup>93</sup>O Código de Ética Profissional do ICOM foi adotado pela 15ª Assembleia Geral do ICOM em 1986. Foi modificado pela 20ª Assembleia Geral em 2001. Em 2004 foi renomeado como Código de Ética do ICOM para Museus, sendo revisado pela 21ª Assembleia Geral. A versão que consta no documento do CIDOC é de 2006 e atualmente a versão vigente é de 2017 (ICOM, 2017), que nesse momento passa por revisão. Em português temos a versão traduzida, publicada em 2009 pelo Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM-BR, 2009).

<sup>94</sup>No original: “4. The documentation system and the information it holds should conform to appropriate standards developed by national and international organisations, while taking account of local needs (Code 2.20)” (CIDOC, 2012, p. 1).

<sup>95</sup>No original: “Consideration of the existing international standards and the development of additional national standards are important for several reasons, not least the desirability of saving time by taking advantage of the experience of others: to create compatible and consistent databases within the inventory system; to enable efficient information retrieval; to facilitate information exchange; to enable the use of computer supported technologies, which are required to manage large quantities of data and complex data structures; to provide long-term management and ensure the risk-free migration of data as technologies evolve and new systems replace old ones” (COUNCIL, 2009, p. 53-54).

comunicar e expor o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite” (Matos, 2013).

É assim que entendemos o papel da [normalização] na documentação em museus: um elemento essencial. Um elemento que é transversal a todo o processo de documentação, com o qual o museu e os seus profissionais devem assumir um compromisso semelhante ao assumido, respectivamente, com a sua missão e código deontológico. Um elemento que deve complementar a missão e política de gestão de coleções, desde a sua definição, passando pela sua aplicação prática através de um plano de documentação que calendarize, estabeleça objetivos e preveja as ferramentas necessárias, até, finalmente, ao processo de avaliação da documentação e gestão das coleções de cada museu. Um elemento cuja ausência acarreta consequências negativas, a nível interno e externo, para o museu, para as coleções e, acima de tudo, para o seu público (Matos, 2013, p. 3).

Sendo assim, as instituições museológicas devem adotar protocolos de documentação que lhes permitam gerir a informação existente sobre as coleções e disponibilizar essa informação para a finalidade de seus públicos.

É importante registrar que a discussão sobre as normas é assunto recorrente nas conferências, congressos e grupos internacionais onde têm sido analisados os processos de adaptação de diversas normas já desenvolvidas para projetos de documentação e conservação de acervos, tanto a partir de abordagem conceitual e técnica, quanto no estudo de casos sobre a interconexão entre as várias normas e as vantagens comparativas de cada uma. A definição de um modelo de dados e modelos processuais precisos é algo que ainda não foi realizado no Brasil. Não há documentos normativos que permitam às instituições museológicas terem uma base de trabalho para a construção de um sistema de informação para a gestão de acervos (Panisset, 2017).

O desenvolvimento de normas para qualquer setor deve considerar seu papel fundamental como instrumento de aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, requerendo uma cultura de avaliação constante, baseada em resultados para melhorar a qualidade das práticas de gestão de acervos.

Em tempo, a acumulação de registros consistentemente documentados e normalizados, em vários repositórios, aumentará o acesso ao conteúdo, maximizando os resultados da pesquisa. Enfim, a documentação uniforme promoverá o desenvolvimento de um conjunto de informações sobre o patrimônio cultural que irão melhorar a pesquisa e o ensino nas artes e humanidades (Baca et al., 2006).

Na abordagem terminológica, segundo Felber (1984, p. 15), a exigência de que um conceito não deve ser representado por vários termos pode ser atendida pela padronização. A padronização da terminologia tem o propósito de unificar conceitos e sistemas de conceitos, definir conceitos, reduzir a homonímia, eliminar a sinonímia e criar, se necessário, novos termos alinhados aos princípios terminológicos. As normas

terminológicas são disseminadas, e sua aplicação é recomendada por uma determinada organização de normas. Para harmonizar o trabalho terminológico, tornaram-se necessárias diretrizes unificadas. Dessa forma, existem dois tipos de padronização da terminologia: (1) padronização dos princípios terminológicos e dos métodos para a terminografia; (2) padronização de vocabulários (normas terminológicas).

#### 1.2.2.1. Standards de conteúdo e valor de dados

Para que a documentação seja sistematizada, é aconselhável, na medida do possível, utilizar vocabulário controlado e o mesmo sistema de descrição para objetos e itens similares, além da correta denominação das alterações para diagnóstico e registro do estado de conservação dos objetos, dentro de um determinado acervo. Para o registro de diagnóstico e procedimentos de conservação é de particular importância o desenvolvimento de uma terminologia. Os vocabulários controlados possibilitam a organização e recuperação da informação, reunindo termos variantes e sinônimos em conceitos. Eles formam uma rede de conceitos agrupados, organizados de maneira lógica ou classificados em categorias (Jorge *et al.*, 2017).

A gestão do patrimônio cultural gera desafios especiais na organização, registro, pesquisa e disponibilização de informações. Estes desafios incluem vários níveis de descrição e de tipos de dados que obrigam diferenciar especificidades, ambiguidades e incertezas. Os objetos são na maioria das vezes únicos, singulares, apresentando informações nem sempre diretas e frequentemente a partir de fatos não conhecidos. Portanto, a gestão convive simultaneamente com a necessidade de expressar essa incerteza e a responsabilidade de registrar a partir de regras próprias e terminologia controlada para assegurar eficientemente a pesquisa e recuperação (Panisset, 2017).

Esses padrões de dados e vocabulários controlados consideram a natureza singular da informação cultural, caracterizada por opiniões contraditórias, interpretações diferentes e informações que devem ser expressas com nuances e indicações de ambiguidade e incerteza (Harpring, 2016, p.25).

A normalização de conteúdo e valor de dados se caracteriza como uma classificação que controla uma categoria de dados para que a informação registrada seja precisa, consistente e confiável, de acordo com as necessidades do acervo estudado. Dependendo da categoria de dados, esse tipo de padrão pode envolver:

- Regras de sintaxe que definem a forma com que a informação no campo é estruturada. O controle de sintaxe padroniza o formato ou a ordem em que os termos são registrados, significando que devem ser criteriosamente registrados dentro do formato padronizado. Um exemplo de controle de sintaxe é a ordem e forma de entrada de datas

(dd-mm-aaaa)<sup>96</sup>. Deve-se adotar também uma aproximação criteriosa na maneira de separação das entradas – como vírgula, ponto final, etc. As regras de sintaxe devem ser adotadas para se assegurar a indexação e recuperação de dados precisas.

- Regras de terminologia – vocabulário controlado, define os termos que são aceitos em determinado campo. Trata-se de uma organização de palavras e frases utilizadas para indexar e/ou recuperar conteúdos informativos. O controle de vocabulário padroniza os termos utilizados para registrar os objetos e suas qualidades em termos de alterações, material, técnicas, etc. O registro se torna mais fácil e confiável ao utilizar o mesmo termo para descrever conceitos que pertencem a uma mesma definição geral (Panisset, 2017, p. 214).

Quando se trata da padronização de terminologia específica para a documentação e conservação de bens culturais, constatamos algumas iniciativas a nível internacional, principalmente na Europa. Essas iniciativas serão abordadas com mais detalhes na próxima seção, porém é importante listarmos algumas neste momento.

O *Comité Técnico sobre a Conservação do Patrimônio Cultural*, CEN TC 346, parte do *Comitê Europeu de Normalização (CEN)*<sup>97</sup>, foi criado diante da necessidade de implementação de uma padronização europeia específica no âmbito do Patrimônio Cultural afim de estabelecer uma abordagem científica unificada aos desafios relacionados à conservação. De acordo com o documento:

Essa padronização possibilitará a harmonização e unificação de metodologias e procedimentos, além de auxiliar os profissionais de conservação em suas atividades de conservação e restauração. Ao mesmo tempo, permitirá que especialistas europeus compartilhem informações sobre métodos de teste e análise no campo do Patrimônio Cultural. Isso inclui a caracterização de materiais, processos, práticas, metodologias e documentação da conservação de patrimônio cultural tangível, visando apoiar sua preservação, proteção e manutenção, bem como aumentar sua importância. Essa caracterização engloba também os processos de deterioração, condições ambientais e os produtos e tecnologias utilizados para o planejamento e execução da conservação, restauração, reparo e manutenção<sup>98</sup> (Fassina, 2012, grifo nosso).

Entre os diversos documentos já aprovados, destaca-se a norma EN 15898 – *Conservation of cultural property - Main general terms and definitions*, que tem o propósito

---

<sup>96</sup> Formato: dia (com dois dígitos), mês (com dois dígitos) e ano (com quatro dígitos), separados por hífen. Ex.: 25-02-2011.

<sup>97</sup> No original: *European Technical Committee - CEN TC 346 - Conservation of Cultural Heritage*

<sup>98</sup>No original: “A specific European standardisation activity in the field of CH is essential to acquire a common unified scientific approach to the problems relevant to the Preservation/Conservation of CH. Standardization will permit to harmonise and unify methodologies and procedures. Standardization will help conservation professionals in their restoration and conservation work, ensuring at the same time the possibility for European experts to exchange information on test and analyses methods on CH. Characterisation of materials, the processes, practice, methodologies and documentation of conservation of tangible cultural heritage to support its preservation, protection and maintenance and to enhance its significance. This includes the characterisation of the deterioration processes and environmental conditions and the products and technologies used for the planning and execution of conservation, restoration, repair and maintenance” (Fassina, 2012).

de definir “os principais termos gerais utilizados no campo da conservação de bens culturais, com especial atenção para aqueles termos que têm amplo uso ou significância”. Este apresenta os conceitos de patrimônio cultural, assim como termos sobre o estado de conservação; termos sobre conservação; termos sobre conservação preventiva; termos sobre conservação curativa e restauração; e termos sobre planejamento, diagnóstico e documentação.

A *International Organization for Standardization (ISO)*<sup>99</sup>, importante instituição internacional dedicada às normalizações técnicas em geral, no seu Comitê Técnico 37, estabelece algumas diretrizes para a elaboração de glossários e dicionários terminológicos de modo a assegurar padrões mínimos de qualidade. As normas ISO 704 - *Terminology work: Principles and methods*, e ISO 10241 - *Terminological entries in standards*, funcionam, assim, como orientações para implementação de bases de dados terminológicas. Estas normas são utilizadas aqui como parte da metodologia para elaboração do Glossário e da base de dados terminológica que propomos como produto desta dissertação. Trataremos delas com maior profundidade no capítulo 2.

Nos últimos anos, a Getty Foundation, por meio de seu *Research Institute*, tem enriquecido de maneira notável<sup>100</sup> o campo de trabalho com seu programa *Getty Vocabularies* (GRI, [2023c]). O programa possui uma série de ferramentas de normalização de vocabulário, a principal é o *Art & Architecture Thesaurus* (AAT) (GRI, [2023b]). Em conformidade com padrões internacionais do desenvolvimento de tesouros, estes vocabulários estruturados fornecem informações de autoridade para catalogadores, pesquisadores e provedores de dados. Os vocabulários crescem através de contribuições das instituições e são disponibilizados gratuitamente para licença ou consulta na Internet. É importante mencionar que seguindo o exemplo do *Getty Research Institute*, almejamos que a ferramenta Glossário-piloto, esteja aberta a colaborações de profissionais e instituições, tema que iremos desenvolver no capítulo 3.

A *Canadian Heritage Information Network* (CHIN) é também uma instituição bastante ativa na área, com grandes contribuições no desenvolvimento de normas para

---

<sup>99</sup> A ISO é uma organização independente e não-governamental, composta por organismos representantes de 161 países. Os membros desta rede são os principais organismos que trabalham os Standards em cada nação e a representação é feita por uma única entidade por cada país. A título de exemplo, referimos que Portugal é representado pelo IPQ - Instituto Português de Qualidade, o Brasil pela ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, enquanto os Estados Unidos são representados pelo ANSI - American National Standards Institute (Cf. <https://www.iso.org/about-us.html>).

<sup>100</sup> “Da mesma forma que o CIDOC a sua preocupação é global, demonstrando interesse por questões de estrutura de dados, de procedimentos de documentação ou pela terminologia a usar para descrever e classificar o património cultural. Ao longo da sua história [o *Getty Research Institute*] desenvolveu por si e participou no desenvolvimento de projetos verdadeiramente transformadores do setor. Destacamos entre os seus mais relevantes contributos: a criação de thesauri e a criação da norma *Categories for the Description of Works of Art* (CDWA)” (Matos, 2012, p. 49).

documentação do patrimônio do Canadá, e em empreendimentos internacionais. A CHIN elaborou terminologias com distintos vocabulários estruturados e seguiu boas práticas de documentação já validados por outras instituições. Em 1992 criou o *Standards for the use of the Material, Technique and related fields* na base *Canadian Heritage Information Network* a partir de uma pesquisa para desenvolver diretrizes para informação sobre técnicas e materiais utilizados para descrever cada objeto (CHIN, [2024]).

A partir do *Art & Architecture Thesaurus*, a CHIN criou em 1994 a *Discipline Authority List proposed for the Humanities* para melhor controlar a informação implantada no sistema sobre as disciplinas relacionadas com cada objeto estudado e catalogado (MATOS, 2012). Hoje em dia está disponível para consulta no site da CHIN o ‘*The Canadian Heritage Information Network's Data Dictionaries for the Humanities and Natural Sciences*’ (CHIN, [2023]) com ferramentas de referência para o gerenciamento de informações de coleções de instituições museológicas. De acordo com a definição fornecida pela CHIN:

Um dicionário de dados define todas as categorias ou tipos de informações em um banco de dados. Os dicionários de dados CHIN não são uma estrutura de dados para uso em um sistema de gerenciamento de coleções, mas podem ser usados como base para tal estrutura. Eles podem ser usados por uma ampla gama de instituições museológicas para ajudá-los a identificar suas necessidades de informação e padronizar sua documentação.

Os dicionários de dados CHIN são usados:

[...] Como diretrizes para instituições que estão desenvolvendo ou modificando um sistema de gestão de coleções;

Para promover o registro consistente de informação por catalogadores, ou para fornecer estratégias de pesquisa aos usuários de bancos de dados de coleções<sup>101</sup> (CHIN, [2023], tradução nossa).

Os recursos supracitados foram de extrema importância na estruturação de árvores de domínio, especialmente no que diz respeito às terminologias de tipologias de objetos e materiais.

No Brasil não encontramos nenhuma iniciativa parecida. A única publicação do gênero, elaborada para suprir a ausência de uma terminologia controlada e de um sistema

---

<sup>101</sup>No original: “A data dictionary defines all the categories or types of information in a database. The CHIN Data Dictionaries are not a data structure for use in a collections management system, but they can be used as the basis for such a structure. They can be used by a wide range of museums to help them to identify their institution's information needs and standardize their documentation. The CHIN Data Dictionaries are used: as the standard for Canadian institutions that contribute collections data to CHIN's *Artefacts Canada*; as guidelines for institutions which are developing or modifying a collections management system; to promote the consistent recording of information by cataloguers, or to provide users of collections databases with search strategies” (CHIN, [2023]).

de classificação de objetos do patrimônio cultural museológico<sup>102</sup>, é o *Thesaurus para acervos museológicos* (Ferrez; Bianchini, 1987), desenvolvido em 1987 para uso no Museu Histórico Nacional e publicado em parceria com o Ministério da Cultura. O tesouro é ainda hoje utilizado na maioria das instituições brasileiras, mas é de comum acordo, inclusive entre as autoras, que um tesouro deve ser um instrumento dinâmico, e iniciativas de revisão e atualização precisam ser feitas periodicamente para possibilitar um constante aperfeiçoamento, assim como em todos os sistemas de documentação. Em maio de 2016 foi lançado pela Gerência de Museus da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro o *Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros* (Ferrez, 2016) em formato digital, edição revista e ampliada do anterior *Thesaurus para acervos museológicos* (Panisset, 2017). É importante sublinhar que o tesouro possui somente classificação e designação dos objetos, não contendo informações sobre materiais e técnicas, alterações e outros termos que necessitam de normalização.

### 1.3. Documentação: avaliação/diagnóstico de estado de conservação

#### 3.6.6.

#### **diagnóstico**

processo de identificação da condição atual de um objeto e determinação da natureza e causas de qualquer mudança, assim como as conclusões tiradas

NOTA O diagnóstico é baseado em observação, investigação, análise histórica, etc.<sup>103</sup> (CEN, 2012, p.15, tradução nossa).

Após reconhecer a importância da documentação e a necessidade de sua normalização para a gestão e preservação dos acervos, constatamos que as atividades de conservação avançam com a análise e avaliação<sup>104</sup> do estado material de conservação de cada objeto. Esses dados, como mencionado anteriormente, costumam e devem estar incluídos nos campos de informação fornecidos por catálogos e inventários, especialmente com o uso de sistemas informatizados de gestão de acervos. Isso contribui para o conhecimento e o registro completo do bem cultural e de todos os processos ou eventos pelos quais passou.

---

<sup>102</sup> Citamos outros tesouros sobre o patrimônio cultural em português, mas que não se relacionam com nossa pesquisa: Tesouro de Cultura Popular do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa coordenado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Brasil, e pelo Museu de Ciências da Universidade de Lisboa (MCUL); e Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil do Museu Nacional dos Povos Indígenas.

<sup>103</sup>No original: “*Diagnosis. process of identifying the present condition of an object and determining the nature and causes of any change, as well as the conclusions drawn. NOTE diagnosis is based on observation, investigation, historical analysis, etc.*” (CEN, 2012, p. 15).<sup>103</sup>

<sup>104</sup>A palavra mais utilizada em inglês é *assessment* (avaliação) – *condition assessment and condition report*.

Como aponta Gonzáles-Varas (2003, p. 73): “partimos de não nos esquecermos de algo óbvio: que os objetos artísticos ou os bens culturais são dotados de uma consistência material suscetível a deterioração ou degradação”<sup>105</sup> (tradução nossa). Ou seja, todos os materiais que integram qualquer objeto/bem cultural são propensos ao desgaste progressivo ao longo do tempo. Esse desgaste pode ser natural, provocado pelo curso normal do tempo e pelo conseqüente envelhecimento do objeto, mas também pode ser provocado por fatores de diversas naturezas que aceleram a deterioração ou degradação dos acervos.

As causas destas alterações podem ser de vários tipos, segundo seus agentes, e podem ser divididas em duas categorias principais: intrínsecas – causadas pela própria constituição dos materiais componentes do objeto e as extrínsecas – decorrentes da ação dos agentes de degradação e deterioração, cada qual com outras subcategorias. Abaixo, na figura 4, ilustramos esses agentes em um diagrama.

Figura 4. Diagrama dos agentes de degradação / deterioração



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>105</sup>No original: “Partimos de no olvidarnos de algo obvio: que los objetos artísticos o los bienes culturales están dotados de una consistencia material susceptible de deterioración o degradación” (GONZÁLES-VARAS, 2003, p. 73).



Já o gerenciamento de riscos considera a ação de dez agentes de deterioração: forças físicas; criminosos; fogo; água; pragas; poluentes; luz / UV/ IV; temperatura incorreta; umidade relativa incorreta; e dissociação<sup>106</sup>.

Segundo Almela e Fernández (2018) os processos naturais de envelhecimento e deterioração dos materiais são inerentes às obras de arte e são processos contínuos e irreparáveis. Os materiais constituintes dos objetos passam por um envelhecimento natural diretamente relacionado à sua composição, à técnica utilizada na sua criação e ao ambiente. Portanto, é necessário estar familiarizado com as alterações que os objetos podem sofrer para reconhecê-las e associá-las à sua causa, ao agente de deterioração/degradação e ao ambiente que favorece sua presença. O estudo e diagnóstico das alterações são essenciais para realizar o tratamento correto de conservação do objeto.

Portanto, para alcançar o objetivo de preservação dos bens culturais é essencial que as instituições e profissionais compreendam a natureza do acervo e os potenciais riscos a que ele pode estar exposto, tendo um conhecimento detalhado do acervo sob sua guarda, de seu valor e uso. “Preservar a integridade física pressupõe conhecer a materialidade do objeto. A compreensão da matéria física cumpre papel fundamental não apenas para a subsistência do objeto cultural, mas também para o desenvolvimento científico do campo disciplinar” (Xavier; Hannesch; Campos, 2023, p. 244). Além disso, é necessário o conhecimento dos agentes de degradação e deterioração e das alterações por eles causadas.

Um dos instrumentos disponíveis e necessários para a preservação dos acervos é a realização do diagnóstico/avaliação de estado de conservação, que pode orientar os procedimentos de preservação a curto, médio e longo prazo. A tarefa de diagnóstico dos bens culturais se concentra em estudar as alterações do estado de conservação destes bens, com observações das mudanças estéticas e estruturais, assim como os fatores de deterioração/degradação que prejudicam ou podem prejudicar a preservação dos objetos. Essa avaliação pode ser entendida como uma etapa da documentação.

De acordo com Gonzáles-Varas (2003), a investigação aplicada aos bens culturais tem quatro objetivos principais:

- a) caracterização do objeto, isto é, estudo de seus elementos constitutivos e de suas técnicas de execução através de um conjunto de estudos analíticos mais ou menos sofisticados;
- b) definição de seu estado de conservação e diagnóstico de suas possíveis alterações ou patologias;
- c) identificação dos fatores de deterioração e determinação da incidência

---

<sup>106</sup> A dissociação está relacionada à perda de coisas ou de informações sobre coisas; ela define os problemas que surgem quando as coisas se desconectam das informações que lhes dão significado (Waller, [2023]). A dissociação, diferente de outros agentes afeta as qualidades intangíveis de um bem cultural.

sobre o objeto dos distintos fatores de deterioração; d) orientação na escolha dos tratamentos, produtos ou operações de conservação indireta mais adequados sobre o ambiente e de conservação e/ou restauração direta sobre o objeto<sup>107</sup> (González-Varas, 2003, p. 88, tradução nossa, grifo nosso).

A norma SPECTRUM, apresentada em seção anterior deste capítulo, evidencia o “Procedimento de verificação e avaliação técnica do estado de conservação<sup>108</sup>” como um importante instrumento de gestão de acervos. Este instrumento tem por definição: “A documentação e gerenciamento de informações sobre a composição e estado de conservação de um objeto/documento, e recomendações para seu uso, tratamento e meio ambiente envolvente.” (Collections Trust, 2014, p. 58). A norma recomenda que a instituição possua uma política de preservação e documentação que inclua a verificação do estado de conservação dos objetos – contendo a periodicidade destas avaliações, os formatos, o vocabulário utilizado, os profissionais autorizados a realizar, entre outras coisas. Essa política pode ser um documento independente ou integrar uma política de gestão de coleções mais abrangente.

Verificamos, portanto, que a avaliação de estado de conservação, e sua documentação, são passos cruciais para a gestão dos bens de uma instituição museológica, e que, como já indicamos, fazem parte do código de ética dos museus e do conservador-restaurador em diversos países, inclusive no Brasil. Conforme apresentado nesses documentos, os indivíduos e organizações responsáveis pela conservação do patrimônio cultural tangível são obrigados a manter um registro de seu estado de conservação. Esse registro é uma ferramenta essencial na gestão do patrimônio cultural material.

Segundo o Código de Ética do Conservador-Restaurador (2013):

O papel fundamental do conservador-restaurador é a preservação dos bens culturais para benefício da atual geração e das gerações futuras. Para tal, esse profissional realiza diagnóstico, tratamentos de conservação e restauração dos bens culturais, a respectiva documentação de todos os procedimentos, além do estabelecimento de atividades referentes à conservação preventiva (ABER, 2013, p. 3, grifo nosso).

---

<sup>107</sup>No original: a) “*caracterización del objeto, esto es, estudio de sus elementos constitutivos y de sus técnicas de ejecución a través de un conjunto de estudios analíticos más o menos sofisticados*; b) *definición de su estado de conservación y diagnóstico de sus posibles alteraciones o patologías*; c) *identificación de los factores de deterioro y determinación de la incidencia sobre el objeto de los distintos factores de deterioro*; d) *orientación en la elección de los tratamientos, productos u operaciones de conservación indirecta más adecuados sobre el ambiente y de conservación y/o restauración directa sobre el objeto*” (González-Varas, 2003, p. 88).

<sup>108</sup>No original: *Condition checking and technical assessment*.

Ainda, seguindo a análise dos documentos normativos e códigos de ética em relação ao diagnóstico e sua documentação, o documento *Professional Guidelines da European Confederation of Conservator-Restorers' Organisations* (ECCO) indica que:

o conservador-restaurador assume a responsabilidade por, e realiza, o planejamento estratégico; exame diagnóstico; elaboração de planos de conservação e propostas de tratamento; conservação preventiva; tratamentos de conservação-restauração e documentação de observações e quaisquer intervenções<sup>109</sup> (ECCO, 2002, p. 1, tradução nossa, grifo nosso).

Em relação à definição do exame de diagnóstico o documento elaborado pela ECCO enuncia:

Consiste na identificação, determinação da composição e avaliação do estado de conservação do bem cultural; a identificação, natureza e gravidade das alterações; a avaliação das causas de deterioração e a determinação do tipo e dimensão do tratamento necessário<sup>110</sup> (ECCO, 2002, p. 1, tradução nossa, grifo nosso).

De acordo com Clara Mosciaro (2009) na obra *Diagnóstico de Conservação em Coleções Fotográficas*:

O diagnóstico de conservação de um acervo tem papel fundamental no planejamento de qualquer ação de preservação que envolva este acervo em particular ou todo o conjunto em geral. Informará também um eventual programa de avaliação e gerenciamento de risco que porventura a instituição pretenda desenvolver, expondo a natureza dos materiais, a quantidade e os formatos existentes, sua atual forma de acondicionamento, bem como os danos presentes e sua provável causa (Mosciaro, 2009, p. 6).

A aplicação do diagnóstico, e seu registro, facilita a identificação de problemas físicos e organizacionais que podem comprometer os acervos. Com esse instrumento, é possível avaliar o estado do acervo, levando em consideração tanto o macroambiente quanto o microambiente da instituição, com o objetivo de encontrar soluções adequadas para os diversos problemas que ameaçam os bens culturais.

De acordo com Zehnder (2000, p. 10) “particularmente nesta fase [de diagnóstico], a observação é a chave para a compreensão!”<sup>111</sup> (tradução nossa). A documentação do diagnóstico serve então como um meio para coletar, organizar e disseminar as observações feitas e as informações relacionadas. Ao mesmo tempo, a documentação,

---

<sup>109</sup>No original: “The conservator-restorer undertakes responsibility for, and carries out strategic planning; diagnostic examination; the drawing up of conservation plans and treatment proposals; preventive conservation; conservation-restoration treatments and documentation of observations and any interventions” (ECCO, 2002, p. 1).

<sup>110</sup>No original: “Diagnostic examination consists of the identification, the determination of the composition and the assessment of the condition of cultural heritage; the identification, nature and extent of alterations; the evaluation of the causes of deterioration and the determination of the type and extent of treatment needed” (ECCO, 2002, p. 1).

<sup>111</sup>No original: “Particularly at this stage, observation is the key to understanding!” (Zehnder, 2000, p.10).

como processo, é fundamental para uma observação precisa, pois nos obriga a reproduzir nossas descobertas, aquilo que observamos e pensamos, permitindo-nos refletir e compreender plenamente.

Conforme destacado por Moore na citação abaixo, a avaliação do estado de conservação em uma instituição museológica não é realizada apenas por conservadores-restauradores. Por ser um processo fundamental para a gestão e preservação de acervos, ela também é realizada por museólogos, documentalistas, gestores de acervo, curadores, couriers, entre outros profissionais. No entanto, é importante ressaltar que o diagnóstico mais aprofundado deve ser sempre conduzido por um conservador-restaurador qualificado.

Nem todas as atividades de conservação são realizadas por conservadores treinados dentro de uma instituição, sendo ela pública ou privada. Existem muitos outros profissionais de museus e não profissionais que podem ser encontrados realizando algumas das atividades envolvidas na conservação, como levantamentos de estado de conservação e até mesmo tratamentos. Voluntários, estudantes, gestores de coleções, documentalistas e curadores executam trabalhos para os quais os conservadores são treinados. Muitas vezes, como parte de programas de treinamento em museus, a conservação faz parte do currículo, geralmente na forma de conservação preventiva, embora os alunos do programa possam ser treinados para documentar danos e deterioração, bem como as causas por trás disso<sup>112</sup> (Moore, 2001, p. 17, tradução nossa).

A diferença entre as avaliações e registros de estado de conservação realizados pelos conservadores-restauradores e aqueles feitos para a gestão de acervos é que os primeiros não apenas documentam a condição do objeto, mas também fornecem informações mais detalhadas sobre sua materialidade. Essas informações são essenciais para orientar a escolha de tratamentos, produtos e intervenções de conservação adequadas.

### 1.3.1. Relatórios de estado de conservação

#### 3.1

#### **relatório de estado de conservação**

registro do estado de conservação para um propósito específico, datado e assinado  
 NOTA Um relatório de estado de conservação normalmente resulta de uma inspeção do estado de conservação

#### 3.2

#### **inspeção do estado de conservação**

---

<sup>112</sup> No original: “Not all conservation activities are conducted by trained conservators within an institution, public or private. There are many other museum professionals and non-professionals who can be found doing some of the activities involved in conservation such as conservation surveys and even treatments. Volunteers, students, collections managers, registrars and curators can be found doing work that conservators are trained to do. Often as part of other museum training programs conservation is part of the curriculum, usually in the form of preventive conservation although the students in the program may be trained to document damage and deterioration as well as the causes behind it” (Moore, 2001, p. 17).

inspeção para avaliar o estado de conservação<sup>113</sup> (CEN, 2012, p. 5, tradução nossa).

“A etapa mais importante no processo de conservação é documentar a condição atual do objeto; esta também é a situação mais frequentemente documentada” (Moore, 2001, p. 1)<sup>114</sup>. Existem diferentes circunstâncias nas quais o registro do estado de conservação é realizado. Esse registro geralmente culmina em um relatório de estado de conservação, cuja profundidade e abrangência podem variar dependendo de seu propósito, contexto ou autor.

O relatório ou laudo de estado de conservação<sup>115</sup> – mencionados aqui por nós como REC, é o registro documental do diagnóstico e/ou avaliação do estado de conservação e atuam como ferramentas essenciais para a conservação preventiva, integrando a documentação de verificação e avaliação técnica do estado de conservação. Os relatórios são como uma “ficha de saúde” (CCQ, 2016) que descrevem o estado físico de cada objeto desde a sua entrada no acervo, registrando a evolução de suas alterações ao longo dos anos. Os RECs são uma parte vital das operações diárias na gestão de acervos museais e são parte integrante da documentação de objetos e acervos de patrimônio cultural. Eles também colaboram para aprofundar o conhecimento e a compreensão desse patrimônio.

A publicação *Museum Registration Methods* (Buck; Gilmore, 2010), importante e abrangente guia para registro e gestão de coleções de museus da *American Alliance of Museums*<sup>116</sup> define:

Um bom relatório de estado de conservação consiste em uma avaliação precisa e informativa do estado de conservação de um objeto/documento em um determinado momento [data específica] no tempo. Ele fornece uma descrição verbal e/ou visual da natureza, localização e extensão de cada dano, de forma clara e consistente (Demeroukas, 2010, p. 223, tradução nossa).<sup>117</sup>

Um relatório de estado de conservação deve documentar o histórico do estado de conservação de um objeto, fornecendo evidências do passado para detectar problemas futuros (Demeroukas, 2010).

---

<sup>113</sup>No original: “3.1. condition report / record of condition for a specific purpose, dated and authored / NOTE A condition report normally results from a condition survey. / 3.2 condition survey / inspection to assess condition” (CEN, 2012, p. 5)

<sup>114</sup>No original: “The most important step in the conservation process is to document the existing condition of the object; this is also the most frequently documented situation” (Moore, 2001, p. 1).

<sup>115</sup> Em inglês: *Condition report*.

<sup>116</sup>“A missão da *American Alliance of Museums* é “defender museus equitativos e impactantes, conectando pessoas, promovendo o aprendizado e a comunidade, e incentivando a excelência museológica. A AAM é a única organização [americana] que representa todo o campo dos museus, desde museus de arte e história até centros de ciências e zoológicos”. (AAM, [2024], tradução nossa).

<sup>117</sup>No original: “A good condition report is an accurate and informative account of an object’s state of preservation at a particular moment in time. It provides a verbal and/or visual description of the nature, location, and extent of each defect in a clear, consistent manner” (Demeroukas, 2010, p. 223).

Segundo o CCI – *Canadian Conservation Institute*, o relatório de estado de conservação é um registro manuscrito e/ou gerado e arquivado eletronicamente, que detalha a condição de um objeto com base em um exame minucioso. Quando usado com fotografias e ilustrações, o relatório registra claramente a condição física do objeto naquele determinado momento. Os relatórios de estado de conservação devem ser mantidos sistematicamente, documentando quaisquer alterações do objeto ao longo do tempo (CCI, 2019). O acompanhamento das mudanças ao longo do tempo ajuda a identificar potenciais ameaças para a coleção que precisam ser abordadas / corrigidas.

Como define o ICON, os relatórios de estado de conservação:

farão parte de relatórios preliminares/interinos/finais, ou podem ser encomendados como trabalhos distintos para descrever a condição de um item em um momento específico (mas sem fazer recomendações para tratamento), por exemplo, registrando a condição de um item antes de ser emprestado<sup>118</sup> (ICON, 2023, p. 1, tradução nossa, grifo nosso).

No decorrer da pesquisa encontramos termos diferentes que são usados em vários países e publicações especializadas para definir este instrumento de trabalho que denominamos aqui de relatório de estado de conservação (REC). Conforme aponta Teixeira (2020, p. 13):

No Brasil, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) se valem do Relatório do Estado de Conservação e adotam Ficha Técnica; ficha do estado de conservação da obra. Nos museus da França, os fundos documentais do *Centre de Recherche et Restauration des Musées de France*, nos Serviços de Restauração do Museu do Louvre, utilizam: *dossier d’atelier, dossier d’œuvre, dossier documentaire sur l’œuvre, rapport d’intervention, fiche de santé e constat d’état*. No Canadá, aceito pelo *Canadian Conservation Institute*, tem-se, em francês: *le constat d’état, le rapport d’examens périodiques et la fiche cumulative*; em inglês: *records of condition, the condition report, the Inspection report, condition survey, condition assessment, e the cumulative condition report e Conservation documentation*.

Comprovando a importância do instrumento REC, dentre as normas técnicas europeias voltadas para a preservação de bens culturais e elaboradas pelo Comitê Técnico CEN/TC 346 – *Conservation of cultural property*, mencionado previamente, encontramos a norma EN 16095:2012 – *Conservation of cultural property: condition recording for movable cultural heritage*<sup>119</sup>, que trata da relevância dos relatórios de estado de conservação e sua normalização e possui o seguinte escopo:

---

<sup>118</sup>No original: “will form part of preliminary/interim/final reports, or they may be commissioned as distinct pieces of work to describe the condition of an item at a particular point in time (but not making recommendations for treatment) e.g. recording the condition of an item prior to it going on loan” (ICON, 2023, p. 1).

<sup>119</sup>Conservação de bens culturais. Registro de estado de conservação para patrimônio cultural móvel (CEN, 2012).

Esta norma europeia estabelece o propósito e o contexto do registro de estado de conservação para o patrimônio cultural móvel e fornece uma estrutura para elaboração de um relatório de estado de conservação. Especifica o status de um relatório de estado de conservação e seu conteúdo essencial. Esta norma europeia se aplica a todos os tipos de patrimônio cultural móvel, sejam objetos individuais ou acervos inteiros. Também pode ser usada para bens integrados em edifícios ou monumentos<sup>120</sup> (CEN, 2012, p. 5, tradução nossa).

Atualmente, há uma diversidade de formatos de RECs em uso. A norma EN 16095 trata do conteúdo de um relatório de estado de conservação e não do formato em que deve ser produzido, seja em papel ou digital. Ela fornece um guia para a coleta de informações essenciais e relevantes de forma lógica e bem-organizada com o objetivo de auxiliar a elaboração destes relatórios.

Para consistência da documentação de registro de estado de conservação o relatório de estado de conservação deve ser realizado em diversos momentos, conforme o CCI (2018) indica:

- Aquisição: a primeira avaliação documentada permite ao gestor de coleções ou conservador determinar se o objeto, no momento da aquisição, está em bom, regular ou mau estado de conservação. Também é possível identificar se o objeto precisa de estabilização ou restauração. Esse diagnóstico inicial pode ainda apontar condições ou materiais que exigirão cuidados especializados durante o armazenamento ou exibição do objeto.
- Armazenamento: não é raro que a deterioração se acelere ou que alguma condição no local de armazenamento represente um risco (por exemplo, vazamentos de água). Inspeções regulares e a devida documentação garantirão a identificação de objetos em risco e a tomada de ações apropriadas, quando necessário.
- Exposição: um objeto selecionado para exibição deve ser avaliado para determinar sua estabilidade geral. O relatório de estado de conservação deve incluir, idealmente, detalhes importantes, como níveis recomendados de iluminação e quaisquer instruções especiais de manuseio e montagem. Além disso, objetos em exposição devem ser inspecionados regularmente.

---

<sup>120</sup>No original: “*This European Standard sets out the purpose and context of condition recording for movable cultural heritage and provides a framework for a condition report. It specifies the status of a condition report and its essential contents. This European Standard applies to all kinds of movable cultural heritage, whether individual objects or whole collections. It can also be used for immovable features in buildings or monuments*” (CEN, 2012, p. 5).

Qualquer alteração no estado de conservação deve ser observada, e uma ação apropriada deve ser determinada com base nessa mudança.

- Empréstimos: é necessário realizar o registro do estado de conservação antes, durante e após viagens e empréstimos. Esses relatórios, realizados tanto pelas instituições comodantes quanto pelas comodárias<sup>121</sup>, são essenciais para garantir a segurança do objeto pois documentam quaisquer condições preexistentes e quaisquer mudanças na condição ou novos danos ocorridos. São particularmente importantes pois ajudam a estabelecer a parte responsável por quaisquer danos futuros.
- Incidentes/danos: na ocorrência de algum incidente e/ou dano, ele deve ser imediatamente cuidadosamente documentado, indicando a natureza, causa, momento e local do incidente.
- Tratamentos: antes de iniciar qualquer tratamento de conservação ou restauração, deve se realizar um relatório que descreva claramente a condição, deterioração, danos e, se possível, a causa ou causas da deterioração ou degradação.
- Levantamento de acervo: o levantamento de um acervo inclui informações sobre aspectos do estado de conservação dos objetos, bem como detalhes sobre materiais e tipo(s) de construção, inscrições, etiquetas, constituição do suporte, requisitos especiais (por exemplo, níveis de luz e umidade) para armazenamento, exposição e manuseio, e recomendações para tratamento e cuidados contínuos. Quanto mais detalhadas e consistentes forem as informações compiladas no levantamento, mais valioso ele será para uma variedade de profissionais de museus.

Ou seja, em todas as etapas da gestão de acervos necessitamos do registro do estado de conservação de um objeto, fazendo com que esse recurso seja um dos mais importantes na documentação de um objeto musealizado.

Análises comparativas dos diversos relatórios de estado de conservação do objeto podem ser usadas para acompanhar a condição do bem cultural ao longo do tempo. Tal comparação auxilia na compreensão das razões para as mudanças e permite a tomada de decisões sobre os cuidados futuros. Relatórios de estado de conservação podem ajudar a

---

<sup>121</sup> Comodante é a pessoa ou instituição que empresta o objeto. Comodatário é a pessoa ou instituição que recebe o objeto.



avaliar também os efeitos de intervenções de conservação anteriores ou de mudanças de localização ou ambiente.

A avaliação do tipo, da extensão e da localização das alterações é crucial para compreensão tanto dos processos e causas da deterioração/degradação, quanto as necessidades de investigações específicas. “Do ponto de vista do monitoramento, esses tipos de investigações são indispensáveis, pois permitem a priorização de medidas interventivas<sup>122</sup>”. Quando um objeto significativo está em risco, uma maior urgência é atribuída à intervenção. A avaliação de risco também serve como diretriz para o investimento de recursos (Noll-Minor, 2019, p. 297, tradução nossa).

De acordo com a EN 16095, um relatório de estado de conservação tem validade permanente. Ele é, em princípio, arquivístico, e seus registros devem ser incorporados ao arquivo dos objetos ou acervos, bem como aos sistemas informatizados de gestão de acervos, quando disponíveis. Um REC possui valor histórico e pode fornecer evidências ao definir necessidades e prioridades de conservação. É importante também termos em mente que relatórios de estado de conservação assinados e datados podem ter validade para fins contratuais ou como evidência. Como documento de referência, o REC também pode ter valor legal contratual, desde que tenha sido acordado e assinado conjuntamente por ambas as partes – por exemplo, pelo proprietário/comodante e pelo comodatário de um objeto.

#### 1.3.1.1. Terminologia | Normalização para os RECs

Assim como toda documentação relativa à gestão de acervos, é fundamental estabelecer uma metodologia padronizada e sistemática para a elaboração e o preenchimento dos RECs. Dessa forma, os registros do estado de conservação podem ser facilmente interpretados e atualizados. É essencial também o uso de uma terminologia padronizada e consistente que descreva aspectos materiais do objeto e seu estado de conservação. Nas atividades institucionais relacionadas à conservação, constata-se como é importante a disponibilidade de dados confiáveis sobre o acervo, seja ele pequeno, médio ou grande.

Conforme apontado por Teixeira (2020), consideramos essencial desenvolver uma metodologia que reduza as lacunas, intencionais ou não. A diversidade de vocabulário, as falhas de conhecimento durante o preenchimento e a falta de clareza nos procedimentos

---

<sup>122</sup>No original: “Seen from the vantage point of monitoring, these types of investigations are indispensable, as they enable the prioritisation of interventive measures” (NOLL-MINOR, 2019, p. 297).

continuam sendo desafios persistentes, mesmo após 38 anos da criação do Código de Ética do ICOM.

O primeiro problema que se coloca na denominação da morfologia das alterações que determinam o estado de conservação de uma obra artística é a falta de acordo entre os diversos autores especializados. As propostas nomenclaturais, cada vez mais abundantes, possuem notáveis diferenças conceituais, que contribuem a complicar a tarefa de diagnóstico do restaurador e/ou investigador<sup>123</sup> (Bolívar Galiano, 1995, p. 34).

O domínio de um vocabulário específico e a prática na identificação dos processos, formatos e alterações são essenciais para evitar o desperdício de tempo e recursos em diagnósticos cujas informações apresentadas sejam vagas, incompletas ou excessivamente detalhadas. De acordo com Mosciaro (2009) o diagnóstico de conservação deve ser conduzido de maneira contínua, rápida e objetiva. Trata-se de uma ferramenta, não um fim em si mesmo. Como em qualquer atividade com um objetivo a ser alcançado, é necessário haver planejamento.

A elaboração do relatório de estado de conservação requer conhecimento dos materiais e uma certa experiência, os termos que descrevem os objetos e suas diferentes alterações são específicos de cada material. Além disso, como aponta Zehnder (2000, p. 10): "reconhecer os danos não é tão fácil quanto parece, uma vez que diferentes causas (e processos) podem levar a um aspecto visual semelhante"<sup>124</sup>. Segundo Ashley-Smith (1995) é desejável controlar a diversidade de termos para garantir uma sucessão de decisões consistentes em várias áreas, desde reivindicações de seguro, definição de parâmetros ambientais para exposições, até desenvolvimento de um plano estratégico de preservação, entre outras.

Barbara Applebaum (2010) enfatiza que “as palavras importam<sup>125</sup>”:

Uma terminologia clara e precisa no uso das palavras são aspectos importantes na prática de diagnóstico. Para comunicar observações e conclusões a outras pessoas e permitir a comparação com outros objetos, deve haver um acordo sobre o significado das palavras. [...] A clareza exige que as palavras que representam conclusões sejam escolhidas com

---

<sup>123</sup>No original: “*El primer problema que se plantea en la denominación de la morfología de las alteraciones que determinan el estado de conservación de una obra artística, es la falta de acuerdo entre los diversos autores especializados. Las propuestas nomenclaturales, cada vez más abundantes, poseen notables diferencias conceptuales, que contribuyen a complicar la tarea de diagnosis del restaurador y/o investigador*” (Bolívar Galiano, 1995, p. 34).

<sup>124</sup>No original: “*To recognize damage is not as easy as it seems, since different causes (and processes) may lead to a similar visual aspect*” (Zehnder, 2000, p. 10).

<sup>125</sup> Epígrafe desta dissertação.

cuidado, considerando explicitamente todas as suas implicações.<sup>126</sup> (APPELBAUM, 2010, p. 37-38, tradução nossa).

Pursche (2000) confirma a existência de confusão terminológica na área da Conservação, como já mencionado anteriormente:

Infelizmente, no campo da conservação-restauração, ainda existe uma confusão quase babilônica. Cada conservador ainda utiliza praticamente uma terminologia individual. No entanto, um alfabeto e uma legenda padronizados e acordados poderiam promover padrões de comunicação aprimorados [...] (Pursche, 2000, p. 86, tradução nossa)<sup>127</sup>.

Bolívar Galiano (1995, p. 35) aponta que as divergências nas terminologias propostas obrigam o usuário a escolher uma delas, o que nem sempre coincide com as escolhas de outros, gerando um clima de imprecisão e livre interpretação. No entanto, é igualmente verdade que, ao lidar com obras de características muito particulares, pode ser necessário adotar novos termos, normalmente não utilizados, se o objetivo é definir e especificar com precisão o tipo e a localização das formas de alteração.

Ainda, sobre a terminologia utilizada nos relatórios, a norma EN 16095 recomenda: “seja consistente com sua terminologia, especialmente se várias pessoas forem responsáveis por escrever o relatório. Seja objetivo e específico” O documento também recomenda a utilização de um glossário para tornar os RECs mais precisos, claros e úteis: “considere incluir um glossário dedicado ou referir-se a glossários existentes, termos e definições” <sup>128</sup> (CEN, 2012, p. 9). É importante retomarmos aqui a questão de que os relatórios de estado de conservação, utilizados principalmente para gestão de acervos, são elaborados e preenchidos por diferentes profissionais, além dos conservadores, o que corrobora a necessidade de normalização da terminologia utilizada.

De acordo com Petzet (2008, p.1), em estudos sobre deterioração, confusões terminológicas levam a grandes problemas de comunicação entre cientistas, conservadores e profissionais. Nesse contexto, é de fundamental importância estabelecer uma linguagem comum; se os padrões de degradação puderem ser mostrados, nomeados e descritos, eles poderão ser reconhecidos e comparados com outros similares de maneira mais precisa em investigações futuras.

---

<sup>126</sup> No original: “Unambiguous terminology and precision in the use of words are important aspects of examination practice. In order to communicate observations and conclusions to others and allow comparison with other objects, there must be agreement on what words mean”. “Clarity requires that words representing conclusions be carefully chosen, with all their implications considered explicitly” (Appelbaum, 2010, p. 37-38).

<sup>127</sup> No original: “Unfortunately, in the field of conservation-restoration, an almost Babylonian confusion is still to be found. Virtually every conservator still uses an individual terminology, although an agreed and standardized alphabet and legend could promote improved standards of communication [...]” (Pursche, 2000, p. 86).

<sup>128</sup> No original: “Be consistent in your terminology, especially if several people are responsible for writing the report. Be objective and specific” (CEN, 2012, p. 9). “Terminology: consider including a dedicated glossary or referring to existing glossaries, terms and definitions” (CEN, 2012, p. 9).

O CCI recomenda descrever a natureza de quaisquer alterações usando uma terminologia padronizada. “Um vocabulário técnico padronizado elimina a confusão de interpretação e permite a possibilidade de uma busca sistemática de documentos de pesquisa de condições usando terminologia comum”<sup>129</sup> (CCI, 2019, p. 7, tradução nossa).

Em artigo sobre a documentação de conservação e as implicações da informatização, Michelle Moore (2001) aponta que o controle de terminologia para conservação do patrimônio cultural é uma questão que a profissão vem discutindo desde pelo menos o início da década de 1980, e enfatiza que o controle da terminologia é ainda mais importante quando a discussão se volta para a documentação de conservação informatizada. Hoje em dia a documentação da conservação pode e deve ser integrada a diversos tipos de dados, de uma maneira que muitas vezes não era viável, ou possível, sem o uso dos sistemas de gestão de acervos (Heritage, 2000). A digitalização incentiva o controle da terminologia no contexto da documentação, garantindo a consistência na descrição do estado de conservação, o que facilita a busca e a recuperação das informações necessárias nos sistemas de gestão de acervos (Wentz, 1995).

Conforme Moore (2001):

Se diferentes terminologias são usadas para descrever a mesma alteração, torna-se impossível buscar todos os objetos que possuem esse determinado estado de conservação, a menos que o pesquisador dedique tempo para considerar cada tipo de descrição para essa alteração ou consulte todos os conservadores [ou outros redatores dos relatórios] para descobrir o que eles estão usando para descrevê-la<sup>130</sup> (Moore, 2001, p. 29, tradução nossa).

Os formulários de preenchimento dos RECs devem ser elaborados de acordo com suas funções de gestão, tipologia de acervo e políticas da instituição, e a normalização destes modelos, do vocabulário utilizado e da metodologia de preenchimento é indispensável, pelo menos dentro do trabalho documental de uma mesma instituição. Ainda assim, Corfield (1983) indica que uma situação ideal seria ter uma terminologia padronizada nacional/internacional, o que tornaria a troca de informações e a busca na documentação de outras instituições mais eficiente. Além disso é muito mais fácil, rápido e consistente preencher os relatórios com o auxílio de uma lista padronizada de terminologia, que será usada por todos e estará disponível para consulta, completa com uma definição para cada termo – ou seja, um glossário.

---

<sup>129</sup> No original: “A standardized technical vocabulary eliminates confusion of interpretation and also allows for the possibility of a systematic search of condition survey documents using common terminology” (CCI, 2019, p. 7).

<sup>130</sup> No original: “If different terminology is used to describe the same condition it makes searching for all the objects that have that certain condition impossible unless the searcher takes the time to think through every kind of description for that condition or consult every conservator to find what they are using to describe that condition” (Moore, 2001, p. 29).

Conforme colocam Van Horn, Culligan e Midgett (2015) no prefácio da quarta edição do livro *Basic condition reporting: a handbook*, publicação exclusiva sobre os RECs e que traz exemplos de formulários de diversos formatos e tipologias de bens:

Em um mundo ideal, todos que fazem um relatório de estado de conservação de um item seriam treinados com os mesmos padrões, usariam a mesma terminologia e utilizariam o mesmo formulário etc. No entanto, a realidade é que, mesmo que cada documentalista, gestor de acervos e curador em sua instituição faça relatórios de estado de conservação, cada relatório será ligeiramente diferente. Adicione a isso cada estagiário, voluntário ou estudante que possa ajudar, e você encontrará uma variedade de métodos e terminologias que surgem [na mesma instituição]<sup>131</sup> (Van Horn; Culligan; Midgett, 2015, p. xi, tradução nossa).

Teixeira (2020, p. 103) sinaliza: “ainda que o ICOM, tenha investido esforços para substituir as práticas de escolha de termos por um vocabulário controlado, não há ainda de nosso conhecimento uma obra terminológica e específica, documento linguístico com glossário exclusivo para conservação-restauração”.

Portanto, de acordo com nossa experiência e com o levantamento bibliográfico realizado, indicamos que o vocabulário utilizado para redigir o REC deve ser claro e preciso. A terminologia utilizada deve ser constante e normalizada: os mesmos fenômenos, as mesmas alterações, devem possuir as mesmas denominações para as mesmas tipologias de objetos e matérias de suporte. Compreendemos que a designação acurada do fenômeno físico-químico associada à nomeação da alteração do estado de conservação é essencial para diagnóstico preciso, como também favorece a comunicação técnica e científica (Bojanoski; Almada, 2021).

Sendo assim o glossário sugerido nesta dissertação poderá atuar como uma lista autorizada de termos para desambiguação da terminologia, trazendo as definições e imagens de cada alteração. Pretendemos apresentar o piloto de um glossário que possa ser usado para atribuir termos descritivos a condições específicas, ajudando a uniformizar a terminologia e facilitar a compreensão dos relatórios de estado de conservação por diferentes pessoas.

### 1.3.2. Conceitos para denominação na mudança no estado de conservação dos bens culturais: alterações, danos, degradações, deteriorações

*Damage is a crucial notion in conservation: it is a prerequisite for conservation itself to even exist,*

---

<sup>131</sup>No original: “In an ideal world everyone who does a condition report for an item would be trained in the exact same standards, use the same terminology and use the exact same form, etc. However, the reality is that even if every registrar, collections manager, and curator in your institution does condition reports each report will be slightly different. Throw in every intern, volunteer, or student that may assist, and you will find a variety of methods and terminologies that appear” (Van Horn; Culligan; Midgett, 2015, p. xi).

*since if no actual or potential damage existed no conservation act would ever be performed*<sup>132</sup> (Muñoz Viñas, 2005, p.101).

*Whether accidental or deliberate, damage to an object is an important part of its history*<sup>133</sup> (Ashley-Smith, 1995, p. 1).

Conforme exposto na introdução desta dissertação, uma das discussões teóricas pertinentes à pesquisa é a escolha do termo ‘alterações’ para nomeação do glossário. Nossa abordagem converge com as de Ashley-Smith, Muñoz Viñas e Appelbaum<sup>134</sup> que evidenciam que os termos danos, deteriorações ou degradações possuem um caráter resultante de percepções subjetivas e carregam juízo de valor sobre as mudanças observadas no estado de conservação dos objetos. “No entanto, nem sempre é claro que ‘dano’ não é o mesmo que ‘alteração’”<sup>135</sup> (Muñoz Viñas, 2005, p.101, tradução nossa).

Para abordarmos as alterações no estado de conservação de um bem cultural é necessário que apresentemos o conceito de ‘estado/condição’. Segundo Ashley-Smith (1999, p. 99):

a palavra ‘estado’ é destinada como uma descrição de tudo o que pode ser definido ou descoberto sobre um objeto por observação, medição ou análise. É uma tentativa de definir propriedades que são intrínsecas, objetivas, impessoais e em nítido contraste com as propriedades de ‘valor’<sup>136</sup> (tradução nossa).

‘Estado’ é o que define fisicamente um objeto em qualquer momento no tempo. Ainda, de acordo com o autor, “de fato, as avaliações [diagnósticos] são todas sobre mudanças de estado. Instável significa mover-se de um estado para outro”<sup>137</sup> (Ashley-Smith, 1995, p. 5).

Sobre as propriedades de valor de um bem cultural tangível, discorreremos brevemente, pois são demasiadamente complexas e não representam um ponto primordial de nossa pesquisa. No entanto, é importante mencioná-las, mesmo que de forma sucinta, para esclarecer a visão dos autores citados em relação às ‘mudanças de estado’ dos

<sup>132</sup> Tradução: “Danos são uma noção crucial na conservação: são um pré-requisito para a própria existência da conservação, pois se não houvesse danos reais ou potenciais, nenhum ato de conservação seria realizado” (Muñoz Viñas, 2005, p.101, tradução nossa).

<sup>133</sup> “Seja acidental ou deliberado, o dano a um objeto é uma parte importante de sua história” (Ashley-Smith, 1995, p. 1).

<sup>134</sup> Principalmente Ashley-Smith, 1995, 1999; Muñoz Viñas, 2005, 2010; Appelbaum, 2010.

<sup>135</sup> No original: “Nevertheless, it is not always clear that ‘damage’ is not the same as ‘alteration’” (Muñoz Viñas, 2005, p.101).

<sup>136</sup> No original: “The word ‘state’ is intended as a description of everything that can be defined or discovered about an object by observation, measurement or analysis. It is an attempt to define properties that are intrinsic, objective, impersonal, and in distinct contrast to the properties of ‘value’” (Ashley-Smith, 1999, p. 99).

<sup>137</sup> No original: “In fact the assessments are all about changes of state. Unstable means moving from one state to another” (Idem, 1995, p. 5).

objetos. As aceções de valor de um bem cultural tangível convergem, de certa forma, entre os três autores.

Ashley-Smith (1995; 1999) argumenta que o valor é subjetivo, variando conforme interpretações pessoais e culturais, não sendo uma propriedade intrínseca do objeto. Essa perspectiva sugere que diferentes partes interessadas podem atribuir diferentes valores ao mesmo objeto, afetando as decisões nas práticas de conservação e no julgamento do que pode ser considerado um dano.

Muñoz Viñas (2005; 2010) baseia-se na ideia de que o valor também é uma construção social e não uma característica inerente aos objetos. Ele afirma que os valores atribuídos aos objetos culturais são resultado de contextos históricos, culturais e sociais, e que esses valores podem mudar ao longo do tempo. O autor sugere que é essencial considerar esses valores construídos e os significados atribuídos pelos diversos grupos envolvidos, promovendo uma abordagem mais inclusiva e adaptativa na preservação do patrimônio cultural.

Barbara Appelbaum (2010) destaca que o valor de um objeto em conservação é influenciado não apenas pelo seu estado físico, mas também pela sua importância histórica e cultural, respeitando, tanto os aspectos físicos quanto intangíveis do patrimônio cultural.

Portanto, entendemos que valor é um julgamento subjetivo, definido de diferentes maneiras por indivíduos ou grupos, mudando ao longo do tempo e podendo ser contraditório. O valor de um objeto museológico é multidimensional e deriva tanto da maneira como é experienciado quanto da forma como é utilizado (Henderson, 2020).

Embora os termos 'estado' e 'valor' estejam fortemente conectados, podemos constatar que são distintos. Ashley-Smith (1995) exemplifica que uma mudança na umidade relativa alterará o peso, as dimensões e a flexibilidade de uma pintura em painel, mas não afetará seu valor, já a reatribuição de autoria desta pintura pode ter um grande impacto em seu valor monetário e de interesse, sem nenhuma mudança em seu estado.

De acordo com uma convenção proposta pelos conservadores canadenses Michalski e Waller (1994), apontada por Ashley-Smith, e alinhada com a nomenclatura de gerenciamento de riscos, o termo 'dano' refere-se a uma alteração que provoca uma sensação de perda de propriedade ou de oportunidade. Nesse contexto, podemos entender o dano como uma alteração de estado que acarreta uma perda de valor. De maneira mais ampla, dano pode ser descrito como algo que reduz o uso ou o potencial de uso. E, em um sentido ainda mais amplo, dano é algo que reduz o benefício que a sociedade pode obter do bem cultural (Ashley-Smith, 1995, p. 4, tradução nossa).

Segundo Muñoz Viñas (2005), de acordo com Ashley-Smith (1995), a alteração de um objeto de conservação pode ser de três tipos diferentes: 1. Pátina; 2. [Conservação]

Restauração; 3. Deterioração<sup>138</sup>, dependendo se a mudança é desejável, deliberada ou acidental.

Todos esses termos descrevem uma alteração do objeto, com critérios baseados tanto na intenção quanto no valor. “Pátina é, portanto, um tipo de alteração indesejada, mas que acrescenta valor ao objeto.

A [conservação-] restauração também contribui para o valor do objeto, mas é uma alteração deliberada. Por outro lado, apenas aquelas alterações do objeto que realmente reduzem seu valor são geralmente consideradas como ‘deterioração’ ou ‘dano’<sup>139</sup> (Muñoz Viñas, 2005, p.101).

Dentro do quadro conceitual representado abaixo na figura 5, a alteração é compreendida com referência ao estado material do objeto, e a mudança que é irreversível e indesejável é definida como dano ou perda.

Figura 5. Representação gráfica da classificação de Ashley-Smith das possíveis alterações em um objeto de conservação<sup>140</sup>.



Fonte: Elaborado pela autora adaptado e traduzido de Muñoz Viñas (2005, p.102).

O quadro acima foi elaborado por Muñoz Viñas em sua obra *Contemporary Theory of Conservation* (2005), com base na classificação de Ashley-Smith (1995). Muñoz Viñas

<sup>138</sup>No original: 1. *Patina*; 2. *Restoration*; 3. *Deterioration*.

<sup>139</sup>No original: “*Patina is, thus, the kind of alteration which is unwanted and adds to the object's value. Restoration also contributes to the object's value, but it is a deliberate alteration. On the other hand, only those alterations of the object which actually reduce its value are usually considered as 'deterioration' or 'damage'*” (Muñoz Viñas, 2005, p.101).



acrescentou o termo 'vandalismo', que, conforme explica (p. 102), "foi incluído para fins de completude"<sup>141</sup>.

Conforme exposto por Ashley-Smith em sua palestra *Definitions of Damage* no Encontro Anual da Associação dos Historiadores de Arte, em Londres, 1995<sup>142</sup>:

Se você fizer uma pergunta simples como "o que é dano?", é fácil demonstrar que não pode haver uma resposta única. Por exemplo, um conservador limpa e consolida um objeto, resolvendo com grande habilidade profissional problemas de longevidade e legibilidade. O historiador de arte olha para o objeto e diz: "Meu Deus, você arruinou isso!". Duas pessoas, uma vê a mudança como aceitável e a outra acha totalmente inaceitável e declara o ato de mudança como um dano desnecessário<sup>143</sup> (Ashley-Smith, 1995, p. 2, tradução nossa).

Em concordância, Henderson (2020) aponta que as definições de dano na área são bastante variadas, mas é amplamente aceito que dano é uma alteração não benéfica. "Essa definição revela 'dano' mais como uma alteração avaliada negativamente pelos humanos do que apenas como uma alteração no estado material da coisa"<sup>144</sup> (Henderson, 2020, p. 197). Ou seja, a noção fundamental de dano é o resultado de um julgamento pessoal e subjetivo (Muñoz Viñas, 2005).

Sobre o conceito de dano (*damage*) Jonathan Ashley-Smit (1999) propõe ainda:

O dano geralmente está associado a uma perda de material, uma perda de bem-estar ou uma perda de expectativa. Nem tudo o que as pessoas consideram como dano resulta em uma mudança de valor. Nem toda mudança nas propriedades físicas ou químicas resulta em perda. As relações entre estado, valor e uso são examinadas na tentativa de se chegar a definições de dano. A definição mais eficiente está relacionada a mudanças na utilidade<sup>145</sup> (Ashley-Smit, 1999, p. 99, tradução nossa).

O conceito de dano ao patrimônio material, portanto, deve ser definido em termos de valor e utilidade dos acervos, em vez de apenas como evidência de suas mudanças químicas ou físicas. Ashley-Smith (1999, p. 101) também argumenta que "alteração não é dano". A alteração é inevitável, além disso, tem o potencial de ser "benéfica, reversível, bela e evidencial".

<sup>141</sup> "'Vandalism' has been added for the sake of completeness" (Muñoz Viñas, 2005, p.102).

<sup>142</sup> No original: Session "When conservator and collections meet" at the Annual Meeting of the Association of Art Historians, London, April 7-8, 1995.

<sup>143</sup>No original: "If you ask a simple question such as "what is damage?" it is easy to demonstrate that there cannot be one simple answer. For instance, a conservator cleans and consolidates an object, having with great professional skill solved problems of both longevity and legibility. The art historian takes one look at it and says, "My God, you've ruined it!". Two people, one sees the change as acceptable the other finds it totally unacceptable and declares the act of change to be wanton damage" (Ashley-Smith, 1995, p. 2).

<sup>144</sup>No original: "This definition reveals 'damage' more as an alteration negatively evaluated by humans rather than only as an alteration to the material status of the thing" (Henderson, 2020, p. 197).

<sup>145</sup>No original: "Damage is usually associated with a loss of material, a loss of well-being or a loss of expectation. Not everything that people consider as damage results in a change of value. Not every change in physical or chemical properties results in loss. The relationships between state, value and use are examined in an attempt to arrive at definitions of damage. The most useful definition is related to changes in utility" (Ashley-Smith, 1999, p. 99).

Barbara Appelbaum (2010, p. 37), observa que “certos termos implicam o papel que o fenômeno desempenhou na história do objeto. Pode ser parte da obra conforme originalmente criada ou uma consequência do uso original. Pode ser dano ou deterioração<sup>146</sup>”. Para a autora, ‘dano’ refere-se aos efeitos indesejáveis resultantes de um ou mais incidentes, sejam eles intencionais ou não, enquanto ‘deterioração’ diz respeito a mudanças não intencionais e indesejáveis no estado de conservação que fazem parte de um processo contínuo. “Palavras como essas contribuem para a compreensão geral do objeto, sua história e significado, e levam a julgamentos sobre se os fenômenos observados devem ser preservados ou corrigidos durante o tratamento de conservação<sup>147</sup>” (Appelbaum, 2010, p. 38).

A norma EN 15898 - *Conservation of cultural property - Main general terms and definitions* (CEN, 2012) traz as seguintes definições, inclusive do que seria o estado de conservação (*condition*):

### 3.2.1

#### **condição**

estado físico de um objeto em um determinado momento.

NOTA A avaliação do estado de conservação de um objeto depende do contexto e, portanto, do motivo pelo qual a avaliação está sendo feita.

[...]

### 3.2.4

#### **alteração**

mudança na condição, benéfica ou não, intencional ou não.

### 3.2.5

#### **defeito**

imperfeição de um objeto devido à sua concepção, produção ou processo de construção, ou à natureza dos materiais empregados.

[...]

### 3.2.7

#### **dano**

alteração que reduz o significado [importância/valor] ou a estabilidade.

NOTA 1 A estabilidade pode ser física, química, biológica, etc.

NOTA 2 Embora o dano tenha conotações negativas, às vezes pode ser visto como uma ampliação do significado.

### 3.2.8

#### **deterioração**

mudança gradual na condição que reduz o significado ou a estabilidade.

NOTA 1 Este termo também pode se referir ao próprio processo.

NOTA 2 O termo "degradação" às vezes é usado como sinônimo.

NOTA 3 Para o patrimônio móvel, o termo francês "*détérioration*" também é usado para descrever uma piora completa e repentina da condição.

(CEN, 2012, p. 8, tradução nossa)

Segundo Almela e Fernández (2018, p. 245, tradução nossa),

<sup>146</sup> No original: “*Certain terminology implies the role that phenomenon played in the history of the object. It may be part of the work as originally created or a consequence of original use. It may be damage or deterioration*” (Appelbaum, 2010, p. 37).

<sup>147</sup> No original: “*Words like these contribute to the overall picture of the object, its history, and meaning and will lead to judgments about whether the observed phenomena should be preserved or corrected during conservation treatment*” (Appelbaum, 2010, p. 38).

Alterar, conforme definido na norma UNE-EN 15898, significa mudar a essência ou a forma de algo. Este termo também pode ter uma conotação negativa, no sentido de estragar, danificar ou quebrar. O *Canadian Conservation Institute (CCI/ICC)* refere-se à 'deterioração' como uma mudança no estado material de um objeto, e dano como a perda de atributos ou valor (estético, científico, histórico, simbólico, monetário, etc.)<sup>148</sup>.

Após as reflexões desses autores, fica claro para nós que nem todas as alterações ou mudanças de estado podem ser consideradas como danos, degradações e deteriorações. Na verdade, o termo 'alterações' é mais abrangente e abarca todas as mudanças – sendo estas desejáveis, deliberados ou acidentais, incluindo danos, degradações e deteriorações.

Além disso, percebemos, como aponta Bojanoski (2018), que os termos degradação e deterioração, são usados e definidos como sinônimos pelos profissionais da área, mas possuem significados diferentes. Nesta perspectiva Sandu, Spiridon e Sandu (2016, p. 599) atentam para as diferenças de significado entre deterioração e degradação<sup>149</sup>, “pois são noções completamente diferentes, que exigem definições rigorosas<sup>150</sup>”. Segundo os autores, esses termos foram empregados separadamente pela comunidade científica internacional devido à necessidade de distinguir entre as alterações no estado físico-estrutural e aquelas de natureza química, microbiológica e térmica/radiativa (Bojanoski, 2018).

A partir da síntese das discussões colocadas por Sandu, Spiridon e Sandu (2016, p. 599-600), podemos indicar as seguintes diferenças entre os dois termos:

deterioração – efeito incorrido em um artefato, que pode ser proporcional ao todo ou às partes dos seus componentes, decorrente da mudança estrutural-funcional de seu estado sob ações físico-químicas, acompanhadas ou não por fatores climáticos. Este efeito é baseado em processos de destruição microscópicos ou macroscópicos, que afetam o estado físico relacionado a um elemento estrutural-funcional. São exemplos: o rompimento de uma viga em um edifício ou da moldura de um quadro; o craquelê nas camadas de uma pintura; rasgos em um suporte de papel ou em um têxtil; dobra, dilatação ou contração de um painel de madeira, etc.

degradação – efeito da alteração da natureza material sob a ação de fatores químicos, eletroquímicos, bioquímicos, microbiológicos, radiativo/térmico, etc. O efeito é baseado nos processos de alteração dos componentes químicos em um determinado tipo de material. Por esta

---

<sup>148</sup>No original: “To alter, as defined in the UNE-EN 15898 standard, means to change the essence or shape of something. This term may also have a negative connotation, in the sense of spoil, damage or break up. The Canadian Conservation Institute (CCI/ICC) refers to «deterioration» as a change in the material state of an object, and damage as the loss of attributes or value (aesthetic, scientific, historical, symbolic, monetary, etc.)” (Almela; Fernández, 2018, p. 245)

<sup>149</sup> No original: *Deterioration e degradation*.

<sup>150</sup> No original: “being often assigned the same meaning, even though they are entirely different notions, which demand rigorous definitions” (Sandu; Spiridon; Sandu, 2016, p. 599).

razão, os efeitos de degradação são cumulativos (diversas causas e resultados), sendo agrupados pelos efeitos químico, térmico, radioativa, biológico, etc., que, por sua vez, podem ser simples ou complexos (eletroquímico, termoquímico, bioquímicos, fotoquímico, radioquímico, etc.). São exemplos: a corrosão dos metais e ligas; o apodrecimento da madeira, papel, couro/pergaminho, têxteis; a descoloração de pigmentos; a eflorescência de sais etc. (Bojanoski, 2018, p. 181).

Os autores informam que a degradação ocorre de fora para dentro do material, e a deterioração se desenvolve a partir dos centros de menor resistência, espalhando-se em qualquer direção, especialmente ao longo das áreas com menor estabilidade estrutural. Na figura 6 apresentamos uma estrutura dos termos que nomeiam as mudanças de estado, com alguns exemplos.

Figura 6. Mudanças de estado: alterações, degradações e deteriorações.



Fonte: Elaborado pela autora

Uma questão a ser ressaltada é que, apesar da discussão sobre o caráter subjetivo do uso dos termos danos, degradações e deteriorações, realizada por importantes autores da Conservação desde pelo menos os anos 1990, durante nossa pesquisa e levantamento de obras terminográficas sobre conservação e alterações em bens culturais, percebemos que os termos mais utilizados são *damage*, *deterioration* e *degradation*. No entanto, com base no exposto nesta seção e conforme nosso entendimento, o termo ‘alterações’ é o mais adequado para ser utilizado em nosso glossário – referindo-se à mudança no estado de conservação de um objeto, seja essa mudança benéfica ou não, intencional ou não.



## **CAPÍTULO 2**

# **TERMINOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO: PROTOCOLOS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM PRODUTO TERMINOGRÁFICO**



## 2. TERMINOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO: PROTOCOLOS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM PRODUTO TERMINOGRÁFICO

Neste capítulo, discorreremos sobre a fundamentação teórica que baseou a metodologia adotada no estudo terminológico realizado para a elaboração do piloto do *Glossário visual de alterações em bens culturais móveis*. Iremos discutir os conceitos de Terminologia<sup>151</sup> e Terminografia e suas aplicações, assim como suas interfaces com a Documentação e a Ciência da Informação. Esboçamos uma breve perspectiva histórica dos fundamentos da Terminologia moderna e contemporânea como campo de estudo, para que nossas proposições e escolhas sejam respaldadas. Apresentamos, além disso, as etapas necessárias para elaboração de um trabalho terminográfico.

Não almejamos aqui fazer um estudo aprofundado das disciplinas da Terminologia e da Ciência da Informação, mas apontar as teorias e aplicações extraídas destes campos para que alcancemos nosso objetivo, ou seja buscar nessas disciplinas a metodologia e conceituação para elaboração do Glossário<sup>152</sup>.

Como aponta Cabré (2003)<sup>153</sup>:

Embora tenham surgido diversas oportunidades para se discutir terminologia, a grande maioria dos interessados pelo assunto tem sido praticantes de outras áreas com o objetivo de solucionar problemas específicos de seus próprios campos de atuação [...]. Em diversos casos, as reflexões teóricas têm sido taxadas de inúteis para as aplicações práticas pretendidas (Azevedo, 2019, p. 517, grifo nosso).

Como “praticantes de outras áreas com o objetivo de solucionar problemas específicos” do nosso campo de atuação, buscamos contradizer o que foi mencionado por Cabré, explorando as reflexões teóricas da área para apoiar a aplicação prática desejada.

Conforme apontado na introdução desta dissertação, para o trabalho de construção de trabalhos terminográficos podemos seguir diferentes metodologias, que atendem a objetivos e interesses específicos. Segundo as observações de Bojanoski (2018), duas possibilidades se colocam:

- 1) a metodologia estabelecida pela área da Ciência da Informação, com o objetivo de criar vocabulários controlados e que resulta na elaboração dos tesouros; 2) a metodologia desenvolvida pela disciplina de Terminologia, em uma perspectiva linguística, que se caracteriza como um campo teórico e aplicado voltado aos estudos das unidades de

---

<sup>151</sup>Para fins de diferenciação e clareza optamos por grafar a palavra terminologia com t minúsculo referenciando um conjunto de termos, e com T maiúsculo quando referirmos ao campo de estudos ou à disciplina. Contudo, mantivemos a grafia de acordo com cada autor citado.

<sup>152</sup>Grafamos a palavra glossário em maiúscula para denominar o produto desta dissertação, o Glossário visual de alterações em bens culturais móveis.

<sup>153</sup>As citações de Cabré (2003), são de seu artigo publicado originalmente em inglês sob o título *Theories of terminology: their description, prescription and explanation* na revista *Terminology* da John Benjamins Publishing Company. Este artigo foi traduzido por Diego Napoleão Viana Azevedo em 2019, e publicado na revista *Cadernos de Tradução* (Azevedo, 2019). As citações utilizadas são do texto traduzido.

conhecimento especializados (UCE) e das linguagens especializadas e que também possibilita gerar produtos terminográficos, como, por exemplo, glossários e dicionários especializados (Bojanoski, 2018, p. 21).

A respeito da primeira abordagem, trazemos a importância da normalização para documentação de objetos museológicos, sua conservação e gestão. Quanto à segunda abordagem, buscamos na Terminologia a metodologia para elaboração de um glossário, uma vez que, nesse momento, não nos propusemos à estruturação de um tesouro.

Segundo a obra *Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri for information retrieval* publicada pela UNESCO em 1970, “consta que em termos de estrutura, um tesouro é um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente, que abrange de forma ampla um domínio específico do conhecimento” (Bojanoski, 2018, p. 22). A estrutura de um tesouro é bastante complexa e envolve relações de equivalência, relações hierárquicas, relações associativas, entre outras.

No início de nossa pesquisa para a elaboração do Glossário-piloto, a princípio tomamos como referencial metodológico principal o trabalho exemplar de Silvana Bojanoski (2018), que propõe uma metodologia para elaboração de glossários e dicionários, buscando suprir a carência deste tipo de obra na área da Conservação no Brasil. Contudo, conforme a autora afirma, a abordagem utilizada em sua metodologia é baseada em uma perspectiva linguística, mais especificamente comunicativa e textual, da Terminologia<sup>154</sup>, afastando-se de qualquer proposta que pretendesse estabelecer normas para o uso dos termos. Portanto, tendo como um dos principais objetivos a normalização de termos e procedimentos para documentação e gestão de acervos – princípio que defendemos como ferramenta de preservação, verificamos que seria necessário utilizar também como base, para nosso trabalho, outras propostas metodológicas.

Entendemos que a área da Conservação que trata do diagnóstico e do registro de alterações em bens culturais – nosso foco central, necessita de terminologia controlada para nomear com precisão os fenômenos que caracterizam as alterações, degradações e deteriorações dos bens culturais, conforme discutido no capítulo 1. Estes fenômenos se dão nas mudanças estruturais do objeto, tanto a nível molecular, quanto macroscópico, e ocorrem principalmente devido a fatores químicos, físicos e biológicos. Sendo assim, entendemos que, a terminologia destas ciências – Química, Física e Biologia, é caracterizada por uma série de propriedades e formas que refletem a necessidade de

---

<sup>154</sup>A própria autora, em conversa realizada por videochamada, nos chamou atenção sobre nosso posicionamento quanto a normalização e o caráter de certa forma prescritivista de nossa pesquisa, em contraponto com sua posição descritivista.

precisão, consistência e clareza. Estas, sendo altamente técnicas e detalhadas, exigem uma terminologia bem definida e normalizada, definida com precisão, evitando ambiguidades para garantir a comunicação eficaz entre especialistas e a correta transmissão de conhecimento

Ademais, os dados de registro do estado de conservação de um objeto, como mencionamos anteriormente, costumam, e devem, estar incluídos nos campos de informação fornecidos pelos catálogos e inventários, principalmente com o uso de sistemas informatizados de gestão de acervos, contribuindo para o conhecimento e registro integral do bem cultural e de todos os processos/eventos pelos quais percorreu. Acrescentamos o fato, de que o trabalho de diagnóstico e registro de estado de conservação é realizado por diversos agentes, com diferentes formações acadêmicas e profissionais, e não apenas por conservadores-restauradores, sendo essencial a normalização de procedimentos e o uso de linguagem padronizada e consistente.

Salientamos que, inseridos na discussão da documentação como ferramenta da preservação, é importante frisar que a normalização reforça o caráter preservacionista da documentação uma vez que é só através da normalização que podemos consistentemente salvaguardar as informações geradas sobre os acervos. As estruturas normalizadas e as terminologias são ferramentas conceituais importantes tanto para as abordagens de teorização quanto em relação às questões operacionais.

Além do exposto anteriormente, durante nossa pesquisa sobre os princípios conceituais e metodológicos que deveriam apoiar a construção do glossário, encontramos uma interseção entre as disciplinas de Terminologia e Ciência da Informação. Embora a metodologia para a construção de um glossário seja apoiada pela disciplina de Terminologia em sua aplicação prática, como um produto terminográfico, observamos que algumas discussões teóricas, especialmente sobre normalização e documentação, também têm origem na Ciência da Informação. Portanto, incorporamos conceitos de ambas as disciplinas neste trabalho.

Embora a construção de glossários não seja uma tarefa da Ciência da Informação, é comum que, na atividade documental, apareçam áreas temáticas para as quais não há vocabulários formalizados. Portanto, pode ser necessário recorrer a orientações terminológicas e terminográficas para explorar *corpora* representativos e identificar as redes relacionais entre os termos (Cervantes, 2009). Na visão de Lara (2006), esse procedimento é essencial para aprofundar o conhecimento dos temas a serem trabalhados documentalmente, seja para a criação de instrumentos de intermediação, como tesouros, seja para a organização direta de conjuntos informacionais, como os conteúdos de sites.

Destacamos, mais uma vez, que, inseridos na discussão sobre a documentação



como ferramenta de preservação, é importante ressaltar que a normalização reforça o caráter preservacionista da documentação. Somente por meio da normalização é possível salvaguardar de maneira consistente as informações geradas sobre os acervos (Panisset, 2017). As estruturas normalizadas e as terminologias são ferramentas conceituais importantes tanto para a teorização quanto para as questões operacionais.

## 2.1. Terminologia

### 3.5.1

#### **terminologia 1**

conjunto de designações pertencentes a uma língua especial

### 3.5.2

#### **terminologia 2**

ciência da terminologia

ciência que estuda a estrutura, formação, desenvolvimento, uso e gestão de terminologias em vários campos de estudo<sup>155</sup>.

(ISO, 2000, p. 10, tradução nossa).

A Terminologia enquanto matéria se ocupa em recopilar, descrever, tratar e apresentar os termos próprios dos campos de especialidade em uma ou mais línguas. Conforme aponta Almeida (2012), o propósito fundamental da Terminologia é facilitar o uso de termos especializados em contextos profissionais, acadêmicos ou científicos, garantindo uma comunicação clara e sem ambiguidades em ambientes monolíngues e/ou multilíngues.

Pavel e Nolet (2002) explicam que a língua comum é aquela que utilizamos no dia a dia, enquanto a língua de especialidade é empregada para garantir uma comunicação precisa e sem ambiguidades em uma área específica do conhecimento ou da prática, baseada em um vocabulário e usos linguísticos próprios desse campo.

Segundo Lara (2005):

A Terminologia é uma disciplina teórica e aplicada que se serve da Linguística [*sic*], das Ciências da Comunicação, das Ciências Cognitivas, da Ciência da Informação e das especialidades particulares. É um campo inter e transdisciplinar que envolve a descrição e o ordenamento do conhecimento (nível cognitivo) e sua transferência (nível comunicacional), e tem como elementos centrais os conceitos e termos (ISO 704-2000). A Terminologia compreende o estudo científico dos conceitos e respectivos termos considerados no seu funcionamento social e pertencentes a áreas da experiência humana (ISO 1087) (Lara, 2005, p.1).

---

<sup>155</sup> No original: “3.5.1 *terminology 1 / set of designations (3.4.1) belonging to one special language (3.1.3) / 3.5.2 terminology 2 / terminology Science / science studying the structure, formation, development, usage and management of terminologies (3.5.1) in various subject fields (3.1.2)*” (ISO, 2000a, p. 10).

Ainda, segundo Bojanoski (2018), a Terminologia se estrutura tanto como uma disciplina quanto como um campo de estudo interdisciplinar e transdisciplinar.

Para Cabré (2005), a Terminologia é uma disciplina interdisciplinar porque não pode descrever seu objeto sem contar com outras disciplinas, como as ciências da linguagem, ciências cognitivas e ciências da comunicação. E é transdisciplinar porquanto participa de todas as disciplinas especializadas, uma vez que todas possuem e usam uma terminologia para representar seus conhecimentos (Cabré, 2005, p. 97 *apud* Bojanoski, 2018, p.112),

De acordo com Cabré (1993), a terminologia é fundamental para a representação e estruturação do conhecimento, pois os termos representam conceitos, e esses conceitos, por sua vez, representam classes de objetos da realidade. Esse processo de representação é essencial para a organização do conhecimento especializado e para a comunicação eficaz em campos específicos de estudo. Assim, a terminologia não só facilita a troca de informações entre especialistas, como também contribui para a sistematização e a clareza dos conceitos utilizados em diversas disciplinas.

É importante registrar que o conceito de terminologia possui duas significações distintas. Segundo Krieger e Finnato (2004), a terminologia:

Tanto pode significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos. Nesse caso, ao lado de fundamentos teóricos, há também uma dimensão aplicada, refletida na produção de glossários e dicionários técnicos, bancos de dados terminológicos, entre outros instrumentos de organização formal das terminologias (Krieger; Finnato, 2004, p. 13, grifo nosso).

Ainda, de acordo com Aubert (2001, p. 24-25):

O conceito de terminologia recobre pelo menos duas acepções divergentes [...]. De um lado, pode referir-se ao conjunto de termos característicos de determinada área ou subárea [...]. De outro, pode designar o estudo de tais terminologias, o conjunto de pressupostos, métodos e representações que permitem a descrição das linguagens ditas de especialidade. No primeiro caso, trata-se da terminologia-objeto; no segundo, da terminologia-instrumento.

Já para Felber (1984. p.1) o termo 'terminologia' é atribuído a três conceitos:

1. Ciência da Terminologia. Campo de conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar que lida com conceitos e suas representações (termos, símbolos, etc.).
2. Conjunto de termos que representam o sistema de conceitos de um campo específico.
3. Documento em que o sistema de conceitos de um campo específico é representado por termos.

Cabré (1995, p. 2) confirma essa polissemia:

[o termo Terminologia] nos remete pelo menos a três noções: a) à disciplina, b) à prática e c) ao produto gerado por essa prática. Como disciplina, é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática, é o conjunto de princípios voltados à coleta de termos; e como

produto, é o conjunto de termos de uma determinada especialidade<sup>156</sup> (tradução nossa).

Ainda, conforme aponta Cabré (2003):

partimos de dois pressupostos principais. O primeiro pressuposto é que a terminologia é simultaneamente: um conjunto de necessidades, um conjunto de práticas para resolver tais necessidades e um campo unificado do conhecimento. O segundo pressuposto é que os elementos da terminologia são as unidades terminológicas (Azevedo, 2019, p. 536).

A autora apresenta que primeiramente, a terminologia é essencial para todas as atividades relacionadas à representação e transferência do conhecimento especializado, como a documentação e a normalização técnica, entre outras. Em segundo lugar, a terminologia abrange um conjunto de aplicações que possibilitam o desenvolvimento de produtos específicos para atender a necessidades particulares. Uma aplicação terminológica deve ser direcionada a atender necessidades específicas, considerando seus destinatários e as atividades que pretendem realizar ao utilizá-la.

Cabré (2003) indica ainda, que embora o que se diga com frequência sobre glossários terminológicos normalizados, são as particularidades de cada contexto que definem o tipo de aplicação a ser utilizado, como glossário, léxico, dicionário, software, texto, etc., em uma ou várias línguas; as informações que devem ser incluídas, como terminologia, fraseologia, definições, variantes, contextos, , equivalentes em outras línguas, ilustrações etc.; sua forma de apresentação e até mesmo o meio pelo qual serão disseminados (Azevedo, 2019, p. 537). Entendemos, portanto, que para a elaboração de produtos terminológicos, devemos entender qual aplicação, e quais pressupostos da Terminologia, nos atendem da melhor forma, dependendo dos objetivos que se quer alcançar.

Conforme apontado por Remenche (2010) uma das vertentes da Terminologia investiga os princípios teóricos e metodológicos relacionados à coleta, classificação, criação e normalização dos termos. O trabalho com as unidades significativas das linguagens especializadas abrange, entre outros objetivos, a produção e a divulgação de glossários, vocabulários, dicionários e bases de dados que reúnem a terminologia específica de um domínio, ou seja, o conjunto de termos de uma área especializada.

Para Lara e Tálamo (2007, p. 2) os objetivos aplicados da Terminologia se relacionam à observação dos discursos especializados nas áreas do saber ou de atividade, visando principalmente a construção de dicionários e glossários especializados.

---

<sup>156</sup> No original: “nos remite por lo menos a tres nociones: a) a la disciplina, b) a la práctica, y c) al producto generado por esa práctica. Como disciplina es la materia que se ocupa de los términos especializados, como práctica es el conjunto de principios encaminados a la recopilación de términos; y como producto, es el conjunto de términos de una determinada especialidad” (Cabré, 1995, p. 2).

“Funcionalmente, a Terminologia é veículo de conhecimento, aspecto importante para a descrição e recuperação da informação”.

Baseamo-nos em pressupostos de Cabré (1999, p. 239) de que a Terminologia, independentemente da temática ou do contexto em que é desenvolvida, desempenha sistematicamente duas funções principais: representar o conhecimento especializado e transmiti-lo. No entanto, a presença contínua dessas duas funções não implica que, em todos os casos, sua importância seja equivalente ou que sua relação com o conhecimento geral permaneça constante.

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p.16), o objeto da Terminologia é a unidade terminológica – o termo. "Os termos compreendem tanto uma dimensão cognitiva, ao expressarem conhecimentos especializados, quanto uma dimensão linguística, tendo em vista que conformam o componente lexical especializado ou temático de línguas". Para Cabré (1999) as unidades terminológicas são, em si mesmas, linguagem e conhecimento, e sua finalidade primeira é a de representar e transferir esse conhecimento; constituem, portanto, a própria matéria dos termos.

Cabré (2003) aborda o escopo de análise das unidades terminológicas, afirmando que elas devem ser estudadas no contexto da comunicação especializada. Essa comunicação é caracterizada por fatores externos, como emissor, receptor e meio de comunicação, além de aspectos relacionados ao tratamento da informação, como uma categorização precisa, determinada pela estrutura conceitual, e pela validação e estabelecimento por parte da comunidade especialista, sempre com um enfoque específico e contextualizado do tema (Azevedo, 2019, p. 545).

Os termos se diferenciam das palavras comuns, pois são unidades empregadas nos discursos especializados, como nas ciências e nas técnicas. “Quando se fala em palavra, a referência é a língua nas suas diversas possibilidades de uso. Quando se fala em termo, fala-se em palavras utilizadas em situações particulares de comunicação” (Lara, 2005, p. 3).

Conforme Cabré (2003):

Cada unidade terminológica corresponde a um nó cognitivo dentro de um campo de especialidade, e o conjunto desses nós conectados por relações específicas (causa-efeito, todo-parte, contiguidade, anterioridade-posterioridade, etc.) constitui a representação conceitual dessa especialidade. Se isso é verdade, não há dúvida de que a terminologia é uma forma de representar a realidade especializada (Azevedo, 2009, p. 238).

Como mencionamos no início do capítulo, não pretendemos realizar um estudo detalhado das disciplinas Terminologia e Ciência da Informação, nem de seus históricos.

Portanto, abordaremos esse assunto de maneira breve, apenas para situar as bases teóricas que utilizaremos na elaboração do nosso produto terminográfico.

### 2.1.1. Breve histórico da Terminologia moderna e contemporânea

A Terminologia moderna teve um marco significativo em 1931, quando o engenheiro e linguista austríaco Eugen Wüster publicou sua tese de doutorado intitulada *Normalização Internacional da Terminologia Técnica (Internationale Sprachnorming in der Technik)*. Esse trabalho é fundamental porque estabeleceu as bases para o desenvolvimento sistemático da Terminologia como um campo de estudo. Segundo Bojanoski (2018) a obra póstuma de Wüster *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica* é considerada fundamento teórico da Teoria Geral da Terminologia (TGT). A obra foi publicada em 1978 na Alemanha pelo discípulo de Wüster, Helmut Felber, que compilou os manuscritos e notas de aulas do mestre.

A contribuição de Wüster destaca, sobretudo, a preocupação com a questão metodológica e normativa da Terminologia para eliminar as ambiguidades no âmbito das comunicações científicas e técnicas. O autor não apenas analisou como os termos técnicos devem ser padronizados e organizados, mas também introduziu princípios e métodos para garantir a clareza e a consistência na comunicação técnica. Sua tese abordou a necessidade de uma normalização internacional para assegurar que os termos técnicos fossem compreendidos de forma uniforme em diferentes contextos e línguas.

Wüster enfatizou que a Terminologia não se limita apenas à definição de termos, mas envolve uma estrutura metodológica que deve ser rigorosamente aplicada para lidar com o crescimento e a complexidade do conhecimento especializado. Para o autor uma terminologia bem desenvolvida e padronizada é crucial para o avanço do conhecimento em áreas técnicas (Krieger; Finatto, 2004; Cabré, 2003; Bojanoski, 2018). O trabalho de Wüster é reconhecido como referência na área da Terminologia.

Influenciado fortemente pela Lógica, Wüster explora a natureza dos conceitos, suas características e inter-relações, bem como a definição, formação de termos, normalização e internacionalização. Sua obra desempenhou um papel importante na disseminação dos princípios do trabalho terminológico para outros países e organizações internacionais, como a Unesco e a ISO (Lara, 2005, p. 1).

Segundo Remenche (2010, p. 351), a contribuição de Wüster para a formulação dos princípios e para o desenvolvimento dos estudos teóricos e aplicados na área da Terminologia é indiscutível. Cabré (1999) observa que a TGT é coerente e sistemática, sendo adequada para os trabalhos terminológicos com enfoque onomasiológico e de finalidade padronizada.

Conforme destaca Cabré (2003), é importante ressaltar que Wüster dedicou toda a sua vida à terminologia. Através de sua obra, ele buscou alguns objetivos, tais como:

1. Eliminar a ambiguidade das linguagens técnicas através da normalização da terminologia, a fim de torná-las eficientes ferramentas de comunicação.
2. Convencer todos os usuários de linguagens técnicas dos benefícios da terminologia normalizada.
3. Estabelecer a terminologia como uma disciplina para todos os fins práticos e conceder a ela a condição de ciência (Azevedo, 2019, p. 510-511).

Ainda, de acordo com Remenche (2010), ao considerarmos o contexto do surgimento da teoria formulada por Wüster, compreendemos que suas limitações surgem de uma proposta originada da necessidade de técnicos e cientistas de normalizar tanto a nomenclatura quanto os conceitos de suas disciplinas em uma época em que se buscava uma língua universal para superar os obstáculos impostos pela linguagem comum. Os trabalhos desenvolvidos por Wüster tiveram uma forte influência na formulação de normas internacionais, que, por meio de sucessivas edições, formam a base teórico-metodológica da teoria e prática contemporâneas (Lara, 2005).

O campo teórico da Terminologia, proposto por Wüster, predominou nos estudos terminológicos com a TGT. A teoria, fundamentada nas dicotomias entre termo e palavra, e onomasiologia e semasiologia, propõe a terminologia como um sistema universal de conceitos, onde é essencial estabelecer uma relação biunívoca entre conceito e termo para garantir uma comunicação eficiente entre os pares (Tálamo; Lara, 2009, p. 63).

De acordo com Cabré (2003), as críticas à teoria tradicional surgem porque o objeto terminológico foi delimitado e analisado a partir de perspectivas e posições distintas (o que não significa que os objetivos práticos sejam diferentes). De fato, se os dados observados e descritos forem parte de um dicionário – especialmente um dicionário normalizado –, pode-se concluir que a terminologia é “inequívoca e sistemática”, que os termos em diferentes idiomas são completamente equivalentes, que o conceito é sempre semanticamente preciso – ou seja, os conceitos são claramente distinguidos uns dos outros dentro de uma disciplina –, que são universais em uma determinada disciplina e que as designações tendem a ter semelhança formal, caminhando assim em direção a uma terminologia internacional (Azevedo, 2019, p. 530).

Bojanoski (2018, p. 114) afirma que, embora a Teoria Geral da Terminologia continue sendo reconhecida por sua importância em diversos campos, especialmente naqueles que demandam processos de comunicação padronizados, nas últimas décadas do século XX suas proposições começaram a ser questionadas.

A partir dos anos 90, novas demandas informativas e comunicacionais levaram a uma revisão crítica dos fundamentos teóricos epistemológicos da TGT. Especialistas em terminologia argumentaram que, apesar de pioneira e fundamental, a teoria de Wüster era

excessivamente restritiva e não atendia às complexidades e às dinâmicas do léxico especializado moderno. O avanço das tecnologias da informação e a globalização evidenciaram a necessidade de uma abordagem mais flexível e abrangente (Remenche, 2010). Nesse sentido, Cabré (1998) observa que a teoria de Wüster limita o objeto terminológico a unidades unívocas voltadas à normalização, próprias dos campos científico-técnicos. Ela reduz a atividade terminológica à coleta de conceitos e termos com o propósito de normalização – “fixação de noções e denominações padronizadas”, restringe os campos especializados à ciência e à técnica, e limita seus objetivos com o intuito de garantir a univocidade da comunicação profissional (Cabré *apud* Remenche, 2010, p. 352).

Essa revisão crítica levou ao desenvolvimento de novas abordagens e teorias em terminologia que buscavam superar as limitações da TGT, integrando aspectos mais dinâmicos e contextuais da linguagem técnica. Essas novas teorias procuraram oferecer uma descrição mais satisfatória e abrangente do léxico especializado, refletindo melhor a realidade multifacetada da comunicação técnica contemporânea. Entre elas destacamos a Socioterminologia (ST), a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST). Falaremos um pouco mais sobre estas adiante.

Cabré (1999, p. 352) aponta algumas razões para o questionamento das teorias clássicas da Terminologia. Embora seja verdade que um cenário de globalização econômica e cultural exige, em certa medida, uma uniformização das formas de pensamento e expressão, a disseminação do conhecimento para além dos círculos restritos de especialistas, por meio do ensino e dos meios de comunicação, desestabilizou o contexto em que a normalização terminológica se desenvolvia. Além disso, é importante considerar a tendência defensiva que as sociedades atuais adotaram em resposta à uniformização, lutando pelo direito de preservar sua identidade. Esse paradoxo gerou uma situação inicialmente contraditória entre duas forças opostas – unificação e diversificação – mas que se mostrou cada vez mais construtiva, ao promover a diferenciação das situações de comunicação especializada, forçando os grupos a definirem seus próprios usos linguísticos.

Cabré (2003) expõe que em resposta a essas críticas, os defensores do modelo de Wüster argumentam que a Teoria Geral da Terminologia – “como é atualmente chamada” – evoluiu significativamente devido a contribuições posteriores que, segundo eles, neutralizam as críticas ao modelo original. Essas contribuições ajustam e complementam as ideias de Wüster, como pode ser observado nos seguintes pontos: o objetivo da normalização internacional se amplia para incluir sugestões de elaboração de terminologias como parte do planejamento linguístico; admite-se a sinonímia controlada, já

reconhecida na obra póstuma de Wüster, embora evitá-la seja recomendado para uma terminologia normalizada; introduz-se a fraseologia ao estudo das unidades terminológicas; reconhece-se o valor das formas orais no contexto do planejamento linguístico, o modelo se torna dinâmico ao incorporar a descrição do processo de formação de novos termos; introduz-se a representação de estruturas conceituais não hierarquicamente ordenadas (Azevedo, 2019, p. 514).

Conforme aponta Lara (2005), a tendência atual é reconhecer a padronização como um dos aspectos que facilita a comunicação, mas não o mais importante, pois não leva em conta adequadamente o dinamismo das línguas.

Decorre dessa perspectiva a substituição do paradigma terminológico sustentado em fundamentos extralinguísticos, por um ponto de vista que considera o termo nos diferentes contextos discursivos onde ocorre. Passa-se a admitir a variação como fenômeno derivado do uso da língua, e passa a se considerar o termo como unidade significativa da língua em uso, atenuando-se as diferenças entre o termo, unidade de conhecimento abstrata, e termo, unidade da língua (Lara, 2005, p.2)

Cabré em seu artigo *La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones*, publicado em 1995 na revista *Ciência da Informação*, discorre sobre a tendências da terminologia na 'atualidade'<sup>157</sup> e propõe dois grandes eixos de influência na terminologia. Um eixo teórico, desenvolvido no âmbito acadêmico, que concebe a terminologia como uma disciplina que inclui duas posições sobre a natureza dos termos: a linguística e a simbólica. Dentro da posição linguística, há uma distinção entre os que tratam a terminologia dentro da gramática e os que se interessam pela terminologia para o tratamento da linguagem natural. Um eixo prático, desenvolvido principalmente nos âmbitos administrativo e comercial, inclui três coletivos: a) o traducional, representado por organismos internacionais; b) o normalizador, representado por países que executam planos de normalização da língua própria; e c) o padronizador, associado a associações de normalização, grandes empresas multinacionais e atividades de documentação (Cabré, 1995, p. 11, grifo nosso).

### 2.1.2. Terminologia prescritiva X Terminologia descritiva

Para esta pesquisa, é de particular interesse discutir duas abordagens distintas para o trabalho terminológico: a prescritiva e a descritiva. Cada uma delas possui objetivos, métodos e aplicações distintos, e ambas são essenciais para a organização e comunicação do conhecimento especializado dependendo do objetivo principal que se quer alcançar.

---

<sup>157</sup> Apesar do texto ser produzido em 1995 verificamos que essas tendências seguem até hoje.



Seguindo as proposições de Wüster, a terminologia prescritiva tem como principal objetivo a padronização e a normalização dos termos e conceitos em um determinado campo de conhecimento. Essa abordagem busca criar um conjunto de termos que sejam amplamente aceitos e utilizados de maneira consistente pelos profissionais da área. A ideia central é eliminar ambiguidades e variações terminológicas que possam causar confusão ou mal-entendidos.

Helmut Felber, deu continuidade ao trabalho de Wüster, contribuindo para o desenvolvimento de normas internacionais em terminologia. Felber escreveu o *Terminology Manual*, publicado pela UNESCO em 1984, onde discute a importância da padronização terminológica e fornece diretrizes para a criação e manutenção de glossários e dicionários terminológicos. Na obra o autor aponta que o manual não é um tratado científico. É voltado para a prática e mostra a aplicação de princípios e métodos no trabalho terminológico, e deve complementar normas ou diretrizes nacionais e internacionais para facilitar sua aplicação. “O progresso considerável no trabalho terminológico a nível nacional e internacional só pode ser esperado se aqueles que são responsáveis pelas terminologias - ou seja, os especialistas e profissionais da área - possuírem o conhecimento necessário sobre o trabalho terminológico”<sup>158</sup> (Felber, 1984, p. v, tradução nossa).

Cabré (2003) expõe que, em sua opinião, a teoria desenvolvida por Wüster não é prescritiva, mas sim descritiva, muito embora os dados que ele descreveu não sejam representativos da grande diversidade da terminologia e, dessa forma, a teoria que ele inferiu a partir desses dados não era imparcial. Isso se justifica porque no ponto de vista da autora “uma teoria nunca pode ser prescritiva, pois é formada por uma unidade de axiomas ou princípios básicos integrados de forma coerente que permitem a descrição de um objeto, de suas propriedades, de suas relações e operações dentro de um determinado contexto”. (Azevedo, 2019 p. 529). Portanto, entendemos que a posição da autora é a de que não é a teoria da Terminologia que possui caráter descritivo ou prescritivo, mas sim as diferentes aplicações dos trabalhos terminológicos.

No contexto do uso da Terminologia dentro da área de tradução é importante levar em consideração a terminologia prescritiva, que, de acordo com Felber (1984) atende a exigência de padronização que visa a comunicação sem ambiguidade, pois um termo deve expressar apenas um conceito e vice-versa. Por isso, a polissemia (o mesmo termo para diversos conceitos) e a sinonímia (diversos termos para um único conceito) devem ser evitadas dentro de um contexto específico, pois os termos e os léxicos especializados têm

---

<sup>158</sup> No original: “Considerable progress in terminology work at national and international level is only to be expected, if those who are responsible for the terminologies - i. e. the subject specialists and professionals - possess the know-how of terminology work” (Felber, 1984, p. v).

seus significados limitados na pesquisa de especialidade. Principalmente pensando em contextos plurilíngues.

Segundo Cabré (1999, p. 240):

No trabalho prescritivo, os termos também são unidades de dupla função, mas, em sua capacidade de representação, denominam uma realidade homogênea e voluntariamente estabelecida, construída com base no consenso (e, portanto, em certa medida, 'fictícia'). Do ponto de vista da transferência, esses termos permitem denominar interlinguisticamente essa realidade construída a partir de um segundo consenso sobre as formas de equivalência. É apenas neste contexto que os princípios de univocidade e monossomia das unidades terminológicas alcançam seu sentido pleno. A comunicação proporcionada por essa terminologia é limitada a um único registro funcional estabelecido com base no consenso<sup>159</sup> (tradução nossa).

A partir dos pressupostos sobre a evolução da terminologia baseada nos conceitos de Wüster, supracitadas na seção anterior, Cabré (2003) afirma constatar que terminologia aplicada não é necessariamente prescritiva, porém, apesar disso, permanece: a necessidade de regras para normalização e planejamento linguístico; o controle deliberado da evolução (planejamento, harmonização, normalização), reconhecendo sua natureza voluntária; a prioridade para formas internacionais de designação, a limitação a formas escritas, mesmo para terminologias no planejamento linguístico. A metodologia de trabalho continua restrita à abordagem onomasiológica ao manter a prioridade do conceito (Azevedo, 2019, p. 515).

O trabalho terminológico descritivo, por outro lado, se concentra em observar e registrar o uso real dos termos em contextos especializados, sem impor regras ou padrões fixos para seu uso. Essa abordagem, baseada na análise empírica dos termos, é mais flexível e adaptativa, permitindo a coexistência de múltiplos termos e variações que refletem a diversidade linguística e cultural dos falantes, pois aceita a variabilidade e a multiplicidade de usos como parte intrínseca da linguagem. O interesse da vertente descritiva se baseia nos termos como representação e como unidade de comunicação (Krieger; Finatto, 2004; Bojanoski, 2018). Segundo Cabré (2009, p. 239):

O resultado desse tipo trabalho é uma lista abrangente de unidades de conhecimento com vários graus de lexicalização (incluindo unidades terminológicas, fraseológicas e contextos específicos), que apresentam uma importante variação formal. Essa lista permite escolher variantes

---

<sup>159</sup>No original: "En el trabajo prescriptivo, los términos son también unidades de doble función, pero que en su capacidad de representación denominan una realidad homogénea y voluntariamente establecida, construida sobre la base del consenso (y pues en cierta medida «ficticia»); y desde el punto de vista de la transferencia permiten denominar interlingüísticamente dicha realidad construida a partir de un segundo consenso sobre las formas de equivalencia. Es sólo en este contexto que los principios de univocidad y monosemia de las unidades terminológicas alcanzan su sentido pleno. La comunicación que permite esta terminología se reduce a un único registro funcional establecido sobre la base del consenso" (Cabré, 1999, p. 240).

com base em parâmetros de correção e adequação ao discurso especializado<sup>160</sup>.

Vários autores têm discutido a relevância da terminologia descritiva. François Gaudin (1993), através da Socioterminologia, enfatiza a dimensão social da Terminologia e propõe uma abordagem descritiva sobre o uso dos termos em contextos reais. Gaudin considera a circulação dos termos sob a diversidade de seus usos sociais, estudando as condições de circulação e apropriação dos termos como signos linguísticos, e não apenas como rótulos conceituais. A Socioterminologia observa que o termo faz parte de situações comunicativas distintas, variando conforme a diversidade das línguas, e que é necessário considerar o meio linguístico e social do seu uso.

Cabré (1993), ao estruturar a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), argumenta que a terminologia deve refletir a diversidade e a dinamicidade da linguagem especializada, especialmente em campos que estão em rápido desenvolvimento. Ela enfatiza a necessidade de uma abordagem descritiva para capturar a realidade complexa e multifacetada das unidades terminológicas, que são ao mesmo tempo, unidades de conhecimento, de linguagem e de comunicação. A TCT valoriza o aspecto comunicativo e, por isso, seu foco está na linguagem de especialidade como um todo e não apenas no termo. Ela reconhece que os termos são parte da linguagem e compartilham a gramática das línguas naturais, assumindo o papel de termos conforme o contexto de uso (Krieger; Finatto, 2004). Constatamos que, do ponto de vista da Teoria Comunicativa da Terminologia, a importância da teoria clássica não é negada. Embora não se oponha radicalmente a ela, a TCT tende a enfatizar o papel da linguagem na caracterização das unidades terminológicas.

Rita Temmerman (2000), que propõe a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), sugere que a terminologia descritiva é crucial para entender como os termos são realmente usados pelos especialistas em suas práticas diárias, em vez de como deveriam ser usados segundo normas rígidas. A Teoria Sociocognitiva da Terminologia justifica que seu questionamento à teoria de Wüster, foi pelo equívoco de ter declarado “os princípios de padronização como [...] os de uma Teoria Geral da Terminologia. [...] que] não levam em conta o fato de que a terminologia também é importante para muitas outras situações comunicativas e cognitivas” (Temmerman, 2004, *apud* Cervantes, 2009, p. 132). Temmerman destaca que a TST reconhece a importância da padronização para a

---

<sup>160</sup> No original: “El resultado de un trabajo de este tipo es un listado amplio de unidades de conocimiento de distintos grados de lexicalización (y, por tanto, incluyendo unidades terminológicas, fraseológicas y contextos específicos) que presentan un índice importante de variación formal de diferente tipo. El resultado permite elegir variantes de acuerdo con parámetros de corrección y adecuación del discurso especializado” (Cabré, 2009, p. 239).

sociedade, em situações específicas de comunicação, como quando especialistas se reúnem para harmonizar conceitos e termos<sup>161</sup>.

Segundo Bojanoski (2018, p. 124): “tais teóricos propõem uma abordagem da Terminologia inserida no campo da Linguística, tendo em comum a proposta de analisar as unidades de significação especializadas a partir do seu contexto sociocultural”. Esses autores se afastam de uma terminologia clássica, que se baseia em uma metodologia prescritivista com o objetivo de definir termos únicos, monorreferenciais, normalizados e padronizados.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 55) vale ressaltar que os instrumentos terminográficos elaborados com o objetivo de padronização diferem daqueles que adotam uma abordagem descritiva. Essas obras, em vez de se limitarem a repertoriar apenas os termos recomendados, também registram sinônimos e variações. Embora também possam indicar o termo recomendado, não excluem as formas concorrentes utilizadas nos discursos especializados.

Entendemos, portanto, que enquanto a terminologia prescritiva busca a padronização e a clareza, a terminologia descritiva valoriza a diversidade e a adaptação ao uso real. Ambas as abordagens têm seu lugar e importância, dependendo dos objetivos específicos e do contexto em que são aplicadas. A terminologia prescritiva é essencial em áreas que requerem precisão e consistência, como ciência e tecnologia, onde a comunicação eficaz é crucial. A terminologia descritiva, por sua vez, é importante em campos onde a linguagem está em constante evolução, como nas ciências sociais e humanidades, permitindo uma maior compreensão dos usos linguísticos.

Nesse sentido, mesmo apesar de todas as críticas às teorias da TGT, Cabré, em diversos textos aqui já citados, indica que o caráter da obra depende de seu objetivo e objeto. Sobre a atividade de documentação Cabré (1999, p. 240) indica: “[...] devemos supor que a documentação necessita de dois marcos de trabalho da terminologia: o descritivo e o normativo<sup>162</sup>” (tradução nossa).

A discussão sobre qual aplicação de trabalho terminológico seria melhor para nossa pesquisa, a descritiva ou prescritiva, é bastante importante para nossas proposições. Por um lado, defendemos a normalização da terminologia, seguindo principalmente os pressupostos da Ciência da Informação e da Teoria Geral da Terminologia, porém essa

---

<sup>161</sup> Para a NBR 13790, harmonização de conceitos é a “atividade de redução ou eliminação de pequenas diferenças entre dois ou mais conceitos muito similares”. Enquanto a harmonização de termos é a “atividade que leva à designação de um conceito, nas diversas línguas, por termos que refletem as mesmas características ou características semelhantes ou têm as mesmas formas ou formas ligeiramente diferentes” (ABNT, 1997b, p. 2).

<sup>162</sup>No original: “[...] *debemos suponer que la documentación necesita dos marcos de trabajo de la terminología, el descriptivo y el normativo*” (Cabré, 1999, p. 240).

normalização por nós defendida, e já explicitada no capítulo 1, não tem o caráter totalmente prescritivo.

A intenção não é normalizar a ponto de se perderem as variantes, que são altamente necessárias, mas apresentar opções que possibilitem descrever as alterações de forma que sejam inteligíveis para um grande público e facilitem a busca pelos termos que podem designar essas mudanças, uma vez que ainda existem dúvidas sobre a nomenclatura aqui tratada.

Estamos cientes de que não é possível atingir uma univocidade absoluta, mesmo dentro de uma mesma área do conhecimento, e que a linguagem técnica e científica não deve ser vista como algo estático. Assim, buscaremos uma aproximação entre as duas abordagens para desenvolver um produto terminográfico que promova tanto a unificação de termos preferenciais quanto o aspecto comunicativo das terminologias, abrangendo equivalências e variações de forma controlada. Também sugerimos que o instrumento tenha um caráter sistemático, com constante atualização e crescimento.

### 2.1.3. Terminologia e Documentação | Ciência da Informação

A relação entre Terminologia e Documentação – área que se inscreve no quadro das Ciências da Informação, é estreita e complementar, pois ambas são fundamentais para garantir a clareza, precisão e eficácia na comunicação técnica e especializada. “Como em toda relação entre ciências, a mantida entre a Terminologia e a Documentação é de cooperação, ou seja, a primeira utiliza o trabalho da segunda e se nutre do mesmo, e vice-versa” (Barros, 2004. p. 89).

Segundo Cabré (1993) a Documentação se estabelece como:

[...] disciplina relativamente recente que se ocupa dos documentos que contém informação. Tem, como a Terminologia, caráter multidisciplinar, já que se aplica a qualquer ciência da atividade humana. É também uma atividade prática, que tem como objeto facilitar o acesso à informação aos especialistas e usuários que dela necessitam. A documentação aplicada ocupa-se da compilação, análise, representação, organização e armazenamento de documentos, a fim de que a informação seja recuperável para distintos usos, usuários e finalidades (Cabré, 1993, p. 111 *apud* Barros, 2004, p. 89).

Ao estabelecer as bases da Terminologia, Eugen Wüster incorporou a Ciência da Informação à constituição interdisciplinar da área, junto com a Linguística, a Ciência Cognitiva, a Comunicação e a Informática. Cabré (1999, p. 231), no entanto, considera que as únicas bases que constituem a Terminologia são: “as ciências da linguagem, as ciências da cognição e as ciências da comunicação”. Para a autora, a Ciência da Informação e a Informática estão em um nível diferente de relação com a Terminologia. Um desses pontos é a relação bilateral, de intercâmbio, que ambas mantêm, pois, segundo Cabré (1999, p.

233) “a terminologia é uma peça necessária ao trabalho de documentação e os documentos são imprescindíveis para o trabalho terminológico<sup>163</sup>” (tradução nossa).

Barros (2004) afirma que se, por um lado, a Terminologia serve à Documentação, por outro, esta última também oferece um auxílio significativo à primeira. De fato, o campo de estudo da Terminologia abrange as línguas de especialidade, presentes nos documentos técnicos e científicos.

Os conhecimentos necessários para a compreensão global de um domínio, a recolha dos termos objetos de uma pesquisa, a organização da árvore conceitual, o levantamento dos dados terminológicos e a preparação dos projetos terminográficos são feitos com base em documentos especializados, os quais são identificados, analisados e organizados pela Documentação (Barros, 2004, p. 89).

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 58):

Tal convergência [entre as duas ciências] permite ainda situar essas relações no âmbito dos sistemas de recuperação de informação, pressupondo sua utilização para fins específicos, contando com usuários determinados: “A comunicação documentária se desenvolve em um Sistema de Informação, o qual está geralmente subordinado a uma instituição e tem por objetivo atender aos seus especialistas” (Lima, 1998, p.13 *apud* Krieger; Finatto, 2004, p. 58).

Conforme colocam Maimone e Tálamo (2011) a Ciência da Informação, enquanto Ciência Social aplicada, destaca o trabalho informacional e justifica seu vínculo social, uma vez que as atividades relacionadas à organização e representação da informação são realizadas com o objetivo principal de garantir o acesso e a apropriação dessa informação tanto pelos usuários quanto pela sociedade em geral.

No texto *Terminología y Documentación*, Maria Tereza Cabré (1999) explora a relação entre Documentação e Terminologia, realizando uma análise a partir da perspectiva de ambas as áreas. Este texto foi extremamente esclarecedor para nossa pesquisa. A autora argumenta que, em princípio, a concepção terminológica que deve prevalecer na documentação, enquanto processo controlado pelo documentalista, é aquela estabelecida através de um processo de normalização.

Para isso, Cabré discute o conceito de normalização terminológica, analisando a necessidade dessa padronização e as condições para sua implementação, com um foco específico no campo da documentação. A autora também apresenta aspectos da normalização terminológica que podem contribuir para a formulação de uma proposta de documentação que seja suficientemente rigorosa para assegurar a eficiência na

---

<sup>163</sup> No original: “la terminología es una pieza necesaria para el trabajo documental y que los documentos son imprescindibles para el Trabajo terminológico” (Cabré, 1999, p. 233).

recuperação da informação, ao mesmo tempo em que atende melhor às necessidades dos usuários.

Cabré também aponta, no mesmo texto, que o uso de uma terminologia padronizada para indexação de documentos proporciona à documentação uma sistematicidade e univocidade que o emprego de palavras da língua comum jamais alcançaria. Dessa forma, a documentação utiliza a terminologia, especialmente a padronizada, para descrever ou representar o conteúdo dos documentos. Por outro lado, a terminologia depende da documentação para ‘existir’. Os termos especializados surgem naturalmente no discurso oral ou escrito dos especialistas, sendo encontrados de forma artificial em glossários e dicionários (Cabré, 1999, p. 233).

Ainda sobre a relação entre a Terminologia e a Documentação e a elaboração trabalhos terminográficos, Cabré esclarece que o trabalho de um terminólogo requer documentação em quase todas as fases da elaboração de um glossário:

Para conhecer o assunto e sua estrutura conceitual; para encontrar os termos utilizados; para confirmar a qualidade dos dados inicialmente coletados; para ilustrar os dados sob diferentes perspectivas; para organizar e apresentar os dados de forma impressa ou automatizada; ou para preparar propostas alternativas de documentação visando uma ação de normalização<sup>164</sup> (Cabré, 1999, p. 234, tradução nossa).

A relação essencial entre Documentação e Terminologia é mútua: não apenas a Terminologia contribui para a Documentação, mas também a Documentação depende da Terminologia para seus processos de trabalho. “Na prática da documentação, tanto na descrição documental do conteúdo ou indexação quanto no processo de recuperação de documentos a partir do conteúdo, a terminologia desempenha um papel crucial”<sup>165</sup>. Nessa linha de argumentação, é essencial afirmar que a Terminologia deve contar com a Documentação, e que todo trabalho terminológico deve começar com a seleção e análise da documentação especializada sobre o tema em questão (Cabré, 1999, p. 236).

Na dimensão da linguagem controlada, são relevantes as observações de Cabré (1999, p. 237), que afirma que as operações de indexação, realizadas pela Documentação, são essencialmente uma operação terminológica. “A identificação explícita, por meio da indexação das unidades mais representativas do conteúdo de um texto, a maioria das quais

---

<sup>164</sup>No original: “*para conocer la materia y su estructuración conceptual; para encontrar los términos que se utilizan en ella, para confirmar la calidad de los primeros datos que ha recogido, para ilustrar los datos desde los distintos puntos de vista, para ordenar y presentar los datos en forma de recopilación impresa o automatizada; o para preparar las propuestas alternativas de documentación con vista a una acción de normalización*” (Cabré, 1999, p. 234)

<sup>165</sup>No original: “*En la vertiente aplicada de la documentación, tanto en la actividad de descripción documental del contenido o indización, como en el proceso de recuperación de documentos a partir del contenido, la terminología juega un papel clave. Los índices y tesauros suelen ser en el fondo recopilaciones básicamente terminológicas con expresión de determinados enlaces de contenido*” (Cabré, 1999, p. 236).

são terminológicas, costuma ser controlada através de um tesouro, precisamente para reduzir a dispersão das expressões linguísticas espontâneas<sup>166</sup>. O controle do vocabulário utilizado no processo de indexação garante a recuperabilidade das informações contidas nos documentos.

Tálamo e Lara (2009) enfatizam que a TGT, ao possibilitar uma relação unívoca entre conceito e termo, oferece uma solução atraente para os problemas linguísticos enfrentados pela Documentação. Ela consolida, por exemplo, a ideia do signo monossêmico, relevante para conferir credibilidade ao tratamento da informação e garantir a confiabilidade dos sistemas de recuperação de informação.

A orientação onomasiológica<sup>167</sup> é importante para a Terminologia porque fornece embasamento para a prescrição da relação conceito-termo. Já para a Documentação ela operacionaliza a comparação que é a base da normalização, como por exemplo, a relação de equivalência nos tesouros (Tálamo; Lara, 2009, p. 65).

Cabré (1999) observa que importância da terminologia na documentação é amplamente reconhecida, assim como a necessidade de controlar a descrição do conteúdo para facilitar o acesso futuro. A autora adverte que, no entanto, poucas vezes na terminologia questionaram rigorosamente a necessidade de diversificar o conceito de normalização e adaptá-lo a contextos específicos. No campo da documentação, frequentemente se assumiu, talvez sem reflexão adequada, que apenas a terminologia normalizada era adequada para os trabalhos documentais, sem esclarecer o que se entendia por 'normalizada' e se essa abordagem era realmente necessária em todas as atividades.

Por fim, concordamos com Cabré (1999) ao afirmar que, para a primeira atividade, a descrição e classificação, é necessário adotar uma terminologia rigidamente controlada. Já para a segunda, o acesso à informação, defendemos o uso de uma terminologia mais variada e flexível, que se aproxime da linguagem natural dos usuários. As novas tecnologias da informação possibilitam essa abordagem dupla sem comprometer a sistematicidade e a eficácia do trabalho documental.

Em nosso caso, o produto terminográfico sugerido será elaborado em uma base de dados terminológica – já desenvolvida dentro de parâmetros internacionais, que permite a

---

<sup>166</sup> No original: "*La identificación explícita mediante la indización de las unidades más representativas del contenido de un texto, la mayoría de las cuales son terminológicas, se suelen controlar a través de un tesouro, precisamente para reducir la dispersión de las expresiones lingüísticas espontáneas*" (Cabré, 1999, p.237).

<sup>167</sup> "Entende-se por onomasiologia a atividade linguística que parte da ideia ou significação e identifica as possíveis palavras para expressá-la. Esse procedimento permite descrever as várias formas pelas quais a ideia encontra sua expressão nas palavras. Portanto, os processos de denominação – da ideia para o signo - estão na base dos estudos de natureza onomasiológica" (Tálamo; Lara, 2009, p. 64).



estrutura relacional dos termos e uma estrutura possível de indicação de termos preferenciais, discorreremos sobre a aplicação no capítulo 3.

#### 2.1.4. Normas terminológicas

As normas terminológicas têm o objetivo de indicar diretrizes sobre princípios e métodos do trabalho terminológico. As principais normas terminológicas são elaboradas pelo Comitê Técnico 37 da *International Organization for Standardization* (ISO). Estas normas são muitas vezes traduzidas e adaptadas por organismos nacionais de normalização. No Brasil, existem esforços para a tradução e adaptação de normas terminológicas, porém nem todas foram traduzidas. Portanto, para acessar todas as normas terminológicas, é necessário consultar as normas originais da ISO, disponíveis em inglês ou francês.

Segundo Cabré (1999, p. 242) a ISO, criada em 1947 para "desenvolver normas universais que melhorassem a comunicação e a cooperação internacionais e reduzissem as barreiras dos intercâmbios comerciais a nível internacional", define o termo normalização da seguinte forma: "Processo de formulação e aplicação de regras para uma abordagem ordenada de uma atividade específica, para o benefício e com a cooperação de todos os envolvidos[...]"<sup>168</sup> (tradução nossa).

Conforme apontam Kreiger e Finatto (2004) as normas estabelecem algumas orientações úteis para elaboração de glossários de modo a assegurar padrões mínimos de qualidade. Para as autoras, não há dúvida que o apoio das diretrizes estabelecidas pela ISO tende a organizar melhor o trabalho de reconhecimento de uma terminologia. No entanto é sempre necessário confrontar suas diretrizes com as especificidades da comunicação e da linguagem envolvidas, além dos objetivos desejados. Seguir normas, por si só, não assegura o sucesso de um glossário. Além disso, sabemos que normas fixas tendem a não contemplar certas especificidades, como a variação conceitual e denominativa em algumas áreas do conhecimento.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é responsável pela tradução e adaptação de normas terminológicas da ISO para o contexto brasileiro. As traduções realizadas pela ABNT permitem que essas normas internacionais sejam aplicadas de maneira eficaz no Brasil, adaptando-as às necessidades e contextos locais. Algumas das principais normas terminológicas traduzidas pela ABNT incluem:

---

<sup>168</sup> No original: "Process of formulating and applying rules for an orderly approach to a specific activity for the benefit and with the co-operation of all concerned [...]" (Cabré, 1999, p. 242).

- NBR13789 - Terminologia - Princípios e métodos - Elaboração e apresentação de normas de terminologia. Estabelece as regras para elaboração e apresentação de normas de terminologia. A norma não fixa princípios e métodos de terminologia, que são tratados na ISO 704 (ABNT, 1997a).

Segundo a norma:

A padronização de termos é essencial a todas as etapas da Normalização. Portanto, é necessário empregar os princípios e métodos próprios do trabalho de terminologia. Os princípios fornecem a base teórica para a construção do sistema de conceitos, e de definições harmônicas entre si, enquanto os métodos uniformes:

- a) ajudam a organizar trabalhos de terminologia de maneira prática e eficiente;
- b) asseguram uniformidade e coerência de termos tanto na área de assunto específico quanto entre áreas correlatas;
- c) contribuem para a harmonização de sistemas de conceitos e termos em diferentes línguas;
- d) fomentam o emprego eficiente da tecnologia da informação nos trabalhos de terminologia (ABNT, 1997a).

- NBR13790 - Terminologia - princípios e métodos - harmonização de conceitos e termos. Tem por objetivo fixar o enfoque metodológico adotado na harmonização dos conceitos, dos sistemas de conceitos, das definições, dos termos e dos sistemas de termos. Aplica-se à elaboração de glossários nacionais e internacionais (ABNT, 1997b).

Dentre as inúmeras normas terminológicas da *International Organization for Standardization* (ISO), citamos as apresentam especial interesse para nosso estudo:

- ISO 704:2022 - *Terminology work - principles and methods*. Tem como objetivo padronizar os elementos essenciais para o trabalho terminológico. Estabelece os princípios e métodos básicos para a preparação e compilação de terminologias, tanto dentro quanto fora do contexto de normalização. Descreve as ligações entre objetos, conceitos, definições e designações. Também estabelece princípios gerais para a formação de termos e nomes próprios e para a redação de definições. Este documento é aplicável ao trabalho terminológico nos campos científico, tecnológico, industrial, jurídico, administrativo e em outras áreas do conhecimento (ISO, 2022).
- ISO 1087-1:2000 - *Terminology work – vocabulary - Part 1: Theory and application*. Estabelece um vocabulário básico para a teoria e aplicação do

trabalho terminológico. Não abrange o vocabulário relacionado às aplicações de computador no trabalho terminológico (ISO, 2000)<sup>169</sup>.

- ISO 860:2007 - *Terminology work - Harmonization of concepts and terms*. Especifica uma abordagem metodológica para a harmonização de conceitos, sistemas de conceitos, definições e termos. Aplica-se ao desenvolvimento de terminologias harmonizadas, tanto a nível nacional quanto internacional, em contextos monolíngues ou multilíngues (ISO, 2007).
- ISO 10241-1:2011- *Terminological entries in standards - Part 1: General requirements and examples of Presentation* (ISO, 2011).
- ISO 10241-2:2012 - *Terminological entries in standards - Part 2: Adoption of standardized terminological entries* (ISO, 2012).
- ISO 15188:2001- *Project management guidelines for terminology standardization*.

Importa registrar que o acesso a normas, especialmente as internacionais, tem um custo alto, dificultando o acesso para pesquisa.

De acordo com Lara (2005) partes dessas normas apresentam muita semelhança com o conteúdo da norma documentária de construção de tesouros, a ISO 2788 - *Guidelines to establishment and development of monolingual thesauri*, principalmente no que se refere às relações entre os termos e conceitos, porém cada uma delas volta-se a um objetivo específico. Existem várias versões da norma de tesouro publicadas no Brasil, embora nenhuma delas tenha sido feita sob a responsabilidade da ABNT.

## 2.2. Terminografia

### 3.6.1

#### **trabalho terminológico**

trabalho voltado para a coleta sistemática, descrição, processamento e apresentação de conceitos e suas designações.

### 3.6.2

#### **terminografia**

parte do trabalho terminológico voltada para o registro e apresentação de dados terminológicos.

NOTA: Os dados terminológicos podem ser apresentados na forma de bases de dados

---

<sup>169</sup> Verificamos que há uma versão mais recente da norma, publicada em 2019, com o título *Terminology work and terminology science – Vocabulary*, porém não tivemos acesso a essa versão.

terminológicas, glossários, tesouros ou outras publicações<sup>170</sup>.  
(ISO, 2000, p. 10, tradução nossa)

Conforme apontado por Krieger e Finnato (2004) a face aplicada da Terminologia é chamada de Terminografia. Esta, segundo Bojanoski (2018, p. 124) “integra as operações de coleta, sistematização e apresentação dos termos de uma determinada área do saber ou da atividade humana, que resulta em um produto final [...]”.

Ainda, segundo Krieger e Finnato (2004), a Terminografia pode ser definida como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio socioprofissional (Boulanger, 2001, p. 13, *apud* Krieger; Finnato, 2004, p. 50).

Essas são as principais características da terminografia, que se concentra no termo como objeto de descrição e aplicação, definindo seu conteúdo e considerando também seu uso profissional (Krieger; Finnato, 2004, p. 50).

Como demonstrado na epígrafe acima, a norma ISO 1087-1 (2000, p. 10) apresenta a seguinte definição para Terminografia: “parte do trabalho terminológico voltada para o registro e apresentação de dados terminológicos”. Em nota a definição apresenta que “os dados terminológicos podem ser apresentados na forma de bases de dados terminológicas, glossários, tesouros ou outras publicações”.

Krieger e Finnato (2004, p. 50) ressaltam que, entre as características particulares da Terminografia, destaca-se o fato de que essa área não se restringe à produção pragmática de ferramentas de referência especializada. Ela também constitui um campo de estudo sobre os termos. Seu objetivo aplicado exige a consideração e avaliação dos fundamentos teóricos necessários para identificar terminologias, reconhecer a diversidade de suas formas linguísticas e semióticas, além de aplicar princípios analíticos que expliquem o funcionamento dos termos e seu registro em ferramentas especializadas.

Conforme descrito pela ISO 1087:2020, o trabalho terminológico envolve a coleta sistemática, descrição, processamento e apresentação de conceitos e suas designações em diversos domínios e temas. Por outro lado, a terminografia é a parte desse trabalho que se concentra no registro e na apresentação de dados terminológicos. O trabalho terminológico é interdisciplinar, combinando elementos de várias abordagens teóricas que

---

<sup>170</sup>No original: “3.6 Aspects of terminology work /3.6.1 terminology work work concerned with the systematic collection, description, processing and presentation of concepts and their designations / 3.6.2 terminography part of terminology work concerned with the recording and presentation of terminological data / NOTE Terminological data may be presented in the form of term banks, glossaries, thesauri or other publications” (ISO, 2000, p. 10).

lidam com a descrição, organização e transferência de conhecimento. O objetivo do trabalho terminográfico, conforme descrito na norma técnica, é esclarecer e padronizar a terminologia para facilitar a comunicação entre seres humanos. Embora o trabalho terminológico também possa apoiar a modelagem do conhecimento, da informação e dos dados, esse documento não abrange essas áreas.

Segundo Lara (2004b, p. 92) “o trabalho terminológico de definição tem no conceito seu ponto de partida. Segundo as normas terminológicas, o conceito é uma unidade abstrata criada a partir de uma combinação única de características”.

Para esta pesquisa, é importante notar que os estudos terminográficos fornecem diretrizes para estabelecer princípios metodológicos e orientações práticas. Esses estudos oferecem reflexões e propostas a fim de garantir a eficácia das obras produzidas, abordando a precisão das definições e a inclusão de informações gramaticais relevantes obras de referência especializadas. Esses fundamentos teórico-metodológicos orientam a criação de instrumentos terminográficos, que podem incluir glossários, dicionários monolíngues, bilíngues ou multilíngues, e bases de dados terminológicas (Krieger; Finnato, 2004, p. 50).

Barros (2004), ao analisar as tipologias das obras lexicográficas e terminológicas, aponta que as classificações podem ser baseadas em aspectos como estrutura, público-alvo, tipo de dado veiculado, quantidade de unidades lexicais abordadas e ordem de entrada etc. Essas variáveis permitem a criação de uma ampla diversidade de tipologias de obras. Para a autora: “É na linha de um continuum de características tipológicas que os lexicógrafos e terminólogos trabalham e tomam decisões sobre suas obras e seus títulos” (Barros, 2004, p. 150 *apud* Bojanoski, 2018, p. 123).

No livro *Manual de Terminologia*, Pavel e Nolet (2002, p. xvii) indicam que o trabalho aplicado de terminologia exige uma série de procedimentos, tais como:

identificar os termos que designam os conceitos próprios de uma área, atestar o emprego por meio de referências precisas, descrevê-los com concisão, discernindo o uso correto do uso incorreto, e de recomendar ou desaconselhar certos usos, a fim de facilitar uma comunicação isenta de ambigüidades [*sic*].

Conforme sugere Cabré (2003) o aspecto aplicado dessa disciplina se desenvolve segundo uma metodologia fundamentada nos princípios da teoria, permitindo que esses princípios sejam projetados em atividades práticas com o intuito de resolver problemas e criar recursos que atendam às necessidades de representação e comunicação desse conhecimento especializado.

Este estabelecimento de sentidos especializados, como vimos acima, é uma das condições do conhecimento especializado. Consolida-se através da compilação de glossários que estabelecem o significado de uma unidade por intermédio de uma definição uma explicação ou figura, ou

então por intermédio de métodos discursivos sob a forma de discurso metalinguístico, reformulações etc (Azevedo, 2019, p. 551).

Para o desenvolvimento desta dissertação e do glossário resultante da pesquisa trabalhamos principalmente com a Terminologia em sua face aplicada a Terminografia, uma vez que oferece os princípios metodológicos e o embasamento teórico buscados para o desenvolvimento da ferramenta proposta, assim como trabalhamos dentro do contexto da Documentação.

### 2.2.1. Aplicações terminológicas: glossário e base de dados terminológica

Segundo Krieger e Finnato (2004, p. 123) uma das facetas da Terminologia, as aplicações terminológicas "podem ser compreendidas como transposições da teoria em benefício de uma prática ou necessidade, quer sob a forma de uma metodologia de análise, quer sob a forma da criação de um produto [...]".

No plano aplicado da terminologia, são desenvolvidos principalmente trabalhos de produção de glossários para diversas áreas temáticas, dicionários especializados e bases de dados de terminologias. Em geral, essas obras de referência são bilíngues ou multilíngues, pois a comunicação em ciência e técnicas tem maior alcance quando plurilíngues (Krieger, 2005).

Segundo Pavel e Nolet (2002), o objetivo principal do trabalho terminológico é a transmissão do conhecimento e a documentação dos usos terminológicos dos especialistas. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa terminológica deve ser capaz de descrever a aquisição e a organização desse conhecimento.

Levando em conta o escopo da pesquisa – que almeja a elaboração e a estruturação de um trabalho terminográfico de auxílio para preservação, documentação e gestão de acervos museológicos, e que, portanto, se insere em segmento específico da área da Conservação de bens culturais, optamos em adotar a nomeação de glossário – instrumento que pode ser entendido como uma lista de termos usados numa área especializada do conhecimento, acompanhada da respectiva definição e/ou equivalentes e que não pretende ser exaustiva.

Conforme os parâmetros e estruturas estabelecidos por Krieger e Finnato (2004) para instrumentos de organização e divulgação das terminologias:

Glossário costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade.

Banco de dados terminológicos<sup>171</sup> é estrutura informatizada que contém uma lista de termos e um repertório de termos, além de uma série de outras informações relativas ao uso e funcionamento das terminologias (KRIEGER; FINNATO, 2004, p. 51).

A categorização das obras terminográficas é altamente diversificada, pois além dos critérios linguísticos que podem ser empregados para definir sua tipologia, também há influências significativas de fatores históricos e culturais na origem e evolução dos diversos tipos trabalhos (Bojanoski, 2018). Maria Aparecida Barbosa (2001, p. 26) afirma que a classificação das obras terminográficas e lexicográficas é muito variável devido a influências de fatores linguísticos, históricos e culturais. Apesar do avanço das ciências das palavras e da atuação de organismos internacionais de normalização, ainda não há uma terminologia uniforme e consensual para certos conceitos – “uma terminologia uniforme e consensual da Terminologia”. Isso é evidente nos conceitos de dicionários gerais, vocabulários e glossários estabelecidos na Norma ISO 1087, que apresentam variações quando traduzidos por organismos nacionais ou comentados por grupos de trabalho, especialmente em relação aos tipos de obras denominadas vocabulários e glossários.

De acordo com a norma ISO supracitada:

### **3.7 Produtos terminológicos**

#### **3.7.1**

##### **dicionário terminológico**

dicionário técnico

coleção de entradas terminológicas apresentando informações relacionadas a conceitos ou designações de um ou mais campos específicos.

#### **3.7.2**

##### **vocabulário**

dicionário terminológico que contém designações e definições de um ou mais campos específicos.

NOTA O vocabulário pode ser monolíngue, bilíngue ou multilíngue.

#### **3.7.3**

##### **glossário**

dicionário terminológico que contém uma lista de designações de um campo específico, junto com equivalentes em uma ou mais línguas.

NOTA No uso comum da língua inglesa, glossário pode se referir a uma lista unilíngue de designações e definições em um campo específico<sup>172</sup> (ISO, 2000, p.12-13, tradução nossa).

---

<sup>171</sup> As autoras Krieger e Finatto (2004) utilizam o termo banco de dados, em nossa pesquisa optamos por utilizar a designação de base de dados.

<sup>172</sup> No original: “3.7 Terminological products; 3.7.1 terminological dictionary; technical dictionary collection of terminological entries presenting information related to concepts or designations from one or more specific subject fields; 3.7.2 vocabulary; terminological dictionary which contains designations and definitions from one or more specific subject fields; NOTE The vocabulary may be monolingual, bilingual or multilingual.; 3.7.3 glossary; terminological dictionary which contains a list of designations from a subject field, together with equivalents in one or more languages; NOTE In English common language usage, glossary can refer to a unilingual list of designations and definitions in a particular subject field” (ISO, 2000, p.12-13).

Verificamos que nesta versão da ISO 1087-1 a acepção principal de glossário não abrange a definição dos termos e sim somente uma listagem de designações (termos) e suas equivalências. Em nota, porém, a norma define que no uso comum da língua inglesa, o glossário pode conter as definições.

Diante da polissemia de termos utilizados para descrever as obras terminográficas, optamos por utilizar os conceitos aplicados por Bojanoski (2018) e Krieger e Finnato (2004). Entendemos, portanto, que um glossário é uma coleção de termos (unidades terminológicas), acompanhados da respectiva definição e/ou equivalentes e relacionados a um setor específico do conhecimento. Ele atende, por um lado, à necessidade de denominação dentro de um campo particular e, por outro, à divulgação do conhecimento especializado.

Cabré (1999) sugere que, para abordar o tema das aplicações terminológicas de forma abrangente, devemos partir do pressuposto de que a terminologia serve essencialmente a duas finalidades: a representação e a transferência, sempre dentro do contexto da realidade especializada. “Em sua função de representação, a terminologia serve a três tipos de disciplinas ou atividades: a) à documentação; b) à engenharia linguística e à linguística computacional; c) às especialidades basicamente científico-técnicas”. A terminologia serve às diferentes especialidades para organizar o conhecimento (por meio de manuais ou glossários) e para unificar o conhecimento (através de normas e padrões). Por sua vez, as especialidades fornecem à terminologia seu propósito e objeto de estudo: os termos, que sem sua inserção nas especialidades perderiam seu valor terminológico.

No que se refere ainda aos tipos de obras terminográficas, segundo Cabré (1993), podemos classificar os trabalhos em terminologia a partir dos seguintes critérios: monolíngues, quando se baseiam em uma só língua; plurilíngues, quando compreendem mais de uma língua. Estes trabalhos terminológicos também podem ser considerados como pontuais ou sistemáticos a partir de dois critérios básicos: o número de termos considerados e a motivação inicial.

Sendo assim, com base nesses critérios de classificação, é possível elaborar quatro categorias de trabalhos terminológicos: “1) trabalho sistemático monolíngue; 2) trabalho sistemático plurilíngue; 3) trabalho pontual monolíngue; 4) trabalho pontual plurilíngue”. Cabré afirma ainda que cada trabalho terminológico possui sua própria abordagem, métodos e padrões de trabalho exclusivos, ainda que sejam metodologicamente consistentes entre si (Cabré, 1993, p. 289-290 *apud* Bojanoski, 2018, p. 126).

Entendemos que o glossário monolíngue apresenta termos especializados e suas definições em um único idioma e é utilizado principalmente para ajudar a entender a



terminologia dentro de um campo específico na língua em questão. Já o glossário multilíngue fornece os termos, definições e/ou seus equivalentes em línguas estrangeiras, e visa facilitar a compreensão e a tradução de termos especializados entre diferentes idiomas, promovendo a comunicação e a uniformidade terminológica em contextos internacionais.

É importante destacar, conforme aponta Felber (1984), e como já mencionado acima, que o trabalho terminológico pode ser de natureza descritiva ou prescritiva. Um trabalho descritivo tem a função de compilar um conjunto de termos pertencentes a um campo de especialidade e disponibilizá-los aos usuários. Já um trabalho prescritivo visa priorizar o uso de termos considerados recomendáveis, com o objetivo de orientar os falantes sobre a correta utilização da terminologia em uma área específica.

Neste estudo terminológico para a elaboração do *Glossário visual de alterações em bens culturais*, aplicamos a concepção de um trabalho sistemático multilíngue. O trabalho terminográfico aqui apresentado é considerado sistemático pois tem “a finalidade de coletar de forma estruturada um grande número de termos, que, dentro de uma área ou subárea temática, designam noções específicas” (Cabré, 1993 *apud* Bojanoski, 2018, p. 126).

#### 2.2.1.1. Base de dados terminológica (BDT)

##### 3.7.5

##### **base de dados terminológica**

base de dados contendo dados terminológicos<sup>173</sup>  
(ISO, 2000, p. 12)

Segundo Maciel (2011, p. 1), os campos de interesse conjunto da Terminologia e da Informática não são recentes e estão se aproximando cada vez mais. “Já Wüster, quando definiu as características dos estudos terminológicos nos anos 60, imaginava uma grande rede virtual unindo terminólogos no espaço cibernético”.

Conforme Krieger e Finatto (2004), as novas tecnologias da informação, sobretudo a partir dos anos 70, permitiram processar volumes consideráveis de dados, influenciando o contexto do desenvolvimento da Terminologia. Os recursos informatizados foram utilizados em todas as áreas dos estudos linguísticos, e, especificamente na Terminologia, favoreceram a criação e possibilitaram novas aplicações, facilitando a produção de instrumentos terminográficos, como bases de dados terminológicos (BDT), fichas de trabalho, dicionários e glossários em formato eletrônico.

---

<sup>173</sup>No original “*terminological database database containing terminological data*” (ISO, 2000, p. 12).

Para entendermos melhor sobre as BDTs, começaremos abordando o conceito e a estrutura das bases de dados, a fim de compreender sua aplicação nos produtos terminológicos. A base de dados é constituída pelo conjunto de dados que são estruturados com a finalidade de fácil acesso e manipulação. A base é formada por unidades chamadas registros, na qual a informação é armazenada, e cujos diversos atributos são representados por campos e subcampos. Em uma base de dados a informação é armazenada de uma forma estruturada permitindo a sua organização e subsequente pesquisa (Panisset, 2017).

Cada registro – ficha individual – é uma nova entrada na base de dados, sendo composto por campos que são definidos pelo usuário. O registro é definido como o "conjunto estruturado de dados que permite acomodar determinado assunto" (Bireme, 2005, p. 25). O campo corresponde a um elemento de dados, a unidade mínima elementar de informação que tem significado para o utilizador, por exemplo, 'termo'. Um dado pode ser considerado como toda e qualquer informação inserida num determinado campo, isto é, uma letra, uma palavra, uma frase ou ainda, um simples espaço em branco. Alguns campos podem ser compostos também de subcampos –"elemento que contém a menor porção de informação de um campo, cujo sentido pode não ser claro se não for analisado em conjunto com os outros elementos relacionados" (Bireme, 2005, p. 25).

Os dados registrados são interligados em um arquivo mestre que permite a indexação<sup>174</sup>, possibilitando assim a recuperação de informação através de diversas formas de pesquisa na base de dados. O sistema de recuperação de informação cria índices de palavras contidas em cada categoria de dados, sendo então possível pesquisar cada categoria para a ocorrência de alguma palavra ou frase. Registros que correspondem aos critérios de pesquisa são exibidos na tela, e podem ser impressos ou incluídos em um relatório (Panisset, 2017).

O modelo de base de dados relacional, um dos mais utilizados atualmente, é "baseado em tabelas de linhas e colunas, sendo cada linha um registro e cada coluna um campo. Pode ser uma única tabela ou um conjunto de tabelas relacionadas". Esse modelo é caracterizado por sua grande simplicidade conceitual e pela capacidade de permitir o cruzamento de registros sem a necessidade de uma definição estrutural prévia, oferecendo assim alta flexibilidade (Turban, 2004 *apud* Bevilacqua, 2010). Isto quer dizer que, além da informação contida nos dados elementares, há informação que se armazena no estabelecimento de relações entre os diferentes registros (Panisset, 2017).

---

<sup>174</sup> "Procedimento de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos que representam os assuntos correspondentes a esse documento com o objetivo de recuperá-lo posteriormente" (BIREME, 2005, p. 25).

Uma das outras vantagens da utilização de um modelo relacional reside no fato de não haver limitações ao número de relações estabelecidas e à possibilidade dessas relações serem geradas automaticamente através de um único procedimento. O estabelecimento de uma relação é sempre recíproco e podem relacionar-se conjuntos de registros simultaneamente.

Segundo Krieger e Finatto (2004), as bases de dados informatizadas surgem como substitutas dos acervos de informações coletadas para a elaboração de glossários e dicionários especializados. Assim, uma base de dados terminológica se configura como um sistema de informações interconectadas.

De um modo didático, podemos imaginar que cada uma das bases de um sistema corresponderia a um tipo de 'fichário', interconectado a um outro. A vinculação é feita, assim, por meio de algum item de informação que 'atravessa' todas as fichas de todo fichário (Krieger; Finatto; 2004, p. 145).

Nas BDTs, a unidade básica de gestão é a entrada terminológica que registra informações sobre um conceito e, de modo geral, inclui pelo menos um termo. Além do termo, são anotados diversos tipos de dados descritivos e administrativos referentes ao termo, ao conceito associado a ele, e às suas relações com outros termos e conceitos. As informações administrativas facilitam a gestão do banco de dados terminológico ou do documento (Sperberg-McQueen; Burnard, 2004).

Entradas terminológicas bilíngues e multilíngues lidam com conceitos harmonizados ou muito estreitamente relacionados em dois ou mais idiomas, tratados como equivalentes funcionais dentro de um domínio ou subdomínio específico. Os dados terminológicos podem ser apresentados em forma de bases de dados terminológicas ou utilizados para criar documentos terminológicos impressos, como glossários, dicionários terminológicos, vocabulários técnicos ou tesouros (Sperberg-McQueen; Burnard, 2004).

Normalmente, a organização de uma base de dados terminológica permite que a estrutura conceitual criada para o domínio de investigação seja reproduzida no computador. A digitalização dessa estrutura conceitual em uma base de dados informatizada pode sistematizar várias etapas do trabalho terminográfico, como a coleta de termos, a seleção dos termos para inclusão no glossário, a organização da rede de remissivas, a elaboração das definições e o preenchimento das fichas terminológicas (Fromm, 2011).

Segundo Dias (2000, p. 1), Sonneveld destaca que, para sistematizar as informações de uma base de dados ou analisar grandes volumes de dados extraídos de sistemas diversos, é essencial que o vocabulário da área seja rigorosamente controlado. Para que esses vocabulários e bases de dados terminológicas operem de maneira

eficiente, pode-se utilizar os princípios e métodos da terminologia e da terminografia computadorizada.

Algumas vantagens que podemos destacar é que as bases de dados informatizadas ocupam menos espaço do que os sistemas de documentação em papel e permitem que o *back-up* – cópia de segurança – das informações seja feito com facilidade. Também colaboram para que a informação seja armazenada de forma estruturada e ordenada, permitindo a rápida pesquisa e recuperação de registros (Panisset, 2017). O trabalho de estruturação das fichas terminológicas e a relação de equivalências são também bastante favorecidas com o uso das BDTs.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa e geração do Glossário-piloto proposto, utilizaremos um software que permite a construção de diferentes tipos de ferramentas terminológicas, como a criação de glossários e diferentes tipos de vocabulários controlados como taxonomias, tesouros, etc. A ferramenta foi desenvolvida pela empresa *Sistemas do Futuro*, de acordo com as diretrizes internacionais, para a construção e desenvolvimento de tesouros e visa principalmente a criação de vocabulários normalizados. No terceiro capítulo discorreremos sobre o software e possibilidades dessa aplicação.

### **2.3. Pesquisa terminológica e elaboração de produto terminográfico**

Embora a Terminologia possua duas dimensões – teórica e aplicada, mesmo no âmbito das aplicações, essa área sempre envolve o estudo de termos. Isso ocorre porque a aplicação prática exige a consideração e avaliação dos fundamentos teóricos e metodológicos necessários para identificar as terminologias e, conseqüentemente, determinar quais termos devem compor a nomenclatura de uma obra de referência especializada. A produção de instrumentos terminográficos é uma tarefa complexa e não se resume a uma atividade puramente prática (Krieger, 2005).

Conforme apontam Krieger e Finatto (2004), a Terminografia é atividade eminentemente de aplicação, que tem princípios e métodos próprios. Além de um fazer, entretanto, há todo um corpo de estudos teóricos subjacentes que buscam a concepção de instrumentos para ordenação e representação de sistemas de informação.

Almeida (2012, p. 146) levanta algumas questões que consideramos essenciais antes de iniciar a pesquisa:

que produto terminológico será gerado: apenas uma lista de termos sem definição? Quantos termos? Um glossário com entradas, definições e exemplos de uso? Uma base terminológica contendo um conjunto de fichas com campos predeterminados? Uma ontologia? Será um produto monolíngue, bilíngue, multilíngue ou monolíngue com equivalências?

Como nosso objetivo é elaborar um glossário sistemático, normalizado tanto estruturalmente quanto em sua terminologia, bilíngue com equivalências e disponibilizado

em uma base de dados terminológica, buscamos referências no trabalho já consolidado de pesquisadoras que indicam metodologias para elaboração de obras terminográficas como Gladis Maria de Barcellos Almeida (2000; 2012), Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto (2004), e Silvana Bojanoski (2018), que utilizam a abordagem descritiva, baseada em pressupostos da TCT.

Em contraponto, seguindo para uma abordagem também prescritiva, além das autoras citadas, utilizamos como referencial as normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da *International Organization for Standardization* (ISO), notadamente os documentos ABNT NBR13789 (1997a) e NBR13790 (1997b) e ISO 704 (2022) e ISO 1087-1 (2000), assim como o precursor trabalho de Helmut Felber *Terminology Manual*, publicado pela Unesco em 1984<sup>175</sup>.

Ao analisarmos a norma ISO 704, que possui uma estrutura bastante complexa e normalizadora, verificamos que é essencialmente baseada na abordagem onomasiológica proposta por Wüster e reafirmada na obra de Felber (1984):

Objetos, conceitos, definições e designações são fundamentais para o trabalho terminológico e, portanto, formam a base deste documento. Objetos são percebidos ou concebidos e abstraídos em conceitos. Conceitos são representados por designações e/ou definições. O conjunto de designações e conceitos pertencentes a uma linguagem especial constitui a terminologia de um domínio ou assunto específico<sup>176</sup> (ISO 704, 2021, p. vi, tradução nossa).

Entendemos que o estabelecimento de normas terminológicas e terminográficas pelos órgãos de normalização tem um caráter essencialmente prescritivo. No entanto, logo na introdução da norma, em seu escopo, é afirmado que “este documento estabelece os princípios básicos e métodos para preparar e compilar terminologias tanto dentro quanto fora do quadro de padronização<sup>177</sup>” (ISO, 2022, p. 1, tradução nossa, grifo nosso).

Almeida (2006) observa que, mesmo nas pesquisas que utilizam como base teórica a TCT, adotando uma perspectiva descritiva, na prática terminológica, a maioria das pesquisas ainda se aproxima muito da concepção clássica da terminologia, que estabelece algumas características fundamentais como: a) a prioridade do conceito sobre o termo; b)

---

<sup>175</sup> A publicação de Felber serviu como base para a elaboração de diversas normas ISO sobre terminologia. Seu trabalho influenciou diretamente a forma como a terminologia é padronizada internacionalmente, garantindo que a comunicação técnica seja clara e uniforme em diferentes idiomas e contextos. A obra não apenas fornece uma base teórica sólida, mas também apresenta aplicações práticas que são úteis em projetos de padronização terminológica e na gestão de bases de dados terminológicos.

<sup>176</sup>No original: “*Objects, concepts, definitions and designations are fundamental to terminology work and therefore form the basis of this document. Objects are perceived or conceived and abstracted into concepts. Concepts are represented by designations and/or definitions. The set of designations and concepts belonging to one special language constitutes the terminology of a specific domain or subject*” (ISO, 2022, p. vi).

<sup>177</sup>No original: “*This document establishes the basic principles and methods for preparing and compiling terminologies both inside and outside the framework of standardization*” (ISO, 2022, p. 1).

a precisão do conceito, o que implica de certo modo a eliminação da ambiguidade e a busca pela univocidade; c) a consequente abordagem onomasiológica, já que toda a atividade terminológica parte do conceito; d) a proeminência do nível lexical em detrimento dos demais níveis de descrição linguística (morfológico, sintático, textual, discursivo); e, finalmente, e) a prescrição (Almeida, 2006, p. 86).

A NBR 13789 (ABNT, 1997a) informa que

um dos objetivos de uma norma de terminologia é harmonizar os conceitos, sistemas de conceitos e termos em uma língua ou entre diferentes línguas. O objetivo final do processo de normalização é obter um glossário normativo no qual apenas um termo de uma língua corresponda a um conceito e apenas um conceito corresponda a um termo nesta língua (grifo nosso).

Como abordado anteriormente, discordamos parcialmente na definição das relações entre conceitos e termos de monossemita – relação em que a designação corresponde a um único conceito, e mononímia – relação em que o conceito tem apenas uma designação (ISO, 2000).

De acordo com a norma supracitada, além das relações de monossemita e mononímia, existem as relações de homonímia – relação entre designações e conceitos em que uma designação representa conceitos diferentes; polissemia – relação entre designação e conceito em que uma designação representa dois conceitos ou mais com características comuns; sinonímia – relação entre termos representando o mesmo conceito, antonímia – relação entre dois termos que representam conceitos opostos e equivalência – relação entre designações que representam o mesmo conceito em línguas diferentes. Entendemos que essas relações, estabelecidas com o devido controle, podem enriquecer um produto terminográfico.

Dando continuidade à análise da metodologia para a elaboração de glossários e outros produtos terminográficos, apresentamos a seguir algumas diretrizes sugeridas pelos autores mencionados, bem como as recomendadas pelas normas, especialmente a NBR 13789: *Terminologia: princípios e métodos: elaboração e apresentação de normas de terminologia*.

Krieger e Finatto (2004) indicam os procedimentos necessários para garantir ao trabalho terminográfico confiabilidade, organização e adoção de métodos homogêneos, estabelecendo os seguintes pontos a serem observados:

- a) o produto deve atender às necessidades de um público-alvo e de preferência, preencher uma lacuna de informação;
- b) todos os dados registrados ou utilizados para a futura geração do produto devem ser plenamente confiáveis;
- c) a utilização e a ordem dos dados registrados, os signos para a sua representação, bem como os símbolos utilizados para identificar dados coletados devem ser convencionais e sistemáticos, preferencialmente, oriundos de normas nacionais ou internacionais;

d) a ordenação dos dados de informação sobre o termo no interior de uma ficha de registro ou de uma base de dados e também o modo de organização das entradas [...] devem ser adaptadas aos objetivos do trabalho e ao uso que será feito das informações (Krieger; Finatto, 2004, p.130).

Segundo Bojanoski (2018) a metodologia de um trabalho terminográfico, consiste, em síntese, “na coleta, sistematização e apresentação dos termos”. Conforme proposto por Cabré (2005), as etapas de elaboração de trabalhos terminológicos, realizadas a partir do marco teórico da TCT, portanto numa perspectiva descritiva, estão organizadas nos seguintes blocos de atividades (Cabré, 2005, p. 143-146 *apud* Bojanoski, 2018, 127-128):

1. Delimitação do tema e definição do trabalho: envolve além da delimitação do tema e da definição do trabalho, a aquisição de conhecimentos específicos da área de estudo. Esses conhecimentos possibilitam a elaboração de um mapa conceitual que estabelece as fronteiras do tema no campo de conhecimento. Posteriormente, o trabalho é definido levando em conta variáveis como tema, perspectiva adotada, tipo de trabalho, destinatários, objetivos e finalidades;
2. Preparação e planificação: o trabalho é preparado e organizado estabelecendo-se uma estrutura conceitual. Cria-se uma estrutura hierárquica de classes e subclasses dos conceitos, adequada ao perfil temático do trabalho. Também é selecionado o corpus que servirá como fonte de informação;
3. Realização: a recompilação terminológica é realizada com base no corpus estabelecido. Além da seleção dos termos, as informações associadas a cada termo são registradas em arquivos terminológicos;
4. Apresentação dos resultados: envolve a apresentação das unidades terminológicas e das informações associadas, assegurando que o tipo, nível, enfoque e estilo das definições contenham apenas as características relevantes ao tema proposto, conforme definido na primeira fase.

Para Krieger e Finatto (2004) no que diz respeito à aplicação da Terminologia para a estruturação de uma obra terminográfica, a exemplo de um glossário, a metodologia, apresentada de forma resumida inclui:

1. planejamento do trabalho;
2. identificação da terminologia que se quer focar;
3. definição da metodologia de pesquisa e de trabalho coerentes com os objetivos;
4. realização de um reconhecimento terminológico – etapa relacionada ao reconhecimento de textos técnicos ou científicos e à identificação de tipos textuais mais ou menos especializados, formando-se uma base textual representativa, fixada por critérios previamente estabelecidos;
5. estabelecimento de uma árvore de domínio, que é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma;
6. elaboração de uma listagem de termos organizando os verbetes em ordem temática, subtemática, ou o que é mais usual, em ordem alfabética;
7. registro de dados na ficha terminológica, onde constam informações como fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde o termo ocorre, seu contexto de uso, variações denominativas, sinônimos, etc.;

8. por fim a composição do glossário ou dicionário, avaliando e definindo quais os termos possuem uma pertinência temática ou pragmática, estabelecendo-se finalmente as definições de cada termo (Krieger; Finatto, 2004, p.127-143 *apud* Bojanoski, 2013, p. 263).

De acordo com a NBR 13789, devemos observar as seguintes etapas para o trabalho preliminar, aqui resumidas. É importante registrar que a norma visa a elaboração de padrões de terminologia, com um caráter essencialmente normativo:

1. Análise das necessidades;
2. Considerações sobre o público-alvo;
3. Delimitação do assunto;
4. Seleção e avaliação de fontes;
5. Número de conceitos;
6. Escolha das línguas;
7. Programa de trabalho (ABNT, 1997a, p. 2).

Ainda, segundo a NBR 13789 a metodologia deve abarcar as seguintes etapas de trabalho, que não devem ter sua ordem alterada “A ordem do método de trabalho é imutável. Ela se baseia nos princípios da Terminologia e não deve ser mudada” (ABNT, 1997a, p. 4).

1. Coleta de dados terminológicos: os conceitos pertencentes à área de assunto devem ser identificados, analisando-se o material da fonte para se estabelecerem listas de termos nas línguas escolhidas. Toda informação (definições, termos, sinônimos, antônimos, contextos) deverá ser extraída da fonte consultada, em uma só operação;
2. Registro dos dados terminológicos: os dados para cada língua devem ser apresentados de maneira uniforme. Cada termo deve ser registrado em separado com seu próprio identificador de conceito (código para identificar o registro). Sinônimos na mesma língua e termos equivalentes em línguas diferentes, quando for o caso, devem ser registrados em separado, empregando-se o mesmo identificador de conceito;
3. Organização da lista de termos: a classificação geral da área pode servir como guia para determinar se um dado conceito deve ser incluído ou não;
4. Determinação de áreas de conceitos e de sistemas de conceitos: os conceitos devem ser reunidos em áreas de conceitos e organizados de acordo com o que prescreve a ISO 704, de modo que a cada conceito seja atribuído um lugar específico no sistema;
5. Formulação de definições: sempre que possível deve-se recorrer a definições normalizadas, evitando as não normalizadas. Ao aproveitar definições existentes, deve-se tomar cuidado especial para evitar erros e contradições. Ver ISO 704 para a formulação de definições e princípios subjacentes;
6. Criação e seleção de termos: Para a seleção do termo, se existirem sinônimos, deve se escolher um como termo preferido. Os demais, não preferidos, devem ser designados como aceitos, rejeitados, obsoletos ou substituídos. Para a criação de termos, ver ISO 704.

Nossa pesquisa revelou que as etapas para a elaboração de um produto terminográfico não diferem significativamente entre as abordagens descritiva e prescritiva. A principal diferença reside no nível de normalização exigido por cada abordagem, e, às vezes, na ordem das etapas necessárias. Com base nessa análise, optamos por adotar a



seguinte estrutura, que será utilizada na elaboração do nosso Glossário. Seu desenvolvimento será apresentado no próximo capítulo.

### 2.3.1. Organização e planejamento do trabalho

De acordo com a metodologia proposta por Bojanoski (2018) e com base nas discussões teóricas e metodológicas apresentadas, a etapa inicial do trabalho terminológico sistemático envolve a definição clara dos objetivos, do público-alvo e do tipo de obra a ser elaborada. Em seguida, procede-se com a coleta, sistematização e apresentação dos termos.

Na fase de preparação a documentação é a fonte de informação mais crucial. Ela permite conhecer o tema e sua estrutura, identificar os recursos terminológicos disponíveis em uma língua e seu nível de normalização, além de fornecer informações sobre a organização e o alcance profissional da área em questão.

#### 2.3.1.1. Considerações sobre o público-alvo

O público-alvo deve ser claramente definido pois, segundo a NBR13789,

a natureza deste público afeta: a) a delimitação da área de assunto ou da subárea a ser estudada; b) o número e o tipo de conceitos a serem incluídos; c) a escolha das línguas; d) a formulação das definições; e) o número de sinônimos e os parâmetros que os delimitam; f) o número e o tipo de exemplos (ABNT, 1997a, p. 2).

Almeida (2012, p. 146) indica que alguns questionamentos devem ser feitos para colaborar com a caracterização da pesquisa terminológica como:

qual será o público-alvo: especialistas de domínio? Público semiespecializado, como estudantes universitários, por exemplo? Público leigo? Tradutores, bibliotecários, cientistas da informação? Ou o projeto terminológico prevê todos esses perfis de consultante ao mesmo tempo?

Entendemos, portanto, que a caracterização do público-alvo é afetada diretamente pelo objetivo da pesquisa terminológica e afeta diretamente o resultado do trabalho decorrente desta pesquisa. No próximo capítulo discorreremos sobre nossas escolhas de público-alvo.

#### 2.3.1.2. Delimitação do domínio / tema

### 3.1

#### **domínio**

área de conhecimento

campo de conhecimento especializado

NOTA 1 à entrada: As delimitações e a granularidade de um domínio são determinadas a partir de um ponto de vista relacionado ao propósito. Se um domínio é subdividido, o resultado é novamente um domínio.

### 3.1.2

#### área de conhecimento

domínio

campo de conhecimento especializado

NOTA: As delimitações de uma área de conhecimento são definidas a partir de um ponto de vista relacionado ao propósito<sup>178</sup> (ISO, 2000, p. 2, tradução nossa).

Como definido na ISO 1087-1 o domínio é “o campo temático, campo de conhecimento especializado”, e suas “fronteiras são definidas de acordo com o propósito da pesquisa terminológica” (ISO, 2000, p. 2).

De acordo com vários autores esta é a etapa inicial de preparo do trabalho terminológico. A identificação de como a área do conhecimento especializado se organiza, assim como a delimitação do domínio a ser trabalhado, reflete-se diretamente na estrutura do instrumento terminográfico produzido (Almeida, 2012; Bojanoski, 2018; ABNT, 1997a).

Segundo Almeida (2012, p. 144-145), ao planejar a realização de um projeto terminológico, é essencial delimitar ao máximo o domínio, evitando eleger uma área inteira como objeto de pesquisa. As grandes áreas podem ser subdivididas em subáreas, cada uma com seus próprios níveis e especificidades. Geralmente, essas áreas são compostas por subáreas com particularidades distintas, o que gera um vasto universo de fontes para a obtenção dos textos que formarão o corpus. Além disso, há um alto risco de dispersão, o que pode gerar problemas na extração de candidatos a termos. Devido à diversidade de especificidades temáticas, corre-se o risco de ignorar termos importantes para uma especialidade e, ao mesmo tempo, priorizar outra, causando um desequilíbrio no processo.

Segundo a NBR 13789 uma cuidadosa delimitação do tema facilita:

- a) a coleta, a avaliação e o uso de documentação;
- b) a divisão da área em subáreas;
- c) a distribuição de trabalho e seu processamento, especialmente quando vários grupos estão envolvidos;
- d) a estruturação de conceitos nos estágios preliminares;
- e) a coordenação de atividades com grupos de trabalho de terminologia em áreas relacionadas (ABNT, 1997a, p.2).

Conforme apontado por Almeida (2000, p. 120), a estruturação conceitual possibilita:

- 1. estabelecer previamente os conceitos que serão denominados;
- 2. circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas; assim, somente os termos que corresponderem a esses campos serão classificados;
- 3. elaborar uma terminologia mais controlada e coerente, já que possibilita uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade;

---

<sup>178</sup>No original: “3.1 domain / subject field / field of special knowledge / Note 1 to entry: The borderlines and the granularity of a domain are determined from a purpose-related point of view. If a domain is subdivided, the result is again a domain. 3.1.2 subject field / domain field of special knowledge / NOTE The borderlines of a subject field are defined from a purpose-related point of view” (ISO, 2000, p. 2).

4. controlar a pertinência dos termos, pois, separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á determinar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são;
5. prever os grupos de termos pertencentes à área-objeto, como também os que fazem parte de matérias conexas;
6. classificar e ordenar as fichas terminológicas;
7. definir as unidades terminológicas de maneira lógica e sistemática.

Em nosso estudo, a escolha do domínio foi uma etapa complexa. Inicialmente, o projeto de pesquisa visava a construção de um Glossário-piloto sobre alterações em Bens Culturais Móveis e Integrados, ou seja, uma grande área, extremamente abrangente. No entanto, de acordo com as reflexões encontradas em nosso referencial teórico e metodológico, decidimos focar no subdomínio de alterações em pinturas, mais especificamente na tipologia de pinturas de cavalete. Essa decisão fundamental orientou as demais etapas do trabalho terminológico.

### 2.3.1.3. Elaboração da árvore de domínio / Organização de conceitos

#### 3.2.11

##### **sistema de conceito**

conjunto de conceitos estruturado de acordo com as relações entre eles

#### 3.2.12

##### **diagrama de conceito**

representação gráfica de um sistema de conceitos<sup>179</sup> (ISO, 2000, p. 4, tradução nossa).

Uma das etapas dos estudos terminológicos é a organização de um sistema estruturado do conhecimento, que delimita o tema de estudo e define os termos que compõem a nomenclatura<sup>180</sup>. Isso envolve, entre outros, a criação de árvores de domínio e/ou mapas conceituais e a estruturação dos termos dentro de um domínio especializado. De acordo com Cabré (2003), as unidades terminológicas têm um lugar preciso em um mapa conceitual, e seu significado específico é determinado por essa posição (Cabré, 2003 *apud* Bojanoski, 2018, p. 133).

As ISO 704 e 1087-1 denominam a árvore de domínio como ‘diagrama de conceito’ e apresentam alguns modelos que podem ser seguidos, além de recomendar o seu uso para uma abordagem inicial a um campo de conhecimento. A NBR 13789 denomina de

---

<sup>179</sup>No original: “3.2.11 *concept system / set of concepts structured according to the relations among them/ 3.2.12 *concept diagram / graphic representation of a concept system*” (ISO, 2000, p. 4).*

<sup>180</sup> Segundo Bojanoski (2018, 136) “Krieger e Finatto (2004, p. 127) definem nomenclatura coma a lista de verbetes ou de entradas que perfaz o todo do dicionário. Bessé, Nkwenti-Azeh e Sager (2011, p. 141, tradução nossa), por sua vez, estabelecem a seguinte definição: ‘Nomenclatura - um conjunto de termos que estão ligados por relações conceituais bem estruturadas e que são formados de acordo com regras sistemáticas para classificação e nomeação dos termos’”.

'representação gráfica do sistema de conceitos' e propõe que pode sua utilização "pode ser útil".

As árvores de domínio são diagramas hierárquicos compostos por termos-chave de uma especialidade, semelhantes a organogramas. Os mapas conceituais, em termos gerais, são ferramentas gráficas que organizam e representam o conhecimento, mostrando conceitos e suas relações. Essas ferramentas ajudam os pesquisadores a compreender as hierarquias básicas de uma especialidade e a situar o reconhecimento terminológico na construção de glossários e outros produtos terminológicos (Kreiger; Finatto, 2004; Bojanoski, 2018). "Uma hierarquia conceitual, de algum modo, condiciona o reconhecimento dos termos e a seleção de informações" (Kreiger; Finatto, 2004; p. 135).

Para Almeida (2006, p. 89), na pesquisa terminológica, o mapa conceitual é fundamental para:

- 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade;
- 2) circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas;
- 3) delimitar o conjunto terminológico;
- 4) determinar a pertinência dos termos, pois, separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são;
- 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio, como também os que fazem parte de matérias conexas;
- 6) definir as unidades terminológicas de maneira sistemática e finalmente;
- 7) controlar a rede de remissivas<sup>181</sup>.

O mapa conceitual deve ser organizado preliminarmente ou concomitantemente à extração dos termos, pois, conforme Almeida (2006, p. 89) "à medida que os termos vão sendo obtidos é que se pode ter uma visão real de quais serão os campos nocionais que deverão integrar o mapa conceitual".

É importante observar que, antes de estabelecer a árvore de domínio, o pesquisador deve consultar documentos como sistemas de classificação e glossários, entre outros. Além disso, é importante ter em mente que, enquanto em alguns domínios esses instrumentos podem ser abundantes, em outros pode haver escassez ou até mesmo a ausência deles.

Os diagramas são úteis para mostrar interrelações conceituais de uma especialidade e de outras especialidades relacionadas, e pretende servir como uma organização possível para uma especialidade ou uma ciência, além de orientar a seleção de termos para glossários. Segundo Barros (2004, p. 111) "a organização dos conceitos de um domínio num sistema estruturado constitui uma atividade fundamental na pesquisa

---

<sup>181</sup> De acordo com Barros (2004, p. 174), o sistema de remissivas, também chamado de rede de remissivas ou referências cruzadas, tem o objetivo de resgatar as relações semântico-conceituais entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra terminográfica.

em Terminologia”. Para a nossa pesquisa, a elaboração dos mapas conceituais e da árvore de domínio foi fundamental para delimitarmos nosso tema dentro do enorme domínio do diagnóstico de conservação e das alterações em bens culturais móveis.

#### 2.3.1.4. Escolha das línguas

Segundo a NBR 13789 no caso de um glossário multilíngue, a criação de terminologia padronizada é muito mais eficiente quando realizada simultaneamente em todos os idiomas selecionados. Ao decidir incluir mais de um idioma em um produto terminográfico, é importante considerar dois pontos principais: a disponibilidade de documentação suficiente e confiável em cada idioma, bem como a possibilidade de obter assistência de especialistas em cada língua (ABNT, 1997a, p.3).

O produto, poderá ser monolíngue, bilíngue, ou multilíngue tendo tanto os termos como as definições em um só idioma, dois ou mais. Ou poderá ser monolíngue com equivalências, ou seja, com os termos e definições na língua principal escolhida e somente com os termos traduzidos/ equivalentes em outras línguas (Almeida, 2000).

No caso de nosso Glossário optamos pelo modelo de produto bilíngue, com designações em português e inglês, com equivalências em espanhol, francês e italiano.

#### 2.3.1.5. Seleção e avaliação de fontes | Corpus de estudo

##### 3.6.9

##### **corpus**

coleta de dados linguísticos reunidos para análise<sup>182</sup> (ISO, 2000, p. 11, tradução nossa).

Após a definição do tipo de produto, do público-alvo, do idioma de trabalho, e principalmente do subdomínio com o qual vamos trabalhar, procede-se à coleta de informações, identificando as fontes confiáveis de onde será obtido o corpus de estudo. Segundo Almeida (2012, p. 146) é necessário realizar pesquisas, que podem ser feitas pela internet utilizando motores de busca como o Google, para identificar as instituições e/ou entidades públicas, privadas ou mistas que têm tradição no subdomínio em questão. Deve-se verificar quais universidades, laboratórios e empresas conduzem pesquisas relacionadas à especialidade escolhida, se todos esses organismos possuem material escrito e se esse material está disponível em formato digital ou impresso.

Esta etapa do processo consiste no levantamento das fontes e constituição do corpus de estudo. Bojanoski (2018, p. 128) observa que:

---

<sup>182</sup> No original: “3.6.9 *corpus / collection of language data brought together for analysis*” (ISO, 2000, p. 11).

o uso de corpora, entendidos como conjuntos de documentos, existe na área de estudos das linguagens há muito tempo. No entanto, tais estudos ganharam uma nova dimensão em meados do século XX, com o avanço da informática, que possibilitou criar e processar corpora gigantescos voltados para os estudos linguísticos.

A seleção de fontes para integrar o corpus de estudo de um trabalho terminográfico é etapa fundamental. Almeida (2012) esclarece que a elaboração e manipulação de corpus apresentam diversas implicações, pois o corpus compilado influencia diretamente em etapas posteriores que são cruciais, como a extração de candidatos a termos<sup>183</sup> e suas possíveis variantes, a construção da estrutura de conceitos e a redação da definição terminológica. A autora indica que nesse sentido utiliza o termo corpus na seguinte acepção “corpus é uma coleção de textos em formato eletrônico, selecionados de acordo com critérios externos para representar, tanto quanto possível, uma língua ou uma variedade linguística como fonte de dados para pesquisa linguística” (Sinclair, 2005 *apud* Almeida, 2012, 141-142).

É importante indicarmos que a compilação e estruturação de corpora em ambiente informatizado é atualmente a forma mais utilizada, principalmente para os que seguem os pressupostos gerais da Teoria Comunicativa da Terminologia. Segundo Almeida (2006) entende-se que uma pesquisa terminológica baseada nessa teoria deve, desde o início, prever a organização de um corpus para realizar observações precisas sobre o comportamento linguístico real de pessoas reais, fornecendo informações altamente confiáveis e livres de opiniões e julgamentos prévios sobre os fatos de uma língua. Por meio de um corpus, é possível observar aspectos morfológicos, sintáticos, discursivos, entre outros, que são bastante relevantes para uma pesquisa linguística. Além disso, permite explicar a produtividade e o uso de palavras, expressões e formas gramaticais, revelando novos fatos sobre a língua que não são perceptíveis pela intuição. Em resumo, um corpus possibilita a descrição objetiva da língua (Almeida, 2006, p. 87-88).

Sobre a compilação e estruturação de textos em ambiente informatizado, através do uso de corpora:

Picht (2004) reconhece que é incontestável que corpora passíveis de serem lidos por computador oferecem muitas vantagens, uma vez que o tratamento de grandes quantidades de dados permite um embasamento mais amplo para a pesquisa, processamento rápido e a utilização para diversas finalidades. Contudo, esse autor chama a atenção para as limitações: os dados obtidos são essencialmente quantitativos, isto é, dados terminológicos brutos, uma vez que os programas de computador utilizados para o processamento de um corpus não têm propriedades analíticas cognitivas e, por mais que tenham avançado, ainda exigem uma necessária interface “ferramenta-homem”. Além disso, argumenta

---

<sup>183</sup>De acordo com Almeida (2012, p. 142) “Os candidatos constituem itens léxicos que se comportam nos seus respectivos contextos como termos, mas cuja autenticidade será validada posteriormente”.

que o corpus sempre tem limites, uma vez que não pode fornecer mais do que aquilo que contém (Bojanoski, 2018, p. 130).

Como nossa pesquisa terminológica não se fundamenta em uma perspectiva linguística, descritiva, comunicativa e textual, ancorada na TCT, que prioriza principalmente o contexto social para compreender o processo de estruturação de uma determinada área de conhecimento e analisar a produção do conhecimento a partir dos termos utilizados pelos agentes sociais dessa área, não utilizaremos corpora textuais e ferramentas computacionais de extração de informação linguística, apesar de entendermos a importância dessa metodologia. Focaremos na aplicação da Terminologia para elaborar uma obra de referência que facilite a comunicação, adequação e normalização do uso de termos na área de diagnóstico de conservação de bens culturais, e para isso, o método de compilação de fontes não precisa ser necessariamente baseado no uso de corpora. Na verdade, acreditamos que esse processo dificultaria nossa pesquisa no momento.

De acordo com Pavel e Nolet (2002, p. xx) “toda atividade terminológica, desde a identificação de termos até a entrega de um produto final, pode ser feita manualmente”. A metodologia utilizada para a seleção de fontes e composição do nosso corpus de estudo combinou processos informatizados, através de ferramentas de busca, com a leitura criteriosa, de cada fonte encontrada a partir do nosso olhar de especialista, e de ferramentas informatizadas para listagem tanto das fontes, quanto dos termos selecionados.

Para avaliarmos a pertinência de cada fonte a ser utilizada na pesquisa, segundo a NBR 13789, os seguintes pontos devem ser considerados:

- a) a terminologia deve ser fidedigna e, portanto, extraída de documentos atualizados;
  - b) o autor deve ser uma autoridade reconhecida na área;
  - c) a terminologia no documento não deve refletir uma escola específica de pensamento;
  - d) a preferência deve ser dada, no caso de glossários já existentes, àqueles que tenham adotado reconhecido método de pesquisa terminológica;
  - e) os documentos usados para referência devem ser preliminarmente identificados como tradução, ou não. Se o forem, sua fidedignidade deve ser avaliada. Documentos traduzidos só devem ser usados em casos excepcionais.
- Qualquer material pertinente à área deve ser consultado. Exemplos úteis, ilustrações, sistemas de conceitos, termos etc. podem ser encontrados em vários tipos de documentos (ABNT, 1997a, p. 3).

Deve-se ainda compilar uma lista com todos os documentos consultados, incluindo os dados bibliográficos necessários para sua recuperação. A norma sugere que o uso de um sistema de códigos para registrar as fontes pode ser uma prática útil.

Além da seleção dos textos, é necessário planejar outros aspectos, como a compilação e manipulação dos textos, a nomeação dos arquivos e a geração de cabeçalhos, os padrões de anotação e os métodos de extração de termos.

Os principais tipos de documentação a serem considerados incluem:

a) documentos aprovados (leis, regulamentos, normas); b) documentos geralmente aceitos pela comunidade científica (livros didáticos, teses científicas, periódicos científicos); c) documentação corrente, mas não necessariamente aceita (por exemplo: folhetos, instruções para uso, lista de peças, relatórios); d) especialistas (os membros do grupo de trabalho ou outros); e) glossários, dicionários e enciclopédias registrados em suporte eletrônico ou não (NBR, 1997a, p. 3, grifo nosso).

É importante, ainda, ressaltar que, para cada idioma que será incluído na terminologia normalizada, é necessário realizar uma análise do uso terminológico na área de especialização.

### 2.3.1.6. Extração de termos | Definição da Nomenclatura

#### 3.4.3

##### **termo**

designação verbal de um conceito geral em um campo específico

NOTA Um termo pode conter símbolos e ter variantes, como diferentes formas de grafia<sup>184</sup>(ISO, 2000, p. 6, tradução nossa).

#### 3.5.3

##### **nomenclatura**

terminologia estruturada sistematicamente de acordo com regras de nomenclatura preestabelecidas<sup>185</sup> (ISO, 2000, p. 10, tradução nossa).

#### 3.6.7

##### **extração de termos**

parte do trabalho terminológico que envolve a extração de dados terminológicos por meio da busca em um corpus.

NOTA A extração de termos envolve a identificação de conceitos e suas designações, além de registrar quaisquer informações relevantes sobre um conceito, como definições, contextos e marcas de uso<sup>186</sup> (ISO, 2000, p. 11, tradução nossa).

A nomenclatura de um produto terminográfico baseia-se num corpus especializado de uma área investigada, previamente identificado (Krieger; Finatto, 2004). Após a

<sup>184</sup> No original: “3.4.3 term / verbal designation of a general concept in a specific subject field / NOTE A term may contain symbols and can have variants, e.g. different forms of spelling” (ISO, 2000, p. 6).

<sup>185</sup>No original: “3.5.3 nomenclature / terminology structured systematically according to pre-established naming rules” (ISO, 2000, p. 10).

<sup>186</sup> No original: “3.6.7 term excerption / part of terminology work which involves extracting terminological data by searching through a corpus / NOTE Term excerption involves identifying concepts and their designations and noting any relevant information about a concept such as definitions, contexts and usage labels” (ISO, 2000, p. 11).



organização do corpus, inicialmente são extraídos os candidatos a termos. Segundo a NBR 13789 (ABNT, 1997a) os conceitos pertencentes à área de assunto devem ser identificados analisando o material da fonte para elaborar listas de termos nas línguas escolhidas. Inicialmente, qualquer descrição de um termo ou conceito que pareça relevante para o domínio escolhido deve ser incluída, mesmo que posteriormente se descubra que o termo ou conceito pertence a uma área diferente. Toda a informação (definições, termos, sinônimos, antônimos, contextos) deve ser extraída da fonte consultada em uma única operação.

Conforme aponta Silvana Bojanoski (2018):

Para além das etapas pragmáticas da realização do trabalho terminográfico, existem outras bastante complexas, como, por exemplo, àquelas relacionadas às escolhas sobre a composição do produto terminográfico final. Tal complexidade está relacionada à identificação da importância terminológica dos termos candidatos que forem compilados no corpus de estudo (Bojanoski, 2018, p.135).

A extração de termos refere-se à obtenção do conjunto terminológico que formará a nomenclatura do glossário ou dicionário – ou seja, o conjunto de unidades lexicais que constituirão as entradas do glossário. Essa extração pode ser realizada de forma manual ou automática. No caso da extração automática, entretanto, é essencial ter um corpus em formato digital (Almeida, Aluísio e Oliveira, 2007, p. 410).

Krieger e Finatto (2004, p. 131) indicam que, após a coleta e sistematização dos termos candidatos, é necessário que um especialista valide esses termos para ter seu estatuto de termo confirmado. A decisão sobre a inclusão de um termo, seja ele um substantivo ou sintagma<sup>187</sup>, envolve identificar e confirmar sua relevância terminológica. As autoras sintetizam que os fatores que devem guiar a escolha dos termos a serem incluídos no repertório para estabelecimento da nomenclatura são: as características da especialidade ou da ciência cuja terminologia será compilada, as circunstâncias que definem o recorte de uma realidade e de um vocabulário, o perfil do público-alvo da obra e as condições de comunicação (Krieger; Finatto, 2004, p. 133).

Conforme Almeida (2003), os termos são selecionados e validados com base na relevância de cada termo dentro do campo nocional ao qual pertencem. Por outro lado, Barros (2004, p. 195) aponta que, na delimitação da nomenclatura, são utilizados tanto critérios quantitativos, como estatísticos e de frequência, quanto critérios qualitativos, como a análise da natureza semântica e o grau de aceitabilidade dos termos, entre outros.

---

<sup>187</sup> Segundo Bojanoski (2018, p. 136) “de acordo com Bessé, Nkwenti-Azeh e Sager (2011), os sintagmas são expressões combinando várias palavras e/ou termos, formando uma unidade sintática. Assim, dependendo da especificidade do estudo, também podem ser incluídos sintagmas formados por verbos e advérbios”.

Segundo Bojanoski (2018, p. 136):

Krieger e Finatto (2004, p. 127) definem nomenclatura como “a lista de verbetes ou de entradas que perfaz o todo do dicionário”. Bessé, Nkwenti-Azeh e Sager (2011, p. 141, tradução nossa), por sua vez, estabelecem a seguinte definição: “Nomenclatura - um conjunto de termos que estão ligados por relações conceituais bem estruturadas e que são formados de acordo com regras sistemáticas para classificação e nomeação dos termos.

Conforme demonstramos, a composição da nomenclatura é uma tarefa complexa, existe um conjunto de procedimentos e critérios que justificam e orientam as decisões de inclusão ou exclusão de termos na obra terminográfica. Segundo Bojanoski (2018) é importante lembrar que o referencial teórico adotado em um estudo também influencia essas decisões. Portanto, a inclusão de termos na nomenclatura é definida não apenas com base na pertinência temática, mas também considerando a pertinência pragmática, como a inclusão de sinônimos, equivalentes e termos relacionados.

#### 2.3.1.7. Fichas terminológicas

Entre as etapas de coleta e sistematização para elaboração de um produto terminológico, uma das mais importantes é a organização dos dados recolhidos sobre cada termo através de uma ferramenta denominada de ficha terminológica. As fichas atualmente são elaboradas em bases informatizadas, contendo campos necessários para registrar e recuperar rapidamente os dados que serão utilizados na análise das informações, formulação dos verbetes e posterior geração do glossário (Bojanoski, 2018, p. 137).

Segundo Cabré (1993) as fichas terminológicas são documentos estruturados que devem incluir todas as informações relevantes sobre cada termo. Os dados que apresentam são extraídos da documentação de referência e organizados conforme critérios previamente definidos. Existem diversos modelos de fichas terminológicas, que variam de acordo com os objetivos do trabalho e as necessidades da organização.

Conforme apontam Almeida, Aluísio e Oliveira (2007, p. 411) o preenchimento das fichas é uma etapa essencial em uma pesquisa terminológica. A ficha funciona como um dossiê completo do termo, reunindo todas as informações relevantes para o estudo em questão. Por isso, seu planejamento deve ocorrer logo no início do trabalho.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 136) a ficha terminológica é um dos itens fundamentais para a geração de um glossário. As autoras definem a ficha como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo, que também reúne informações operacionais ao trabalho, constituindo assim “um núcleo de informações acerca de um termo ou expressão sob estudo”. Assim como apontado por Cabré, as autoras destacam que a especificidade de cada trabalho exige distintos tipos de ficha e

não existe, portanto, um modelo único, e que, o fundamental é que a ficha seja um registro bem planejado, atendendo às necessidades de cada projeto e garantindo que as informações sejam facilmente compreendidas e recuperáveis.

Almeida (2012, p. 411) indica que cada ficha “deve refletir as necessidades do projeto, isto é: ‘para quê’ e ‘para quem’ se faz determinado glossário ou dicionário. Isso auxilia o terminólogo a prever quais campos deverão constar do protocolo de preenchimento da ficha terminológica”.

Sobre a estrutura das fichas terminológicas, Cabré (1993), recomenda que sejam previstas as seguintes informações:

- a forma terminológica, representada como entrada, como aparece gramaticalmente colocada no texto;
- o contexto, que é o segmento de texto em que a unidade terminológica aparece e funciona gramaticalmente;
- a referência do documento em que aparece o termo;
- a categoria gramatical e as subcategorias, detectadas pela forma de apresentação do termo no contexto em que aparece;
- outras informações mais heterogêneas e irregulares, como formas equivalentes, ilustrações, uma definição complementar, etc.;
- outras informações adicionais sobre a gerenciamento do trabalho: autor da ficha, data da redação, etc.;
- notas diversas (Cabré, 1993, p. 306 *apud* Bojanoski, 2018, p.138).

Segundo a NBR 13789 (ABNT, 1997a), para o registro terminológico, os dados para cada idioma devem ser apresentados de maneira uniforme. Cada termo deve ser registrado separadamente com seu próprio identificador de conceito – código para identificar o registro. Sinônimos no mesmo idioma e termos equivalentes em diferentes idiomas, quando aplicável, devem ser registrados separadamente, utilizando o mesmo identificador de conceito.

Conforme a norma supracitada as seguintes categorias de dados devem ser incluídas para cada língua:

- a) Dados relativos ao termo, inclusive:
  - 1) termos:
    - sinônimos;
    - variantes ortográficas, morfológicas, sintáticas;
    - forma abreviada;
    - forma por extenso;
    - símbolo;
    - equivalente em língua estrangeira (inclusive o grau de equivalência);
  - 2) grau de aceitabilidade (por exemplo: preferido, aceito, rejeitado, obsoleto, substituído);
  - 3) informação gramatical;
  - 4) notas sobre os termos;
- b) Dados relativos ao conceito, inclusive:
  - 1) definição;
  - 2) contexto;

- 3) outras representações do conceito (por exemplo: fórmula, figura);
  - 4) representação gráfica;
  - 5) exemplos;
  - 6) notas.
- c) Dados administrativos, inclusive:
- 1) identificador do conceito;
  - 2) código da língua;
  - 3) data do registro;
  - 4) identificação do responsável;
  - 5) fonte (ABNT, 1997a, p. 4).

Os diversos modelos de fichas discutidos pelos autores mencionados, assim como os objetivos do projeto e o público-alvo do produto terminográfico proposto nesta pesquisa, serviram como base para a elaboração dos campos de uma ficha de trabalho, que será apresentada no terceiro capítulo.

### 2.3.1.8. Elaboração das definições

#### **3.3.1 definição**

representação de um conceito por meio de uma declaração descritiva que serve para diferenciá-lo de conceitos relacionados<sup>188</sup> (ISO, 2000, p 6, tradução nossa).

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 160), “definir, dito de modo muito simples, no âmbito das terminologias, é estabelecer um vínculo entre um termo, um conceito e um significado”. No entanto, as autoras reconhecem que este é um tema de grande complexidade, uma vez que, ao formular uma definição, são mobilizados, constituídos e atualizados, em diferentes níveis, diversos valores e potencialidades de conhecimento e significação. Para essas autoras, a particularização da definição terminológica “ocorre em função de ser um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional, veiculando, assim, conceitos de uma área de conhecimento” (Krieger; Finatto, 2004, p. 92-93).

Almeida, Aluísio e Oliveira (2007, p. 412) afirmam que “a etapa de redação da definição terminológica é a mais complexa, custosa e importante numa pesquisa terminológica” e apontam que segundo Sager (1993):

a definição, como produto, é uma descrição linguística de um conceito, baseada numa lista de características que transmitem o significado desse conceito. O texto definitório possui a forma de uma predicação sobre uma palavra ou expressão. Ressalte-se, ainda, que as definições

---

<sup>188</sup>No original: “3.3.1 definition / representation of a concept by a descriptive statement which serves to differentiate it from related concepts” (ISO 1871-1, 2000, p 6).

especializadas [...] descrevem um conceito dentro de um campo temático especializado (Sager, 1993, p. 68 *apud* Almeida; Aluísio; Oliveira 2007, p. 412).

Krieger e Finatto (2004) afirmam que embora a imposição de padrões rigidamente fixos para a formulação do enunciado definitório possa ser questionada, as normatizações a esse respeito permanecem como diretrizes úteis para a organização do texto, de modo que ele possa ser compreendido pelo leitor. Em termos gerais, as recomendações da ISO abordam a objetividade na formulação do enunciado e buscam garantir um bom fluxo de informação.

A ISO 704:2022 trata de maneira detalhada a elaboração e estruturação de definições de um trabalho terminológico. Segundo a norma, uma definição

deve fornecer as características essenciais e, assim, distinguir o conceito de outros conceitos. Ao contrário de uma descrição enciclopédica, o principal objetivo de uma definição não é fornecer todos os detalhes sobre um determinado conceito<sup>189</sup> [...] no caso do trabalho terminológico normatizado, os termos e outras designações são normalizados (especificando uma como preferencial, quando há mais de uma designação), assim como a definição<sup>190</sup> (ISO, 2022, p. 33).

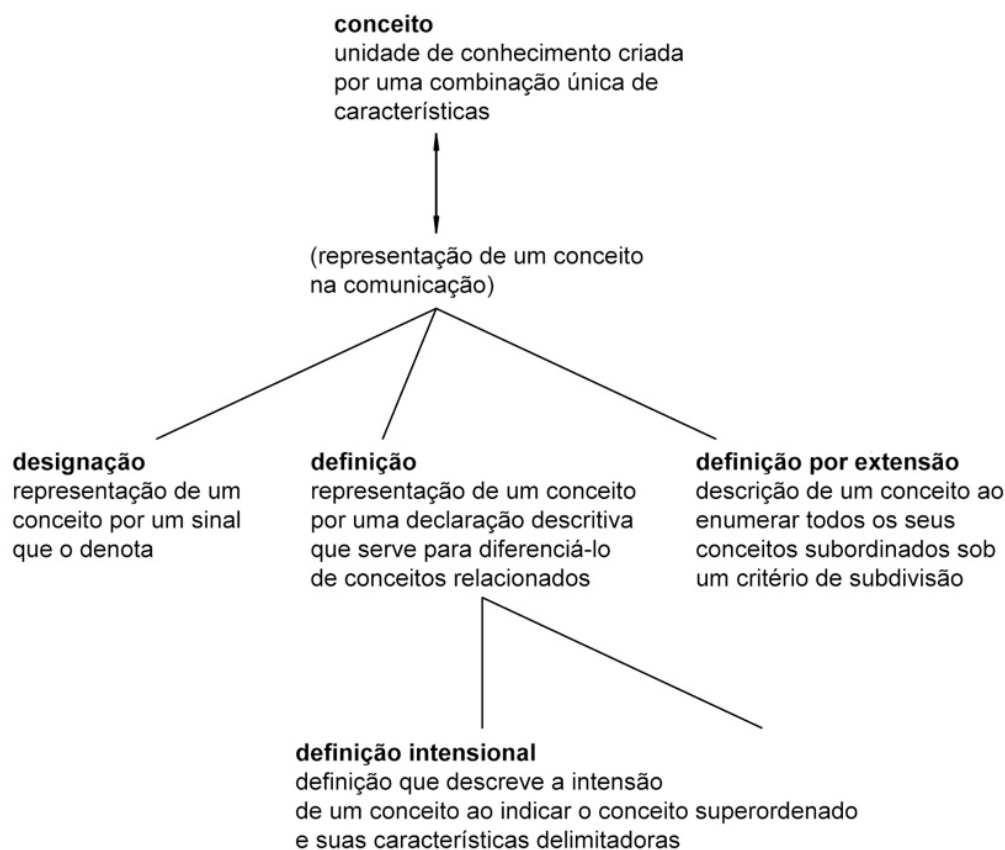
As normas ISO 704 e ISO 1807-1 admitem e comentam dois tipos de definições. A definição intensional é a definição clássica que utiliza a indicação de gênero próximo e diferença específica, refere-se ao conjunto de características ou propriedades que constituem o significado de um conceito, definindo-o e diferenciando-o de outros conceitos, como no exemplo “‘faca’, instrumento para cortar”. Por outro lado, a definição por extensão consiste na enumeração dos itens aos quais uma designação se aplica, como no exemplo: ‘planetas do sistema solar, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno’ (Krieger e Finatto, 2004, p. 165). Na figura abaixo trazemos a tradução do diagrama conceitual relativo às definições como consta na norma ISO 1807-1 (2000, p. 24).

---

<sup>189</sup> No original: “a definition shall provide the essential characteristics and thus distinguish the concept from other concepts. Unlike an encyclopaedic description, a definition’s main purpose is not to provide all details about a given concept” (ISO, 2022, p. 33).

<sup>190</sup> No original: “in the case of terminology work carried out in standardization, terms and other designations are standardized (with one specified as preferred, when there is more than one designation) as well as the definition” (ISO, 2022, p. 33).

Figura 7. Diagrama conceitual relativo às definições



Fonte: Elaborado pela autora de acordo a ISO 1087-1 (2000, p. 24, tradução nossa).

A Norma ISO 704 destaca as seguintes recomendações para a escrita de uma definição:

- sua formulação deve refletir e ser adequada ao sistema conceitual do domínio a que está relacionada;
- deve ser objetiva e concisa, privilegiando as características essenciais do objeto que define;
- evitar definições incompletas, circulares ou em formas negativas;
- informações extras ou comentários devem ser indicados em uma nota, que complementa a definição (ISO, 2022, tradução nossa).

De acordo com a NBR 13789, deve-se consultar a ISO 704 para a formulação de definições e princípios subjacentes, e aplicar os seguintes princípios básicos ao criar as definições:

- a) o termo e a sua definição devem ter a mesma forma gramatical. Assim, para definir um verbo, deve-se empregar uma oração verbal; para definir um substantivo singular, deve-se empregar o singular;
- b) a estrutura preferida de uma definição é formada por uma parte básica que indica a classe a que o conceito pertence e uma outra parte que enumera as características que distinguem o conceito de outros membros da classe;

- c) a definição não deve começar com expressões como “termo empregado para descrever” ou “termo indicando”; nem deve tomar a forma “[termo] é...” ou “[termo] significa...”;
- d) a não ser que exista uma razão específica, a definição não deve começar com artigo (ABNT, 1997a, p. 5).

Sempre que possível, deve-se utilizar definições normalizadas e evitar aquelas que não são. Ao adotar definições existentes, é importante ter cuidado para evitar erros e contradições. A ISO 704, assim como a NBR 13789, destaca que, ao redigir definições, é fundamental considerar as necessidades do público-alvo, pois esse público pode incluir: especialistas na área em questão, que já conhecem os padrões e designações relevantes; especialistas de outras áreas, que podem estar familiarizados com as designações e conceitos; ou não especialistas, que não têm conhecimento prévio das designações e conceitos do campo em questão.

Ainda, sobre a relação entre a definição e o público-alvo, o documento assinala que uma definição sozinha pode ser insuficiente. O desenvolvimento de recursos de terminologia para não especialistas frequentemente requer ampliação, por exemplo, adicionando outros tipos de informações como contextos, informações enciclopédicas, explicações, notas ou exemplos, ou incluindo uma representação em outros meios como ilustração gráfica ou clipe de áudio.

Almeida (2006, p. 143) indica que para a elaboração da definição terminológica, recomenda-se buscar por contextos explicativos e definitórios no próprio corpus de estudo. Os resultados dessa busca, por sua vez, estão diretamente relacionados às características deste corpus, que podem ter uma quantidade variável de definições, porém dependendo do tipo de textos que compõe os corpora, é preciso buscar auxílio em outras fontes.

No trabalho terminológico, como citado por Almeida (2006) e Bojanoski (2018), pode ser organizada uma base definicional, que se constitui “num repositório de excertos definitórios e/ou explicativos referente ao termo, compilados de diversas e variadas fontes que não estejam contempladas no corpus”. Essas fontes podem incluir textos em outros idiomas, extraídos de livros, manuais, revistas científicas, dicionários de áreas relacionadas, dicionários de língua geral, sites da internet e outras fontes que sejam úteis para obter informações relevantes sobre os termos a serem definidos.

A base definicional tem o formato de uma grande tabela contendo quatro colunas, que dispõem as seguintes informações: Nas quatro colunas estão dispostas as seguintes informações: a) o termo; b) os excertos explicativos ou definitórios extraídos das fontes; c) as fontes a partir das quais os excertos foram obtidos; d) a data da inserção do excerto na base (Almeida, 2006, p.90-91).

Em resumo, de acordo com Bojanoski (2018), a complexa etapa de elaboração de definições em um repertório pode seguir normas estabelecidas e fórmulas tradicionais da

Terminologia para alcançar a desejada objetividade e clareza. No entanto, as características da área de conhecimento especializado e os objetivos iniciais permanecem como parâmetros constantes na busca de uma comunicação adequada com o público-alvo da obra terminográfica.

### 2.3.1.9. Estruturação do glossário

#### 3.7.7

##### **macroestrutura**

arranjo das entradas em uma coleção

#### 3.7.8

##### **microestrutura**

arranjo dos dados em cada entrada de uma coleção<sup>191</sup>  
(ISO, 2000, p. 13, tradução nossa)

Como observado, os resultados de todas as etapas da pesquisa terminológica supracitadas, podem ser apresentados em produtos terminográficos como dicionários especializados, glossários, ou bases de dados terminológica. A elaboração destes produtos implica na definição de seus componentes estruturais da obra terminográfica, organizados a partir da macroestrutura e da microestrutura (Bojanoski, 2018). A macroestrutura corresponde à organização interna da obra. A microestrutura refere-se à organização dos dados contidos em cada verbete do repertório.

Bojanoski (2018, p. 142) sugere que, na versão final de um trabalho terminológico, podem ser seguidas recomendações estabelecidas pelas normas internacionais e adotadas algumas convenções gerais já definidas pela lexicografia para a elaboração de dicionários.

Ainda, conforme Bojanoski (2018), quanto à macroestrutura, Cabré (1993, p. 325-332) recomenda que o trabalho terminológico formalizado inclua as seguintes informações, que podem ser organizadas de diferentes maneiras, dependendo das características de cada obra:

- 1) Identificação do trabalho: título e autores;
- 2) Sumário;
- 3) Apresentação – em alguns trabalhos, a introdução pode ser precedida por um texto assinado por alguma personalidade representativa;
- 4) Introdução e justificativa – apresentação do trabalho de forma sintética, que pode incluir justificativa pela escolha do tema, delimitação da área de trabalho, explicitação dos objetivos e destinatários, dentre outros;
- 5) Normas de utilização da obra – indicação da metodologia de trabalho seguida de orientações para a sua consulta;

---

<sup>191</sup>No original: “3.7.7 macrostructure / arrangement of entries in a collection // 3.7.8 microstructure / arrangement of data in each entry of a collection” (ISO, 2000, p. 13).



6) Organização conceitual do campo de trabalho – informações, em geral, apresentadas na forma de uma estrutura conceitual, que servem tanto para mostrar a organização nocional da obra como para determinar o alcance conceitual do trabalho;

7) Glossário de termos – apresentação dos termos em forma de artigos de dicionários, contendo duas partes: a entrada e as informações que a acompanham;

8) Índice de termos por línguas – nos trabalhos terminológicos que contém denominações em mais de uma língua é preciso incluir um índice de termos para cada língua, com as equivalências correspondentes a todas as línguas do trabalho;

9) Outros índices;

10) Bibliografia – lista de obras utilizadas na elaboração do trabalho, que podem ser organizadas pela tipologia, como, por exemplo, obras lexicográficas, obras terminológicas e obras especializadas. (Bojanoski, 2018, p. 143).

Segundo Almeida (2006, p. 92), na organização da microestrutura, “cada verbete contém informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não-sistemáticas (informações não-recorrentes)”.

Cabré (1993) orienta que a apresentação dos termos pode seguir uma ordem alfabética ou temática, baseada na organização conceitual do trabalho. Contudo, geralmente, o método alfabético é o mais utilizado. Independentemente da ordem em que os termos sejam organizados, o sistema de remissivas<sup>192</sup> permite estabelecer, quando pertinente, as correlações entre eles (Cabré, 1993 *apud* Bojanoski, 2018 p. 144).

A NBR 13789 (1997a, p. 6) indica que, para facilitar o uso de uma terminologia normalizada na apresentação terminográfica, devem ser dadas, na introdução, informações gerais sobre a forma como os dados terminológicos são apresentados. Estas informações devem abranger:

- a) a estrutura das entradas e as convenções tipográficas adotadas;
- b) a ordem das entradas;
- c) os métodos de acesso à terminologia, a saber:
  - 1) como encontrar um dado termo em um glossário sistemático;
  - 2) como ter uma visão global do sistema de conceitos em um glossário alfabético;
  - 3) como encontrar os termos equivalentes em outras línguas, em um glossário multilíngue.

Ainda, segundo a NBR 13789, quanto à microestrutura, para fins de normalização, a entrada do verbete deve conter pelo menos:

- a) número de entrada;
- b) termo preferido;
- c) definição do conceito;

---

<sup>192</sup> O sistema de remissivas, ou rede de remissivas, ou referências cruzadas, de acordo com Barros (2004, p. 174), é um dos componentes estruturais dos repertórios, a partir do qual é possível resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica.

d) variante nacional.

Podem ser acrescentadas informações dos seguintes tipos:

a) pronúncia;

b) forma abreviada;

c) forma por extenso quando o termo aprovado for um dos diversos tipos de abreviação;

d) símbolo;

e) informação gramatical;

f) área de assunto;

g) referência às fontes;

h) termos não-preferidos (aceitos, rejeitados, obsoletos, substituídos);

i) outras representações do conceito (por exemplo: fórmula, ilustração);

j) referência a termos relacionados;

k) exemplo de emprego do termo;

l) nota;

m) termos equivalentes em outras línguas (ABNT, 1997a, p. 6).

A norma possui, ainda, uma seção sobre a estruturação das entradas no produto terminográfico, o layout em que deverá ser apresentado como a posição, estilo e conteúdo. Segundo a NBR 13789 “os itens de entrada podem ser dispostos verticalmente, horizontalmente ou de modo misto. A ordem dos itens deve permanecer a mesma em todo o glossário” (ABNT, 1997a, p. 6).

Na composição da estrutura do glossário proposto foram adotados alguns itens propostos por Cabré (1993), Almeida (2006) e Bojanoski (2018), assim como orientações das normas NBR 13789 e ISO 704, considerados adequados ao projeto em desenvolvimento.

No capítulo seguinte apresentaremos o desenvolvimento do Glossário-piloto e a aplicação da metodologia terminológica discutida neste capítulo, em todas suas etapas, para a realização da elaboração do produto terminográfico final.



**CAPÍTULO 3**  
**DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA**  
**PROPOSTA: APLICAÇÃO DA**  
**METODOLOGIA TERMINOLÓGICA**



### 3. DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA PROPOSTA

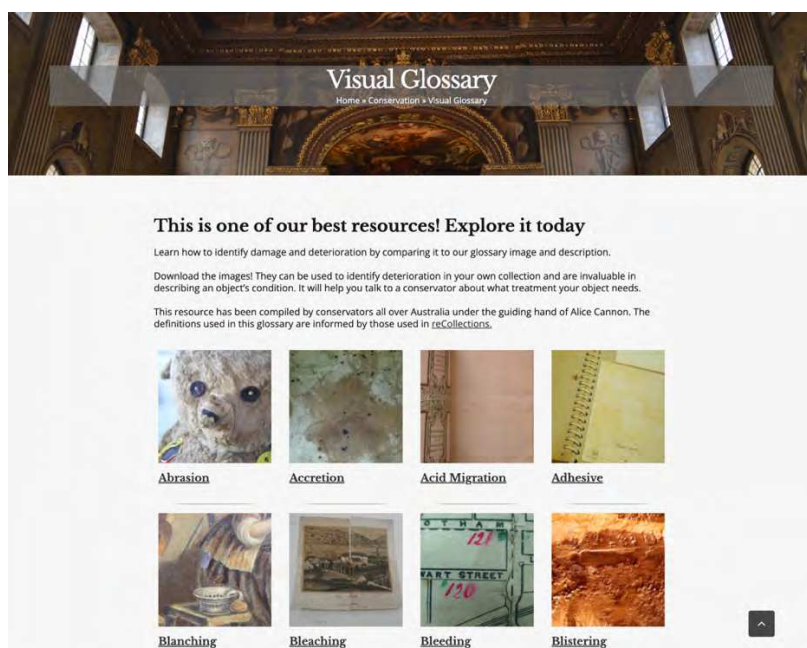
Este capítulo apresenta a os princípios metodológicos e teóricos aplicados na elaboração do Glossário-piloto, com a integração de procedimentos terminográficos, em todas suas etapas, tendo como apoio os princípios conceituais e metodológicos apontados no capítulo anterior sobre a Terminologia e Terminografia.

Trazemos ainda, neste capítulo, o levantamento das obras terminográficas buscadas para dar corpo à estrutura terminológica do Glossário.

#### 3.1. O processo de elaboração do glossário

O primeiro glossário visual online que tivemos acesso foi o *Visual Glossary*, apresentado pelo *Australian Institute for the Conservation of Cultural Material* (AICCM, [2023]). Tivemos acesso à essa ferramenta durante uma pesquisa no Google, enquanto procurávamos recursos para auxiliar o trabalho como professora de Preservação de Acervos na UFMG, especialmente nas aulas sobre diagnóstico e relatórios de estado de conservação. O fato de ser um glossário visual chamou nossa especial atenção, pois, diante de tantos termos de alterações em diferentes suportes e tipologias de acervo, a utilização de imagens para esclarecimento de ambiguidades se mostrou especialmente importante, como ilustrado pela figura 8. É relevante registrar que a ideia para a construção do glossário aqui proposto surgiu a partir desse contato inicial com esse recurso que se demonstrou tão útil para o nosso trabalho didático e para o trabalho de registro de alterações em bens culturais.

Figura 8. Captura de tela do site do AICCM *Visual Glossary*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://aiccm.org.au/conservation/visual-glossary/>.

A partir disso, como indicamos na introdução, elaboramos um projeto para dar início à primeira etapa de desenvolvimento do Glossário. Esta etapa do projeto foi realizada em 2018 com o apoio da Pró Reitoria de Pesquisa da UFMG, por meio de um edital. No projeto proposto sugerimos a estruturação de um *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais* – uma ferramenta sistemática e multilíngue, estruturada como um glossário, ilustrada com fotografias de alterações em diversas tipologias de materiais e suportes. A etapa realizada na época envolveu, principalmente, um levantamento bibliográfico inicial e a busca por uma ferramenta informatizada para armazenar a base de dados terminológica e posterior acesso online, além disso realizamos a coleta de alguns termos, tradução e algumas fotografias de alterações.

Nesta dissertação, buscamos avançar para uma segunda etapa, caracterizada pelo aprofundamento das questões teórico-práticas relacionadas à ferramenta e seu desenvolvimento, além da consolidação de um Glossário-piloto, através da adoção de metodologia baseada na Terminologia e na Terminografia.

Como já mencionamos, verificamos que a elaboração e sistematização de ferramentas terminológicas exigem o estabelecimento de critérios, como a uniformidade nos procedimentos de coleta de termos e sua análise subsequente, além de rigor e coerência no registro dos conceitos e termos. Quando bem aplicados, esses critérios se refletem na organização interna da obra, que deve ser clara, explicitar sua estrutura e definir a abordagem escolhida.

Assim, procuramos estabelecer uma sequência que permita seguir os passos necessários para conduzir um estudo terminológico. Como resultado, apresentamos a ferramenta piloto *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais Móveis: pinturas de cavalete*.

### 3.1.1. Organização e planejamento do trabalho

A fase inicial do trabalho terminológico sistemático consiste na organização e no planejamento. Nessa etapa, é essencial definir os objetivos, o público-alvo e o tipo de obra a ser produzida. Além disso, é fundamental compreender como a área de conhecimento especializado se estrutura, o que nos permite delimitar o domínio e avaliar a necessidade de um recorte mais preciso, estabelecendo subdomínios quando necessário.

Seguindo a estrutura apresentada por Bojanoski (2018), nossa pesquisa está organizada da seguinte maneira:

- Tipo de pesquisa terminológica: sistemática multilíngue.
- Objetivos: elaborar um produto terminográfico piloto, instrumento de referência terminológica e conceitual sobre alterações em bens culturais móveis,

especificamente em pinturas de cavalete, ilustrado por fotografias, que colabore com os processos de diagnóstico – identificação e descrição de estado de conservação de bens culturais.

- Público-alvo: especialistas conservadores-restauradores, museólogos, documentalistas, instituições detentoras de bens culturais, meios acadêmicos e profissionais.
- Tipo de obra: glossário, coleção de termos (unidades terminológicas), acompanhados da respectiva definição e equivalentes, relacionados a um setor específico do conhecimento e composto sem a pretensão de exaustividade.
- Recorte: termos relacionados às alterações, degradações e de deteriorações de pinturas de cavalete em diversos suportes.
- Fonte de coleta dos termos: o corpus do estudo consiste em dicionários, glossários, tesouros, trabalhos acadêmicos e outras listas de termos relacionados ao recorte apresentado.

Essas decisões, previamente estabelecidas, nortearam as demais etapas do trabalho terminológico, que serão descritas nas próximas seções.

#### 3.1.1.1. Considerações sobre o público-alvo

Conforme indicado pelas normas e pelos diversos autores pesquisados, um ponto importante para a delimitação da pesquisa está na escolha do público-alvo. Identificamos como possíveis usuários do Glossário os profissionais envolvidos na preservação do patrimônio, incluindo principalmente especialistas em conservação-restauração, museologia, documentação, além de instituições detentoras de bens culturais, meios acadêmicos e profissionais.

#### 3.1.1.2. Delimitação do domínio | tema

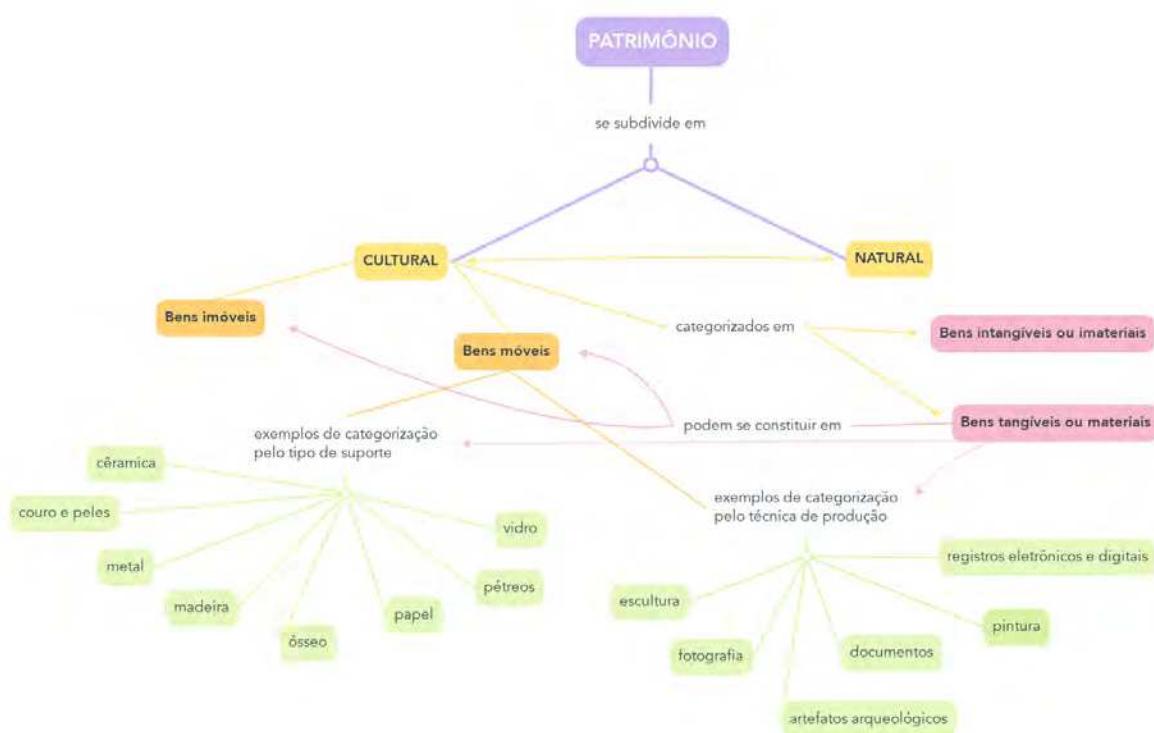
Inicialmente, definimos como objeto da nossa pesquisa a estruturação de um Glossário-piloto que abrangeria amplas áreas, abordando as alterações em diversas tipologias de objetos, materiais e técnicas para o diagnóstico e documentação do estado de conservação. No entanto, ao longo da pesquisa, e com o aprofundamento no estudo das proposições teórico-metodológicas da Terminologia e da Terminografia, percebemos que não seria viável abranger um domínio tão vasto e diversificado. Além do tempo necessário para tal empreendimento, a complexidade da tarefa e a necessidade de uma equipe formada por terminólogos e especialistas nas áreas, diversos autores ressaltam

que não é aconselhável realizar uma pesquisa terminológica abrangendo um domínio completo. Isso ocorre porque, além da complexidade e amplitude da tarefa, um domínio geralmente inclui não apenas uma rede nocional própria, mas também numerosas redes nocionais conexas (Almeida, 2006).

Dessa forma, foi necessário fazer um recorte significativo, levando em conta os subdomínios que poderiam estar relacionados ao diagnóstico de estado de conservação de bens culturais, especificamente na subárea de alterações, como a tipologia dos objetos, o tipo de material e as técnicas empregadas, entre outros. Nesse momento, a elaboração da árvore de domínio sobre nosso tema e o estudo de mapas conceituais e estruturas do campo especializado realizados por outros autores, como Bojanoski (2018), foram fundamentais.

Para a estruturação conceitual, começamos com a análise do mapa conceitual proposto por Bojanoski (2018, p. 39), que organiza o campo patrimonial conforme ilustrado na figura 9. Segundo a autora, esse mapa conceitual oferece um maior detalhamento dos bens culturais móveis, já que essa é a área de interesse de sua pesquisa, assim como também é o foco de nosso estudo.

Figura 9. Organização do campo patrimonial.



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Bojanoski (2018, p. 39).

Percebemos que “dentro do domínio da preservação de bens culturais tangíveis ou materiais, [esses bens] são abordados em diversas especialidades”. Embora não exista

uma classificação padronizada dessas tipologias, os bens culturais podem ser organizados com base em similaridades de materiais (ex.: metais), técnicas de produção (ex.: pintura) ou áreas de conhecimento (ex.: objetos etnográficos) (Bojanoski, 2018, p. 39).

Bojanoski também apresenta, em forma de mapa conceitual, dois exemplos de como duas instituições relevantes organizam os bens culturais a que se dedicam. A figura 10 mostra os grupos de trabalho do ICOM-CC ([2024b]), que reúnem os profissionais das diferentes especialidades. A figura 11 representa as especialidades do *American Institute for Conservation* (AIC, [2024b]). Adaptamos os dois mapas apresentados por Bojanoski (2018), traduzimos os termos, atualizamos os grupos que estão em atuação no presente,<sup>193</sup> e apresentamos apenas os grupos que se dedicam ao estudo dos bens culturais tangíveis<sup>194</sup>. Nas duas figuras, marcamos na cor azul as pinturas, foco de nossa pesquisa.

Figura 10. Grupos de trabalho do ICOM-CC



Fonte: Elaborado e traduzido pela autora adaptado de Bojanoski (2018, p. 40).

<sup>193</sup>A pesquisa de Bojanoski foi apresentada em 2018, portanto, buscamos verificar se os grupos e especialidades permanecem os mesmos em 2024.

<sup>194</sup> Existem outros grupos ligados a outras especialidades e atividades, como Arquitetura, Saúde e Segurança; Conservação preventiva, entre outros.



Figura 11. Especialidades existentes no AIC



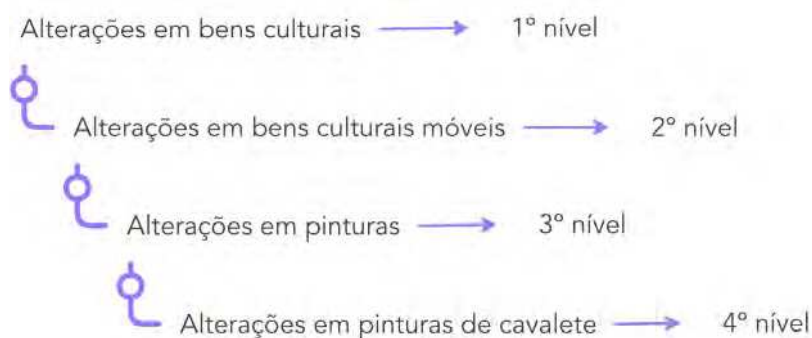
Fonte: Elaborado e traduzido pela autora adaptado de Bojanoski (2018, p. 40).

É interessante observar que na divisão realizada pelas instituições supracitadas há uma combinação de tipologias de objetos, materiais e técnicas, o que evidencia a complexidade de classificação das especialidades dos bens culturais. Sendo assim, alguns desafios se apresentaram na estruturação do domínio selecionado.

Com base nas discussões sobre o campo patrimonial de Bojanoski (2018) e de acordo com os mapas conceituais e árvores de domínio que desenvolvemos, decidimos concentrar nosso foco no domínio das alterações no estado de conservação de pinturas, especificamente das pinturas de cavalete. Essa escolha reflete nosso interesse por essa tipologia de objeto e a quantidade de referências encontradas sobre o tema. Além disso, identificamos uma escassez de recursos em português sobre alterações em pinturas, uma vez que a maioria das poucas obras terminográficas disponíveis em nosso idioma se concentra na conservação de obras e documentos em papel.

Conforme indicado por Almeida (2000, p. 118), uma estruturação conceitual começa a se formar com a delimitação do campo especializado. Em nossa pesquisa, partimos do domínio mais amplo, Alterações em Bens Culturais (1º nível). À medida que estruturávamos o domínio, verificando sua complexidade por meio da pesquisa e dos mapas conceituais analisados e elaborados, identificamos as subáreas correspondentes. No 2º nível, propusemos as Alterações em Bens Culturais Móveis; no 3º nível, as Alterações em Pinturas; e, finalmente, no 4º nível, as Alterações em Pinturas de Cavalete, que são o foco do Glossário-piloto, conforme mostrado na figura 12.

Figura 12. Níveis de delimitação da estrutura conceitual.



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 3.1.1.2.1. Domínio: alterações em pinturas de cavalete

Devido ao recorte estabelecido, abordamos nesta seção, de forma breve as características da tipologia de pinturas de cavalete, que, como veremos, também apresenta suas complexidades, tanto em relação aos objetos que a compõem quanto às particularidades das abordagens de preservação.

Todo objeto pode ser classificado para facilitar a compreensão de suas características, formas e usos, além de otimizar sua gestão, organização e busca de informações. Ao longo da história, surgiram diferentes sistemas de classificação baseados em estilos, períodos históricos, autores e movimentos artísticos, sempre levando em conta que toda classificação possui um grau de subjetividade (Colombia, 2005).

Conforme a *Recomendação sobre a proteção dos bens culturais móveis* (Unesco, 1978, p. 2), os bens culturais móveis, área de interesse desta pesquisa, são:

a) todos os bens móveis que constituem expressão e testemunho da criação humana ou da evolução da natureza e que possuam valor arqueológico, histórico, artístico, científico ou técnico, nomeadamente os que correspondem às seguintes categorias:

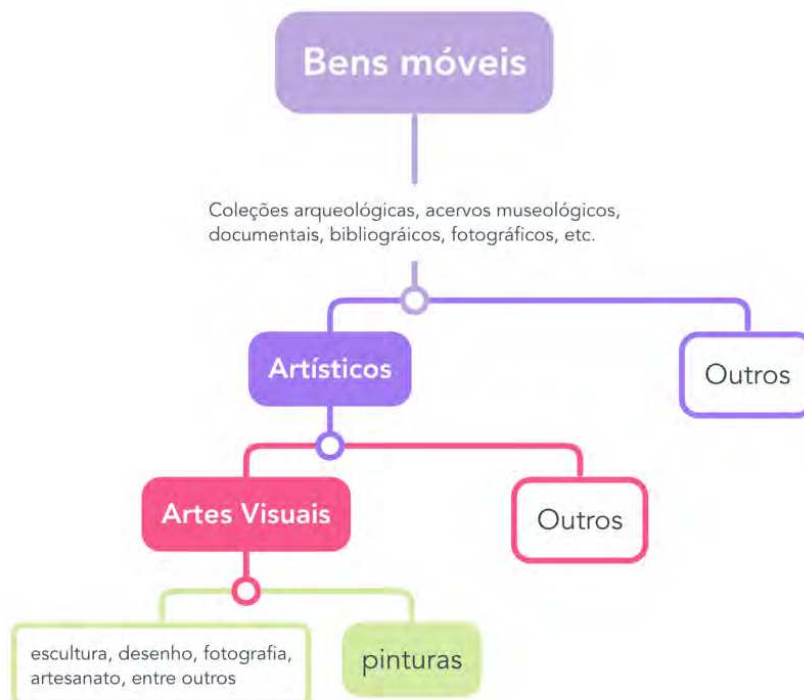
[...]

vi) Bens de interesse artístico, tais como: pinturas e desenhos, [...] feitos sobre qualquer suporte e em qualquer material (excluindo os desenhos industriais e os artigos manufaturados decorados à mão); estampas originais, cartazes e fotografias que constituam meio de criação original; conjuntos e montagens artísticas originais em qualquer material; estatuária e escultura em qualquer material; obras de arte e de artesanato realizados com materiais como o vidro, a cerâmica, o metal e a madeira [...] (grifo nosso).

A pintura, conforme estabelecido pela *Recomendação*, é classificada na categoria de “bens de interesse artístico”, e aqui acrescentamos a subcategoria de artes visuais, de acordo com o mapa conceitual na figura 13. A pintura é uma obra artística, na maior parte

das vezes bidimensional, que requer basicamente um suporte sobre o qual são aplicadas camadas de pigmento dissolvido em um meio aglutinante<sup>195</sup>.

Figura 13. Organização do campo dos Bens Móveis Artísticos



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o *Grupo de trabalho de Pinturas do Comitê de Conservação do ICOM*:

[...] pinturas são definidas como imagens móveis, em grande parte bidimensionais, criadas com o principal propósito de proporcionar uma experiência visual; tais objetos foram produzidos em todo o mundo, desde a antiguidade até o presente. As pinturas podem ser executadas em qualquer tipo de suporte, incluindo, mas não se limitando a: madeira, tecido, metal, pedra, vidro e plástico<sup>196</sup> (ICOM-CC, [2024a]).

A classificação das pinturas pode ser feita de diversas formas: com base em técnicas, como óleo, têmpera, acrílica, aquarela, guache, encáustica, pastel, técnicas mistas, entre outras. Também é possível classificá-las de acordo com o tipo e a mobilidade, como pinturas de cavalete ou pinturas murais – sendo estas últimas consideradas bens integrados. Além disso, é possível classificá-las por estilo ou movimento artístico, como

195 O aglutinante na pintura é a substância responsável por unir as partículas de pigmento, permitindo sua fixação ao suporte e formando uma película contínua e estável após a secagem. Ele desempenha um papel crucial na formulação da tinta, pois além de aglutinar os pigmentos, influencia diretamente a aparência, textura, tempo de secagem e durabilidade da pintura. O aglutinante também afeta a longevidade da obra, sendo fundamental para garantir a coesão e a estabilidade das camadas de pintura ao longo do tempo.

196 No original: “[...] paintings are defined as moveable, largely two-dimensional images created for the primary purpose of providing a visual experience; such objects have been produced world-wide, from antiquity to the present. Paintings may be executed on any type of support, including but not limited to: wood, textile, metal, stone, glass, and plastic” (ICOM-CC, [2024a]).

Realismo, Impressionismo, Cubismo, entre outros, e por gênero, como retrato, paisagem, natureza morta etc.

A pintura de cavalete refere-se a obras de arte realizadas em superfícies móveis, como telas ou painéis, frequentemente, mas não obrigatoriamente, utilizando um cavalete como suporte durante sua execução. Diferencia-se das técnicas aplicadas diretamente em superfícies fixas, como murais ou afrescos, proporcionando ao artista maior flexibilidade para trabalhar em diferentes ambientes, além de facilitar o transporte da obra. Estas tornaram-se amplamente difundidas durante o Renascimento, quando os artistas começaram a produzir quadros individuais em grande escala. Antes desse período, a maioria das obras de arte era focada em murais ou integradas à arquitetura de igrejas e palácios. Com o advento do mecenato e do colecionismo, a pintura de cavalete adquiriu ainda mais importância, consolidando-se como um ícone do ateliê tradicional do artista (Almela; Fernández, 2018).

Mayer (2006, p. 709), define a pintura de cavalete como:

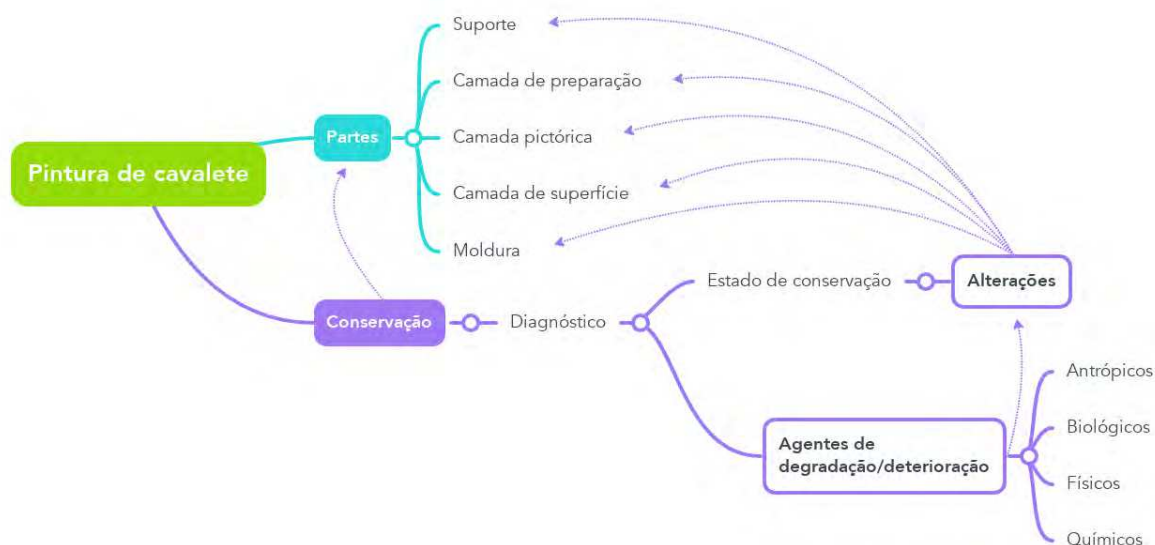
Pintura criativa executada numa das técnicas clássicas, tais como óleo, aquarela, têmpera, guache ou pastel; em geral tende a ser emoldurada e pendurada na parede. O termo distingue esta forma fundamental das belas-arts dos outros campos da pintura, como a pintura mural, a ilustração e as artes decorativas ou aplicadas.

Uma pintura de cavalete é formada por diversas camadas, cada uma composta de materiais com propriedades físicas e composições químicas distintas, o que gera processos de deterioração específicos. A deterioração resulta da combinação de alterações nas diferentes camadas e elementos constitutivos, que podem atuar simultaneamente, comprometendo a conservação da obra. Com o tempo, pode ocorrer perda de coesão em uma camada ou falhas de adesão entre elas (Almela; Fernández, 2018). Dessa forma, a conservação de pinturas envolve um campo extenso e complexo.

Portanto, para compreendermos as alterações em pinturas de cavalete, é fundamental analisarmos os elementos constitutivos de cada obra, que pode incluir não apenas o suporte e a camada pictórica, mas também elementos como o chassi, a camada de preparação, a camada superficial e a moldura. Todos esses componentes devem ser avaliados em seu estado de conservação, quando presentes.

O mapa conceitual apresentado na figura 14 ilustra a organização e a estrutura do domínio, incluindo suas subáreas, com base nas fontes consultadas e nos objetivos definidos para o estudo terminológico.

Figura 14. Mapa conceitual de estruturação do domínio



Fonte: Elaborado pela autora.

O suporte é a base sobre a qual uma pintura é executada, ou seja, o material responsável por sustentar as camadas que formam a imagem. Existe uma ampla variedade de suportes, sendo os mais tradicionais a madeira, a tela, o papel e o papelão. No entanto, também são utilizados materiais como pedra, metais (cobre, estanho, aço, ligas metálicas), vidro, couro e materiais sintéticos, entre outros (Almela; Fernández, 2018, p.189).

De acordo com Pascual e Patiño (2003) nas pinturas sobre tela, o suporte é composto pelo chassi<sup>197</sup> e pela tela (tecido). O chassi, que é a estrutura onde a tela é esticada, geralmente é feito de madeira, embora existam chassis de madeira com metal ou totalmente metálicos. Ele funciona como suporte para a tela, formando a armação que a sustenta e onde a obra é fixada. Qualquer alteração no chassi pode causar o surgimento de possíveis danos, tanto na tela quanto na camada pictórica.

A tela é um dos suportes mais utilizados na pintura de cavalete. Trata-se de um tecido confeccionado com fibras têxteis, entrelaçadas de forma alternada. As fibras têxteis podem ser de origem natural ou artificial. As fibras naturais provêm de fontes vegetais, como linho, algodão e cânhamo, ou de origem animal, como seda e lã, principalmente. As fibras sintéticas são aquelas produzidas por processos químicos, como fibra de vidro, poliamida, poliéster, poliácrlonitrila e polipropileno (Pascual; Patiño, 2003; Nicolaus, 1999).

Todos os materiais orgânicos envelhecem, incluindo os suportes têxteis. Como parte do processo de envelhecimento, eles perdem a firmeza e a elasticidade, e em muitos casos não conseguem mais funcionar como suportes para a camada pictórica. A maioria

<sup>197</sup> Também denominado bastidor.

dos danos a esses suportes têxteis é causada por certas propriedades negativas da celulose (Nicolaus, 1999), que também afetam suportes como madeira e papel.

Outro suporte amplamente utilizado é a madeira, que desempenhou um papel significativo nas pinturas europeias até o século XVII e continua em uso até hoje. Embora esses suportes possam parecer sólidos ao olhar do observador, os conservadores os consideram motivo de preocupação. Muitas obras-primas foram danificadas pelo uso de madeira inadequada, armazenamento ou exposição incorretos, falta de monitoramento das condições climáticas, tratamentos desnecessários ou não profissionais, pragas de madeira, entre outros fatores (Nicolaus, 1999). Uma das principais desvantagens dos painéis de madeira é a sua propensão a liberar vapores ácidos, o que pode ser extremamente prejudicial às camadas de tinta (Mayer, 2006).

Em pinturas de cavalete pode haver uma camada de preparação que atua como intermediária entre o suporte da obra e a pintura. Essa camada é fundamental para uniformizar a superfície do suporte e fornecer uma base para as camadas de tinta que virão a seguir. Uma preparação inadequada ou danificada pode resultar em alterações na pintura, iniciando ou acelerando sua degradação. A preparação desempenha uma função mecânica, facilitando a adesão das camadas sobre o suporte e corrigindo imperfeições presentes. Além disso, também cumpre um papel estético, dependendo da cor da base utilizada (Pascual; Patiño, 2003).

A camada pictórica é a essência da obra. Composta por pigmentos misturados a um aglutinante, encontra-se sobre a camada de preparação e é normalmente formada por diversos estratos. Esses estratos correspondem às camadas de pintura e às veladuras. A perda ou deterioração significativa da camada pictórica resulta na destruição da obra, levando à perda de sua informação figurativa, histórica e artística (Pascual; Patiño, 2003).

A camada superficial, que pode ter funções estéticas e/ou de proteção, é aplicada sobre a camada pictórica. Composta habitualmente por verniz, essa camada melhora o aspecto geral da obra e a protege de agressões externas. O verniz é uma camada incolor e transparente, geralmente formada por resinas, que podem ser de origem natural ou sintética, dissolvidas em um solvente. O verniz exerce uma influência significativa na percepção estética de uma pintura. Sua aparência depende da resina utilizada, da textura do material que compõe a camada de tinta e do método de aplicação. Além de proteger a camada pictórica contra os efeitos do estresse mecânico e atmosférico, formando um filme protetor sobre a superfície pintada, o verniz confere 'profundidade' e luminosidade, além de intensificar a saturação, podendo trazer brilho ou opacidade às cores, de acordo com a intenção do artista. A camada de verniz é uma das mais sensíveis na pintura, pois é a que está em maior contato com o ambiente (Almela; Fernández, 2018; Nicolaus, 1999).

De acordo com Nicolaus (1999) todas as pinturas estão sujeitas ao envelhecimento sendo que toda a estrutura da pintura é afetada.

No momento de sua criação, todas as pinturas antigas tinham uma aparência diferente da que têm hoje. As mudanças e os efeitos do envelhecimento tornam-se particularmente visíveis na camada pictórica e são determinados por fatores como o suporte da pintura, a preparação, a camada de tinta, seus aglutinantes, bem como o verniz<sup>198</sup> (Nicolaus, 1999, p. 157, tradução nossa).

A composição estrutural de uma pintura é de grande relevância para nosso estudo, pois qualquer alteração em um de seus elementos constitutivos pode afetar diretamente os demais. A deterioração dos materiais pode resultar em mudanças no aspecto, na estrutura, e nas propriedades da obra. As características de cada um desses componentes, aliadas aos agentes de degradação e deterioração, são as principais responsáveis pelas alterações observadas.

### 3.1.1.3. Elaboração da árvore de domínio | Organização de conceitos

Uma das etapas fundamentais do trabalho terminológico é a ordenação estruturada dos termos dentro do domínio especializado para a organização conceitual da área, bem como a delimitação da nomenclatura do glossário.

Para subsidiar a elaboração dessas estruturas em nosso trabalho, consultamos diversos documentos e fontes de informações sobre a área. Além das obras sobre alterações, buscamos obras terminológicas, especialmente tesouros, sobre materiais, técnicas e tipologias de pintura. Também foram consultados manuais de documentação e registro de bens culturais, com o objetivo de mapear os conjuntos temáticos para a estruturação do glossário. Trabalhos acadêmicos, como a tese de Bojanoski (2018), que apresentavam uma estrutura conceitual sobre o campo patrimonial, também foram valiosos para o entendimento do domínio.

Na árvore de domínio ilustrada na figura 15, apresentamos as partes constituintes das pinturas de cavalete: suporte, camada de preparação, camada pictórica, camada superficial e moldura, uma vez que cada uma está sujeita a um tipo específico de alteração, que pode ou não afetar outras partes. Além disso, incluímos o diagnóstico de estado de conservação e os agentes de degradação ou deterioração relacionados às alterações observadas, formando uma base relacional para a representação do domínio. Os agentes, especificamente, serão detalhados em uma etapa posterior de estruturação do Glossário.

---

<sup>198</sup> No original: “At the time of their creation all old paintings looked different than they do today. Changes and the effects of aging become particularly apparent in the paint layer and are determined by such factors as the picture support, the ground, the paint layer, and its binding agents as well as the varnish” (Nicolaus, 1999, p. 157).

Figura 15. Árvore de domínio elaborada para estruturação do Glossário-piloto.



Fonte: Elaborado pela autora.

Essa estrutura foi fundamental para delimitar o trabalho terminológico e orientar a apresentação dos resultados no Glossário-piloto. Contudo, ressaltamos que a árvore de domínio desenvolvida não é única, definitiva ou imutável, sendo resultado de nossa pesquisa e entendimento sobre o tema.



#### 3.1.1.4. Escolha das línguas

Definimos que o trabalho terminográfico proposto como piloto consistirá em um glossário bilíngue, com termos e definições em português e inglês, e com termos equivalentes em espanhol, francês e italiano.

Conforme Almeida (2000, p. 23) sistematizar terminologias significa criar termos confiáveis para facilitar o trabalho do tradutor e demonstrar que a língua portuguesa é capaz de nomear conceitos técnicos e científicos. Em outras palavras, enquanto se promove a disseminação de conhecimentos e tecnologias por meio da tradução, também se fortalece a língua nacional. Dessa forma, agrega-se uma dimensão política à necessidade linguística.

Barbosa (2018, p. 24) indica que a busca por obras em outros idiomas é justificada, pois são ferramentas valiosas para entender a linguagem utilizada na Conservação. O uso de obras estrangeiras, amplamente reconhecidas, pode facilitar a compreensão de textos técnicos e promover o diálogo entre especialistas de diferentes partes do mundo, além de ajudar na integração com outras áreas do conhecimento.

A produção de um glossário multilíngue, segundo Bojanoski e Almada (2021, p. 12), apresenta um grande desafio ao buscar termos equivalentes em diferentes idiomas. No entanto, essa tarefa adquire uma dimensão especial ao revelar as aproximações e/ou variações conceituais existentes entre os países.

A inclusão dos idiomas mencionados deve-se, entre outras razões, ao fato de que a maioria dos artigos técnicos e especializados na área de conservação de bens culturais é publicada nessas línguas. Assim, é necessário entender os termos equivalentes. Além disso, a análise do levantamento bibliográfico revelou a escassez de obras terminológicas com termos sobre alterações em bens culturais em português. Isso justifica o uso de fontes em outros idiomas para fundamentar as definições e facilitar o diálogo entre especialistas de diferentes nacionalidades.

#### 3.1.1.5. Seleção e avaliação de fontes | Corpus de estudo

Com o objeto de estudo terminológico delimitado, passamos ao levantamento de fontes para definir os textos que comporiam o corpus deste estudo. Essa etapa de coleta de corpus é essencial para reunir os documentos especializados necessários ao desenvolvimento da pesquisa terminológica. Buscamos referências terminológicas nos idiomas selecionados previamente para o Glossário – português (brasileiro e europeu), inglês, francês, espanhol e italiano.

Iniciamos o levantamento referencial revisando glossários online já conhecidos em nossa área de atuação. A partir dessas buscas e das listas de referência desses glossários, identificamos outros recursos relevantes, e assim sucessivamente. Além disso, elaboramos uma lista de termos para orientar nossa busca, alguns dos quais estão apresentados na nuvem de palavras abaixo, figura 16.

Figura 16. Nuvem de palavras relacionada ao levantamento do corpus de estudo.



Fonte: Gerada pela autora em <https://www.freewordcloudgenerator.com/generatewordcloud> (2024).

Nos guiamos também pela lista de glossários apresentada por Bojanoski (2018) em sua tese, e pelas referências de artigos e outros trabalhos acadêmicos. Utilizamos ainda repositórios online importantes como: *Abstracts of International Conservation Literature do Getty - AATA online* (GRI, [2023]); *Bibliographic Database of the Conservation Information Network – BCIN*<sup>199</sup>, *Linked Conservation Data: Conservation controlled vocabularies* (Linked Conservation Data, [2023]); *Conservable Network: Conservation glossaries and encyclopedias online* (Dornheim, 2017); *Proyecto Cabinet: Diccionarios y glosarios* (UCM, [2024]).

Durante o levantamento referencial estruturamos uma planilha em Excel<sup>200</sup>, indexada, com todos os documentos consultados, incluindo imagem, título, autoria, formato, tipo de material, tipologia de objeto, idiomas, equivalências em outros idiomas, informações sobre a presença de ilustrações, notas, link de acesso (quando disponível) e os dados bibliográficos necessários para sua recuperação – de acordo com indicação da Norma 13789 (ABNT, 1987a), conforme exemplo na figura 17. Cada referência registrada

<sup>199</sup>No momento da finalização desta dissertação o site estava fora do ar, e, portanto, não foi possível atualizar o link de referência.

<sup>200</sup>Para elaboração da planilha nos baseamos no modelo apresentado por Barbosa (2018).

recebeu um código numérico e uma sigla para facilitar as buscas e registros de informações.

Figura 17. Recorte da planilha de organização das fontes levantadas

Imagem	Título	Autores	Formato	Tipos de documentos	Procedência	Idioma	País de origem	País de destino	País de origem	País de destino	Localização	Identificador	URL	Descrição	Uso de fontes	
	A glossary of world words and terms	Broadway First Art	Digital	Lista de termos	BRIGADARY FIRST ART: A glossary of world words and terms. Disponível em: <a href="https://www.broadwayfirstart.com/brigadary-first-art">https://www.broadwayfirstart.com/brigadary-first-art</a>. Acesso em 24 mar. 2024.	Português	Brasil	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	30	NÃO	NÃO	<a href="https://www.broadwayfirstart.com/brigadary-first-art">https://www.broadwayfirstart.com/brigadary-first-art</a>	The process and methods surrounding the techniques of oil painting restoration comes with it its own jargon and terminology that may be difficult to hear outside its practice. This may help you understand more clearly any communications we may have in discussing your painting restoration. 12 termos de nomenclatura, expressos em português.	Empresa privada
	A Primer for the Materials, Methods and Techniques of Conservation	North Carolina Museum of Art	Digital	Lista PDF	NCMUSEUM OF ART: A Primer for the Materials, Methods and Techniques of Conservation. 2021. Disponível em: <a href="https://www.ncmuseumofart.com/wp-content/uploads/2022/06/ncmuseumprimer.pdf">https://www.ncmuseumofart.com/wp-content/uploads/2022/06/ncmuseumprimer.pdf</a>. Acesso em 24 mar. 2024.	Português	Brasil	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	20	NÃO	NÃO	<a href="https://www.ncmuseumofart.com/wp-content/uploads/2022/06/ncmuseumprimer.pdf">https://www.ncmuseumofart.com/wp-content/uploads/2022/06/ncmuseumprimer.pdf</a>	Reporte para auxiliar na extração de dados: informações sobre materiais e técnicas, a procedimentos de conservação de objetos de arte. Casos de alterações (alterations) Tabela de nomes. Lista de termos de alterações, sem definições.	Instituição museológica
	Alterations to easel paintings Alterações de pintura de cabedelo CON	ÁMELIA, CRISTINA SOLÍS FERNÁNDEZ, MARÍA FERNÁNDEZ, FRANCISCA CORDANO	Digital	Lista PDF	ÁMELIA, CRISTINA SOLÍS FERNÁNDEZ, MARÍA FERNÁNDEZ. Proyecto CONAMOC. Informes de intervención en pintura de cabedelo. Madrid: Secretaría General de Técnica, Centro de Publicaciones, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. 2018. Disponível em: <a href="https://www.liberia.cultura.gob.es/biblioteca/conamoc/conamoc_criterios_intervencion_pintura_cabedelo_2018.pdf">https://www.liberia.cultura.gob.es/biblioteca/conamoc/conamoc_criterios_intervencion_pintura_cabedelo_2018.pdf</a>. Acesso em 28 mar. 2024.	Português	Brasil	Espanha	Inglaterra	Estados Unidos	81	SIEMPRE	SIEMPRE	<a href="https://www.liberia.cultura.gob.es/biblioteca/conamoc/conamoc_criterios_intervencion_pintura_cabedelo_2018.pdf">https://www.liberia.cultura.gob.es/biblioteca/conamoc/conamoc_criterios_intervencion_pintura_cabedelo_2018.pdf</a>	Livro sobre critérios de intervenção que possui como anexos um glossário de termos de alteração em pintura de cabedelo. Disponível por partes de pintura. Descrição: Proprietary Layer: Paint layer, Surface layer. Paint Conservation (MUSEUM) para a área de administração.	Instituição pública
	Art & Architecture: Theoretical ART CD AAI 16	THE GETTY RESEARCH INSTITUTE	Digital	Base de dados	THE GETTY RESEARCH INSTITUTE: Art & Architecture: Theoretical. Disponível em: <a href="https://www.getty.edu/research/theoria/artcd/index.html">https://www.getty.edu/research/theoria/artcd/index.html</a>. Acesso em: 27 abr. 2023.	Diversos / Diversos	Estados Unidos	Inglaterra	Espanha	Outros	133	NÃO	SIEMPRE	<a href="https://www.getty.edu/research/theoria/artcd/index.html">https://www.getty.edu/research/theoria/artcd/index.html</a>	Enciclopédia: Proprietary Layer: Conditions and Effects (Identify name) (SIEMPRE) Alterações: Properties and Techniques (Identify name) Operações and Materials (Identify name) Conservation (Identify name) (SIEMPRE) Changing (Identify name) 42 alterações	Associação / Instituto
	Art Conservation Glossary	STELLA ART & CONSERVATION	Digital	Lista de termos PDF	STELLA ART & CONSERVATION: Art Conservation Glossary. What's Past, What's Next. 2018. Disponível em: <a href="https://www.stellaart.com/wp-content/uploads/2018/03/art-conservation-glossary.pdf">https://www.stellaart.com/wp-content/uploads/2018/03/art-conservation-glossary.pdf</a>. Acesso em 18 maio 2023.	Diversos / Diversos	Estados Unidos	Inglaterra	Estados Unidos	Estados Unidos	12	NÃO	SIEMPRE	<a href="https://www.stellaart.com/wp-content/uploads/2018/03/art-conservation-glossary.pdf">https://www.stellaart.com/wp-content/uploads/2018/03/art-conservation-glossary.pdf</a>	Empresa particular: termos relativos de preservação.	Empresa privada

Fonte: Elaborada pela autora.

Para analisar melhor os resultados do levantamento bibliográfico, os textos foram classificados em categorias tipológicas, seguindo o modelo de Bojanoski (2018, p. 148), adaptado às necessidades da nossa pesquisa:

- Artigos de periódicos – textos publicados em revistas especializadas, representando uma tipologia mais especializada, que envolve a comunicação entre profissionais da área;
- Formulários de laudos de estado de conservação – realizamos uma compilação de formulários de relatórios de estado de conservação os quais têm uma lista de termos de alterações e alguns até com definição;
- Obras terminográficas – glossários, bases de dados terminológicas, tesouros, dicionários técnico-científicos, listas autorizadas de termos, vocabulários controlados etc., como obras individuais ou publicados nos apêndices dos livros técnicos; desenvolvidos e/ou utilizados por diferentes instituições, nacionais e internacionais;
- Textos monográficos em parte ou no todo – textos diversos, publicados por instituições ou editoras, ou disponibilizados na internet, que foram produzidos por iniciativas individuais ou, na maioria dos casos, por profissionais associados às instituições responsáveis pela preservação de acervos;
- Trabalhos acadêmicos – textos produzidos em instituições universitárias, como monografias, dissertações e teses, sendo estes altamente especializados,

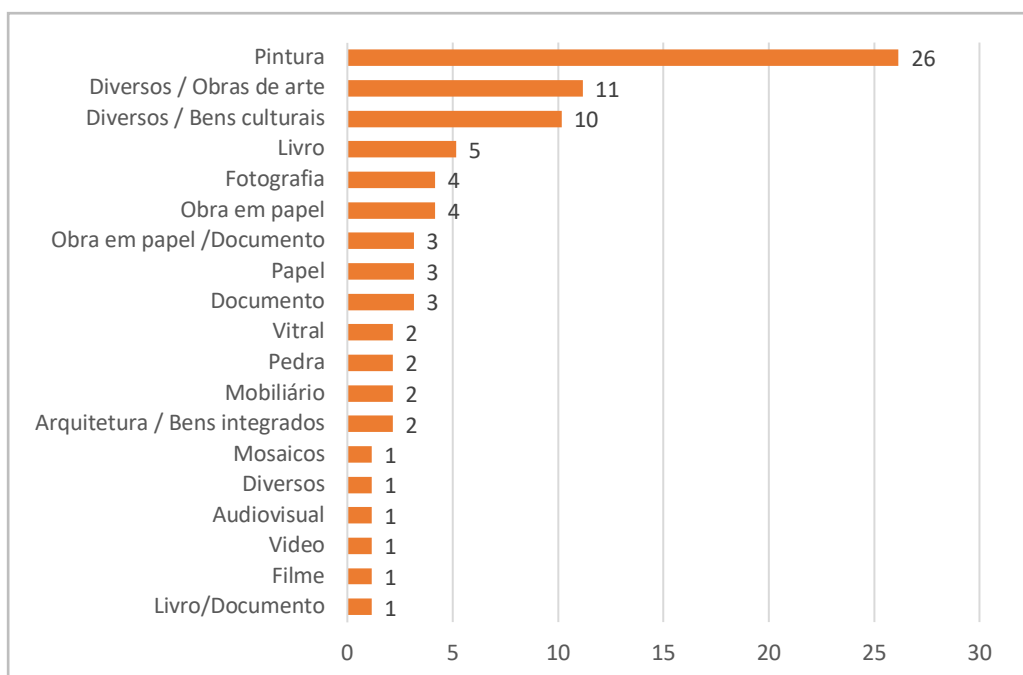
relacionados à formação profissional e acadêmica, e à elaboração de terminologias na área de conservação.

Após a organização dos documentos em planilha, foi feita uma análise aprofundada, refinando a busca de forma manual. Para facilitar a organização, o processamento e a leitura, salvamos e armazenamos todos os textos encontrados nos sites e bases de dados no formato PDF. Em seguida, todos os documentos selecionados foram lidos integralmente para extração dos termos e definições. Até este ponto da pesquisa, levantamos o corpus para todos os tipos de objetos, materiais e técnicas.

O levantamento inicial auxiliou na definição dos textos que formariam o corpus do estudo terminológico. Ao término do levantamento, compilamos uma lista de 83 referências, 72 das quais conseguimos acesso – incluindo livros, sites, bases de dados, trabalhos acadêmicos, entre outros. Dividimos também os textos de acordo com a tipologia de material/objeto abrangido, conforme ilustrado pelo gráfico na figura 18. Neste gráfico podemos verificar a maioria de obras terminográficas sobre alterações em pinturas totalizando 26 referências, cerca de 32%.

Acreditamos que o extenso trabalho de levantamento referencial não foi em vão, pois planejamos expandir o projeto para incluir outras tipologias de objetos. Além disso, o processo nos permitiu identificar termos que, muitas vezes, permanecem os mesmos independentemente da tipologia do objeto.

Figura 18. Número de publicações de acordo com as tipologias de objetos.

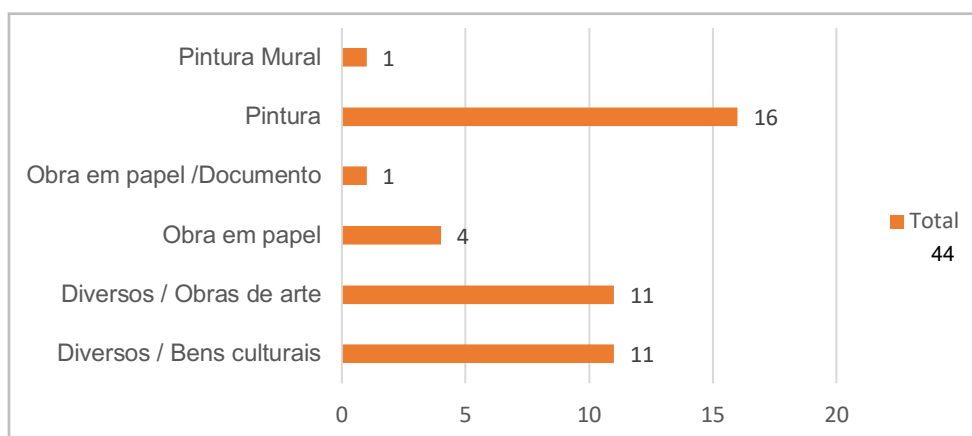


Fonte: Elaborada pela autora.

Buscamos realizar um levantamento o mais completo possível, embora ele não seja exaustivo, já que podem existir textos não identificados. Além disso, encontramos diversas obras às quais não tivemos acesso devido a estarem fora de circulação ou não estarem disponíveis no Brasil. No final deste capítulo, na seção 3.3, apresentamos uma lista das principais obras, selecionadas conforme os critérios estabelecidos. Além das obras sobre alterações, também buscamos obras terminológicas, principalmente tesouros, sobre materiais, técnicas e tipologias de pintura, com o objetivo de mapear os conjuntos temáticos para a estruturação do glossário. A lista completa dos textos pode ser encontrada no Apêndice A.

Considerando o domínio delimitado para alterações somente em pinturas de cavalete, identificamos um total de 16 obras específicas da tipologia pinturas e 28 obras gerais que continham termos relacionados a alterações em pinturas, totalizando 44 referências, de acordo com o gráfico apresentado na figura 19.

Figura 19. Número de publicações por Tipologia de objeto / Material



Fonte: Elaborada pela autora.

Das 44 referências analisadas, selecionamos 17 principais para compor o corpus de estudo, seguindo os critérios mencionados no capítulo 2, como autor/instituição com autoridade reconhecida na área (Cf. p. 132-133).

### 3.1.1.6. Extração de termos | Definição da Nomenclatura

Após o levantamento bibliográfico, a tabulação das referências e a leitura dos documentos selecionados, iniciamos a identificação dos termos e definições usados na descrição das alterações do estado de conservação em pinturas de cavalete. Nessa etapa, nossa experiência e conhecimento sobre o domínio foram essenciais. Segundo Bojanoski (2018), o olhar do especialista é importante para reconhecer quais termos são pertinentes à área.

A extração de termos envolveu a leitura integral dos textos selecionados, a busca e identificação visual de cada termo com seu conceito, garantindo que o termo designava uma alteração. Essa etapa de seleção de termos se revelou bastante complexa e demorada. Verificamos a quantidade de termos e a polissemia na denominação das alterações. Nesse contexto, o uso de imagens presentes em alguns documentos foi de grande valia. É importante destacar que a compilação e tabulação dos termos foi feita em inglês, já que a maior parte das referências está nesse idioma.

A extração das unidades terminológicas foi realizada manualmente<sup>201</sup>, copiando e colando os termos e definições em planilhas separadas para cada fonte. Os termos foram organizados e classificados em ordem alfabética, com uma entrada para cada idioma. Posteriormente, todos os termos de cada referência foram reunidos em uma tabela geral para contabilização e adequação. Além disso, foram compiladas todas as definições disponíveis e suas respectivas traduções para outros idiomas. Nas figuras 20 e 21, apresentamos um recorte dessas duas tabelas para exemplificação. Na tabela representada na figura 21 utilizamos cores para facilitar a visualização das diferentes fontes.

Figura 20. Recorte da tabela de compilação de termos, definições, variantes e equivalentes.

Code	Allegation	Definition	Variante	Process	Process	Process	Process	Process
EWA01	abrasion	Superficial loss or damage as a result of mechanical action due to friction.	—	abrasion	abrasione	abrasion	abrasion	—; intrinsic cause of deterioration; —; wind erosion
EWA02	bleaching	A chromatic change manifested as a whitening of the constituent materials, to become white over time.	—	bleaching	bleichung	bleachamento	bleaching	—; whitening
EWA03	budge	Localized rounded protuberance or swelling from wetting or underneath caused by pressure.	swelling protuberance	bulging protuberance	gonfiamento protuberanza	abobramento abobadura	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; soil efflorescence
EWA04	cavity	A hollow space (a loss of components) usually reached with solid material.	—	cavity	cavità	ocavado	—	—; soluble salts
EWA05	cracking	The loss of cohesion and the generation of very fine particles (dust) (powdery flake) on the surface of a material.	cracking fracture pulverization loss of cohesion	cracking fracture pulverization loss of cohesion	fracturamento polverizzazione frattura perdita di coesione	abstração desagregação zafuramento	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; intrinsic cause of deterioration; —; cracking —; frosty
EWA06	colour alteration	The intensification of colour of a surface caused by humidity or by the use of construction or conservation materials.	—	intensification of colour	intensificazione del colore	intensificação del color	—	—
EWA07	corrosion	The chemical and physical degradation of architectural surfaces, stone or metal, caused by weathering or corrosive substances with which they come into contact.	—	corrosion	corrosione	corrosion	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; pigment alteration
EWA08	crack	A discontinuity in an architectural surface or wall painting, resulting in a visible separation of one part from another, that extends through one or more layers.	fracture	fracture crack fissure	fratura fessura fessurazione fessurazione	grieta fenda	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; intrinsic cause of deterioration; —; side crack; —; transverse; —; hairline crack
EWA09	crackline	A network of fine minor cracks specific to masonry paint layers.	crackline	crackling	reticatura tracciatura	tracelado	—	—; crack; —; side crack
EWA10	crumbling	The disintegration of a material into small pieces as a result of chemical, physical or biological deterioration, the loss of cohesion between component materials, which can be due to gradual dissolution of the binder.	—	crumbling	aggregamento	desagregación	—	—; support; —; masonry; —; plaster; —; binder; —; soluble salts; —; frosty
EWA11	darkening	A change in the surface colour due to a decrease in the production of visible light reflection.	—	darkening	scurecimento	oscurecimiento	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; air pollution; —; soiling
EWA12	distortion	A change or alteration of the original form, shape and/or dimensions of a material caused by the application of force, without a breach of the continuity of its parts.	—	distortion	deformazione	deformación	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; frosty
EWA13	fading	A chromatic alteration manifested as the weakening of colour (pigment) saturation and which is generally the result of chemical reactions or exposure to direct sunlight.	—	fading	sfaldamento	desaturación	—	—; whitening; —; bleaching
EWA14	flaking	The detachment of small, flat, thin pieces of outer stone layers or other surfaces (e.g. mural paintings). Flakes are smaller than scales.	—	flaking	scagliatura	desmenucción	—	—; intrinsic cause of deterioration; —; peeling; —; scaling
EWA15	hairline crack	A minor, individual discontinuity that is visible on the surface.	—	microfracture	microfrattura	—	—	—; crack; —; hair crack; —; crackline
EWA16	lacuna	A missing part of an architectural surface or wall painting which affects their integrity.	lacuna	lacuna parte mancante	lacuna cavità	—	—	—; cavity; —; hole
EWA17	patina	A natural alteration which appears at the surface of various materials due to ageing, use, handling, conditions, and/or exposure to the environment. It can be used to describe artificially.	—	patina	patina	patina	—	—; yellowing; —; darkening

Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>201</sup> Observamos, por um lado, a fragilidade de realizar o trabalho manualmente, pois há o risco de esquecer alguns termos, por isso, realizamos diversas revisões. Por outro lado, o trabalho manual contribuiu para nossa familiaridade com os termos e definições, além de permitir os ajustes necessários.

Figura 21. Recorte da tabela geral de compilação de termos

AAT	AICL	AICCM	CCI	CCQ	CORE	EWA	FACPT
Alteração	Alteração	Alteração	Alteração	Alteração	Alteração	Alteração	Alteração
abrasions	abrasion	abrasion	abrasion	abrasion	abrasion	abrasion	abrasion
accretions	accretion	accretion	accidental cracks	ageing	added elements	bleaching	accretions
aging cracks	acid migration	alligator cracks	active corrosion	alteration product	adhered elements	bulge	aging cracks
bleeding	blanching	alligating	adhesive tape	biodegradation	altered retouching	cavity	alligating
blister	bleaching	blanching	age cracks	biological patina	bevelled	chalking	bitumen deformation
blooming	bleeding	blind cleavage	bimetallic corrosion	cracked	biological deposits	colour saturation	bleaching
buckling	blistering	blind lining	blackening	cracking	corrosion	crack	blister
check/split	bloom	blater	blanching	craquelure	blistering	craquelure	blooming varnish
cleavage	break	bloom	blister	damage	bloom	cracking	buckling
cocking	brittle	buckling	blunting	decomposition, chemical alteration	breakage	crumbling	buckling
crack	bronze disease	bulge	break	dirt, soiling	chemical alterations	darkening	bulges
crackle	buckling	chalking	break	erosion	cracks	deformation	burn
craquelure	burn	check	bronze disease	mechanical damage	cracks or splitting	fading	chalking
crease	chalking	chip	bulge	missing part, lacuna, loss	craquelure	faking	cleavage
crushed impasto	channelling	cleavage	burn	natural patina, ageing patina	darkening	hairline crack	cocking
cupping	cleavage	cobweb cracks	carbonization	overpaint	deformations	lacuna	cracking
deformations	cocking	cocking	change in format	painted slogan, graffiti	dirt	patina	crackle
delamination	corrosion	concentric cracks	chemical damage	patina	fishures	peeling	craquelure
dent	crack	corner cracks	chip	patination, artificial patina	fishures	pigment alteration	cracking
dirt	craquelure	corner draws	chip	physical alteration	faking	salt efflorescence	crushed impasto
discoloration	crazing	crackle	cleavage	reintegration, inpainting	inserts	scaling	cupping
discolored varnish	crease	cracks	cocking	retouch, inpaint	keys missing	static crack	crease

Fonte: Elaborada pela autora.

Na primeira listagem, dentre as 17 referências selecionadas, identificamos inicialmente 994 termos. Vários desafios surgiram nesta etapa, pois verificamos diversas variações de termos que designavam o mesmo conceito. Após adequar as formas entre singular e plural, reduzimos esse número para 441 termos, sendo que optamos por apresentar os termos no formato singular e em letras minúsculas. Essa lista incluiu ainda sinônimos e variações.

Após essa primeira revisão, alguns termos precisaram ser ajustados devido a pequenas variações na grafia. Reconhecemos que se tratavam, na verdade, dos mesmos termos, como *discoloration* e *discoloration*, uma vez que algumas referências estavam em inglês americano, enquanto outras eram em inglês britânico ou australiano. Também identificamos variações como *overpaint*, *over-paint*, *over paint* e *over painting*, além de *bloom* e *blooming*, entre outras. Muitos dos termos considerados preferidos nas diversas fontes eram sinônimos de outros em diferentes fontes. Nessa etapa, também eliminamos termos muito gerais, como *alteration product* e *damage*, além de aqueles que não estavam relacionados a alterações em pinturas de cavalete. Em relação às alterações específicas de pinturas de cavalete, compilamos 146 termos.

Nesta fase, o trabalho realizado manualmente, com uma leitura minuciosa de termos e conceitos, revelou-se especialmente importante. A convivência com tantos termos nos proporcionou um conhecimento dos conceitos que antecipa suas designações. Durante a compilação dos termos, também organizamos as imagens, baixando e nomeando-as de acordo com o termo da alteração, armazenando-as em pastas separadas por fonte.



As equivalências foram estabelecidas com base nos conceitos e nas imagens disponíveis, além de buscas cruzadas. É importante mencionar que as traduções e equivalências são também auxiliadas atualmente pelas ferramentas de tradução e inteligência artificial encontradas na internet. As equivalências nos diferentes idiomas escolhidos para o glossário partiram dos termos em inglês e procuraram respeitar as particularidades linguísticas e culturais de cada idioma e região de origem.

Definir equivalências para termos especializados em várias línguas não é uma tarefa simples, mesmo dentro da mesma área de conhecimento. As diversas experiências, contextos e processos de formação profissional que caracterizam cada país ou região inevitavelmente influenciam a escolha dos termos adotados pelos profissionais. De acordo com Bojanoski (2018, p. 177):

É interessante notar que realizar a tradução de vários termos [...] é uma tarefa complexa, uma vez que eles se referem a fenômenos que simplesmente não são encontrados na literatura da área no Brasil. Ou seja, provavelmente não existem termos em português porque alguns fenômenos relacionados aos processos de deterioração ainda não foram identificados ou assimilados pelos especialistas brasileiros.

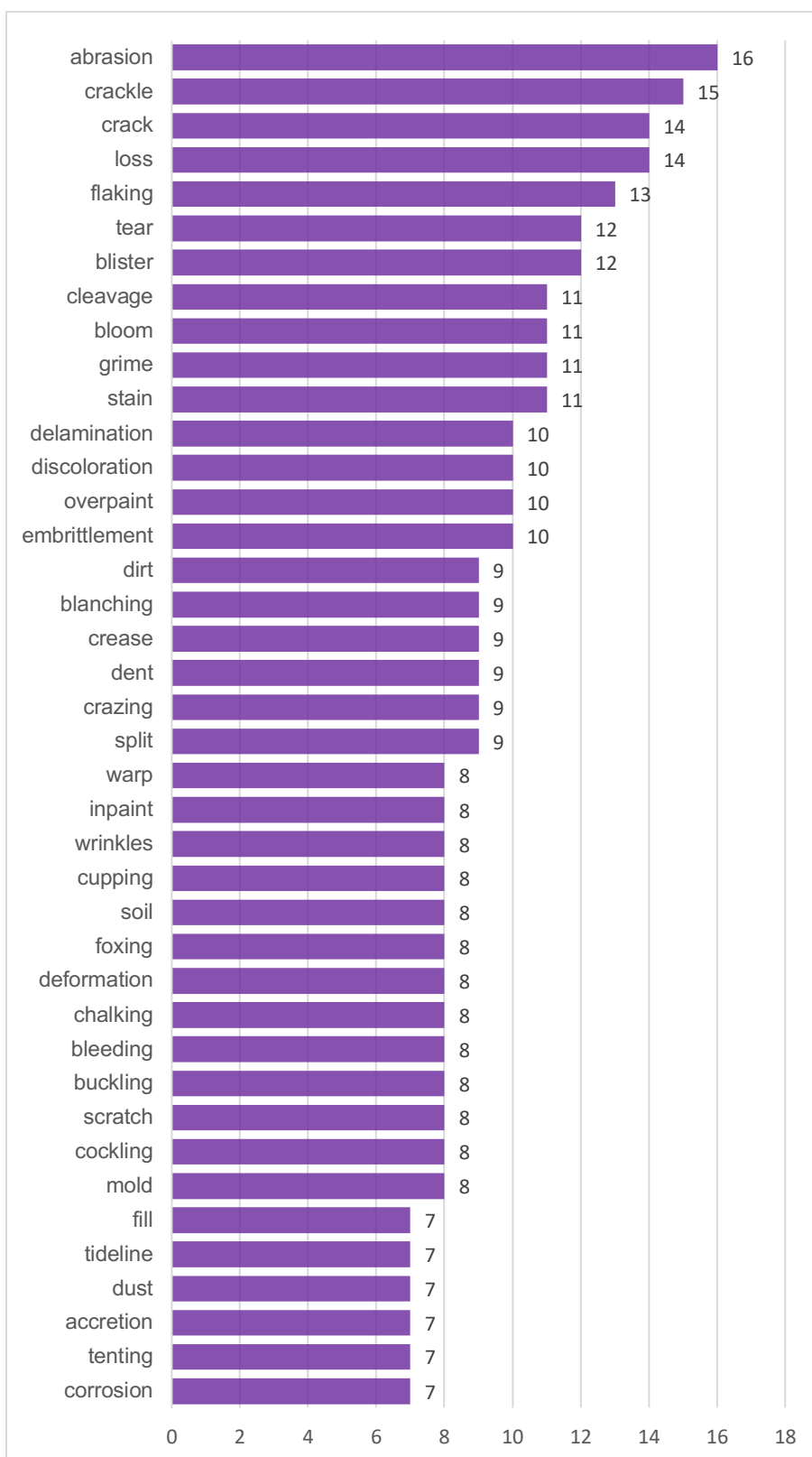
Identificamos essas mesmas questões levantadas por Bojanoski em nossa pesquisa, alguns termos foram bastante difíceis de traduzir, especialmente devido à sua especificidade. Ao traduzirmos para o português, muitos se tornaram muito gerais e passaram a ser sinônimos de outros termos. Os termos em português, entretanto, não são traduções literais dos termos em inglês, priorizando o uso de termos que tenham correspondência de conceito.

Por fim, selecionamos 40 termos em inglês – idioma mais frequente no corpus de estudo – de forma quantitativa, conforme mostrado nas figuras 22 e 23. Desses 40 termos, escolhemos 20 para compor a nomenclatura do Glossário-piloto, utilizando uma combinação de critérios quantitativos — termos mais frequentes no corpus estudado — e qualitativos, seguindo os parâmetros de seleção de corpus apresentados no capítulo 2. A seleção final considerou também a existência de equivalências nos idiomas escolhidos, a presença de imagens ilustrativas (para eliminar a ambiguidade entre termos) e a relação direta do termo com a tipologia específica das pinturas de cavalete. Alguns termos eram mais genéricos, podendo ser aplicados a alterações em vários tipos de objetos.

Os 20 termos elegidos para o Glossário-piloto, conforme os critérios supracitados são: abrasão; bolha; craquelê; delaminação; descamação; descolamento; empenamento; esbranquiçamento; fissura; foxing; mancha; mofo; ondulação; perda; pulverulência; rasgo; repintura; ruga; sujidade; vinco. Também estabelecemos uma relação entre o termo geral craquelê e alguns termos específicos que representam tipos de craquelê, a fim de testar a estrutura do Glossário, conforme ilustrado na figura 26 (Cf. p. 228).

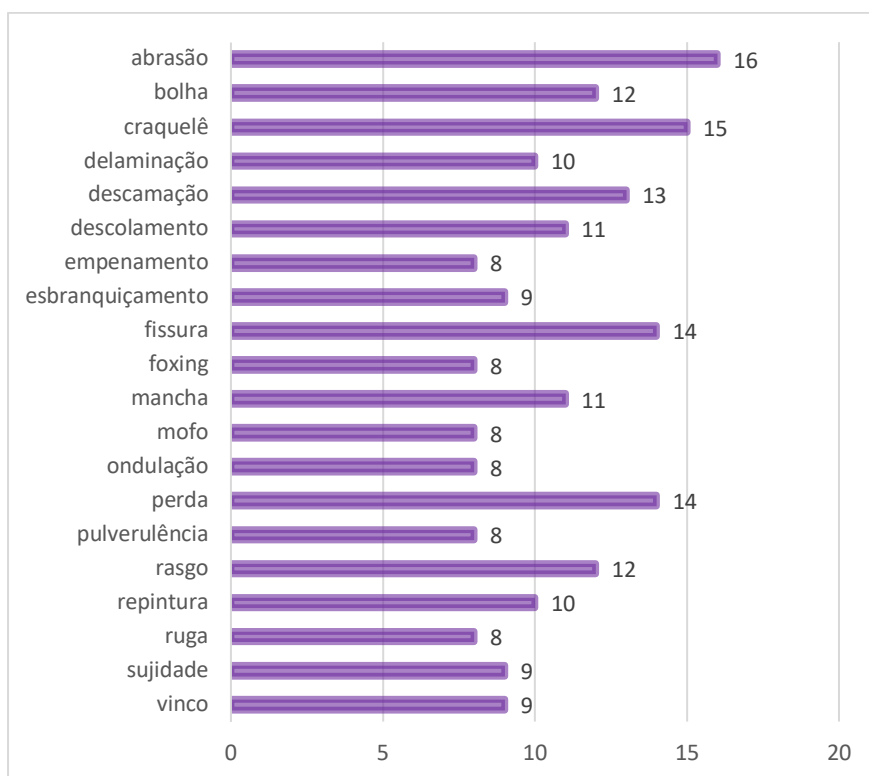


Figura 22. Gráfico dos 40 termos mais frequentes em inglês



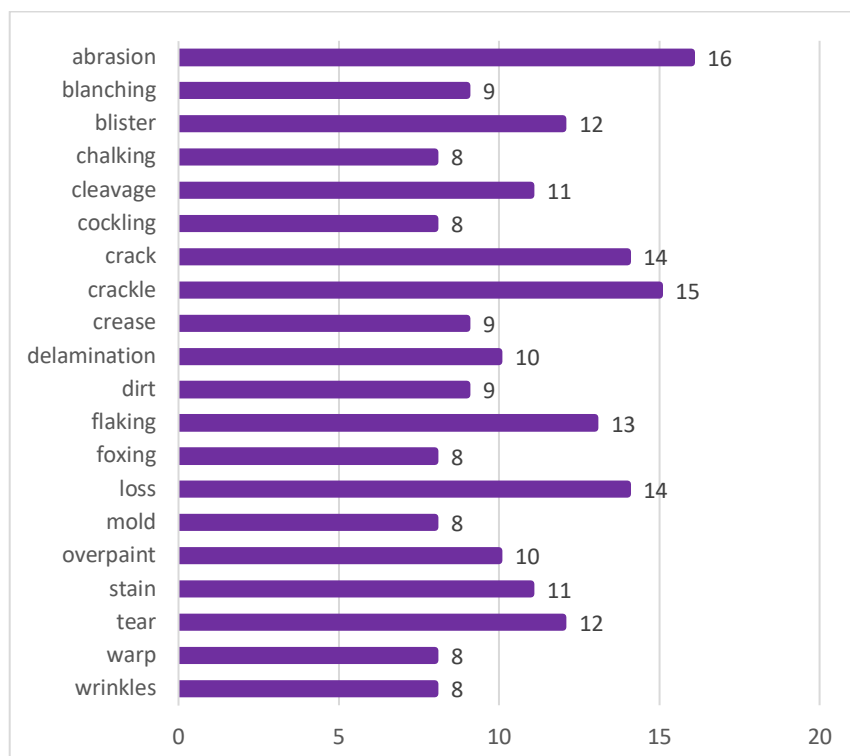
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 23. Gráfico dos 20 termos escolhidos em português



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 24. Gráfico dos 20 termos escolhidos em português



Fonte: Elaborada pela autora.

Alguns destes termos genéricos selecionados ainda se desdobram em termos mais específicos como por exemplo os diversos tipos de craquelê (*crackle ou craquelure*), ou de tipos de putrefação (*rot*), conforme ilustrado na figura 25.

Figura 25. Termos e seus desdobramentos



Fonte: Elaborada pela autora.

É importante destacar que a lista de termos compilados deve necessariamente ser submetida à análise de especialistas na área específica, neste caso, Conservação-Restauração de pinturas de cavalete. Conforme Almeida (2000, p. 61), após a organização da lista de termos candidatos, é fundamental que especialistas avaliem e apontem os termos mais relevantes para inclusão no glossário. A validação por especialistas é essencial para confirmar o estatuto de um candidato como termo. Em nossa pesquisa, devido principalmente a restrições de tempo, realizamos uma validação informal com a Professora Doutora Giulia Villela Giovani, da Escola de Belas Artes da UFMG, pesquisadora e conservadora-restauradora de pinturas.

A árvore de domínio, com os termos relacionados para o glossário piloto, ficou da seguinte forma segundo a figura 26.

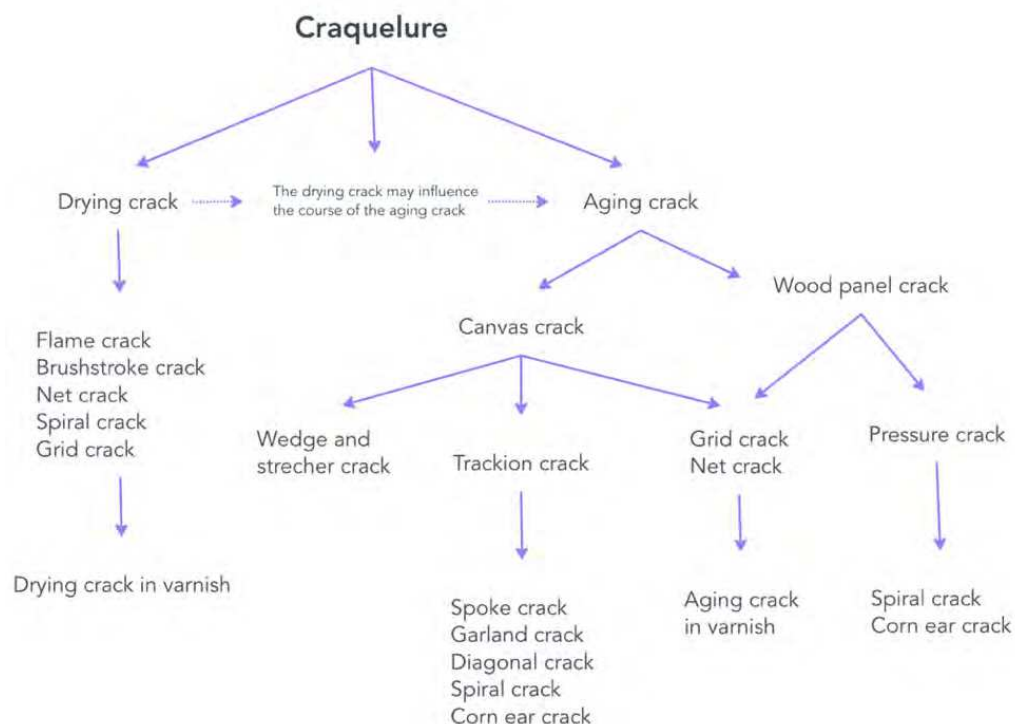
Figura 26. Relações de tipos de craquelês



Fonte: Elaborado pela autora.

Reconhecemos a importância de estabelecer relações entre os termos genéricos e específicos, conforme ilustrado na figura 27. A base de dados terminológica em que estamos trabalhando permite representar essas relações, assim, planejamos realizar esse tipo de estruturação em uma próxima etapa do projeto.

Figura 27. Relações de tipos de craquelês



Fonte: Elaborada pela autora adaptado de Nicolaus (1999, p. 165).

### 3.1.1.7. Fichas terminológicas

Seguindo as recomendações metodológicas, e os modelos apresentados por Almeida (2000), Bojanoski (2018), Cabré (1993) e Cervantes (2009), foram definidos os campos da ficha de trabalho com base nos objetivos do estudo terminológico, nos usuários e na estrutura prevista para o Glossário. Cada ficha corresponde a uma entrada de termo, e, juntas, formam a nomenclatura. A seguir, estão apresentados os campos estabelecidos na pesquisa.

A estrutura das fichas terminológicas foi criada em uma planilha Excel, e os termos do Glossário-piloto, já validados, foram transferidos para o sistema de base de dados informatizado. A ficha também foi elaborada para refletir a estrutura compatível com o software utilizado para a base de dados terminológica (BDT). A partir desse processo, as novas entradas serão inseridas diretamente na BDT.

A ficha terminológica para o glossário piloto possui os seguintes campos de informação, estes campos correspondem também à apresentação de cada termo na base de dados terminológica.

- Código: número de identificação do termo (na BDT que utilizamos, esse número é gerado automaticamente ao inserirmos um novo termo);
- Termo em português: apresenta a entrada do termo na forma lexical definida, levando em conta as variações encontradas nos textos como variantes, ou de acordo com a tradução/equivalência;
- Ocorrência: neste campo, colocamos o termo na forma em que aparece no contexto levantado, incluindo todas as flexões de gênero, número, etc.
- Definição em português: indica o significado do termo.;
- Multimídia: fotografias, ilustrações, documentos e/ou vídeos que contribuam para a explicação de cada termo;
- Termo em inglês: apresenta a entrada do termo na forma lexical definida, levando em conta as variações encontradas nos textos como variantes, ou de acordo com a tradução/equivalência;
- Definição em inglês: indica o significado do termo em inglês;
- Outras denominações: identifica a variação de termos. As relações de sinonímia, ou seja, as formas alternativas que designam um mesmo conceito. Como os termos estão inseridos em uma base de dados relacional, essas relações são automaticamente geridas pelo sistema;
- Tipologia de objeto: no caso do glossário piloto apresentado teremos somente uma tipologia pinturas de cavalete, de acordo com a árvore de domínio estabelecida;
- Tipologia de material: incluindo os tipos de suporte e técnicas;
- Equivalências em espanhol, francês, italiano – termos equivalentes em cada idioma, um campo por idioma;
- Data da elaboração da ficha;
- Colaborador / Instituição: entidade individual ou institucional que registrou o termo ou colaborou com seu envio;
- Fontes / Referências: inclui a indicação da bibliografia utilizada;
- Notas: contém informações adicionais à definição, consideradas necessárias para esclarecer ou trazer alguma informação adicional ao termo.

Alguns campos da ficha de trabalho foram posteriormente replicados na microestrutura do glossário, como será mostrado a seguir.

Em uma próxima etapa do projeto, que tem uma expansão já prevista, incluiremos também uma estrutura hierárquica e os seguintes campos:

- Tipologia de objeto: diferentes tipologias de acervo, além de pinturas;
- Agentes de degradação/deterioração: relacionados com cada alteração;
- Intervenções anteriores: tratamentos de conservação (também considerados como alterações pois não fazem parte da obra original);
- Ver também: indica a remissiva para outros termos relacionados, dentro da estrutura de conhecimento elaborada para o estudo terminológico. Permite estabelecer as relações conceituais existentes entre os termos que compõem a nomenclatura. Como os termos estão inseridos em uma base de dados relacional, essas relações são automaticamente geridas pelo sistema.

### 3.1.1.8. Elaboração das definições

No trabalho terminológico, como citado por Almeida (2006) e Bojanoski (2018), pode ser organizada uma base definicional, que se constitui em um repositório de excertos definitórios e/ou explicativos relacionados ao termo, compilados a partir de diversas e variadas fontes. A base definicional tem o formato de uma grande tabela contendo quatro colunas, que dispõem as seguintes informações: a) o termo; b) os excertos explicativos ou definitórios extraídos das fontes; c) as fontes a partir das quais os excertos foram obtidos; d) a data da inserção do excerto na base (Almeida, 2006, p.90-91).

A base definicional é geralmente criada para compilar fontes que não estão contempladas no corpus, como textos em outros idiomas, extraídos de livros, manuais, revistas científicas, dicionários de áreas relacionadas, dicionários de língua geral, sites da internet e outras fontes úteis para obter informações relevantes sobre os termos a serem definidos. No entanto, utilizamos essa metodologia para compilar as definições extraídas de nosso próprio corpus de estudo.

Durante a extração dos termos, utilizamos a base definicional para coletar no idioma original e comparar o maior número possível de definições de cada termo, conforme representado na tabela da figura 28. Cada termo e definição foi analisado cuidadosamente para a elaboração final das descrições em português e inglês.

Figura 28. Exemplo de tabela de base definicional.

Termo	Referência	Definição
abrasion (en) abrasión (es)	AAT	<i>Rubbed or scuffed areas caused by a gradual loss of material on the surface due to rubbing, wearing, or scraping of an object or material against itself or another usually harder object or material. Abrasion may be a deliberate attempt to smooth, clean, or polish a surface. It</i>

abrasion (fr)		<i>may also be a deteriorative process that occurs over time as a result of weathering or handling.</i>
abrasione (it)		
abrasão (pt)	AICL	<i>A gradual loss of surface material due to rubbing, scraping, or wear. An abrasion may look like a roughened surface, a matte area, or a group of scratches. It may be done intentionally to smooth or clean a surface or it may be unintentional, resulting in damage.</i>
	AICCM	<i>Roughening or wearing away of an object's surface due to repeated friction or contact with other surfaces.</i>
	CCI	<i>Changes to part of the surface coating, paint layer or paint and ground caused by scraping, rubbing or over-cleaning with an abrasive product.</i>
	CCQ	<i>Usure par frottement due à de mauvais traitements qui laissent des marques à la surface, comme un ponçage ou un polissage excessif</i>
	C+RT	<i>Desgaste. Pérdida de materia debida a fricción o impacto de partículas transportadas por el viento, sin pérdida de coherencia en la superficie del material. Acción y efecto de raer o desgastar por fricción. Se aplica a la alteración producida en una superficie por desgaste, por ejemplo, en una superficie pintada abrasionada por una limpieza inadecuada, o una escultura en piedra que ha sufrido el efecto del roce (V. erosión, cuando la causa es un agente atmosférico).</i>
	EWA	<i>Superficial loss or damage as a result of mechanical action due to friction.</i>
	FACPT	<i>Loss of media (and often the ground) caused by rubbing or scraping.</i>
	GIP	<i>Dano ocasionado pela fricção entre os materiais ou com algum material abrasivo, como a poeira, que resulta no desgaste das superfícies e mídias nas obras em papel. A abrasão, em geral, é resultado de manuseio inadequado e falta de limpeza nos locais de guarda. A poeira depositada sobre as superfícies, por exemplo, funciona com uma lixa durante a movimentação de livros.</i>
	GTP	<i>Ação de degradação mecânica sobre a camada pictórica e/ou sobre o suporte causada pelo atrito.</i>
	GVC	<i>Desgaste de superfície decorrente de ação mecânica causadora de atrito. A abrasão fragiliza o material, ajudando os processos de rasgos e perdas.</i>
	MCOC	<i>Pérdida superficial de material sólido por la fricción, raspado o acción de otro sólido, líquido o la com-binación de éstos. Desgaste de una superficie por la acción de algunos insectos o roedores.</i>
	MPDA	<i>The superficial loss or damage of media (and often ground) as a result of mechanical action due to friction (rubbing or scraping).</i>
	NPS	<i>A surface loss apparently caused by friction. The loss may be to the substance of the object or to paint or other decoration on it. Often superficial.</i>
	SPCG	<i>A paint loss caused by excess friction during improper varnish removal, or a varnish loss caused by friction.</i>



	WCCFA	<i>Scratches, often resulting in a loss on the surface, extending to the paint and ground layers, caused by faulty cleaning, friction as well as where the frame touches the painted surface.</i>
--	-------	---

Fonte: Elaborada pela autora.

É importante registrar que utilizamos duas abordagens para a elaboração das definições: a redação de verbetes autorais, com base na leitura das definições encontradas no corpus de estudo e na experiência da prática profissional, e a redação baseada em definições pré-existentes, desde que estas atendessem às recomendações básicas da Terminologia. Além disso, todas as fontes de referência das definições são devidamente citadas.

Na elaboração e redação das definições, seguimos as recomendações básicas da Terminologia apresentadas no capítulo anterior, especialmente as da ISO 704 (ISO, 2022). Buscamos objetividade e concisão, destacando as características essenciais da unidade terminológica em definição. Acreditamos que um produto terminográfico deve facilitar a comunicação, e, para isso, o texto definidor deve ser claro e completo o suficiente para garantir a compreensão do leitor.

As definições apresentadas no Glossário identificam o termo exclusivamente em relação ao sistema conceitual ao qual pertence, ou seja, o termo é compreendido como uma unidade constituinte do sistema conceitual das alterações em pinturas de cavalete. Dessa forma, elaboramos definições que são necessárias e suficientes para a compreensão do termo no contexto das alterações em bens culturais, conforme ilustrado na figura 29.

Figura 29. Exemplo de definição elaborada.

Termo	Referências	Definição português
abrasão (pt) abrasion (en) abrasión (es) abrasion (fr) abrasione (it)	CCQ FACPT GTP	Desgaste ou dano superficial causado pelo atrito ou contato físico entre a superfície de uma obra de arte e outro objeto ou material. Em pinturas de cavalete esse fenômeno pode ocorrer e principalmente na camada pictórica e suportes.
		Definição inglês
		<i>Wear or surface damage caused by friction or physical contact between the surface of a work of art and another object or material. In easel paintings, this phenomenon can occur primarily in the paint layer and supports.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

### 3.1.1.9. Estruturação do glossário

O resultado das etapas anteriores do trabalho terminográfico é apresentado em um produto terminográfico, que no caso do presente estudo, tem o formato de um glossário

visual em base de dados terminológica. Explicamos brevemente como elaboramos as partes estruturais do glossário, ou seja, a macroestrutura – organização interna da obra, e a microestrutura – apresentação das informações de cada verbete do repertório, de acordo com os esquemas apresentados por Almeida (2000) e Bojanoski (2018). O glossário completo, composto por 20 termos relacionados a alterações em pinturas, está disponível no Apêndice B.

De acordo com Bojanoski (2000, p. 174), cada parte do glossário, tanto em sua macroestrutura quanto em sua microestrutura, opera como um sistema informativo unificado. Seu propósito é fornecer ao usuário acesso eficiente às informações em diferentes níveis.

Ainda, segundo Bojanoski, conforme apontado nas discussões sobre a Terminografia, a macroestrutura deve conter alguns componentes essenciais: “identificação de autoria, introdução, sumário, a nomenclatura, e a bibliografia consultada” (2018, p. 173). Dessa forma, com o intuito de garantir tal sistematização, apresentamos a seguinte macroestrutura para o Glossário-piloto.

- Introdução (com identificação da autoria)
- Guia de usuário
- Nomenclatura
  - Termo em português
  - Definição em português
  - Multimídia
  - Termo em inglês
  - Definição em inglês
  - Outras denominações
  - Tipologia de material
  - Equivalências em espanhol, francês, italiano
  - Colaborador / Instituição
  - Fontes / Referências
  - Notas
- Índice de termos por línguas
- Forma de consulta
  - Guia para contribuição de termos
  - Como contribuir
  - Formulário para acréscimo de termo, inclusão de informações e fotografias
  - Acordo de Contribuição e Licença de Dados

### 3.1.1.10. Ilustração dos termos

Um recurso importante que incluímos na estruturação proposta para o Glossário foi a adição de imagens. O registro fotográfico e as ilustrações das alterações, com a possibilidade também de inserção de arquivos de vídeo, têm como objetivo auxiliar na eliminação da ambiguidade entre os termos e na melhor avaliação de cada alteração. Como mencionamos anteriormente, em nosso trabalho, esse tipo de recurso tem se mostrado bastante útil para o reconhecimento dos termos, comparação por imagens e para a construção deste produto terminológico.

Ao buscarmos as imagens nas referências utilizadas, identificamos algumas questões que poderão nos guiar na produção das imagens na próxima etapa do projeto:

- É fundamental incluir comentários e/ou indicações gráficas nos dados das fotografias que ilustram diversos padrões de alteração. Cada imagem também deve conter uma legenda com informações sobre a obra, a alteração específica, escala, localização, data e autor.
- Imagens detalhadas das alterações devem ser incluídas para facilitar a compreensão da morfologia da alteração. No entanto, constatamos que, ao apresentar esses detalhes, é necessário mostrar uma imagem mais ampla do objeto com um mapeamento da alteração, já que imagens com muito *zoom*, focadas apenas na degradação, podem dificultar seu reconhecimento.
- Dependendo do tipo de alteração, pode ser necessário utilizar recursos que ajudem na sua visualização, que nem sempre é clara em fotografias. Um exemplo disso são as imagens utilizadas para ilustrar os termos *powdering/chalking* no *Modern Paint Damage Atlas* (figura 30), que ajudam a visualizar o fenômeno, mostrando como os pigmentos estão dispersos e podem ser transferidos para as luvas.

Figura 30. Ilustração dos termos *powdering/chalking* no *Modern Paint Damage Atlas*.



Fonte: Mauny-van den Burg, [2024].

Outra questão bastante importante é a gestão dos arquivos de imagens e o fluxo de trabalho que deve ser estabelecido. De acordo com Leão e Asevedo (2018, p. 3) esse fluxo de trabalho auxilia na organização dos procedimentos para o armazenamento de imagens e, a partir disso, o seu tratamento digital. O objetivo do fluxo de trabalho é, sobretudo, a organização e gestão das imagens, estabelecendo uma relação entre os arquivos digitais e as alterações. Dessa forma, toda a informação gerada a partir da fotografia se torna uma fonte confiável de dados.

Cada imagem deve ser nomeada de acordo com o código da alteração correspondente, seguida de um número sequencial. Informações como autoria, data, legenda e outros detalhes deverão ser inseridas nos metadados da imagem, além de serem registradas no sistema da base de dados terminológica.

Figura 31. Organograma de armazenamento de imagens



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Leão; Asevedo (2018, p.5).

Também deverá ser implementado um procedimento de backup em um HD externo no momento do armazenamento das imagens no computador (backup 1), e um segundo backup deverá ser realizado a cada 1 ou 2 vezes por mês (backup 2). Esse segundo HD deve ser armazenado em um local diferente daquele onde estão o computador e o HD 1, para garantir a segurança dos dados em caso de perda ou sinistro na sala, assegurando uma cópia de segurança adicional.

No glossário piloto, utilizamos imagens extraídas da internet, das referências compiladas, e fotografias realizadas pela autora em visitas a instituições museológicas, armazenadas de acordo com os procedimentos supracitados.

Um desafio significativo surge em relação às fotografias e outras imagens que serão utilizadas no Glossário, especialmente considerando que ele será disponibilizado para consulta online, pois os direitos autorais de fotografias e a reprodução de obras de arte envolvem diferentes aspectos legais, tanto em relação à criação da fotografia quanto à reprodução de obras protegidas por direitos autorais<sup>202</sup>. Portanto, na continuidade do projeto será fundamental a consultoria jurídica para esclarecer as questões relacionadas aos direitos autorais, uma vez que a intenção é garantir acesso público ao material, além de adotar uma licença *Creative Commons*<sup>203</sup> para permitir a reprodução por parte dos consulentes.

Nesse contexto, o desafio não está apenas na autoria das imagens, mas também nos direitos autorais das obras que serão fotografadas, já que essas obras podem estar protegidas por direitos de propriedade intelectual. No caso da reprodução fotográfica de obras de arte, tanto a fotografia quanto a obra original fotografada podem estar protegidas. Portanto, ao fotografar uma obra de arte, o fotógrafo detém os direitos sobre a imagem da fotografia, mas a reprodução dessa fotografia pode necessitar da permissão do detentor dos direitos da obra original. Será, portanto, necessário garantir que as permissões adequadas sejam obtidas tanto para as imagens das obras quanto para o uso das próprias obras, de modo a respeitar as leis de direitos autorais e assegurar que o conteúdo esteja em conformidade com a legislação vigente.

---

<sup>202</sup> A Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998, no Brasil) garante ao fotógrafo direitos sobre a imagem que ele capturou, o que inclui direitos morais – direito de ser reconhecido como autor da fotografia e de preservar a integridade da imagem e os direitos patrimoniais – direito de explorar economicamente a fotografia, como a reprodução, distribuição e exibição da imagem. O fotógrafo tem o direito exclusivo de autorizar ou proibir o uso de sua foto, além de poder vender ou licenciar a obra.

As obras de arte, como pinturas, esculturas, gravuras e outras formas de expressão artística, também estão protegidas por direitos autorais. Isso significa que a reprodução dessas obras (seja em fotografia, cópia digital ou impressão) sem a devida autorização do detentor dos direitos autorais é ilegal. Os direitos autorais sobre obras de arte incluem direitos morais – o autor tem o direito de ser reconhecido como criador da obra e de impedir qualquer modificação ou distorção da obra que prejudique sua integridade e direitos patrimoniais – detentor dos direitos autorais tem o direito exclusivo de reproduzir, distribuir e exibir a obra.

<sup>203</sup> “O *Creative Commons* (CC) é uma organização mundial sem fins lucrativos que visa promover o compartilhamento do conhecimento e da criatividade como forma de transformação social”. A organização disponibiliza licenças e ferramentas de domínio público que dão a todas as pessoas e organizações do mundo uma forma livre, simples e padronizada de conceder permissões de direitos autorais para obras criativas e acadêmicas; assegurar a atribuição adequada; e permitir que outros copiem, distribuam e façam uso dessas obras (*Creative Commons*, [2024]).

### 3.2. Base de dados terminológica (BDT)

Desde o início do nosso projeto, objetivamos estruturar o Glossário em uma base de dados terminológica para facilitar a gestão de termos, permitir a interoperabilidade com sistemas de gestão de acervos e possibilitar sua disponibilização online para consulta e colaborações, como indicado no capítulo 2. Nosso objetivo foi organizar uma base de dados informatizada que reproduza no computador a estrutura conceitual criada para o domínio de investigação.

Na seleção do software para a base de dados terminológica, buscamos alguns recursos apontados por Almeida (2000, 145) tais como:

- funcionar como um gerenciador de base de dados;
- aceitar a inserção de dados de forma hierárquica, ou seja, em níveis, permitindo a organização dos termos em campos nocionais, subcampos, sub-subcampos, etc.;
- possibilitar o estabelecimento de relações entre os termos, permitindo a inserção de diversas informações sobre os termos à medida que fossem coletados das fontes selecionadas, além de criar vínculos que explicitassem suas relações conceituais;
- permitir o redesenho da estrutura conceitual, possibilitando alterações, como a inserção de novos campos ou a remoção de campos não pertinentes, sem comprometer a integridade da base de dados;
- facilitar a recuperação de cada campo nocional, contendo todos os termos correspondentes.

Além disso, considerando as necessidades identificadas durante a estruturação do domínio e o escopo do projeto do Glossário, concluímos que a implementação do software de base de dados terminológica deveria atender também aos seguintes requisitos:

- ser um software desenvolvido para a área do patrimônio cultural;
- ser um software operante, no mínimo, nos idiomas português e inglês;
- ser compatível com padrões internacionais de terminologia e terminografia;
- estar pronto para o uso imediato, sem a necessidade de um grande volume inicial de customizações em suas funcionalidades;
- ter facilidade e estabilidade em seu uso, capacidade de suportar a migração e o intercâmbio periódico de dados de outros sistemas;
- oferecer assistência direta e adequada, com serviços de manutenção e *helpdesk*;

- realizar atualizações automáticas de software, sempre que algum padrão internacional for atualizado;
- possuir nível de acessibilidade e mobilidade;
- possuir segurança da informação;
- ser *user friendly* (amigável, agradável, de fácil navegação) possibilitando seu uso ampliado pelos usuários e colaboradores;
- conter critérios de pesquisa integrada – em todos os campos presentes nas fichas terminológicas –, com opções de visualização e de busca avançadas;
- possibilitar a geração de relatórios diversos e impressão de verbetes com suas imagens;
- possuir controle rigoroso dos usuários e suas atribuições;
- possibilitar a construção de interface pública de consulta, a fim de disponibilizar posteriormente o Glossário na internet.

A reprodução da estrutura conceitual em uma base de dados informatizada pode sistematizar as seguintes etapas do trabalho terminográfico:

- coleta de termos: todos os termos extraídos do corpus podem ser classificados diretamente no campo nocional definido na estrutura. esse armazenamento deve incluir dados sobre a fonte de cada termo, além de informações relevantes que considerarmos pertinentes.
- organização da rede de remissivas: as relações entre os termos podem ser observadas e anotadas durante a coleta, uma vez que cada termo é classificado corretamente na estrutura. isso permite um controle eficaz das remissivas, ou seja, todas as relações semânticas presentes em uma obra terminográfica podem ser reconhecidas na estrutura conceitual, bastando reproduzir essa rede no produto terminográfico final.
- preenchimento das fichas terminológicas - destacamos que todos os procedimentos descritos acima podem facilitar significativamente o preenchimento das fichas, uma vez que muitos dos campos previstos nas fichas terminológicas (como fonte, data, unitermos, termos relacionados, informação enciclopédica, definição, etc.) podem ser completados com uma simples pesquisa na base de dados (almeida, 2000, 49-50).

Com esses recursos, pretendemos criar um ambiente padronizado, garantindo consistência à informação.

Almeida (2000, p. 198) sugere um outro recurso que consideramos também relevante para a estrutura do nosso glossário:

Com relação à organização da base de dados, acreditamos que, paralelamente à base de dados terminológicos, haveria necessidade de organizar uma base textual. [...] uma base textual informatizada permitiria pesquisar contextos elucidativos para cada termo, de forma que, na microestrutura, o "contexto" fosse uma informação sistemática, ou seja, obrigatória em todos os verbetes.

Conforme mencionado na introdução, para a informatização do Glossário, estrutura da base de dados terminológica e posterior disponibilização online, contamos com o apoio da empresa Sistemas do Futuro, que nos cedeu o software *in thesauri*. A cessão no âmbito desta pesquisa de mestrado, se deu através do *Acordo de Cooperação Técnica*<sup>204</sup> entre a UNIRIO e a empresa portuguesa *Sistemas do Futuro, Multimídia, Gestão e Arte* intermediado pelo *Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (NUGEP/UNIRIO)*.

A aplicação *in thesauri* oferece todos os recursos necessários para a estruturação da base de dados terminológica pretendida e vai além disso. Ela permite a construção de diferentes ferramentas terminológicas, como glossários e diversos tipos de vocabulários controlados, como taxonomias e tesouros. Segundo a empresa Sistemas do Futuro ([2024], esta ferramenta foi desenvolvida de acordo com diretrizes/normas estabelecidas por instituições internacionais<sup>205</sup> para a construção e desenvolvimento de tesouros, e visa principalmente a criação de vocabulários normalizados para responder às necessidades de diagnóstico, inventariação, catalogação e preservação do patrimônio cultural e natural. Portanto, será possível em outras etapas expandir o Glossário em estrutura com relações hierárquicas, relações de equivalência e relações associativas de acordo com o representado nos tesouros.

De acordo com Fernando Cabral (2009, p. 13-16), fundador da empresa *Sistemas do Futuro*, o software *in thesauri* possui também as seguintes funcionalidades:

Controle de vocabulário

<sup>204</sup> O uso do software, bem como sua hospedagem e acesso na cloud, só foi possível devido ao estabelecimento de um Acordo de Cooperação Técnica entre a UNIRIO e a empresa portuguesa Sistemas do Futuro, Multimídia, Gestão e Arte LTDA (SF), intermediado pelo Grupo de Estudo e Pesquisas em Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social (GEMCTAS) vinculado ao NUGEP/UNIRIO. O acordo prevê a cessão de uso gratuito do software para desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura que visem a aplicação de novas tecnologias ao patrimônio cultural para a formação de alunos do curso de Museologia, da UNIRIO, nas áreas de Documentação em Museus e Gestão de Coleções (Mendonça, 2021, p. 383).

<sup>205</sup> A opção por este sistema informatizado se deve ao fato de ser um sistema desenvolvido especificamente para coleções museológicas e ter base em diretrizes/normas estabelecidas por instituições como o Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus (CIDOC/ICOM), a *Collections Trust*, o *Getty Research Institute*, a *Canadian Heritage Information Network* e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Além disso é baseada nas normas internacionais de elaboração de tesouros como a ISO 2788:1986 – *Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri* e ISO 5964:1985 – *Guidelines for the establishment and development of multilingual thesauri* e ANSI/NISO Z39.19:2005 (R2010) *Guidelines for the Construction, Format, and Management of Monolingual Controlled Vocabularies*.



- Ortografia do termo
  - Escolha da forma (singular/plural)
  - Seleção do descritor num grupo de sinónimos (USE/UF – Termo a usar como descritor / termo não descritor)
  - Controlar o seu estado do termo e data (Aprovado / Candidato / Provisório / Não válido)
- Apresentação dos termos e suas relações
- Apresentação
    - Alfabética
    - Sistemática
    - Gráfica
  - Relações
    - Hierárquicas
    - Associações não hierárquicas (associativas)
    - Equivalência (sinónimos)
- Introdução dos dados
- Vocabulário controlado
  - Ortografia
  - Seleção automática do termo preferido
  - Sinónimos
  - Termos relacionados
  - Manutenção e atualização dos termos
- Pesquisa
- Pesquisa por sinónimos, termo preferido ou termo relacionado

Após a primeira migração da planilha com as fichas terminológicas do Glossário-piloto para a base de dados, será necessária a revisão e validação das informações. Os próximos registros de termos serão feitos diretamente no software *in thesauri*.

Ao elaborar a página de consulta, que é um dos objetivos principais da proposta, pretendemos implementar as seguintes funcionalidades, visando desenvolver uma apresentação e uma interface que tornem a visualização e as buscas mais acessíveis. As buscas poderão ser realizadas das seguintes maneiras:

- alfabética
- por termo / pesquisa geral
- por tipologia de acervo
- por tipologia de suporte
- por técnica
- por material
- por agentes de deterioração

Além disso, na interface, também apresentaremos:

- possibilidade de download de imagens
- formulário para acréscimo de termo, inclusão de informações e fotografias
- função de exportar e/ ou imprimir imagens e fichas de verbetes completas

Figura 32. Exemplo de ficha de inserção dos termos na BDT

Fonte: Captura de tela do software *in patrimonium*, módulo *in thesauri*.

A próxima etapa será disponibilizar a base de dados terminológica online para consulta gratuita, além de promover a divulgação da ferramenta nos meios acadêmicos e profissionais. O objetivo é torná-la colaborativa e em contínuo crescimento e atualização. Para isso, buscaremos estabelecer parcerias e obter financiamento por meio de projetos específicos. Imaginamos que o glossário poderá também ser integrado aos Sistemas de Informação de Gestão de Acervos da UFMG e da UNIRIO<sup>206</sup>, uma vez que ambos utilizam o mesmo software, que é compatível com o *in thesauri*, colaborando de forma expressiva para o registro do estado de conservação dos acervos destas universidades.

### 3.3. Corpus do estudo: obras terminográficas sobre alterações em bens culturais

Nesta seção, apresentamos a revisão das obras terminográficas consultadas para fundamentar a estrutura terminológica do Glossário. Propomos também, a partir de artigo de Calvo Manuel (2016), oferecer um resumo panorâmico da produção de glossários e da normalização terminológica no campo da conservação do patrimônio cultural.

Como mencionado na introdução deste trabalho, nossa revisão bibliográfica revelou apenas quatro publicações dedicadas exclusivamente à terminologia da Conservação em

<sup>206</sup> As duas universidades estão sendo citadas pois

língua portuguesa. No entanto, não foram identificadas ferramentas online ou bases de dados informatizadas nesse idioma. Algumas publicações incluem glossários ao final, servindo como recursos auxiliares para a compreensão do texto, com termos relacionados ao campo geral da Conservação e designações de alterações.

Verificamos, *online*, alguns instrumentos de terminologia de alterações, degradações e deteriorações em bens culturais em outras línguas, os quais apresentaremos mais detalhadamente, como o *Visual Glossary* apresentado pelo *Australian Institute for the Conservation of Cultural Material*, o *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* elaborado pelo *Centre de Conservation du Québec*, o *Modern Paint Damage Atlas* desenvolvido por Julia Mauny-van den Burg com apoio da *Cultural Heritage Agency of the Netherlands*, entre outros.

Também identificamos dois trabalhos acadêmicos em português na área da Conservação, cujo objetivo é a elaboração de estudos terminológicos: a tese de Silvana Bojanoski (2018) *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação* – que foi nossa principal fonte teórica-metodológica nesta pesquisa; e a dissertação de Alessandra Barbosa (2018) *Dicionário ilustrado de conservação de documentos gráficos*. Ambos são focados em acervos em papel, mas assim como as outras obras levantadas, incluem termos gerais do campo da Conservação e trazem alguns poucos termos sobre alterações no estado de conservação.

De acordo com Calvo Manuel (2016) e conforme já mencionado, a área de conservação do patrimônio cultural é um campo relativamente recente, tornando a normalização terminológica ainda mais crucial. Sem uma linguagem comum em um ambiente com tantas profissões envolvidas – como conservadores, museólogos, documentalistas, historiadores, arqueólogos, arquitetos, arquivistas, artistas, químicos, biólogos, físicos, fotógrafos, entre outros, a multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade dos trabalhos realizados podem dificultar o entendimento e o avanço científico.

É importante destacar que, no levantamento bibliográfico, foram identificadas obras de grande interesse, mas que não conseguimos acessar, seja por estarem esgotadas, não estarem à venda no Brasil ou não serem encontradas em bibliotecas as quais tivemos acesso. Outro ponto relevante que observamos é que os glossários analisados, em sua maioria, aparentam estar estáticos, sem alterações desde a primeira etapa do projeto em 2018.

Apresentaremos as principais obras terminográficas que constituem nosso corpus de estudo, selecionadas de acordo com os critérios previamente estabelecidos e mencionados na seção anterior. Primeiramente serão descritas as obras em português, seguidas pelas obras em outros idiomas, organizadas em ordem alfabética. A lista

completa das referências terminológicas utilizadas na pesquisa está disponível no Apêndice A.

***Glossário técnico de conservação e restauração em pintura*** (Rosenfield, 1997) – publicação em livro impresso, apresenta termos gerais de conservação-restauração, materiais e técnicas na área de pintura em cavalete sobre tela e madeira. A obra tem o português como idioma principal, com termos e definições nessa língua, além de equivalências em inglês e italiano. Possui 38 termos sobre alterações e algumas ilustrações em desenhos. De acordo com a autora o glossário foi inspirado pelo III Seminário Nacional de Conservação e Restauração de Obras de Arte, realizado em Olinda, Pernambuco, em 1986. O evento promoveu a elaboração de glossários técnicos sobre restauração e conservação de pinturas em cavalete, papel e outros materiais.

Tentamos normatizar os termos utilizados no domínio da restauração e da conservação com a intenção de superar as diferenças de terminologia existentes entre os profissionais brasileiros. Frequentemente, a falta de um vocabulário uniforme impõe o aportuguesamento das expressões estrangeiras, oriundas de diferentes países e escolas, gerando, dessa forma, desacertos terminológicos inconvenientes e desnecessários. [...] Além disso, este trabalho visa facilitar a leitura de bibliografia estrangeira em língua inglesa ou italiana (Rosenfield, 1997, p. 9).

A obra de Rosenfield colaborou principalmente na elaboração dos equivalentes em inglês e italiano e na composição da nomenclatura.

***Glossário ilustrado de conservação e restauração de obras em papel: danos e tratamentos*** (Bojanoski; Almada, 2021) - publicação disponível online gratuitamente, em formato PDF. Contém 31 termos de danos, e como o próprio título indica é específica sobre obras em papel – “obras bidimensionais, ou seja, obras de arte, manuscritos e gravuras avulsas”. Todos os termos são ilustrados por fotografias. É um glossário multilíngue com termos e definições em português, espanhol, inglês e grego. Segundo Bojanoski e Almada (2021, p. 12),

a elaboração de dicionários e glossários especializados é uma etapa fundamental para a consolidação de uma área de conhecimento, uma vez que aos termos estão associados conceitos, o que exige, necessariamente, pensar, avaliar e por vezes reconsiderar o vocabulário empregado pelos profissionais de uma área especializada.

O glossário teve origem na tese de doutorado *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação* (Bojanoski, 2018), que foi amplamente citada ao longo desta dissertação.

Incluimos o glossário como parte de nosso corpus, pois ele abrange obras de arte em papel, incluindo pinturas sobre esse suporte. Além disso, a publicação foi desenvolvida por profissionais reconhecidos da área, emprega uma metodologia consistente, apresenta equivalências de termos e definições em alguns dos idiomas com os quais trabalhamos, e

oferece excelentes imagens das alterações, o que contribui para o esclarecimento da ambiguidade dos termos.

***Glossário visual de conservação: um guia de danos comuns em papéis e livros*** (Paglione, 2017) - publicação disponível online, de forma gratuita, em formato PDF. Contém 30 termos de alterações, consideradas como ‘danos’, e como o próprio título indica é específica para papéis e livros. Todos os termos são ilustrados por imagens. Conforme (Paglione, 2017, p. 11),

A escolha dos termos definidos a seguir foi baseada nas necessidades do uso cotidiano do Laboratório de Conservação Preventiva Guita Mindlin, e assim sendo não abrange a completude de termos usados no contexto da Conservação e Restauro de bens culturais. São termos usados para preenchimento de “Fichas de Conservação” e descrição de estado de conservação dos documentos tratados no laboratório. Contudo, são vocábulos que ajudam na observação qualificada e direcionada de danos comuns em papéis e livros, auxiliando na compreensão de problemas que, ao serem identificados em seus primeiros estágios, podem significar o estancamento de situações mais graves.

Assim, como em relação ao glossário de Bojanoski e Almada (2021), incluímos este glossário em nosso corpus, porque abrange obras de arte em papel, incluindo pinturas nesse suporte. A publicação, que tem o português como idioma principal, também oferece equivalências de termos em inglês, o que contribui para o desenvolvimento da nomenclatura nesse idioma. Além disso, apresenta imagens de alta qualidade das alterações, facilitando a desambiguação de termos, além de ter sido publicada por uma instituição reconhecida na área.

***AICCM Visual Glossary*** (AICCM, [2024]) - conforme mencionamos, este foi o primeiro glossário visual que encontramos. O glossário, ilustrado com fotografias, traz 72 termos de alterações em diversos suportes sem especificar em qual material e/ou tipologia de objeto o dano pode ser causado. É disponível gratuitamente na plataforma digital do instituto. A captura de tela do *Visual Glossary* está na figura 8, no início do capítulo (Cf. p. 145).

O download das imagens é incentivado para uso, “aprenda a identificar danos e deteriorações comparando-os com a imagem e descrição do nosso glossário. Baixe as imagens! Elas podem ser usadas para identificar a deterioração em sua própria coleção e são inestimáveis para descrever o estado de conservação de um objeto<sup>207</sup>.” O glossário sugere que comparemos as imagens para identificar e contrastar os tipos de danos no

---

<sup>207</sup> No original: “Learn how to identify damage and deterioration by comparing it to our glossary image and description. Download the images! They can be used to identify deterioration in your own collection and are invaluable in describing an object’s condition. It will help you talk to a conservator about what treatment your object needs” (AICCM, [2024]).

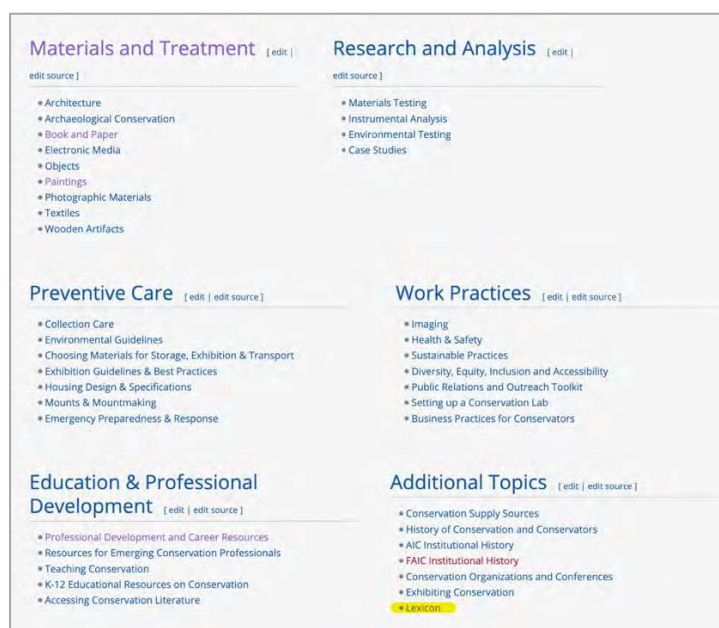
objeto, elaborando um inventário dos termos correspondentes. Além disso, recomenda o uso das descrições em relatórios de estado de conservação e como apoio em solicitações de subsídios para controles ambientais, melhorias no armazenamento ou tratamentos de conservação.

Segundo a AICCM este recurso foi compilado por conservadores em toda a Austrália sob a orientação de Alice Cannon e as definições utilizadas foram baseadas nas publicações *reCollections* – coleção com seis volumes sobre a preservação de uma variedade de materiais de acervos. A série de publicações inclui informações sobre armazenamento, exibição, manuseio de coleções, sendo que um deles, *Damage and Decay*, é específico sobre agentes de degradação/deterioração e alterações (Heritage Collections Council, 1998).

Utilizamos o glossário principalmente na composição da nomenclatura e na elaboração das definições, além de empregar as imagens para a desambiguação dos termos.

**AIC Lexicon** (AIC, 2012) – o léxico é disponibilizado gratuitamente na internet em formato de wiki, ou seja, em uma plataforma digital colaborativa que permite a criação, edição e organização de conteúdos de forma coletiva pelos usuários. Na plataforma, o léxico de termos de estado de conservação está listado sob tópicos adicionais > léxico > termos de estado de conservação. No entanto, isso não é imediatamente claro ao realizar uma busca inicial sobre termos de alterações. Na figura abaixo (figura 33) mostramos uma captura de tela da página inicial da Wiki onde está a lista de conteúdos, assinalando em amarelo o tópico que contém os termos selecionados.

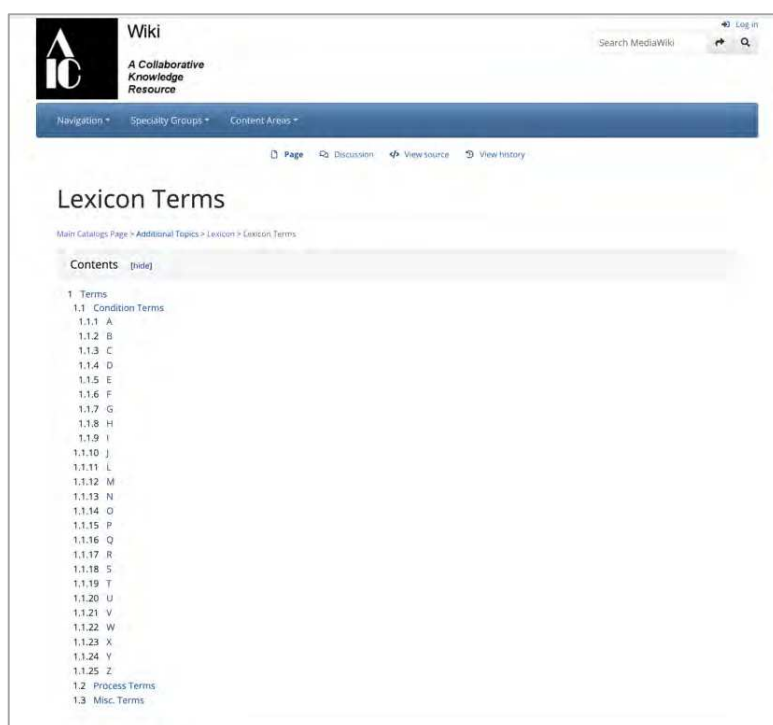
Figura 33. Captura de tela do site do *AIC Lexicon*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: [http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG\\_Glossary\\_of\\_Terms](http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG_Glossary_of_Terms).

O recurso contém poucas imagens e abrange não apenas termos relacionados a alterações, mas também técnicas, procedimentos e considerações sobre os tipos de suportes, entre outros aspectos. São 96 termos relativos a alterações. A microestrutura, nem sempre completa, contém: contribuintes; definição; termos relacionados; sinônimos em inglês; tradução; discussão; referências. Os termos são organizados em lista por ordem alfabética.

Figura 34. Captura de tela do site do *AIC Lexicon*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: [http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG\\_Glossary\\_of\\_Terms](http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG_Glossary_of_Terms).

A Wiki da AIC é subsidiada pelo *American Institute for Conservation*, com conteúdo criado pelos diversos grupos de especialidade, redes e comitês do instituto. Segundo a AIC, o foco do léxico está nos termos utilizados durante a análise de bens culturais, bem como naqueles empregados para descrever processos de conservação. Na página principal do *Lexicon* é disponibilizada uma lista de recursos como glossários e sites específicos de terminologia da Conservação e um guia para contribuição de termos. Utilizamos o léxico sobretudo na elaboração da nomenclatura e das definições.

Segundo o site da AIC Wiki (AIC, 2019), o objetivo final do projeto será produzir um glossário ilustrado de termos relacionados a condições e processos de conservação voltado para o público em geral. A previsão é que esse recurso voltado para o público seja uma publicação impressa.

Além dos termos de estado de conservação a Wiki também possui uma subdivisão de acordo com os grupos de especialidades do *American Institute of Conservation* (Cf. figura 11, p. 150). Também pesquisamos na Wiki o tópico de pinturas, administrado pelo *Paintings Specialty Group* (PSG), que auxiliou na estruturação da árvore de domínio. No entanto, a lista de termos disponível é bastante reduzida. O objetivo do *Grupo de Especialidade em Pinturas* é aprimorar o conhecimento sobre todos os temas relacionados à conservação de pinturas, promover a proficiência e habilidade na prática da conservação de pinturas, além de disseminar informações técnicas e profissionais relacionadas (AIC, [2024]).

***Alterations to easel paintings / Alteraciones de la pintura de caballete - Proyecto COREMANS: criterios de intervención en pintura de caballete*** (Almela; Fernández, 2018) – a publicação está disponível gratuitamente na internet, em formato PDF. O glossário de alterações em pinturas de cavalete encontra-se nos apêndices da publicação, que trata principalmente sobre critérios de intervenção. Além disso, diversos termos relacionados a alterações estão inseridos no corpo do texto do livro.

O glossário é dividido de acordo com as partes constituintes de uma pintura – suportes: pinturas em painéis e pinturas sobre tela; camadas de preparação; camada pictórica e camada de superfície e estas são subdivididas em alterações físicas, químicas e biológicas, com o total de 43 termos. A publicação é bilíngue nos idiomas espanhol e inglês.

Figura 35. Captura de tela da publicação *Proyecto COREMANS* em PDF



Fonte: Captura de tela. *Proyecto COREMANS: criterios de intervención en pintura de caballete* (Almela; Fernández, 2018, p. 247-248).



O *Projeto Coremans* é uma iniciativa do *Instituto de Patrimonio Cultural de España* (IPCE), desenvolvido em colaboração com profissionais e instituições de todo o país, dedicados à investigação e preservação do Patrimônio Cultural. Seu objetivo é elaborar e divulgar documentos que sirvam como referência para os tratamentos de conservação e restauração de bens culturais, de acordo com suas características materiais e constitutivas (Almela; Fernández, 2018, p. 13). A publicação sobre pinturas de cavalete é a quinta da série e foi coordenada por Cristina Salas Almela e María Porrás-Isla Fernández, conservadoras-restauradoras do departamento de pintura de cavalete do IPCE, com a colaboração de vários especialistas da área.

Em relação ao glossário as autoras apontam que:

É necessário conhecer as alterações que os objetos podem sofrer para reconhecê-las e associá-las à sua causa, ao agente de deterioração e ao ambiente que favorece sua ocorrência. O estudo e diagnóstico das alterações são essenciais para realizar o tratamento de conservação e restauração adequado, evitando intervenções que não resolvam de forma eficaz os problemas de conservação do objeto<sup>208</sup> (Almela; Fernández, 2018, p. 245).

A publicação *Proyecto COREMANS: criterios de intervención en pintura de caballete*, e especialmente o glossário, desempenharam um papel fundamental na estruturação do domínio estudado.

**Art & Architecture Thesaurus - AAT** (GRI, [2023]) - elaborado e mantido pelo *The Getty Research Institute* (GRI), o AAT é um vocabulário estruturado, incluindo termos, descrições e outros metadados para conceitos genéricos relacionados à arte, arquitetura, conservação, arqueologia e outros tipos de patrimônio cultural. Estão incluídos termos de alterações, designações, estilos, materiais, técnicas, entre outros. O AAT é considerado o tesouro mais utilizado para a documentação do patrimônio cultural, de acordo com diversos padrões internacionais.

Apesar de possuir termos em diferentes línguas, o tesouro desenvolvido pelo Instituto Getty não possui muitos termos em português; e é prioritariamente em inglês. Foi criada também uma versão do tesouro em espanhol – parceria entre o Instituto Getty e o Governo do Chile – *Tesouro de Arte & Arquitectura* (Chile, 2024), que, assim como a versão em inglês, está disponível online, contudo com um número menor de entradas. O trabalho do *Getty Research Institute* é enriquecido com o aporte de comunidades de prática em diversos países, traduzindo cada termo e suas definições do AAT para o espanhol, alemão,

---

<sup>208</sup> No original: “It is necessary to be familiar with the alterations that objects may undergo in order to recognise them and associate them with their cause, the agent of deterioration and the environment that favours its presence. The study and diagnosis of alterations are essential in order to perform the correct conservation and restoration treatment, avoiding projects that do not adequately resolve the issues with the conservation of the object” (Almela; Fernández, 2018, p. 245).

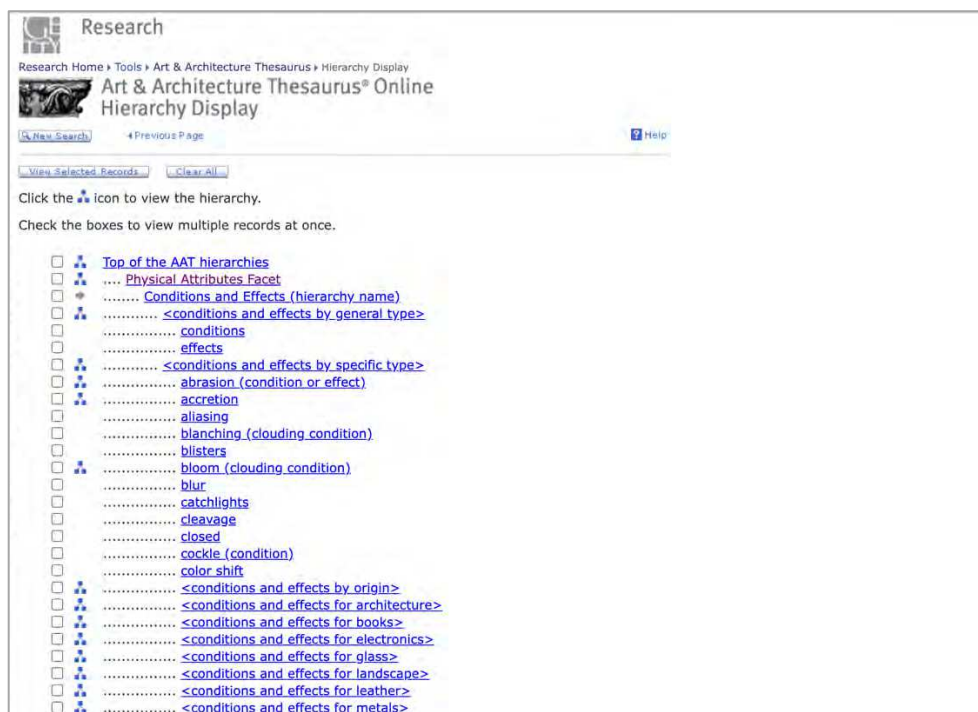
francês, italiano ou holandês (Panisset, 2017). Em 2011, Natália Jorge, em sua dissertação *Ensaio sobre o AAT - Art & Architecture Thesaurus: proposta terminológica de adaptação à realidade portuguesa*, elaborou um projeto inicial de tradução e adaptação do AAT para o português, utilizando o mesmo software – in thesauri, empregado na construção de nosso Glossário (Jorge, 2011)

Segundo o GRI, o AAT é utilizado como padrão de valor de dados no momento da documentação ou catalogação, para promover a consistência na atribuição de um termo ou para oferecer opções entre vários termos que se referem ao mesmo conceito, sendo que também fornece estruturas e esquemas de classificação que podem auxiliar na documentação.

Pelo que constatamos o AAT apresenta 113 termos de alterações, divididos em diferentes hierarquias:

- .... Faceta de Atributos Físicos
- .....Condições e Efeitos (nome da hierarquia) - com 51 alterações
  
- .... Faceta de atividades
- .....Processos e Técnicas (nome da hierarquia)
- .....<processos e técnicas por tipo específico>
- .....mudança de condição (processos) - com 62 alterações<sup>209</sup>.

Figura 36. Captura de tela do AAT apresentando a faceta de atributos físicos



<sup>209</sup> No original: *Physical Attributes Facet > Conditions and Effects (hierarchy name); Processes and Techniques (hierarchy name) <processes and techniques by specific type> condition changing (processes)* (GRI, [2023]).

Fonte: Captura de tela. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/aat/>.

O tesouro foi utilizado nesta pesquisa tanto para o levantamento de termos para nomenclatura, quanto para elaboração das equivalências e auxílio na estruturação das árvores de domínio no campo da pintura, matérias e técnicas. Além disso também foi empregado como modelo principal para a metodologia de inclusão de termos por terceiros – outras instituições e profissionais da área.

***Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11*** (CCI, 2017) –apresenta termos sobre alterações, partes constitutivas, técnicas e materiais de pinturas. São 73 termos sobre alterações com definições em inglês e equivalências em francês. Segundo o CCI, o glossário esclarece a terminologia utilizada pelos conservadores em relatórios de estado de conservação de pinturas, auxiliando o pessoal do museu na redação e manutenção de registros precisos.

O glossário faz parte da série e publicações do CCI sobre preservação de bens culturais. Especialmente sobre relatórios de estado de conservação de pinturas, existem três títulos: *CCI Notes 10/6 Condition Reporting - Paintings. Part I: Introduction* (CCI, 2018a), *10/7 Condition Reporting -Paintings. Part II: Examination Techniques and a Checklist* (CCI, 2018b) e a parte 3 que se refere ao glossário. As três publicações foram bastante relevantes para nossa pesquisa, servindo de parâmetro para a estruturação da árvore de domínio, a definição da nomenclatura e equivalências, além de fornecer informações importantes sobre diagnóstico e relatórios de estado de conservação.

***C+R Terminologia - Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural (Universidad, 2018)*** – a terminologia possui 22 termos de alterações, e outros termos referentes a conceitos variados da disciplina da Conservação-Restauração. A obra, totalmente ilustrada com diversas fotografias, se divide em A) Patrimônio Cultural, Conservação em Geral, Exame, Planejamento e Documentação; B) Estado e Danos; e C) Conservação Preventiva, Conservação Curativa, Restauração. As definições são em espanhol e há equivalência de termos em alemão, francês, inglês, italiano e português.

Figura 37. Captura de tela da publicação C+R em PDF



Fonte: Captura de tela. *Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural* (Calvo Manuel, 2018).

O projeto foi iniciado em 2014 pela professora Ana Maria Calvo Manuel da *Universidad Complutense de Madrid* visando estabelecer um vocabulário terminológico, em espanhol, francês e inglês, para alunos e docentes do curso de Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural dessa instituição. Em 2015, foram incluídas equivalências em alemão e italiano, e em 2018, foram adicionadas equivalências em português com a colaboração da professora Ana Bailão e de discentes da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa.

Segundo as autoras

O objetivo fundamental deste projeto é unificar critérios terminológicos nesta disciplina científica de recente implantação, como é a Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural, para evitar confusões com as diferentes acepções que muitos termos podem incluir. Para isso, foram seguidas as normativas mais recentes tanto a nível europeu (normas UNE-EN 15898) quanto das organizações mais importantes na área (ICOM-CC, ECCO, ENCoRE)<sup>210</sup>.

Embora contenha poucos termos relacionados a alterações, a publicação, elaborada por profissionais reconhecidos da área e seguindo uma metodologia terminológica, contribuiu para a elaboração das equivalências dos termos em outros idiomas.

***Dizionario del restauro: tecniche diagnostica conservazione*** (Giannini, 2010) –

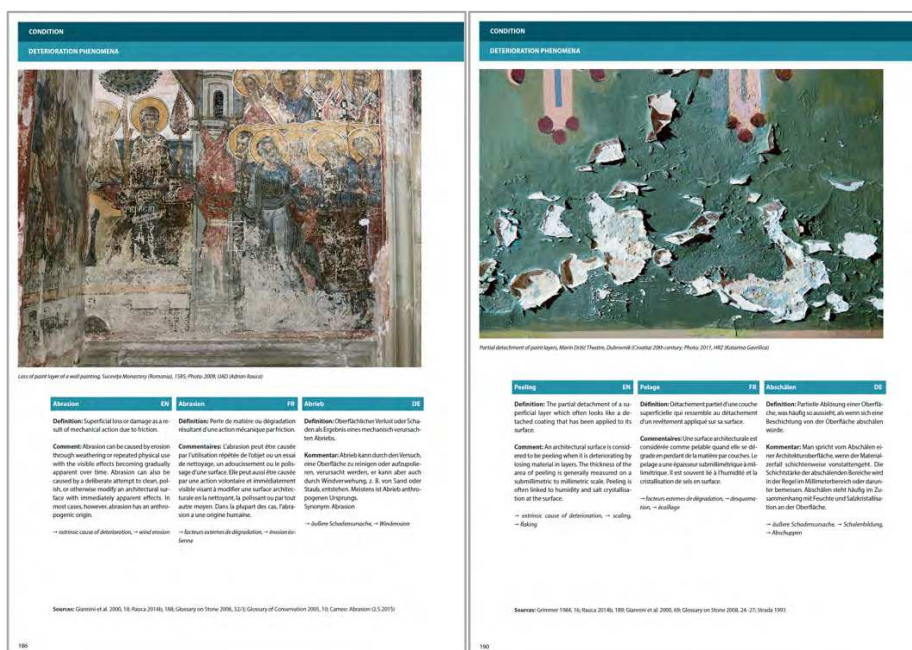
<sup>210</sup> No original: “El objetivo fundamental de este proyecto es unificar criterios terminológicos en esta disciplina científica de reciente implantación, como es la Conservación y Restauración del Patrimonio Cultural, para evitar confusiones con las diferentes acepciones que muchos términos pueden incluir. Para ello se han seguido las normativas más recientes tanto a nivel europeo (normas UNE-EN 15898) como de las organizaciones más importantes en la materia” (ICOM-CC, ECCO, ENCoRE).”

o livro, com mais de 2.500 verbetes, apresenta termos relacionados às técnicas, métodos e princípios da conservação-restauração, bem como aos diagnósticos aplicados à Conservação dos Bens Culturais, técnicas artísticas, materiais, métodos, procedimentos e alterações. A obra contribui especificamente para as equivalências dos termos em italiano, embora a busca tenha sido complexa, já que o dicionário possui um grande número de termos e está organizado de forma alfabética, sem índice ou categorização dos termos. No entanto, foi uma das poucas fontes onde conseguimos encontrar os termos e definições em italiano.

**EWAGLOS European Illustrated Glossary for Conservation Terms of Wall Painting and Architectonic Surfaces** (Verlag; Weyer, 2016) – o glossário ilustrado, se refere a pinturas murais e superfícies arquitetônicas, e está disponível gratuitamente na internet em formato PDF. Também resultado de um projeto europeu, o glossário está publicado nas onze línguas maternas dos especialistas envolvidos no projeto: inglês (língua principal), búlgaro, croata, francês, alemão, húngaro, italiano, polonês, romeno, espanhol e turco.

Os termos se dividem em A) Técnicas Artísticas e Artesanais; B) Estado de conservação (Condição); C) Intervenções. A seção sobre estado de conservação (*condition*) está dividida em agentes (fontes) de deterioração e fenômenos de deterioração e possui 25 termos relativos a alterações.

Figura 38. Captura de tela da publicação EWAGLOS em PDF



Fonte: Captura de tela. EWAGLOS European Illustrated Glossary for Conservation Terms of Wall Painting and Architectonic Surfaces (Verlag; Weyer, 2016, p. 186;190).

A metodologia de elaboração do glossário e sua estrutura são apresentadas de maneira clara e completa, auxiliando na criação de produtos correlatos.

A publicação foi utilizada como referência para a elaboração da estrutura do nosso glossário, além de auxiliar na composição da nomenclatura e na definição da metodologia geral.

**Glosario 3.0 de términos en Conservación del Patrimonio**<sup>211</sup> (UCM, 2003) – este glossário visual é uma versão informatizada e ampliada do projeto *C+R Terminología básica de conservación e restauração do Patrimônio Cultural 3* de Ana Maria Calvo Manuel, citado acima (Calvo Manuel, 2018). O glossário, totalmente ilustrado com diversas fotografias, se divide em A) Patrimônio Cultural; B) Gestão de riscos; C) Estado e Danos; e D) Conservação. A nomenclatura de estado e danos possui 30 termos de alterações. As definições são em espanhol e há equivalência de termos em alemão, francês, inglês, italiano e português. Esta referência demonstrou ser bastante útil para a equivalência de termos nos idiomas utilizados na pesquisa, assim como para eliminação da ambiguidade de termos por meio das fotografias.

Figuras 39 e 40. Captura de tela do *Glosario 3.0 de términos en Conservación del Patrimonio*



<sup>211</sup> O glossário 3.0 de termos em Conservação do Patrimônio virtualiza o projeto de inovação docente realizado entre 2015 e 2018 pela PDI UCM Ana Maria Calvo Manuel, intitulado "C+R Terminología básica de conservación e restauração do Patrimônio Cultural 3. Espanhol – Inglês – Francês – Italiano – Alemão – Português" (UCM, 2023).





UNIVERSIDAD  
COMPLUTENSE  
MADRID

**cabinet** ■ Fichero cibernético  
para la conservación  
del patrimonio cultural

Proyectos de Innovación



Proyecto Glosario Open Science Actividades Transferencia

Portada / Glosario / Estado y daños / Abrasión

## Abrasión

Abrasion / L'abrasion / Abrasione / Abrieb / Abrasão

Desgaste. Pérdida de materia debida a fricción o impacto de partículas transportadas por el viento, sin pérdida de coherencia en la superficie del material.  
Acción y efecto de raer o desgastar por fricción. Se aplica a la alteración producida en una superficie por desgaste, por ejemplo, en una superficie pintada abrasionada por una limpieza inadecuada, o una escultura en piedra que ha sufrido el efecto del roce (V. erosión, cuando la causa es un agente atmosférico) // También se emplea como técnica de trabajo para nivelar superficies estucadas, empleando lija, o para eliminar concreciones, mediante micro-abrasivómetro o torno dental. En este último caso, es una operación peligrosa para las superficies originales colindantes. (ACM)


Detalles de la pintura abrasionada en El Emperador Carlos V a caballo en Mühlberg de Tiziano. AAVV. La Restauración de El emperador Carlos V a caballo en Mühlberg de Tiziano, Museo del Prado, 2001, p.138.

De Leticia Contier - Own work, CC BY-SA 4.0.  
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=7364271>

Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://www.ccg.gov.qc.ca/index-id%3D90.html>.

***Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées***<sup>212</sup> (CCQ, 2013) – o glossário visual está disponível online, gratuitamente, e apresenta 125 termos de alterações em francês, com definições no mesmo idioma. A grande maioria dos termos é ilustrada com uma ou mais fotografias em diferentes tipos de objetos, sendo que todas possuem legenda explicativa, o que favorece a compressão do conceito. Foi a única das publicações que encontramos que traz o termo alterações no título, ao invés de danos, degradações ou deteriorações.

Possui uma estrutura bastante semelhante ao glossário visual do AICCM, com termos organizados em ordem alfabética e a navegação podendo ser feita diretamente nas imagens e termos. A pesquisa pode ser realizada por tipo de alteração e fotografia e por ordem alfabética. Para uma melhor compreensão da interface do glossário, apresentamos uma captura de tela da página inicial na figura 41.

<sup>212</sup>Glossário Visual das Alterações em Obras de Arte e Objetos de Museu.

Figura 41. Captura de tela do site do *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://www.ccq.gouv.qc.ca/index-id%3D90.html>.

O glossário foi criado pelo Centro de Conservação de Quebec com o apoio do Serviço de Apoio às Instituições Museais e do Ministério da Cultura e das Comunicações do Canadá. Segundo o CCQ (2013), o glossário visual foi criado para auxiliar conservadores, museólogos e técnicos em museologia na elaboração de relatórios de estado de conservação, com fotografias que ajudam na compreensão das alterações. Ele propõe termos específicos para descrever os danos, reunindo as palavras mais comuns com definições e, quando necessário, sinônimos.

A principal contribuição do glossário para a pesquisa foi na elaboração das equivalências em francês. As diversas imagens presentes no glossário facilitaram a harmonização dos termos.

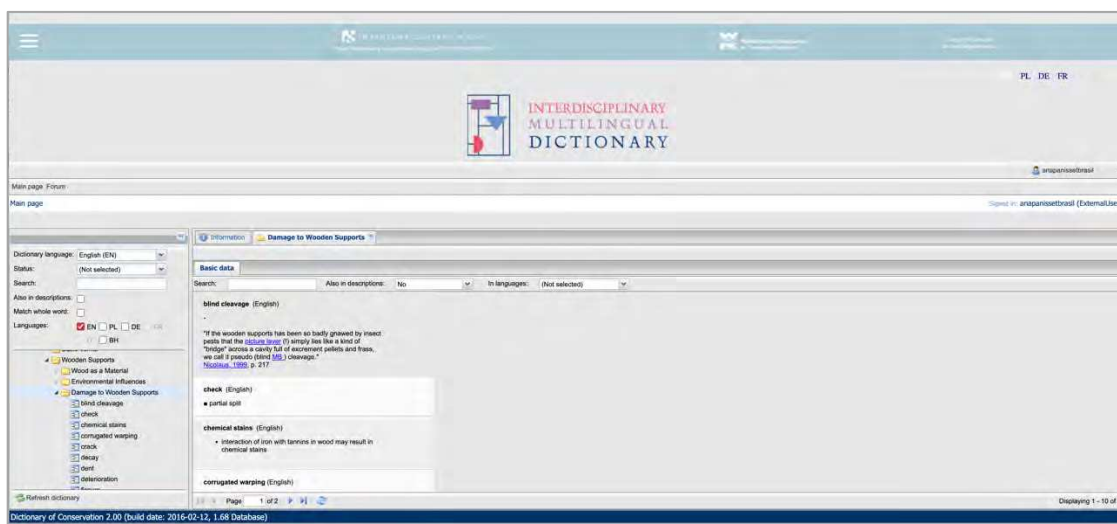
***Interdisciplinary Multilingual Dictionary*** (Bogdanowska; Komodziński, [2024]) – o *Dicionário Multilíngue Interdisciplinar* foca na terminologia de preservação do patrimônio, conservação-restauração de arte e disciplinas relacionadas. Segundo a autora a base de dados contém mais de 10.000 entradas em inglês, polonês e alemão, e mais 4.000 traduzidas para francês e italiano. Os principais tópicos abordam teoria da conservação-restauração, danos e tratamento de pinturas, biologia, química, história da arte, arquitetura e terminologia de ofícios - douramento, reboco, marcenaria, entre outros.



O dicionário disponibiliza o total de 375 termos de alterações, alguns sem definição, divididos em diversas categorias e com a seguinte estrutura<sup>213</sup>:

- 1. CONSERVATION-RESTORATION
  - 3. Restoration of Paintings
    - 3.2. Damage and Deterioration - 105 termos
    - 3.3. Accretions - 25 termos
    - 3.4. Artificial Craquelure - 10 termos
    - 3.5. Restoration Treatments - 14 termos
    - 3.7. Craquelure - 34 termos
  - 4. Supports
    - 4.2. Wooden Supports
      - 4.2.3. Damage to wooden supports - 13 termos
    - 4.3. Canvas Supports
      - 4.3.3. Damage to canvas supports - 34 termos
    - 4.4. Metal Supports
      - 4.4.2. Damage to metal supports - 17 termos
  - 6. Varnish
    - 6.2. Damage and Deterioration - 16 termos
  - 9. Conservation-Restoration of Wall Paintings
    - 9.3. Damage and Deterioration of Wall Paintings
      - 9.3.4 Manifestation of Damage and Deterioration of Wall Paintings - 90 termos
        - 9.3.6 Salts
          - 9.3.6.3 Salt Damage - 17 termos<sup>214</sup>

Figura 42. Captura de tela do site do *Interdisciplinary Multilingual Dictionary*



<sup>213</sup> Nesta estrutura mostramos somente os tópicos que contém termos de alterações, por isto a numeração não está uniforme.

<sup>214</sup> I. CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO / 3. Restauração de Pinturas/ 3.2. Danos e Deterioração / 3.3. Acrésimos / 3.4. Craquelê Artificial / 3.5. Tratamentos de Restauração / 3.7. Craquelê / 4. Suportes / 4.2. Suportes de Madeira / 4.2.3. Danos aos suportes de madeira / 4.3. Suportes de Tela / 4.3.3. Danos aos suportes de tela / 4.4. Suportes Metálicos / 4.4.2. Danos aos suportes metálicos / 6. Verniz / 6.2. Danos e Deterioração / 9. Conservação-Restauração de Pinturas Murais / 9.3. Danos e Deterioração de Pinturas Murais / 9.3.4. Manifestação de Danos e Deterioração de Pinturas Murais / 9.3.6. Sais / 9.3.6.3. Danos por Sais.

Fonte: Captura de tela. Disponível em: <http://www.imd.pk.edu.pl/>.

Para acesso ao dicionário é necessário fazer um registro prévio e aguardar confirmação. Enfrentamos dificuldades significativas ao navegar pelo dicionário devido à lentidão da plataforma e à dificuldade na localização dos termos. A busca precisou ser feita em toda a estrutura do dicionário e em cada tópico para verificar a presença de termos relacionados a alterações. Contudo, o dicionário serviu como parâmetro importante principalmente para a elaboração da árvore de domínio e das equivalências, e mapeamento dos conjuntos temáticos para a estruturação do glossário.

***Manual para el cuidado de objetos culturales*** (Colômbia, 1998) – o manual foi elaborado pelo *Centro Nacional de Restauración da Dirección de Patrimonio, Ministerio de Cultura* da Colômbia com a finalidade de democratizar o saber acumulado em torno da proteção de objetos culturais, direcionando-se especialmente àquelas pessoas cuja principal função é o cuidado e a manutenção dos objetos. Segundo a publicação (Colômbia, 1998, p. 10):

O manual é um guia para cuidar da melhor maneira possível dos objetos, atendendo às suas características particulares. Assim, este documento foi elaborado por profissionais em restauração, física, química e biologia, que tentaram explicar de maneira clara e simples os procedimentos adequados para a manutenção dos bens móveis<sup>215</sup>.

Possui tabelas denominadas de *Guía para el cuidado de los objetos*, exemplificadas na figura 41, nas quais se relacionam as tipologias de objetos e suas partes ou materiais utilizados na fatura dos objetos. Também são determinadas as alterações, as causas das alterações, o que fazer e como prevenir.

---

<sup>215</sup> No original: “*El manual es una guía para cuidar de la mejor manera posible los objetos, atendiendo a sus características particulares. Es así como este documento ha sido elaborado por profesionales en restauración, física, química y biología, quienes han intentado explicar de una manera clara y sencilla los procedimientos adecuados para mantener los bienes muebles*” (Colômbia, 1998, p. 10).

Figura 43. Recorte da tabela *Guía para el cuidado de los objetos*

ELEMENTOS DE UNA PINTURA	MATERIALES	MANIFESTACIÓN DEL DETERIORO	CAUSAS DEL DETERIORO	¿QUÉ HACER Y CÓMO PREVENIR?
SOPORTE	Tela	Manchas	Líquidos Oxidación de los elementos de ensamblaje, por humedad alta Microorganismos asociados a humedad alta	Cambiar la pintura del lugar Control de humedad alta Microorganismos: aísle en una bolsa de tela de algodón, de color blanco, en un lugar seco y aireado No limpie la mancha Dejar secar lentamente en un sitio aireado ***
		Roturas/rasgaduras	Golpes o presiones fuertes, pudrición por hongos	Control de agentes biológicos Manipulación, reserva, embalaje Exhibición Depositar la pintura sobre una superficie rígida y horizontalmente ***
		Faltantes	Manipulación inadecuada Hongos, bacterias Insectos Roedores Vandalismo	Manipulación, reserva, embalaje, control de agentes biológicos ***
		Descosido Desunión de telas	Manejo inadecuado: Golpes, impactos, pudrición de las costuras, bastidor inadecuado	Control de condiciones ambientales, manipulación, reserva y embalaje ***
		Dobleces	Manipulación inadecuada, reserva incorrecta Separación de elementos, falta de bastidor	No corregir los dobleces Manipulación ***
		Destensado Deformación de plano Abolladura	Depósito en posición horizontal, contacto con otros elementos Falta de accesorios de ensamblaje Separación de elementos	Deposite en posición vertical Aísle del contacto con otros elementos ***
		Abrasión	Roce con otros objetos (montaje, reserva, ensamblaje), manipulación inadecuada, Insectos	Evite el contacto con otros elementos, medidas de seguridad, manipulación, control de agentes biológicos ***

Fonte: Captura de tela. *Manual para el cuidado de objetos culturales* (Colômbia, 1998, p. 94).

As tabelas, que utilizamos como exemplo, foram de grande auxílio na elaboração das árvores de domínio e na criação das relações entre os termos de alterações, tipos de materiais e agentes de degradação. Além disso, a publicação inclui um glossário com diversos termos sobre a conservação de bens culturais, incluindo 47 termos relacionados a alterações.

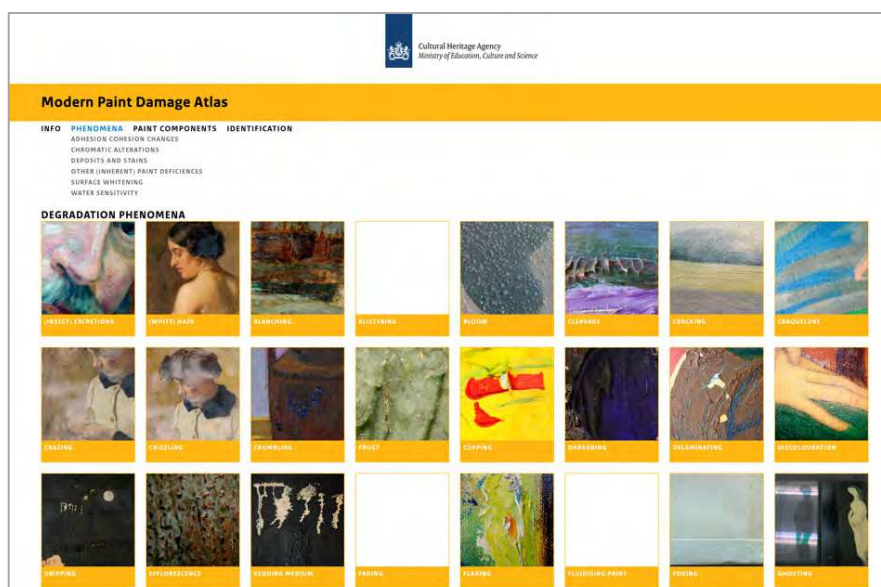
***Modern paint damage atlas*** (Mauny-van den Burg, [2024]) – esse recurso, especializado em pinturas do séc. XX, está disponível gratuitamente online e possui 71 termos de alterações.

O atlas disponibiliza dois tipos de terminologia distintos. O primeiro, disponível em PDF e intitulado ‘dicionário’, apresenta termos relacionados às alterações e suas definições, sem ilustrações. O segundo, denominado ‘*Degradation Phenomena*’ (Fenômenos de Degradação), funciona em base de dados — aparentemente relacional, que permite a navegação por termos e imagens em ordem alfabética, assim como os glossários do AICCM e do CCQ.

A plataforma oferece uma microestrutura detalhada com definições ilustradas por diversas fotografias em alta resolução, termos relacionados, referências bibliográficas e notas que explicam principalmente como são formadas as alterações. Os ‘fenômenos de degradação’ são classificados em: alterações na adesão e coesão; alterações cromáticas;

depósitos e manchas; outras deficiências (intrínsecas) da pintura; clareamento de superfície; e sensibilidade à água. A navegação também pode ser feita por meio desses grupos de fenômenos.

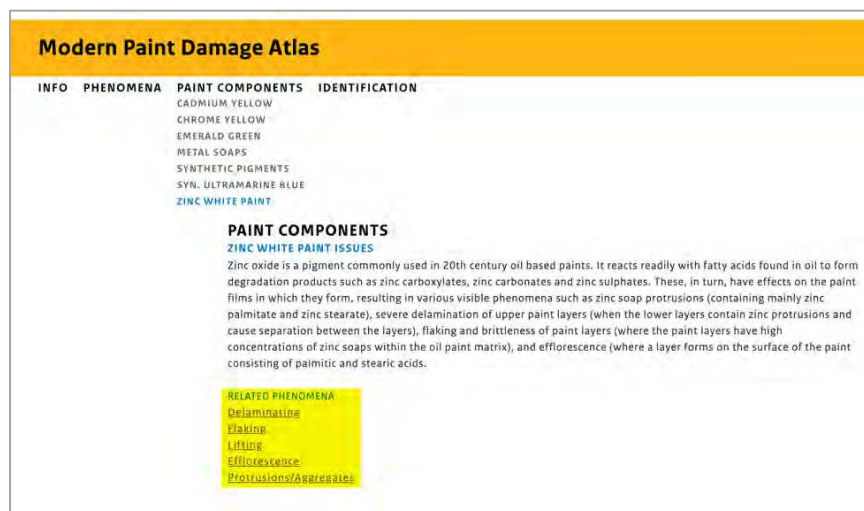
Figura 44. Captura de tela do site do *Modern paint damage atlas*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://paint.tool.cultureelerfgoed.nl/>.

Outro recurso da plataforma é a terminologia de alguns pigmentos utilizados em pinturas do século XX, incluindo suas características e fenômenos relacionados – na ficha de cada pigmento, há uma lista de remissivas que direcionam para as definições dos fenômenos de alteração, através de um link. Na figura 45, destacamos em amarelo, a lista de fenômenos relacionados com determinado pigmento.

Figura 45. Captura de tela do site do *Modern paint damage atlas*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://paint.tool.cultureelerfgoed.nl/>.

Conforme as informações da plataforma, o *Modern Paint Damage Atlas* foi criado por Julia Mauny-van den Burg e desenvolvido no âmbito do Programa RCE 'Heritage of Modern Times' (2015-2019) e do 'CMOP Project' (Cleaning of Modern Oil Paints, 2015-2018), e é mantido pela *Cultural Heritage Agency* da Holanda. "O site foi projetado para aqueles que trabalham com, utilizam ou estão interessados em tintas modernas e nos diversos fenômenos de degradação que podem ser encontrados em tintas e pinturas desde a invenção do tubo de tinta portátil<sup>216</sup>".

O atlas foi fundamental para nossa pesquisa, não apenas pela compilação de termos para nomear as alterações, mas também pela estruturação do domínio e elaboração da microestrutura do glossário. Além disso, as diversas imagens foram muito úteis para a desambiguação dos termos<sup>217</sup>.

***Painting Conservation Glossary*** (WCCFA, [2023]) – a *Western Center for the Conservation of Fine Arts* é uma empresa privada localizada nos Estados Unidos, especializada em serviços de conservação e restauração para clientes particulares e instituições públicas e privadas. Segundo o site da empresa a WCCFA "possui uma respeitada reputação nacional no campo da conservação e está ativamente envolvida no estabelecimento, manutenção e promoção de padrões de prática, relacionamentos profissionais e educação pública<sup>218</sup>" (WCCFA, 2024).

O glossário do WCCFA, apresentado em formato de texto em PDF, contém 52 termos relacionados a alterações específicas em pinturas, organizados por partes, com descrições objetivas e claras. Utilizamos esse glossário para relacionar as alterações às partes da pintura, bem como para auxiliar nas definições e quantificação dos termos.

***The Fine Arts Conservancy Glossary*** (The Fine Arts Conservancy, 2022) – *The Fine Arts Conservancy*, assim como a WCCFA, é uma empresa privada localizada nos Estados Unidos, especializada em serviços de conservação e restauração para clientes particulares e instituições. Segundo o site da empresa, ela é um "centro de liderança em conservação e restauração<sup>219</sup>". Os glossários disponibilizados pela empresa estão incluídos nas listas de referências de diversos glossários consultados, incluindo os de

---

<sup>216</sup> No original: "This website has been designed for those who work with, use, or are interested in modern paints and the various degradation phenomena that can be found in paints and on paintings since the invention of the portable paint tube".

<sup>217</sup> O *Modern Paint Damage Atlas* foi uma referência apresentada pela professora Ana Bailão durante o exame de qualificação desta dissertação.

<sup>218</sup> No original: "WCCFA holds a respected national reputation in the conservation field and is actively involved in establishing, maintaining and promoting standards of practice, professional relationships and public education" (WCCFA, 2024).

<sup>219</sup> No original: "a leading conservation and restoration center" (The Fine Arts Conservancy, 2022).

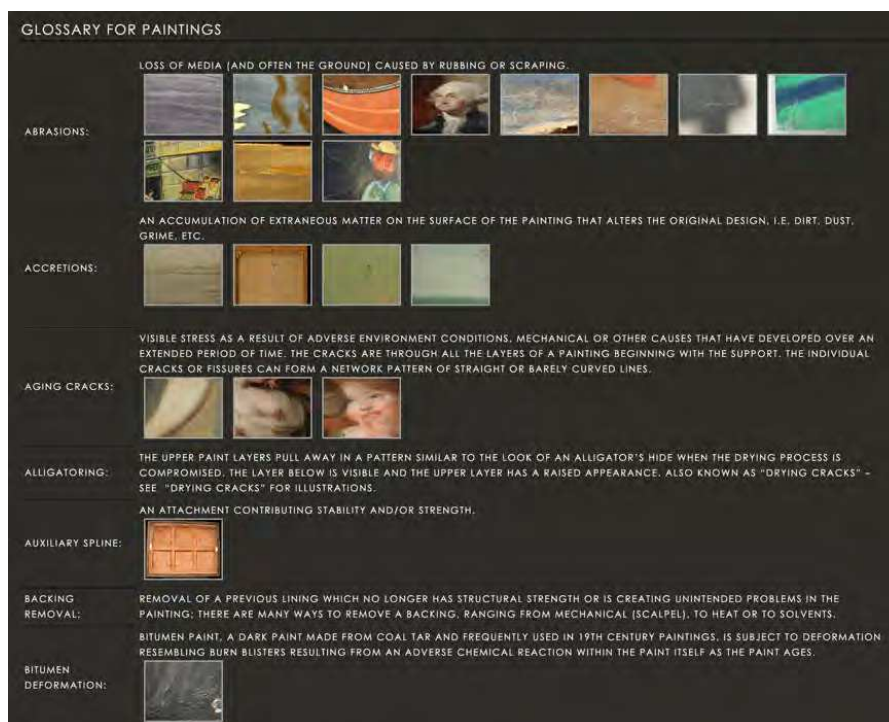
instituições conceituadas, como o *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* do CCQ e o *AICCM Visual Glossary*, entre outros.

O site disponibiliza quatro glossários, organizados conforme a tipologia de objeto e/ou material e técnica. Alguns termos são comuns entre os glossários. Além dos termos majoritariamente relacionados a alterações, também identificamos alguns que se referem a técnicas de conservação, materiais e métodos.

- Glossário para pinturas, com 84 termos relacionados a alterações;
- Glossário para obras em papel, com 61 termos sobre alterações;
- Glossário para mobiliário, com 68 termos de alterações;
- Glossário para elementos decorativos em mobiliário, com 4 termos de alterações.

Os glossários são disponibilizados de forma gratuita no site da empresa, em formato de lista em ordem alfabética. Eles incluem imagens em miniatura que podem ser ampliadas para melhor visualização, conforme ilustrado na captura de tela da figura 46.

Figura 46. Captura de tela do site do *The Fine Arts Conservancy Glossary*



Fonte: Captura de tela. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1170](http://www.art-conservation.org/?page_id=1170).

Utilizamos os glossários do *The Fine Arts Conservancy*, especialmente os voltados para pinturas e obras em papel, como referência para a extração de termos, composição da nomenclatura e elaboração das definições. Além disso, empregamos as imagens fornecidas para a eliminação da ambiguidade dos termos.



***The Restoration of Paintings*** (Nicolaus, 1999) – embora a publicação não seja caracterizada como uma obra terminológica, ela aborda as alterações em pinturas de cavalete e os tratamentos necessários para mitigar degradações e deteriorações, além dos processos de intervenção de restauração. Ao longo do livro, identificamos cerca de 79 alterações, a maioria com suas definições e agentes causadores, amplamente ilustradas. No final da obra, há ainda um glossário que apresenta alguns termos de alterações acompanhados de suas definições. Utilizamos a obra como referência importante na estruturação do domínio, na desambiguação de termos, bem como no uso de imagens e diagramas.

Além das fontes mencionadas acima, que foram utilizadas no corpus de estudo e como referências metodológicas e estruturais, outros recursos foram fundamentais para o desenvolvimento do glossário. Eles contribuíram para uma melhor compreensão do tema, definição e estruturação do domínio, bem como para a organização das macro e microestruturas do glossário. Entre elas destacamos: *Archives Damage Atlas: A Tool for Assessing Damage* (Most; Defize; Havermans, 2010); *Illustrated glossary on stone deterioration patterns* (ICOMOS, 2008); *Looking at paintings: a guide to technical terms*. (Doherty; Woollett, 2009).; *Managing Conservation in Museums* (Keene, 2000); *Manual do Artista: de materiais e técnicas* (Mayer, 2006); e *Traditional oil painting: Glossary* (Elliot; Ray, 2023).

Não podemos deixar de mencionar aqui o relevante trabalho do grupo de pesquisa *TERMISUL - Projeto Terminológico Cone Sul* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do qual Silvana Bojanoski faz parte. O grupo conduz diversas pesquisas e publicações que abrangem recursos de Terminologia e Terminografia, incluindo bases de dados terminológicas. O grupo possui três projetos importantes ligados à preservação de bens culturais: *A linguagem do patrimônio cultural brasileiro: conservação dos bens culturais móveis em papel*; *Conservação dos bens culturais móveis em papel: identificação e representação de UFEs*; e *A terminologia do patrimônio cultural imaterial*. No site do grupo (TERMISUL, [2024]), também está disponível uma Base de Dados Terminológica sobre Bens Culturais Móveis em Papel, que reúne termos coletados em corpora e os disponibiliza para acesso público on-line.

### 3.3.1. Normalização terminológica aplicada à conservação do patrimônio cultural

Após apresentarmos as referências utilizadas em nosso corpus de estudo, propomos também, conforme mencionado, oferecer um panorama resumido da produção

de glossários e da normalização terminológica no campo da conservação do patrimônio cultural com base no artigo de Calvo Manuel (2016)<sup>220</sup>.

Ana Maria Calvo Manuel (2016), em seu artigo intitulado *La normalización terminológica aplicada a la conservación y restauración del patrimonio cultural*, publicado no livro *El Lenguaje sobre el patrimonio*, traz um apanhado histórico do desenvolvimento de obras terminológicas sobre conservação e restauração, principalmente em espanhol e inglês. Contudo, a autora aponta que “apesar dos esforços realizados através dos dicionários e glossários elaborados nos últimos anos [...] ainda estamos longe de alcançar uma normalização completa nesse campo<sup>221</sup>” (p. 128). Isto se dá não apenas em espanhol – língua mãe da autora, mas também em línguas como o inglês, que atualmente se impõe no contexto das ciências experimentais aplicadas ao patrimônio cultural.

Em relação aos primeiros dicionários vinculados à conservação-restauração, a autora menciona alguns precedentes nessa matéria, como a obra de Gettens e Stout (1966), *Painting Materials. A Short Encyclopaedia*. “Esse livro, apesar de ser uma referência fundamental da metade do século XX, não aborda exatamente aspectos específicos de conservação, mas trata fundamentalmente de técnicas pictóricas e materiais de pintura. No entanto, é evidente que o conhecimento desses aspectos é fundamental para a conservação das pinturas<sup>222</sup>” (p. 128). Na mesma linha, o Getty Conservation Institute publicou, nos anos seguintes, a série *Looking at... A guide to technical terms*, incluindo, por exemplo, *Looking at Paintings*, de Dawson W. Carr e Mark Leonard em 1992.

O projeto NARCISSE (*Network of Art Research Computer Image Systems in Europe*), realizado entre 1990 e 1994 e coordenado pelo *Laboratoire de Recherche des Musées de France*, visava criar um banco de dados das obras mais importantes dos museus europeus, baseado em documentação técnica, como fotografias com luz visível, ultravioleta e infravermelha, além de radiografias, com foco principal na pintura de cavalete.

A autora comenta que “no entanto, do ponto de vista específico de conservação e restauração, serão, sobretudo, os breves glossários publicados nos apêndices dos livros

---

<sup>220</sup>Embora o texto de Calvo Manuel seja de 2016, não encontramos em nossa pesquisa obras terminográficas mais recentes além das já mencionadas.

<sup>221</sup>No original: “A pesar de los esfuerzos que se han realizado a través de los diccionarios y glosarios elaborados en los últimos años, veremos como algunos matices terminológicos todavía no presentan la unidad necesaria” (Calvo Manuel, 2016, p. 128).

<sup>222</sup>No original: “Este libro, a pesar de ser una referencia fundamental de mediados del siglo XX, no aborda exactamente aspectos específicos de conservación, sino que trata fundamentalmente de técnicas pictóricas y materiales de pintura. Con todo, es evidente que el conocimiento de dichos aspectos es fundamental para la conservación de las pinturas” (Calvo Manuel, 2016, p. 128).



técnicos sobre o assunto que fornecerão as diretrizes para uma terminologia técnica mais precisa” (p. 129).

Em 1994, Ana Maria Calvo Manuel foi convidada pela editora Ediciones del Serbal a elaborar um dicionário de termos de conservação e restauração para a coleção *Cultura Artística*. Conforme aponta a autora “o primeiro grande problema que enfrentamos foi a seleção das próprias entradas, pois se tratava de um campo que necessitava incluir termos artísticos, químicos, físicos, biológicos e técnicos específicos<sup>223</sup>” (p. 129). A autora relata que a proposta da publicação foi baseada nos glossários que compunham os apêndices de publicações sobre o assunto e nos livros precedentes citados, concretizando no livro *Conservación y restauración. Materiales, técnicas y procedimientos. De la A a la Z* (Calvo Manuel, 1997). Esta obra teve grande repercussão no âmbito profissional, chegando a ser reeditada quatro vezes. Infelizmente, não tivemos acesso integral a essa obra tão importante para nossa pesquisa, conseguindo acessar apenas algumas páginas por meio de buscas na internet.

No ano 2000, Cristina Giannini editou, junto com Roberta Roani, a obra *Dizionario del restauro e della diagnostica*, que foi traduzida e publicada em espanhol como *Diccionario de restauración y diagnóstico* pela editora Nerea em 2008. Também em italiano, foi publicado em 2005 o *Glossario delle tecniche artistiche e del restauro*, a cargo de Claudio Paolini e Manfredi Faldi, em uma edição do Palazzo Spinelli de Florença.

Em 2003, foi publicado na Espanha o livro *Conservación y restauración de bienes culturales. Español - Alemán - Inglés - Italiano - Francés*, na coleção de dicionários técnicos da editora Akal, um dicionário multilíngue, dirigido por Celia Martínez Cabetas e Lourdes Rico Martínez, que, embora não inclua definições, apresenta apenas a correlação dos termos nas línguas citadas.

Mireia Xarrié publicou, inicialmente em inglês, diversos glossários especializados em conservação: *Glossary of Conservation I* (2005), *Glossary of Conservation II* (2006), *Glossary of Conservation III* (2006). Em 2007, publicou um volume em espanhol *Diccionario de conservación y restauración de obras de arte 1(A-Z)*.

Em 2013, foi publicado o *Glosario de términos técnicos para restauración y museología*, de Marcos Rivadeneira e Guillermo Narváez, em edição latino-americana, e, em 2015, o *Vademécum del conservador. Terminología aplicada a la conservación del Patrimonio Cultural*, de Javier Madrona Ortega.

---

<sup>223</sup> No original: “el primer gran problema al que nos enfrentábamos era el de la selección de las propias entradas, puesto que se trataba de un ámbito en el que debíamos contar con términos artísticos, químicos, físicos, biológicos y técnicos específicos” (Calvo Manuel, 2016, p. 129).

Segundo a autora Ana Maria Calvo Manuel – pois não tivemos acesso as obras supracitadas, os títulos mencionados, até aqui, são de natureza generalista em torno da conservação e restauração. Além disso, surgiram alguns glossários especializados em alguma tipologia de material ou objeto artístico e cultural específica. Por exemplo, em 1997, foi publicado *Conservación de libros y documentos. Glosario de términos técnicos. Inglés - Español. Español - Inglés*, de John McCleary; em francês, temos o *Petit glossaire à l'usage du conservateur-restaurateur de sculpture*, editado em 2006 pelo *Institut Royal du Patrimoine Artistique de Bruxelles*, com a coordenação de Myriam Serck-Dewaide.

No ano de 2014, foi publicado o *Diccionario técnico Akal de materiales de restauración*, elaborado por Salvador Muñoz Viñas, Julia Osca Pons e Ignasi Gironés Sarrió, que como o próprio nome sugere, é focado na descrição e nas características de alguns dos principais materiais empregados nas intervenções de conservação e restauração.

Finalizando o artigo, Calvo Manuel enfatiza que apesar de todos os trabalhos citados, a terminologia de conservação e restauração deve ser continuamente atualizada, pois “[...] apesar dos muitos avanços em publicações de glossários na conservação e restauração, o trabalho deve continuar para consolidar os termos atualmente usados ou para incorporar novos vocábulos no nosso campo de atuação<sup>224</sup>” (p. 134). A autora também menciona no artigo algumas publicações que utilizamos em nossa pesquisa, e que já mencionamos anteriormente. No entanto, infelizmente, não tivemos acesso à maioria das referências citadas por ela, pois são obras estrangeiras de difícil acesso.

É importante enfatizarmos que diante desse levantamento referencial, a busca por obras em outros idiomas se justifica, pois elas constituem ferramentas essenciais para o entendimento da linguagem empregada na conservação. O uso de obras estrangeiras, reconhecidamente importantes, pode auxiliar na compreensão de textos técnicos, permitir um diálogo mais amplo entre especialistas de diversas partes do mundo e facilitar a relação com outras áreas do conhecimento. Ressaltamos também que, apesar de nossos esforços para reunir todas as fontes disponíveis, é evidente que deixamos de incluir algumas referências importantes.



---

<sup>224</sup> No original: “a pesar de tantos avances en materia de publicaciones de glosarios en conservación y restauración, este trabajo debe continuar con objeto de afirmar los términos hoy empleados o de incorporar nuevos vocablos de nuestro ámbito de trabajo” (Calvo Manuel, 2016, p. 134).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não apresentamos aqui conclusões definitivas, mas destacamos alguns pontos problemáticos da pesquisa, sugerimos possibilidades e abrimos caminho para a expansão do Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais. Com essa abordagem, os dados coletados ao longo do estudo possibilitaram algumas considerações.

Como discutido na introdução, tomamos como recorte analítico-descritivo a problemática dos processos de documentação de acervos e em termos específicos, objetivamos a elaboração e a estruturação de um instrumento piloto de auxílio para preservação, documentação e gestão de acervos museológicos: o *Glossário visual de alterações em bens culturais - pinturas de cavalete*. A motivação para o desenvolvimento de um glossário focado nas alterações em bens culturais móveis deve-se, entre outros fatores, à necessidade de maior controle sobre o vocabulário empregado na área, considerando que a precisão terminológica é essencial tanto para o uso especializado quanto para uma comunicação mais eficaz entre profissionais e no contexto educacional. Compreender os tipos de alterações que podem estar ocorrendo em um acervo é o primeiro passo para avaliar os riscos aos quais ele foi ou está sendo exposto.

Ao realizarmos o levantamento da produção bibliográfica na área, confirmamos que as referências sobre linguagem especializada em Conservação, especialmente no que diz respeito à terminologia relacionada às alterações em bens culturais, é praticamente inexistente, o que reforça a necessidade da elaboração de um glossário especializado. Constatamos também que a escassez de recursos terminológicos, especialmente multilíngues, dificulta o intercâmbio científico internacional e provoca problemas de tradução. Além disso, os glossários e dicionários disponíveis no campo analisado apresentam várias limitações.

O Glossário-piloto apresentado nesta dissertação busca contribuir para o processo de documentação e de avaliação de estado conservação, assim como para a eficiência dos trabalhos realizados na área, com o objetivo de auxiliar na identificação de alterações, danos e deteriorações em acervos de pinturas de cavalete.

Embora nossa proposta atual não contemple todas as tipologias de objetos, ela representa uma colaboração significativa para as reflexões teórico-metodológicas no campo da terminografia, ao apresentar uma estrutura possível e alguns termos e definições. Este é um trabalho em desenvolvimento. A estrutura de conhecimento proposta ainda está incompleta e requer desdobramentos adicionais para incluir mais termos, o que será feito à medida que os estudos terminológicos avancem.

A elaboração de um glossário visual, ilustrado principalmente por fotografias, ainda que exija um esforço considerável, é essencial para garantir a consistência no registro das

informações sobre o estado de conservação de bens culturais. Além disso, desempenha um papel crucial ao facilitar a eliminação de ambiguidades e a explicitação de termos técnicos da área, utilizando a comparação de imagens como recurso explicativo, especialmente ao apresentar equivalências e redigir definições.

No que se refere ao processo de elaboração do glossário, a primeira consideração é que, conforme já mencionamos, esse realmente não é um trabalho de uma única pessoa. Para a próxima fase do projeto, será necessária a formação de uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais da área de Conservação, especializados em diferentes tipologias de objetos. Além disso, consideramos essencial a participação de terminólogos para avaliar a relevância temática dos termos extraídos e determinar a sintaxe mais adequada para a apresentação desses termos. Também constatamos que a contribuição dos especialistas é indispensável para identificar os termos mais relevantes para a área e validá-los. Além disso, seu olhar é crucial no processo de tradução e na busca por equivalências em outros idiomas.

A tradução de termos revelou-se particularmente complexa, pois alguns fenômenos descritos na literatura internacional não possuem equivalente direto na literatura brasileira. Além disso, muitos termos específicos em inglês têm apenas correspondências mais gerais em português, o que dificulta a precisão terminológica. Para excluir a ambiguidade e verificar os termos em outros idiomas, consultamos diversas fontes além do nosso corpus de estudo, como ilustrações presentes nas obras terminológicas, o ChatGPT, o Google, páginas na web de conservação em vários idiomas, artigos e livros especializados. Percebemos que a tradução isolada pode resultar em erros, pois nem sempre reflete com precisão a linguagem especializada da área.

Durante a pesquisa no corpus de estudo escolhido, também constatamos que a consulta a obras terminológicas, por si só, não é suficiente. A consulta a artigos científicos e outros textos técnicos contribui significativamente para a desambiguação de termos. Dessa forma, a continuidade do projeto demandará um estudo mais abrangente do corpus linguístico. Nesse contexto, a documentação consultada, em forma de *corpora*, desempenha um papel fundamental na identificação da relevância dos termos, pois possibilita verificar a frequência com que determinada forma do termo aparece em textos sobre o mesmo tema, confirmando sua inserção em um domínio específico.

Os formulários de relatório ou laudo de estado de conservação, amplamente utilizados por diversos profissionais e instituições, constituem outras fontes relevantes para a validação dos termos relacionados às alterações. Embora tenhamos realizado a compilação de vários desses formulários, não foi possível integrá-los à presente pesquisa devido às limitações de tempo.

A elaboração do Glossário-piloto nos proporcionou a experiência de vivenciar todas as etapas metodológicas de um trabalho terminográfico: delimitação da área, identificação das necessidades, seleção de fontes, organização da estrutura conceitual, coleta e seleção de termos, preenchimento de fichas terminológicas e desenvolvimento da macroestrutura e microestrutura do glossário. Entendemos como é possível refletir, em um produto terminográfico, a diversidade inerente a uma determinada terminologia. A partir dessa estrutura conceitual, conseguimos recuperar não apenas a organização do conhecimento no domínio estudado, mas também as relações entre os conceitos e as diversas formas de denominação desses conceitos.

Ao transpor essa estrutura para uma base de dados informatizada, acreditamos ter estruturado uma ferramenta útil para facilitar a coleta de termos, a seleção de entradas e a organização das relações conceituais. Além disso, o sistema auxilia no preenchimento das fichas terminológicas. O sistema de informação desempenha um papel fundamental ao reunir, organizar e relacionar registros, transformando-os em informações de referência que apoiam a identificação de alterações em bens culturais.

Conforme mencionado ao longo desta dissertação, a proposta do Glossário-piloto apresentado é desenvolver e testar a estrutura para a expansão e construção de um *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais* – ferramenta sistemática e multilíngue, acompanhada de fotografias e ilustrações de alterações em diversas tipologias de materiais e suportes, que será disponibilizada online de forma gratuita para instituições que detêm bens culturais. Assim, em uma etapa futura, além de continuar os estudos terminológicos, também pretendemos disponibilizar o glossário na internet.

A proposta é que essa ferramenta esteja em constante evolução, tanto em relação à sua estrutura – com a inclusão de redes de remissivas e uma estrutura hierárquica possibilitada pela aplicação *in thesauri*, utilizada como base de dados terminológica – quanto à sua flexibilidade para acomodar eventuais alterações e desenvolvimentos das problemáticas apresentadas na pesquisa inicial. Para viabilizar esse objetivo, planejamos expandir o projeto, buscando instituições parceiras e oportunidades de financiamento, a fim de constituir a equipe multidisciplinar necessária e a disponibilização da ferramenta online.

Uma das possibilidades para essa expansão pode ser implementada por meio de um sistema colaborativo, que estabeleça uma rede permanente entre instituições, profissionais e acadêmicos, visando desenvolver, atualizar e promover o uso uniforme da terminologia. As ferramentas de rede colaborativa proporcionam uma abordagem interdisciplinar de qualidade, resultando em uma construção mais precisa do Glossário. Acreditamos que a divulgação deste trabalho, por meio da participação em conferências

nacionais e internacionais, pode fomentar um debate enriquecedor entre profissionais, além de permitir uma revisão da ferramenta por especialistas e otimizar os respectivos processos.

Além disso, por meio de nosso trabalho docente na UFMG, pretendemos expandir a pesquisa no ambiente acadêmico, oferecendo oportunidades para os discentes, especialmente dos cursos de Museologia e Conservação-Restauração de Bens Móveis, por meio da criação de disciplinas e projetos de pesquisa relacionados à elaboração de terminologia para o diagnóstico das alterações. Para os estudantes, o glossário pode servir também como base para seu vocabulário especializado, além de ser uma referência útil para seus trabalhos e para esclarecer dúvidas, tornando-se um elemento fundamental de consulta.

Destacamos a importância de estabelecer políticas de manutenção para o Glossário, uma vez que a terminologia pode evoluir ao longo do tempo e os vocabulários devem ser ferramentas dinâmicas, em constante crescimento. Assim, o glossário deve ser considerado um projeto contínuo. Temos plena consciência de que ele passará por mudanças e exigirá revisões constantes. Esse tipo de obra será sempre um recorte parcial de uma realidade, representando um campo do conhecimento especializado que está em constante atualização e transformação.

Como pretendemos tornar a plataforma colaborativa, é necessário consolidar a metodologia a ser utilizada nas colaborações. Buscamos alinhar o projeto aos padrões dos vocabulários do *Getty Research Institute* – programa *Getty Vocabularies*. Esses vocabulários, estão em conformidade com padrões internacionais de desenvolvimento de terminologias, e fornecem informações de autoridade para catalogadores, pesquisadores e provedores de dados. Os vocabulários se expandem por meio das contribuições das instituições e são disponibilizados gratuitamente para consulta na internet, conforme a licença especificada<sup>225</sup>.

Embora nossa análise tenha sido focada pinturas de cavalete, podemos afirmar com segurança que a falta de dicionários e glossários também se aplica a outras tipologias de bens culturais. Dessa forma, esperamos que a metodologia descrita nesta dissertação possa ser posteriormente adaptada e aplicada a outras especialidades da área.

Por fim, nossa pesquisa não pretende esgotar o tema, mas busca oferecer subsídios para a discussão sobre a importância do diagnóstico e da documentação de acervos museológicos, bem como da terminologia especializada para essas ações. Além

---

<sup>225</sup> No Apêndice C, apresentamos a estrutura para a contribuição de termos, bem como informações relativas às licenças Creative Commons.

disso, apresentamos a ferramenta *Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais - Pinturas de Cavalete*. Dessa forma, iniciamos um projeto que esperamos ver crescer e inspirar muitas outras pesquisas.





## REFERÊNCIAS



## REFERÊNCIAS

- AAM - American Alliance of Museums. *About AAM*. Disponível em: <https://www.aam-us.org/programs/about-aam/>. Acesso em 13 maio 2024.
- ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. *Código de ética do conservador-restaurador*. São Paulo, 16. nov. 2005. 2 ed., 2013. Disponível em: [https://aber.org.br/wp-content/uploads/2021/04/codigo\\_de\\_etica\\_2013.pdf](https://aber.org.br/wp-content/uploads/2021/04/codigo_de_etica_2013.pdf). Acesso em: 20 nov. 2023.
- ABNT - Associação brasileira de Normas Técnicas. *ABNT NBR 13789: terminologia: princípios e métodos: elaboração e apresentação de normas de terminologia*. Rio de Janeiro: ABNT, 1997.
- ABNT - Associação brasileira de Normas Técnicas. *ABNT NBR 13790: terminologia: princípios e métodos: harmonização de conceitos e termos*. Rio de Janeiro: ABNT, 1997.
- ABRACOR - Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais. Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível. *Boletim Eletrônico da ABRACOR*. n. 1, jun. 2010. Disponível em: <https://antoniomirabile.com/images/competence/56bf5dfd06e968.57668508-areservatecnicatambememuseu.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- ACERVO. In: HOUAISS, Grande Dicionário Houaiss. [S.l.]: UOL, [2024]. Disponível em: <houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 27/03/2024.
- AIC - American Institute for Conservation. *AIC Wiki - Paintings*. [Washington DC], 2009. Disponível em: [https://www.conservation-wiki.com/wiki/Main\\_Page](https://www.conservation-wiki.com/wiki/Main_Page). Acesso em: 01 jun. 2024.
- AIC - American Institute for Conservation. *AIC Wiki*. [Washington DC], 2009. Disponível em: [https://www.conservation-wiki.com/wiki/Main\\_Page](https://www.conservation-wiki.com/wiki/Main_Page). Acesso em: 26 abr 2023.
- AIC - American Institute for Conservation. *Code of Ethics and Guidelines for Practice*. 1994. Disponível em: <https://www.culturalheritage.org/about-conservation/code-of-ethics>. Acesso em: 09 mai. 2023.
- AIC - American Institute for Conservation. *Conservation Terminology*. 2023. Disponível em: <https://www.culturalheritage.org/about-conservation/what-is-conservation/definitions>. Acesso em: 09 mai. 2023.
- AIC - American Institute for Conservation. *Groups and networks*. Disponível em: <https://www.culturalheritage.org/membership/groups-and-networks>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- AIC - American Institute for Conservation. *Lexicon Terms*. [Washington DC], 2012. Disponível em: [http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG\\_Glossary\\_of\\_Terms](http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG_Glossary_of_Terms). Acesso em: 26 abr 2023.
- AICCM - The Australian Institute for the Conservation of Cultural Material. *Visual glossary*. Moonah: AICCM, [2023]. Disponível em: <https://aiccm.org.au/conservation/visual-glossary>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; ALUÍSIO, Sandra Maria; OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça de. O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 1 ed. Campo Grande/São Paulo: Editora da UFMS/Humanitas, 2007, v. III, p. 409-420. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273062854\\_O\\_METODO\\_EM\\_TERMINOLOGIA\\_REVENDO\\_ALGUNS\\_PROCEDIMENTOS](https://www.researchgate.net/publication/273062854_O_METODO_EM_TERMINOLOGIA_REVENDO_ALGUNS_PROCEDIMENTOS). Acesso em: 23 mar. 2024.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1413>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *A teoria comunicativa da terminologia (TCT): uma aplicação*. Araraquara: UNESP, 2000. 2 v. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/bf0e401f-0168-4117-9b01-eb46db12987b/content> 2000. Acesso em: 18 mar. 2024.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *Tradterm*, São Paulo, Brasil, v. 9, p. 211–222, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087>>. Acesso em: 18 mar. 2024

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Terminologia: o que é e como se faz. *Ciências da Linguagem*, n. 1, 2012, p. 197- 229. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325768320\\_Terminologia\\_o\\_que\\_e\\_e\\_como\\_se\\_faz](https://www.researchgate.net/publication/325768320_Terminologia_o_que_e_e_como_se_faz). Acesso em: 23 mar. 2024.

ALMELA, Cristina Salas; FERNÁNDEZ, María Porrás-Isla. Proyecto COREMANS: criterios de intervención en pintura de caballete. Madrid: Secretaría General Técnica, Centro de Publicaciones, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2018, Disponível em: [https://www.libreria.cultura.gob.es/libro/proyecto-coremans-criterios-de-intervencion-en-pintura-de-caballete\\_5334/](https://www.libreria.cultura.gob.es/libro/proyecto-coremans-criterios-de-intervencion-en-pintura-de-caballete_5334/). Acesso em 28 mar. 2024.

ALVES, Juliana Rodrigues. *Patrimônio: gestão e sistema de informação*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Programa Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-06052012-203052/pt-br.php>. Acesso em: 29 set. 2023.

APPELBAUM, Barbara. *Conservation Treatment Methodology*. Lexington: [s.n.], 2010.

ASHLEY-SMITH, Jonathan. *Definitions of Damage*. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION OF ART HISTORIANS, Londres, 7-8. abr. 1995. Disponível em: <https://cool.culturalheritage.org/byauth/ashley-smith/damage.html>. Acesso em: 18 set. 2023.

ASHLEY-SMITH, Jonathan. *Risk assessment for object conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1999.

AUBERT, Francis Henrik. Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilíngüe. São Paulo, Humanitas Publicações-FFLCH/USP, 2000 (Cadernos de Terminologia, 2). Disponível em: [https://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/inline-files/Cad.%20Terminologia%20\\_0.pdf](https://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/inline-files/Cad.%20Terminologia%20_0.pdf). Acesso em 13 mar. 2024.

AZEVEDO, Diego Napoleão Viana. Teorias da terminologia: Descrição, prescrição e explicação. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 507–558, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n3p507>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BACA, Murta. A picture is worth a thousand words: metadata for art objects and their visual surrogates. In: JONES, Wayne; AHRONHEIM, Judith R.; CRAWFORD, Josephine (ed.). *Cataloging the Web: Metadata, AACR, and Marc21*. 2001.

BACA, Murtha *et al.* *Cataloguing Cultural Objects (CCO): a guide to describing cultural works and their images*. Chicago: American Library Association, 2006. Disponível em: < <https://www.vraweb.org/cco>. Acesso em: 14 jun. 2023.

- BAILÃO, Ana. Terminologia associada à conservação e restauro de pintura. *Conservar Patrimônio*, Lisboa, v. 18, p. 55-62, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.14568/cp2013010>. Acesso em: 13 maio 2024.
- BARAÇAL, Anaildo Bernardo. O Objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stransky. UNIRIO/MAST, 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [https://www.unirio.br/ppg-pmus/anaildo\\_bernardo\\_baracalatumualizadoemmaro2019.pdf](https://www.unirio.br/ppg-pmus/anaildo_bernardo_baracalatumualizadoemmaro2019.pdf). Acesso em: 27 mar. 2024.
- BARBOSA, Alessandra Andrade França. *Dicionário ilustrado de conservação de documentos gráficos*. São Paulo: USP, 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25092019-144259/publico/2018\\_AlessandraAndradeFrancaBarbosa\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25092019-144259/publico/2018_AlessandraAndradeFrancaBarbosa_VCorr.pdf). Acesso em: 09 maio 2023.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. (Cadernos de terminologia, 1). p. 23 – 45. Disponível em: [https://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/inline-files/Cad.%20Terminologia%201\\_1.pdf](https://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/inline-files/Cad.%20Terminologia%201_1.pdf). Acesso em: 12 fev. 2024.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de Paulo, 2004.
- BCIN - Bibliographic Database of the Conservation Information Network. Disponível em: <https://bcin.info/>. Acesso em 29 mar. 2022.
- BEVILACQUA, Gabriel Moore Forell. *Bancos de dados e informatização de arquivos: pressupostos teóricos e aplicações técnicas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. *Conceitos Básicos de Bases de Dados CDS/ISIS: iniciando o uso do CISIS*. Versão 3.X. São Paulo: BIREME; OPAS; OMS, 2005. Disponível em: <https://www.elysio.com.br/downloads/CISIS-ConceitosBasicos-pt.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- BOGDANOWSKA, Monika; KOMODZIŃSKI, Andreas (coord.). *Interdisciplinary Multilingual Dictionary*. Cracow: Cracow University of Technology. Disponível em: <http://www.imd.pk.edu.pl/>. Acesso em 24 mar. 2024.
- BOITO, Camillo. *Os Restauradores: conferência feita na Exposição de Turim em 7 de junho de 1884*. Tradução de Paulo Mugayar Kühl; Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. (Artes & Ofícios, 3).
- BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Elaboração de Terminologias: uma etapa necessária para a estruturação das disciplinas do campo da conservação-restauração. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO, 2, 2013, São João Del Rey. *Anais ....* São João Del Rey: PPGA-EBA-UFGM, 2013. p. 255-266.
- BOJANOSKI, Silvana de Fátima. *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação*. Pelotas: UFPel, 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/04/tese\\_Silvana\\_F\\_Bojanoski.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/04/tese_Silvana_F_Bojanoski.pdf). Acesso em: 25 jun. 2023.
- BOJANOSKI, Silvana; ALMADA, Márcia (org.). *Glossário ilustrado de conservação e restauração de obras em papel: danos e tratamentos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

*E-book*. Disponível em: <https://finotracoeditora.files.wordpress.com/2022/06/glossario-ilustrado-pt.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BOLÍVAR GALIANO; Fernando Carlos. Problemas de nomenclatura en la conservación y restauración del Patrimonio Histórico. revista PH, n. 11, p. 34-36, jun. 1995. Disponível em:

[https://www.academia.edu/70588021/Problemas\\_de\\_nomenclatura\\_en\\_la\\_conservaci%C3%B3n\\_y\\_restauraci%C3%B3n\\_del\\_Patrimonio\\_Hist%C3%B3rico](https://www.academia.edu/70588021/Problemas_de_nomenclatura_en_la_conservaci%C3%B3n_y_restauraci%C3%B3n_del_Patrimonio_Hist%C3%B3rico). Acesso em: 10 mar. 2024.

BOTTALLO, Marilúcia. A informação no museu. In: Seminário serviços de informação em museus, 1., 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011. p. 147–155.

BOWER, Jim; ROBERTS, Andrew (Ed.). *Developments in museum and cultural heritage information standards*. 2<sup>nd</sup> edition revised. The J. Paul Getty Trust; International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC), 2001.

BRASIL. Casa Civil. *Lei n. 11.904 de 14 de janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, 14 jan. 2009. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 25 jul. 2023.

BRITISH MUSEUM. *British Museum Materials Thesaurus*. Disponível em:

<http://www.vocabularyserver.com/materials/index.php>. Acesso em: 27. out. 2016.

BRUNO, Cristina. *Museus, coleções e patrimônios: da conservação à preservação*. São Paulo: Contexto, 2010.

BSI - British Standard Institute. *Informações sobre normas*. Disponível em:

<https://www.bsigroup.com/pt-BR/Normas/Informacoes-sobre-normas/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

BUCK, Rebecca; GILMORE, Jean Allman (Ed.). *Museum Registration Methods 5th Edition*. Washington DC: AAM Press, 2010.

BUZZANCA, Giancarlo. A user-friendly approach (... More about standards and customized menus in digital recording of condition). In: SCHMID, Werner (ed.). *Graphic documentation systems in mural painting conservation*. Rome: ICCROM, 2000. p. 147-160. Disponível em: [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000\\_schmid\\_gradoc\\_rome\\_77215\\_light.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.

CABALLERO ZOREDADA, Luis. A propòsito del "sistema de documentación para museos".

*Boletín de la ANABAD*, Tomo 33, Nº 3, 1983, p. 493-500. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=964749>. Acesso em: Acesso em: 20 jul. 2023.

CABRAL, Fernando. *Thesauri e os sistemas de gestão de colecções*. Lisboa. 16 nov. 2009. Apresentação em Power Point (não publicado).

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. Terminología y Documentación. In: *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra, 1999. p. 231-247.

CALVO MANUEL, Ana Maria (coord.). Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural 3: español - inglés - francés - italiano - alemán - portugués. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.14352/17413>. Acesso em: 15 maio 2023.

CALVO MANUEL, Ana Maria. Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos de la A a la Z. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.

CALVO MANUEL, Ana Maria. La normalización terminológica aplicada a la conservación y restauración de patrimonio cultural. In: CRESPO, Miguel Ángel Recio. *El Lenguaje sobre el patrimonio: estándares documentales para la descripción y gestión de colecciones*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2016. p. 128- 136. Disponível em: [https://www.academia.edu/35758746/La\\_normalizaci%C3%B3n\\_terminol%C3%B3gica\\_aplicada\\_a\\_la\\_conservaci%C3%B3n\\_y\\_restauraci%C3%B3n\\_de\\_patrimonio\\_cultural](https://www.academia.edu/35758746/La_normalizaci%C3%B3n_terminol%C3%B3gica_aplicada_a_la_conservaci%C3%B3n_y_restauraci%C3%B3n_de_patrimonio_cultural). Acesso em 23 jan. 2023.

CALVO MANUEL, Ana Maria. *Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural: Español - Inglés*. 2014. Proyecto de Innovación y Mejora de la Calidad Docente. Convocatoria 2014. N° de proyecto: 41. Facultad de Bellas Artes. Departamento de Pintura y Restauración. Disponível em: [https://www.academia.edu/96451322/Terminolog%C3%ADa\\_b%C3%A1sica\\_de\\_conservaci%C3%B3n\\_y\\_restauraci%C3%B3n\\_del\\_Patrimonio\\_Cultural\\_2\\_Espa%C3%B1ol\\_Ingl%C3%A9s\\_Franc%C3%A9s\\_Italiano\\_Alem%C3%A1n](https://www.academia.edu/96451322/Terminolog%C3%ADa_b%C3%A1sica_de_conservaci%C3%B3n_y_restauraci%C3%B3n_del_Patrimonio_Cultural_2_Espa%C3%B1ol_Ingl%C3%A9s_Franc%C3%A9s_Italiano_Alem%C3%A1n). Acesso em 09 mai. 2022.

CANADA. *NPS Museum Handbook: museum collections*. Quebec: National Park Service, 2006.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Cultura. Superintendência de Museus. Caderno de diretrizes museológicas 1. Belo Horizonte, 2002. p. 29-88.

CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

CARVALHO, Claudia Rodrigues de. *Plano de conservação preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa: documentação para preservação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Memória e Informação, [2010]. 6p. Projeto. Disponível em: [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2009/FCRB\\_Selecao\\_de\\_Bolsistas\\_2009\\_Plano\\_de\\_Conservacao\\_Preventiva\\_do\\_Museu\\_Casa\\_de\\_Rui\\_Barbosa.pdf](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2009/FCRB_Selecao_de_Bolsistas_2009_Plano_de_Conservacao_Preventiva_do_Museu_Casa_de_Rui_Barbosa.pdf). Acesso em: 18 nov. 2023.

CASSARES, Norma Cianflone. *Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000. (Projeto Como Fazer, v. 5.). Disponível em: [http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas\\_colecao\\_como\\_fazer/cf5.pdf](http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf). Acesso em: 25 out. 2023.

CCI - Canadian Conservation Institute. *Condition Reporting – Paintings. Part I: Introduction*. Ottawa: CCI, 2018. (CCI Notes 10/6). Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/condition-reporting-paintings-introduction.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

CCI - Canadian Conservation Institute. *Condition Reporting – Paintings. Part II: Examination Techniques and a Checklist*. Ottawa: CCI, 2018. (CCI Notes 10/7). Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/condition-reporting-paintings-introduction.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

CCI - Canadian Conservation Institute. *Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary*. Ottawa: CCI, 2017. (CCI Notes 10/11). Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/condition-reporting-paintings-introduction.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

CCQ - Centre de conservation du Québec. *Constats d'état*. Québec, Gouvernement du Québec, 2016. Disponível em: <https://ccq.gouv.qc.ca/index-id=165.html>. Acesso em 24 out. 2023.

CCQ - Centre de Conservation du Quebec. *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées*. Quebec, 2013. Disponível em: <https://www.ccq.gouv.qc.ca/index-id%3D90.html>. Acesso em: 26 abr 2018.

CEN - European Comitee for Stardadization. *EN 15898:2011. Conservation of cultural property – Main general terms and definitions*. 2011.

CEN - European Comitee for Stardadization. *EN 16095:2012. Conservation of cultural property - Condition recording for movable cultural heritage*. 2012.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. *A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Marília, 2009. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cervantes\\_bmn\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cervantes_bmn_do_mar.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.

CHAGAS, Mário. Millôr Fernandes e a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*. Reedição 1993-2012. Lisboa, v. 1; p. 181-186, 2016. Disponível em: [https://www.museologia-portugal.net/files/volume\\_1.pdf](https://www.museologia-portugal.net/files/volume_1.pdf). Acesso em 27 abr. 2024.

CHAGAS, Mário. *Museologia e Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CHENHALL, Robert; HOMULOS, Peter S. Museum data standards. *Museum*. Paris, v. XXX, n. 3/4, p. 205-212, 1978. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001272/127275eo.pdf#34327>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CHILE. Servicio Nacional del Patrimonio Cultural. *Tesouro de Arte & Arquitectura*. Recoleta, Chile: [2024]. Disponível em: <https://www.aatespanol.cl/>. Acesso em 23 maio. 2023.

CHIN - Canadian Heritage Information Network. Homepage. Ottawa: CHIN, 2024. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/heritage-information-network.html>. Acesso em: 16 mar. 2024.

CHIN - Canadian Heritage Information Network. *The Canadian Heritage Information Network's Data Dictionaries for the Humanities*. Ottawa: CHIN, 2013. Disponível em: <https://app.pch.gc.ca/application/ddrcip-chindd/description-about.app?lang=en>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CIDOC - International Committee for Documentation of the International Council of Museums. *Statement of principles of museum documentation: version 6.2*. Paris: CIDOC, 2012. Disponível em: [https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2018/12/principles6\\_2.pdf](https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2018/12/principles6_2.pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.

COLEÇÃO. In: HOUAISS, Grande Dicionário Houaiss. [S.l.]: UOL, [2024]. Disponível em: [houaiss.uol.com.br/](http://houaiss.uol.com.br/). Acesso em: 27/03/2024.

COLÔMBIA. Ministerio de Cultura. Dirección de Patrimonio. Centro Nacional de Restauración. *Manual para el cuidado de objetos culturales*. [Bogota]: Ministerio de

Cultura; Unesco, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/299074956/Manual-Para-El-Cuidado-de-Objetos-Culturales>. Acesso em: 13 mar. 2023.

COLÔMBIA. Ministerio de Cultura. Dirección de Patrimonio. *Manual para inventarios de bienes culturales muebles*. Bogotá D.C.: Ministerio de Cultura, 2005.

CONWAY, Paul. *Preservação no universo digital*. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. (Conservação preventiva em bibliotecas e arquivos, v. 52). Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/52.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CORFIELD, Michael. Conservation documentation. In: THOMPSON, John (ed.). *Manual of Curatorship*, 229-233. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1992.

COUNCIL OF EUROPE. *Guidance on inventory and documentation of the cultural heritage*. Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2009.

CREATIVE COMMONS. Disponível em: <https://creativecommons.org/>. Acesso em 20 de maio de 2024.

CT - Collections Trust. *Spectrum 4.0: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência, 2).

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DEMEROUKAS, Marie. Condition Reporting, In: BUCK, Rebecca A.; GILMORE, Jean Allman (Ed.). *Museum Registration Methods 5th Edition*. Washington DC: AAM Press, 2010, p. 223-232.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução de Bruno Brulon e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/902>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DOHERTY, Tiarna; WOOLLETT, Anne T. *Looking at paintings: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2009.

DORNHEIM, Sif Dagmar. *Conservation glossaries and encyclopedias online*. Osnabrück: Conservable Network, 2017. Disponível em: <https://www.conservable.net/en/knowledge/conservation-glossaries-and-encyclopedias-online>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ECCO - European Confederation of Conservator-Restorers' Organisations. *E.C.C.O. Professional Guidelines (I)*. Brussels: ECCO, 2002. Disponível em: [https://www.ecco-eu.org/wp-content/uploads/2021/03/ECCO\\_professional\\_guidelines\\_1.pdf](https://www.ecco-eu.org/wp-content/uploads/2021/03/ECCO_professional_guidelines_1.pdf). Acesso em: 25 out. 2023.

FADEL, Barbara. *Preservação de documentos: abordagens para a conservação de acervos*. Franca: Uni-Facef, 2020. *E-book*. Disponível em: [https://www.unifacef.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Revista\\_Preservacao\\_2020\\_E-book.pdf](https://www.unifacef.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Revista_Preservacao_2020_E-book.pdf). Acesso em: 09 maio 2023.

FASSINA, Vasco. European Technical Committee - CEN TC 346 - Conservation of Cultural Heritage. In: EUROPEAN HERITAGE HEADS FORUM. Potsdam/Berlin, May 23-



- 25, 2012. Disponível em: [https://ehhf.eu/wp-content/uploads/2020/11/Session\\_6\\_Fassina.pdf](https://ehhf.eu/wp-content/uploads/2020/11/Session_6_Fassina.pdf). Acesso em: 25 mar. 2024.
- FEILDEN, Bernard. The principles of conservation. *The UNESCO Courier*, Paris, v.9, n.5, p. 27- 8, mar. 1981. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000747/074736eo.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2010.
- FELBER, Helmut. *Terminology Manual*. Paris: Unesco-Infoterm, 1984. Disponível em: <https://archive.org/details/terminology-manual-by-h.-felber/page/43/mode/2up>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERREIRA, Filipe Daniel Silva. *Uma plataforma comum para os museus da U. Porto: gestão, processos e tecnologia*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/89716>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória. Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987. 2 v. (Série técnica, 1).
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia*, Rio de Janeiro: MINC; IPHAN, n. 2, p. 64-74, 1994.
- FERREZ, Helena Dodd. *Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal da Cultura, 2016. (Produção Fazer Arte). Disponível em: <http://tesauiomuseus.com.br>. Acesso em 03 jul. 2023.
- FROMM, Guilherme. Ensino de terminologia: trabalhando com site e bando de dados. *Debate Terminológico*, [S. l.], n. 06, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/23984>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- FRONER, Yacy-Ara Froner. *Os domínios da memória: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação*. 2001. 513 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FRONER, Yacy-Ara. Memória e preservação: a construção epistemológica da Ciência da Conservação. *Evento Memória e Informação*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. Disponível em: [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo\\_info/mi\\_2007/FCRB\\_MI\\_Memoria\\_e\\_Preservacao\\_A\\_construcao\\_epistemologica\\_da\\_Ciencia\\_da\\_Conservacao.pdf](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2007/FCRB_MI_Memoria_e_Preservacao_A_construcao_epistemologica_da_Ciencia_da_Conservacao.pdf). Acesso em: 14 jan. 2024.
- GCI -The Getty Conservation Institute. *Abstracts of International Conservation Literature - AATA Online*. Disponível em: <https://aata.getty.edu/primo-explore/search?vid=AATA>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- GIANNINI, Cristina. *Dizionario del restauro: Tecniche Diagnostica Conservazione*. Florença: Nardini Editore, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/24940276/Dizionario\\_del\\_restauero\\_Tecniche\\_Diagnostica\\_Conservazione](https://www.academia.edu/24940276/Dizionario_del_restauero_Tecniche_Diagnostica_Conservazione). Acesso em: 10 mar. 2024.
- GODONOU, Alain. Documentation in the service of conservation: an African training experiment. *Museum International: Preventive Conservation*. Paris: UNESCO, 2000, v. 51, n. 1, jan. 1999. p. 28-32. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001149/114933e.pdf#114939>. Acesso em: 23 jul. 2023.

GONZÁLEZ MOZO, Ana. Estudio y documentación de obras de arte. In: MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria; GONZÁLEZ MOZO, Ana. *La conservación y la restauración en el siglo XX*. 2. ed. Madrid: Tecnos; Alianza, 2004, 232 p. (Colección Neometrópolis).

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio. *Conservación de bienes culturales: teoría, historia, principios y normas*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Patrimônio em Rede. *Manual de identificação de patrimônio artístico*. 2. ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2012.

GRI - The Getty Research Institute. *Art & Architecture Thesaurus (AAT)*: Editorial Guidelines. Disponível em:

<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/guidelines/index.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

GRI - The Getty Research Institute. *Art & architecture thesaurus online*. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/aat/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

GRI - The Getty Research Institute. *Getty Vocabularies*. Disponível em:

<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/index.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GUICHEN, Gaël de. La Conservation Préventive: un changement profonde de mentalité.

ICOM-CC, *Cahier d'étude Comité de Conservation*, 1995. Disponível em

[https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/04/1\\_ICOM-CC.pdf](https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/04/1_ICOM-CC.pdf). Acesso em: 23 jul. 2023.

GUICHEN, Gaël de. Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change?

*Museum International: Preventive Conservation*. Paris: UNESCO, 1999, v. 51, n. 1, p. 4-6, jan. 1999. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001149/114933e.pdf#114939>. Acesso em: 23 jul. 2023.

HARPRING, Patricia. *Introdução aos vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais*. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado; Pinacoteca de São Paulo; ACAM Portinari, 2016. (*Gestão e documentação de acervos: textos de referência*, 4).

HENDERSON, Jane. Beyond lifetimes: who do we exclude when we keep things for the future? In: *Journal of the Institute of Conservation*, London, v. 43, n. 3, p. 195–212, 2020.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19455224.2020.1810729>.

Acesso em: 19 abr. 2024.

HERITAGE COLLECTIONS COUNCIL. *Damage and Decay*. Canberra: Heritage Collections Council, 1998. Disponível em: [https://aiccm.org.au/wp-content/uploads/2020/01/3\\_damage\\_and\\_decay.pdf](https://aiccm.org.au/wp-content/uploads/2020/01/3_damage_and_decay.pdf). Acesso em: 16 ago. 2023.

HERITAGE, Adrian. Documentation in the fourth dimension. In: SCHMID, Werner (ed.).

*Graphic documentation systems in mural painting conservation*. Rome: ICCROM, 2000. p.

75-82. Disponível em: [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf)

[02/2000\\_schmid\\_gradoc\\_rome\\_77215\\_light.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.

HERNÁNDEZ, Francisca. *Manual de Museologia*. Madrid: Editorial Síntesis, 1994.

HOMULOS, Peter. The Canadian National Inventory Programme. *Museum*. Paris, v. 30, n. 3/4, p. 153-159, 1978. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001272/127275eo.pdf#34327>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ICOM - BR - Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. *Código de ética do ICOM para museus: versão lusófona*. São Paulo: ICOM-BR; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2009. Disponível em: [https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo\\_de\\_etica\\_lusofono\\_iii\\_2009.pdf](https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf). Acesso em: 10 mar. 2024.

ICOM - International Council of Museums. *ICOM code of ethics for museums*. Paris: ICOM, 2006. Disponível em: [https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo\\_etica\\_ing.pdf](https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_etica_ing.pdf). Acesso em: 10 mar. 2024.

ICOM - International Council of Museums. *ICOM code of ethics for museums*. Paris: ICOM, 2017. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-code-En-web.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ICOM-CC - International Council of Museums Comitee for Conservation. *Working Groups - Paintings*. Disponível em: <https://www.icom-cc.org/en/working-groups/paintings>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ICOM-CC - International Council of Museums Comitee for Conservation. *Working Groups*. Disponível em: <https://www.icom-cc.org/en/working-groups/list>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ICOM-CC. *Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage*. 2008. Disponível em: <https://www.icom-cc.org/en/downloads/icom-cc-resolution-terminology-english>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. *Illustrated glossary on stone deterioration patterns*. Paris: ICOMOS-ISCS, 2008. E-book. Disponível em: [https://www.icomos.org/publications/monuments\\_and\\_sites/15/pdf/Monuments\\_and\\_Sites\\_15\\_ISCS\\_Glossary\\_Stone.pdf](https://www.icomos.org/publications/monuments_and_sites/15/pdf/Monuments_and_Sites_15_ISCS_Glossary_Stone.pdf). Acesso em: 26 abr 2023.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. *International charters for conservation and restoration: monuments and sites I*. 2. ed. Paris: ICOMOS, 2004. Disponível em: [https://openarchive.icomos.org/id/eprint/431/1/Monuments\\_and\\_Sites\\_1\\_Charters.pdf](https://openarchive.icomos.org/id/eprint/431/1/Monuments_and_Sites_1_Charters.pdf). Acesso em 26 out. 2023.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. *Principles for the recording of monuments, buildings and sites for groups*: text ratified by the 11th ICOMOS General Assembly. Sofia, out. 1996. Disponível em: <https://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/387-principles-for-the-recording-of-monuments-groups-of-buildings-and-sites-1996>. Acesso em 26 out. 2023.

ICON - The Institute of Conservation. *Conservation glossary*. London, [2023]. Disponível em: <https://www.icon.org.uk/resources/caring-for-your-collection/conservation-glossary.html>. Acesso em 20 mar. 2023.

ICON - The Institute of Conservation. *Conservation reports*. London, [2023]. Disponível em: <https://www.icon.org.uk/asset/58A43D59-06CB-437B-AA26A642B31706DD/>. Acesso em 20 mar. 2023.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 10241-1:2011: terminological entries in standards: part 1: general requirements and examples of presentation*. Geneva: ISO, 2011.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 10241-2:2012: terminological entries in standards: part 2: adoption of standardized terminological entries*. Geneva: ISO, 2012.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 1087-1:2000: terminology work: vocabulary: part 1: theory and application*. Geneva: ISO, 2000.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 15188:2001: project management guidelines for terminology standardization*. Geneva: ISO, 2001.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 704:2022: terminology work: principles and methods*. Geneva: ISO, 2022.

ISO - International Organization for Standardization. *ISO 860:2007: terminology work: harmonization of concepts and terms*. Geneva: ISO, 2007.

JORGE, Natália Maria da Costa *et al.* *Os vocabulários controlados na organização e gestão de informação sobre patrimônio cultural: orientações práticas*. Porto: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivista e Documentalistas (BAD), fevereiro de 2017. Disponível em: [http://www.bad.pt/noticia/wp-content/uploads/2017/04/Guia\\_VocabulariosControlados\\_final-1.pdf](http://www.bad.pt/noticia/wp-content/uploads/2017/04/Guia_VocabulariosControlados_final-1.pdf). Acesso em: 02 mar. 2023.

JORGE, Natália Maria da Costa. *Ensaio sobre o AAT- Art & Architecture Thesaurus: proposta terminológica de adaptação à realidade portuguesa*. 2011. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/57042>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KEENE, Suzanne. Collections condition. In: \_\_\_\_\_. *Managing Conservation in Museums*. 2. Ed. New York: Routledge, 2002. p. 138-147.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia técnico-científica: políticas linguísticas e Mercosul. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, jun. 2006. p.45-48. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200017&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200017&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 08 set 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. In: ABECAN, 2005. Disponível em: [/www.ufrgs.br/termisul/files/file112160.pdf](http://www.ufrgs.br/termisul/files/file112160.pdf). Acesso em: 21 mai. 2023.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Conservação-Restauração: Notas sobre a Carta de Veneza. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.18. n.2. p. 287-320. jul.- dez. 2010.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Os restauradores e o Pensamento de Camilo Boito sobre a restauração. In: BOITO, Camillo. *Os Restauradores: conferência feita na Exposição de Turim em 7 de junho de 1884*. Tradução de Paulo Mugayar Kühl; Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. (Artes & Ofícios, 3).

LADKIN, Nicola. Gestão do Acervo. In: BOYLAN, Patrick J. (ed). *Como gerir um museu: manual prático*. França: ICOM, 2004. p.17-32. Disponível em: [unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf). Acesso em: 7 out. de 2023.

LARA, Maria Lopes Ginez de; TÁLAMO, M. F. Uma experiência na interface Linguística Documentária e Terminologia. *DataGramaZero*, v.8 n.5, out. 2007, [s.p.]. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/03/uma-experic3aancia-na-interface-lingc3bcc3adstica-documentc3a1ria-e-terminologia.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

LARA, Maria Lopes Ginez de. *Elementos de terminologia*. São Paulo: [S.I.], 2005. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/03/elementos-de-terminologia.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

LARA, Maria Lopes Ginez de. Termos e conceitos da área de comunicação e produção científica. In: POBLACION, Dianh; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da Silva (org.). *Comunicação & Produção Científica: contexto, indicadores e avaliação*. São Paulo: Angellara, 2006.

- LEÃO, Alexandre Cruz; ASEVEDO, Samara Santos. *Projeto Acervo Artístico da UFMG: Manual de fluxo de trabalho para imagens digitais*. UFMG, 2018 (não publicado).
- LEBLANC, François; EPPICH, Rand. Documenting our past for the future. *The Getty Conservation Institute Newsletter*, Los Angeles, v. 20, n. 3, p.5-9, 2005. Disponível em: [http://www.getty.edu/conservation/publications/newsletters/20\\_3/](http://www.getty.edu/conservation/publications/newsletters/20_3/). Acesso em: 4 ago. 2022.
- LEITNER, Heintz. Visions and realities in computer-aided documentation for a private conservator: documentation is never done! In: SCHMID, Werner (ed.). *Graphic documentation systems in mural painting conservation*. Rome: ICCROM, 2000. p. 107-113. Disponível em: [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000\\_schmid\\_gradoc\\_rome\\_77215\\_light.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. Imagens da arte musealizadas e patrimonializadas contam história... *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 43, n. 3, set./dez., p. 47-70, 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/3955/3772>. Acesso em: 28 maio 2024.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.379-398, set./dez., 2013. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/3955/3772>. Acesso em: 28 maio 2024.
- LINKED CONSERVATION DATA. *Conservation controlled vocabularies*. London: Linked Conservation Data, [2023]. Disponível em: <https://www.ligatus.org.uk/lcd/controlled-vocabularies>. Acesso em: 12 out. 2023.
- LOPES, Romilda. *Desenvolvimento da definição museu de acordo com estatutos do ICOM (1946 - 2001)*. 2013. Disponível em: [https://pt.scribd.com/document/189673635/Desenvolvimento-da-definicao-Museu-de-acordo-com-Estatutos-do-ICOM-1946-2001?doc\\_id=189673635&order=656788681](https://pt.scribd.com/document/189673635/Desenvolvimento-da-definicao-Museu-de-acordo-com-Estatutos-do-ICOM-1946-2001?doc_id=189673635&order=656788681). Acesso em: 13 mar. 2024.
- LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. *Midas - Museus e Estudos Interdisciplinares*. vol.1, 2013. 11p. Disponível em: <http://midas.revues.org/78>. Acesso em: Setembro de 2015.
- LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus. A documentação museológica entre a arte e a ciência. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia Niemeyer Matheus (Orgs.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, p. 24-32, 2008. (MAST Colloquia, 10).
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.
- MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria; GONZÁLES MOZO, Ana. *La conservación y la restauración en el siglo XX*. Madrid: Tecnos; Alianza, 1998.
- MACIEL, Ana Maria Becker. Termisul e informática: caminho percorrido e horizonte a alcançar. *Organon*, Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011. DOI: 10.22456/2238-8915.28338. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28338>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- MAIMONE, Giovana Deliberati; TÁLAMO, Maria de Fátima Moreira. Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesouros em ciência da informação. *DataGramZero*, v.12 n.2, abr. 2011, [s.p.]. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/03/uma-experic3ancia-na-interface-lingc3bcc3adstica-documentc3a1ria-e-terminologia.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MARÍN TORRES, María Teresa. *Historia de la documentación museológica: la gestión de la memoria artística*. Espanha: Editora Trea, 2002.

MAST - Museu De Astronomia e Ciências Afins. *Política de preservação de acervos institucionais*. 1995. Disponível em: [https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/1995/politica\\_de\\_preservacao\\_de\\_acervos\\_institucionais.pdf](https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/1995/politica_de_preservacao_de_acervos_institucionais.pdf). Acesso em: 27 mar. 2023.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. A importância da documentação e gestão das coleções na qualidade e certificação dos museus. *Ensaios e práticas em Museologia*, v. 1, p.5-22, 2011. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8932.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. A importância das normas para os museus e seus sistemas de informação. *Notícia BAD: jornal da associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas e documentalistas*. 15 maio 2013. Disponível em: <http://www.bad.pt/noticia/2013/05/15/a-importancia-das-normas-para-os-museus-e-seus-sistemas-de-informacao/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. Normalização de procedimentos nas coleções museológicas. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, v. 3, p. 27-35, 2010. Porto: Biblioteca Digital Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8620.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. Nota sobre a tradução do SPECTRUM em Portugal. In: COLLECTIONS TRUST. *Spectrum 4.0: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência, 2). p. 13-17.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. *Os sistemas de informação na gestão de coleções museológicas: contribuições para a certificação de museus*. 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/13038>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. *SPECTRUM: uma norma de gestão de coleções para os museus portugueses*. 2012. Tese (Doutorado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/67304>. Acesso em: 29 jul. 2023.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. *The Modern Paint Damage Atlas*. Disponível em: <https://paint.tool.cultureelerfgoed.nl/>>. Acesso em 25 maio 2024.

MAYER, Ralph. Manual do Artista: de materiais e técnicas. 2. Ed. Tradução de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MENDONÇA, Elizabete de Castro; SOUSA, Jaddy Nascimento Parovszky Gomes de. Coleções visitáveis: relato de experiência entre as práticas de ensino sobre documentos em museus e de pesquisa para a gestão na UNIRIO. *Revista CPC*, São Paulo, v. 15, n. 30 esp., p. 375-398, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/172747>. Acesso em: 25 maio 2024.

MENDONÇA, Elizabete de Castro. Museu, patrimônio imaterial e performance: desafios dos processos de documentação para a salvaguarda de bens registrados. *Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.]*, v. 9, n. 18, p. 177-208, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/34749>. Acesso em: 27 abr. 2024.

- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoas no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.
- MENSCH, Peter van. Society, Object, Museology. In: *Collecting today for tomorrow*. Leiden: ICOFOM, 1984, p. 18-23. (ICOFOM Study Series 6). Disponível em: <https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/icofom-study-series-archive/>. Acesso em 28 maio. 2023.
- MENSCH, Peter van. The object as data carrier. In: \_\_\_\_\_. Towards a methodology of Museology. Zagreb, 1992. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade de Zagreb, 1992. Disponível em: <https://vana.muuseum.ee/uploads/files/mensch12.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- MINDMEISTER. Disponível em: <https://www.mindmeister.com/>. Acesso em: 25 out. 2023.
- MOORE, Michelle, Conservation Documentation and the Implications of Digitisation. *Journal of Conservation and Museum Studies*, London, n. 7, p. 6-10, 2001. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/jcms.7012>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- MOSCIARO, Clara. Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas. Rio de Janeiro: Funarte, 2009. (Cadernos técnicos nº 6). Disponível em: [https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/artes-integradas-1/centro-de-conservacao-e-preservacao-fotografica-da-funarte-ccpf/cadernos-tecnicos/cadernos\\_tecnicos\\_6\\_montado1.pdf](https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/artes-integradas-1/centro-de-conservacao-e-preservacao-fotografica-da-funarte-ccpf/cadernos-tecnicos/cadernos_tecnicos_6_montado1.pdf). Acesso em: 27 ago. 2023.
- MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Contemporary Theory of Conservation*. Oxford: Elsevier, 2005.
- MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Teoría contemporánea de la restauración*. Madrid: Editorial Síntesis, 2010.
- NAGEL VEGA, Lina [ed.]. *Manual de registro y documentación de bienes culturales*. Santiago: Centro de Documentación de Bienes Patrimoniales - DIBAM, 2008.
- NICOLAUS, Knut. *The Restoration of Paintings*. Cologne: Konemann, 1999.
- NOLL-MINOR, Mechthild. Conservation-restoration and conservation science: the challenge of transdisciplinarity. In: SCHÄDLER-SAUB, Ursula; SZMYGIN, Bogusław. *Conservation ethics today: are our conservation-restoration theories and practice ready for the 21st century?* Florence; Lublin: International Scientific Committee for Theory and Philosophy of
- NUGEP - Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Disponível em: <https://nugepunirio.wordpress.com/>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- ODDON, Yvonne. Elements of Museum Documentation: Eléments de documentation muséographique. In: *Report on a museographical mission in Jos (Nigeria): February 26 - April 8, 1968*. Nigeria: Jos Museum, 1968. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001580/158018mb.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- OLCINA, Paulette. Perspectives. *Museum*. Paris, v. XXX, n. 3/4, p. 218-220, 1978. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001272/127275eo.pdf#34327>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- OLIVEIRA JUNIOR, Albino Barbosa. *Sistemas de documentação museológica na Fundação Joaquim Nabuco: análises e proposições*. 2014. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11704>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- PAGLIONE, Camila Zanon. (2017). *Glossário visual de conservação: um guia de danos comuns em papéis e livros*. Disponível em:

[https://www.bbm.usp.br/sites/default/files/publicacoes/bbm\\_glossario\\_visual\\_conservacao.pdf](https://www.bbm.usp.br/sites/default/files/publicacoes/bbm_glossario_visual_conservacao.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

PANISSET, Ana Martins. *A documentação como ferramenta de preservação: protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG*. 2017. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PANISSET, Ana Martins. *O inventário como ferramenta de diagnóstico e conservação preventiva: estudo de caso da coleção "Santos de Casa" de Marcia de Mora Castro*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PASCUAL, Eva; PATIÑO, Mireia. *O restauro de pintura*. Lisboa: Editorial Estampa, 2003. (Coleção Artes e Ofícios).

PASTOR VALLS, Maria Teresa. *Estudio de sistemas y tratamientos de estabilización de capas pictóricas no protegidas en pintura contemporánea: criterios y metodologías de actuación*. València: Editorial Universitat Politècnica de València, 2014. Disponível em: <https://riunet.upv.es/handle/10251/34784>. Acesso em: 12 set. 2024.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. *Manual de Terminologia*. Tradução: Enilde Faulstich. Québec: Ministro de Obras Públicas e Serviços Governamentais do Canadá, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/70128267/PAVEL-NOLET-Manual-Terminologia>. Acesso em: 23 jun. 2023.

PEARCE, Susan M. The urge to collect. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Interpreting objects and collections*. New York: Routledge, 2001. p. 157-159.

PETZET, Michael. In: ICOMOS - INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. *Illustrated glossary on stone deterioration patterns*. Paris: ICOMOS-ISCS, 2008. E-book. Disponível em: [https://www.icomos.org/publications/monuments\\_and\\_sites/15/pdf/Monuments\\_and\\_Sites\\_15\\_ISCS\\_Glossary\\_Stone.pdf](https://www.icomos.org/publications/monuments_and_sites/15/pdf/Monuments_and_Sites_15_ISCS_Glossary_Stone.pdf). Acesso em: 26 abr 2023.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. 1. Memória-História. Tradução Suzana Ferreira Borges. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1997. v. 1. p. 51-86.

POOLE, Nick. *Where next for Museum Standards*. London: Collections Trust, 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/nickpoole/where-next-for-museum-standards>. Acesso em: 7 set. 2023.

PRESERVAÇÃO. In: HOUAISS, Grande Dicionário Houaiss. [S.l.]: UOL, [2024]. Disponível em: [houaiss.uol.com.br/](https://houaiss.uol.com.br/). Acesso em: 27/03/2024.

PURSCHE, Jurgen. Documentation in restoration: possibilities and limits of visual documentation for mural paintings. In: SCHMID, Werner (ed.). *Graphic documentation systems in mural painting conservation*. Rome: ICCROM, 2000. p. 51-74. Disponível em: [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000\\_schmid\\_gradoc\\_rome\\_77215\\_light.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.

RAMOS, Claudinéli Moreira. Documentação e conservação de acervos: requisitos para a preservação patrimonial. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. *Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/ACAM Portinari, 2010.

RAMOS, Joana; VASCONCELOS, Elisa; PINTO, Maria Manuela. As TIC em museus: mais um passo para a convergência? *Páginas a&b*, s. 3, n. 1, p. 3–13, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/569>. Acesso em 26 jun. 2023.



- REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Terminologia - Reconstrução histórica dos principais paradigmas epistemológicos da ciência terminológica. *Tradterm*, São Paulo, Brasil, v. 16, p. 343–364, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46324>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- ROBERTS, Andrew. National and International Museum Information Standards Initiatives. RECOMDOC, 1992, p. 125-129. Disponível em: [http://www.cimec.ro/Metodologie/PDF/RECOMDOC-92-Conference-Museum-and-Cultural-Heritage-Documentation\\_131-Andrew-Roberts.pdf](http://www.cimec.ro/Metodologie/PDF/RECOMDOC-92-Conference-Museum-and-Cultural-Heritage-Documentation_131-Andrew-Roberts.pdf). Acesso em 7 set. 2023.
- ROSENFIED, Lenora Lerrer. *Glossário técnico de conservação e restauração em pintura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- SALVAGUARDA. In: HOUAISS, Grande Dicionário Houaiss. [S.l.]: UOL, [2024]. Disponível em: [houaiss.uol.com.br/](http://houaiss.uol.com.br/). Acesso em: 27/03/2024.
- SANDU, Irina Crina Anca; SPIRIDON-URSU, Petronela; SANDU, Ion. Current studies and approaches in the field of cultural heritage conservation science: harmonizing the terminology an interdisciplinary context. *International Journal of Conservation Science*, v. 7, n. 3, p. 591 – 606, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/310514882\\_Current\\_studies\\_and\\_approaches\\_in\\_the\\_field\\_of\\_cultural\\_heritage\\_conservation\\_science\\_Harmonising\\_the\\_terminology\\_in\\_an\\_interdisciplinary\\_context](https://www.researchgate.net/publication/310514882_Current_studies_and_approaches_in_the_field_of_cultural_heritage_conservation_science_Harmonising_the_terminology_in_an_interdisciplinary_context). Acesso em: 09 maio 2023.
- SCHEINER, Tereza. *Museologia, ciência e profissão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- SPERBERG-MCQUEEN, C. Michael; BURNARD, Lou (ed.). *Text Encoding Initiative: terminological databases*. [S.l.], 2004. Disponível em: <https://tei-c.org/Vault/P4/doc/html/TE.html>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- TÁLAMO, Maria de Fátima Moreira.; LARA, Maria Lopes Ginez de. Interface entre linguística, terminologia e documentação. *BJIS*, v.3, n.2, p.58-74, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/361>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- TEIXEIRA, Suzi da Costa. *Diálogos interdisciplinares nas dinâmicas de informação das técnicas e práticas de conservação-restauração de pinturas em museus de arte*. IBICT/UFRJ, 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1093>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- TERMISUL - Projeto Terminológico Cone Sul. Porto Alegre: UFRGS, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/termisul/index.php>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary for paintings*. West Palm Beach, 2022. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1170](http://www.art-conservation.org/?page_id=1170). Acesso em: 05 out. 2023.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary for works on paper*. West Palm Beach, 2023. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1189](http://www.art-conservation.org/?page_id=1189). Acesso em: 05 out. 2018.
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization; ICCROM - International Council on Monuments and Sites; ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. *Documento de Nara sobre a autenticidade*. Tradução de António de Borja Araújo. 06 de novembro de 1994. Disponível em: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/documento-de-nara-sobre-a-autenticidade.pdf>. Acesso em 26 out. 2023.
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. *Meeting of experts on the modern methods of inventory of movable cultural property: final report*.

Paris: Unesco, 1976. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0002/000212/021212EB.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

*Recomendação sobre a proteção dos bens culturais móveis*. Tradução de Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. Paris: Unesco, 1978. Disponível em:

<https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/24%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20bens%20culturais%20m%C3%B3veis%20-%20UNESCO%201978.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

UCM - Universidad Complutense Madrid. Proyecto Cabinet. *Diccionarios y glosarios*.

Madrid: Universidad Complutense Madrid, [s.d]. Disponível em:

<https://www.ucm.es/ficherocibernetico/diccionarios-y-glosarios>. Acesso em 25 mar. 2024.

UCM - Universidad Complutense Madrid. Proyecto Cabinet. *Glosario: estado y danõs*.

Madrid: Universidad Complutense Madrid, 2003. Disponível em:

<https://www.ucm.es/ficherocibernetico/estado-y-danos>. Acesso em 25 mar. 2024.

VAN HORN, Deborah Rose; CULLIGAN, Heather; MIDGETT, Corinne (ed.). *Basic Condition Reporting: a handbook*. 4. Ed. Lanhan: Rowman & Littlefield, 2015.

VELIOS, Athanasios. Online event-based conservation documentation: a case study from the IIC website. *Studies in Conservation*, London, 2016, vol. 61, n. 1, p. 13-25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1179/2047058415Y.0000000002>. Acesso em: 26 mar. 2024.

WALCH, Victoria Irons *et al.* Report of the Working Group on Standards for Archival Description. *American Archivist*, Chicago, v. 52, n. 4, p. 440-461, Fall 1989. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/american-archivist/article/52/4/431/23361/Archival-Description-Standards-Establishing-a>. Acesso em: 17 nov. 2023.

WALLER, Robert. Comprehensive risk assessment: applying the Cultural Property Risk Analysis Model to the Canadian Museum of Nature. *In: LINKOV, Igor; FERGUSON, Elizabeth; MAGAR, Victor S. Real-time and deliberative decision making*. Heidelberg: Springer, 2008. p.179-190.

WCCFA - WESTERN CENTER FOR THE CONSERVATION OF FINE ARTS. Denver; Miami: WCCFA, 2014. Disponível em: <https://www.wccfa.com/>. Acesso em 13 mar. 2024.

WCCFA - WESTERN CENTER FOR THE CONSERVATION OF FINE ARTS. *Painting Conservation Glossary*. Disponível em:

<https://static1.squarespace.com/static/5fda44c03110fa25fa884aa7/t/5fdaaa1e1bda5248f30261b2/1608165920717/PaintingConservationGlossary.pdf>. Acesso em 24 mar. 2023.

WENTZ, Pnina. Museum information systems: the case for computerisation. *In: Fahey, Anne(ed) Collections Management*. 198-210. London: Routledge, 1995.

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros. *PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. v. 13, n. 29, set-dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>. Acesso em: 26 mar. 2024.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. Marília: UNESP, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda\\_sn\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf). Acesso em 15 ago. 2023.

ZEHNDER, Konrad. Basic concepts of documentation. *In*: SCHMID, Werner (ed.). *Graphic documentation systems in mural painting conservation*. Rome: ICCROM, 2000. p. 7-15. Disponível em: [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000\\_schmid\\_gradoc\\_rome\\_77215\\_light.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-02/2000_schmid_gradoc_rome_77215_light.pdf). Acesso em 23 mar. 2024.

## APÊNDICES



**APÊNDICE A**  
**LEVANTAMENTO DE GLOSSÁRIOS E**  
**OUTROS PRODUTOS TERMINOGRÁFICOS**



AIC - American Institute for Conservation. *BPG Glossary of Terms*. [Washington DC]: AIC, 2009. Disponível em: [http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG\\_Glossary\\_of\\_Terms](http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG_Glossary_of_Terms). Acesso em: 26 abr. 2023.

AIC - American Institute for Conservation. *Lexicon Terms*. [Washington DC]: AIC, 2012. Disponível em: [http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG\\_Glossary\\_of\\_Terms](http://www.conservation-wiki.com/wiki/BPG_Glossary_of_Terms). Acesso em: 26 abr. 2023.

AICCM - The Australian Institute for the Conservation of Cultural Material. *Visual Glossary*. Moonah: AICCM, [2023]. Disponível em: <https://aiccm.org.au/conservation/visual-glossary>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ALA - American Library Association. Association of College & Research Libraries. Bibliographic Standards Committee of the Rare Books and Manuscripts Section. *RBMS Controlled Vocabularies: Paper Terms*. Chicago, 2014. Disponível em: <https://rbms.info/vocabularies/paper/th9.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

ALMELA, Cristina Salas; FERNÁNDEZ, María Porrás-Isla. *Proyecto COREMANS: criterios de intervención en pintura de caballete*. Madrid: Secretaría General Técnica, Centro de Publicaciones, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2018. Disponível em: [https://www.libreria.cultura.gob.es/libro/proyecto-coremans-criterios-de-intervencion-en-pintura-de-caballete\\_5334/](https://www.libreria.cultura.gob.es/libro/proyecto-coremans-criterios-de-intervencion-en-pintura-de-caballete_5334/). Acesso em 28 mar. 2024.

ART RESTORATIONS. Glossary of conservation terms. London: Art Restorations, 2019. Disponível em: <https://www.artrestorations.co.uk/glossary/>. Acesso em 24 mar. 2024.

ARTNET. *Condition Report Terms*. New York: Artnet Worldwide Corporation, 2024. Disponível em: <https://www.artnet.com/auctions/glossary#ConditionReportTerms>. Acesso em 24 mar. 2024.

AUST, Laura Stirton. ARTcare. *Paper Conservation Terms*. New York: ARTcare, [2024]. Disponível em: [https://www.artcareinc.com/Paper\\_Conservation\\_Terms.html](https://www.artcareinc.com/Paper_Conservation_Terms.html). Acesso em 24 mar. 2024.

BACHMAN, Rebecca. *Video Preservation: Glossary of Terms*. Minneapolis: Walker Art Center Archives, 1996. Disponível em: <https://cool.culturalheritage.org/byorg/bavc/bavcterm.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

BARBOSA, Alessandra Andrade França. *Dicionário ilustrado de conservação de documentos gráficos*. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2019.tde-25092019-144259>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BOGDANOWSKA, Monika; KOMODZIŃSKI, Andreas (coord.). *Interdisciplinary Multilingual Dictionary*. Cracow: Cracow University of Technology, [2024]. Disponível em: <http://www.imd.pk.edu.pl/>. Acesso em 24 mar. 2024.

BOJANOSKI, Silvana de Fátima. *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação*. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/04/tese\\_Silvana\\_F\\_Bojanoski.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/04/tese_Silvana_F_Bojanoski.pdf). Acesso em: 25 jun. 2023.

BOJANOSKI, Silvana; ALMADA, Márcia (org.). *Glossário ilustrado de conservação e restauração de obras em papel: danos e tratamentos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. *E-book*. Disponível em: [https://finotracoeditora.files.wordpress.com/2022/06/glossario-ilustrado\\_pt.pdf](https://finotracoeditora.files.wordpress.com/2022/06/glossario-ilustrado_pt.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.

BROADWAY FINE ART. *A glossary of useful words and terms*. Northampton: Broadway Fine Art, [2024]. Disponível em: <http://www.broadwayfineart.co.uk/info/glossary-of-terms/>. Acesso em 24 mar. 2024.

BURICA INC. FINE ART CONSERVATION AND RESTORATION. *Glossary of Fine Art Conservation & Art Restoration Terms*. New York: Burica Inc. Fine Art Conservation and Restoration, 2023. Disponível em: <https://www.fineartconservation.com/glossary/>. Acesso em: 16 maio 2023.

CALVO MANUEL, Ana Maria (coord.). *Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural - C+R Terminología*. 2. ed. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322581541\\_Terminolog'ia\\_basica\\_de\\_conservacion\\_y\\_restauracion\\_del\\_Patrimonio\\_Cultural\\_2\\_Espanol--Ingles--Frances--Italiano--Aleman](https://www.researchgate.net/publication/322581541_Terminolog'ia_basica_de_conservacion_y_restauracion_del_Patrimonio_Cultural_2_Espanol--Ingles--Frances--Italiano--Aleman). Acesso em: 15 maio 2023.

CALVO, A. (1997): *Conservación y restauración: Materiales, técnicas y procedimientos*. De la A a la Z. Barcelona: Ediciones del Serbal.

CAMP, Kristel Van. Damage Atlas for Photographic materials: analog objects. *CeROArt - EGG 2010 - Horizons*, [s. l.], n. 1, nov. 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ceroart/1770>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CAVALCANTE, Annelise Pimentel; CAVALCANTE, Marta Maria Pimentel. *Minidicionário Conservação e Preservação de Documentos*. Maceió: EDUFAL, 2021. *E-book*. Disponível em: [www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8878/1/MINIDICIONÁRIO\\_e-book.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8878/1/MINIDICIONÁRIO_e-book.pdf). Acesso em: 09 maio 2023.

CCI - Canadian Conservation Institute. *Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11*. Ottawa: CCI, 2017. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/condition-reporting-paintings-glossary.html>. Acesso em: 09 maio 2023.

CCQ - Centre de Conservation du Quebec. *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées*. Quebec: CCQ, 2013. Disponível em: <https://www.ccq.gouv.qc.ca/index-id%3D90.html>. Acesso em: 26 abr. 2018.

CHILE. Servicio Nacional del Patrimonio Cultural. *Tesouro de Arte & Arquitectura*. Recoleta, Chile: Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, [2024]. Disponível em: <https://www.aatespanol.cl/>. Acesso em 23 mar. 2024.

COBRA, M. J. T. Q. *Pequeno Dicionário de Conservação e Restauração de Livros e Documentos*. [S.l.]: Edições Cobra Pages, 2003.

COLÔMBIA. Ministerio de Cultura. Dirección de Patrimonio. Centro Nacional de Restauración. *Manual para el cuidado de objetos culturales*. [Bogotá]: Ministerio de Cultura; Unesco, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/299074956/Manual-Para-El-Cuidado-de-Objetos-Culturales>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CONSERVATION CENTER FOR ART & HISTORIC ARTIFACTS; Archives for Black Lives in Philadelphia. *Preservation Glossary*. Philadelphia: Conservation Center for Art, 2022. Disponível em: <https://ccaha.org/resources/preservation-glossary>. Acesso em: 09 maio 2023.

CPIA - Commercial Painting Industry Association. *Painting Glossary*. [Chicago]: CPIA, 2022. Disponível em: <https://www.thecpia.com/painting-glossary/>. Acesso em 24 mar. 2024.

DAGUERREOTYPE RESEARCH PORTAL. *Lexicon on damages and photographic processes*. Disponível em: [https://research.mfa.org/l\\_hierarchy.asp](https://research.mfa.org/l_hierarchy.asp). Acesso em: 16 maio 2023.

DOHERTY, Tiarna; WOOLLETT, Anne T. *Looking at paintings: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2009.

ELLIOT, Virgil; RAY, Alan Douglas. *Traditional oil painting: Glossary*. 2023 Disponível em: <https://traditionaloilpainting.com/glossary/>. Acesso em 24 mar. 2024.

GCI - The Getty Conservation Institute; Israel Antiquities Authority. *Illustrated glossary: definitions of terms used for the graphic documentation of in situ floor mosaics*. Los Angeles: GCI, 2003. Disponível em: [https://www.getty.edu/conservation/publications\\_resources/pdf\\_publications/pdf/mosaicglossary.pdf](https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/pdf/mosaicglossary.pdf). Acesso em 28 mar. 2024.

GIANNINI, Cristina. *Dizionario del restauro: Tecniche Diagnostica Conservazione*. Florença: Nardini Editore, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/24940276/Dizionario\\_del\\_restauero\\_Tecniche\\_Diagnostica\\_Conservazione](https://www.academia.edu/24940276/Dizionario_del_restauero_Tecniche_Diagnostica_Conservazione). Acesso em: 10 mar. 2024.

GIULIA MANELLA RESTAURO. *Glossario*. Disponível em: <https://www.giuliamanellarestauro.it/glossario/>. Acesso em: 12 set. 2024.

GLASGOW MUSEUMS. Boppard Conservation Project. *A Glossary of Stained Glass Terms*. Glasgow, [s.d.]. Disponível em: <https://boppardconservationproject.wordpress.com/about/a-glossary-of-stained-glass-terms/>. Acesso em: 10 maio 2023.

GRI - The Getty Research Institute. *Art & Architecture Thesaurus Online*. Los Angeles: GRI, [2024]. Disponível em: <https://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/aat/index.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

HUDSON+SALAH CONSERVATION STUDIOS. *Conservation Terminology*. Nova Orleans, [s.d.]. Disponível em: <http://www.paintingconservation.net/conservation-terminology.html>. Acesso em: 03 abr. 2022.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. *Illustrated glossary on stone deterioration patterns*. Paris: ICOMOS-ISCS, 2008. *E-book*. Disponível em: [https://www.icomos.org/publications/monuments\\_and\\_sites/15/pdf/Monuments\\_and\\_Sites\\_15\\_ISCS\\_Glossary\\_Stone.pdf](https://www.icomos.org/publications/monuments_and_sites/15/pdf/Monuments_and_Sites_15_ISCS_Glossary_Stone.pdf). Acesso em: 26 abr. 2023.

IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions. Section of Art Libraries. *Multilingual Glossary for Art Librarians*. Londres: IFLA, 1996. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s30/pub/mg1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

INSTITUTE OF FINE ARTS, NYU. *Kress Program in Paintings Conservation Glossary*. Disponível em: <https://www.kressconservation.org/Resources/Glossary>. Acesso em: 09 maio 2023.

INSTITUTO AUTÓNOMO BIBLIOTECA NACIONAL Y DE SERVICIOS DE BIBLIOTECA. *Glosario de términos de preservación de papel*. Caracas, 2014. Disponível em: <http://www.bnv.gob.ve/sites/default/files/files/pdf/glosariopreservacion2014.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

IPI - Image Permanence Institute; Filmecare.org. *Visual Decay Guide*. Rochester, [s.d.]. Disponível em: [https://filmcare.org/visual\\_decay.php](https://filmcare.org/visual_decay.php). Acesso em: 09 maio 2023.

JUSTIN HAWKES CONSERVATION STUDIO. *Conservation Glossary*. Disponível em: <https://www.justinhawkes.co.uk/conservation-glossary.html>. Acesso em 24 mar. 2024.



LUPA - Luis Pavão Limitada. *Deterioração*. Lisboa, [2024]. Disponível em: [http://www.lupa.com.pt/site/index2.php?cont\\_ver2&id=325&tem=169](http://www.lupa.com.pt/site/index2.php?cont_ver2&id=325&tem=169). Acesso em: 28 maio 2024.

LUPA - Luis Pavão Limitada. *Glossário*. Lisboa, [2024]. Disponível em: <https://www.lupa.com.pt/site/ficheiros/46Glossario.pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.

MADRONA ORTEGA, J. *Vademécum del conservador*. Terminología aplicada a la conservación del Patrimonio Cultural. Madrid: Tecnos, 2015.

MARTÍNEZ CABETAS, C. y RICO MARTÍNEZ, L. *Conservación y restauración de bienes culturales*. Español - Alemán - Inglés - Italiano - Francés. Madrid: Akal, 2003

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. *The Modern Paint Damage Atlas*. Disponível em: <https://paint.tool.cultureelerfgoed.nl/>. Acesso em 25 maio 2024.

MC. CLEARY, J. *Conservación de libros y documentos*. *Glosario de términos técnicos*. Inglés - Español. Español - Inglés. Madrid: Clan Editorial, 1997.

METAMORFOZE. *Design Drawings Damage Atlas*. 2023. Disponível em: <https://filehost.nieuweinstituut.nl/schadeatlas-digitaal-spread-1700212120.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024.

MORGAN O'DRISCOLL. *Condition Report Terms*. Disponível em: <https://www.morganodriscoll.com/glossary/condition-report-terms/5>. Acesso em 24 mar. 2024.

MOST, Peter van der; DEFIZE, Peter; HAVERMANS, John (comp.). DOE, Erik van der (ed.). *Archives Damage Atlas: A Tool for Assessing Damage*. Haia: Metamorfoze, 2010. *E-book*. Disponível em: [www.heritageforpeace.org/wp-content/uploads/2013/03/archives\\_damage\\_atlas.pdf](http://www.heritageforpeace.org/wp-content/uploads/2013/03/archives_damage_atlas.pdf). Acesso em: 09 maio 2023.

MUÑOZ VIÑAS, S.; OSCA PONS, J. y GIRONÉS SARRIÓ, I. *Diccionario técnico Akal de materiales de restauración*. Madrid: Akal, 2014.

NATIONAL FILM AND SOUND ARCHIVE OF AUSTRALIA. *Damage to films: Technical Preservation Handbook*. Camberra, [s.d.]. Disponível em: <https://www.nfsa.gov.au/preservation/guide/handbook/damage>. Acesso em: 09 maio 2023.

NELSON ATKINS MUSEUM OF ART. *Glossary: French Paintings and Pastels, 1600–1945*. Disponível em: <https://nelson-atkins.org/fpc/glossary/>. Acesso em 24 mar. 2024.

NGA - National Gallery of Art. *Glossary of Technical Terms*. Disponível em: <https://www.nga.gov/research/online-editions/17th-century-dutch-paintings/technical-glossary-oe.html>. Acesso em 24 mar. 2024.

NORTH CAROLINA MUSEUM OF ART. *A Primer for the Materials, Methods and Techniques of Conservation*. 2021. Disponível em: <https://ncartmuseum.org/wp-content/uploads/2021/06/conservation-primer.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024.

NPS - National Park Service. *Museum Handbook: museum collections*. Quebec: NPS, 2006. Disponível em: <https://www.nps.gov/museum/publications/handbook.html>. Acesso em 23 abr. 2023.

ORDAZ, J.; ESBERT, R.M. *Glosario de términos relacionados con el deterioro de las piedras de construcción*. *Materiales de construcción*, Madrid, vol. 38, n. 209, p. 39-45, jan./fev./mar. 1988. Disponível em: <https://materconstrucc.revistas.csic.es/index.php/materconstrucc/article/view/847/904>. Acesso em: 10 maio 2023.

- PAGLIONE, Camila Zanon. *Glossário visual de conservação: um guia de danos comuns em papéis e livros*. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017. E-book. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7332>. Acesso em: 5 maio 2019.
- PAOLINI, C. y FALDI, M. RIVADENEIRA, M. y NARVÁEZ, G. (2013): *Glosario de términos técnicos para restauración y museología*. Quito: Codeu, 2013.
- RAINER, Leslie; GRAVES; Kiernan, MAEKAWA, Shin *et al.* *Conservation of the architectural surfaces in the tablinum of the House of the Bicentenary, Herculaneum: phase 1, examination, investigations, and condition assessment*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2017. Disponível em: [https://www.getty.edu/conservation/publications\\_resources/pdf\\_publications/pdf/herc\\_phase1\\_report\\_rev.pdf](https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/pdf/herc_phase1_report_rev.pdf). Acesso em: 10 maio 2023.
- ROBERTS, Matt T.; ETHERINGTON, Don. *Bookbinding and the Conservation of books: a dictionary of descriptive terminology*. Washington, D.C., 1994. Disponível em: <https://cool.culturalheritage.org/don/don.html>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ROSENFELD, Lenora Lerrer. *Glossário técnico de conservação e restauração em pintura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- SCARPINI STUDIO. Glossary of Fine Art Conservation & Restoration Terms. Disponível em: <https://www.mariascarpiniartconservation.com/glossary>. Acesso em 24 mar. 2024.
- SMITHSONIAN MUSEUM CONSERVATION INSTITUTE. *Painting Conservation Glossary of Terms*. Washington, D.C, [s.d.]. Disponível em: <https://mci.si.edu/painting-conservation-glossary-terms>. Acesso em: 09 maio 2023.
- STELLA ART & CONSERVATION. *Art Conservation Glossary*. West Palm Beach, 2018. Disponível em: <https://stellaartconservation.com/art-conservation-glossary/>. Acesso em: 16 maio 2023.
- THE BRITISH MUSEUM. *Conservation and Scientific Research glossary*. Londres, [s.d.]. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/our-work/departments/conservation-and-scientific-research-glossary>. Acesso em: 16 maio 2023.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary for furniture*. West Palm Beach, 2022. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1192](http://www.art-conservation.org/?page_id=1192). Acesso em: 05 out. 2023.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary for paintings*. West Palm Beach, 2022. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1170](http://www.art-conservation.org/?page_id=1170). Acesso em: 05 out. 2023.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary for works on paper*. West Palm Beach, 2023. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1189](http://www.art-conservation.org/?page_id=1189). Acesso em: 05 out. 2018.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary furniture decorative elements*. West Palm Beach, 2022. Disponível em: [http://www.art-conservation.org/?page\\_id=1195](http://www.art-conservation.org/?page_id=1195). Acesso em: 05 out. 2018.
- THE FINE ARTS CONSERVANCY. *Glossary*. West Palm Beach, 2022. Disponível em: [https://www.art-conservation.org/?page\\_id=21](https://www.art-conservation.org/?page_id=21). Acesso em: 05 out. 2023.
- THE JOEL OPPENHEIMER GALLERY CHICAGO. *Art Restoration Glossary*. Disponível em: <https://www.audubonart.com/art-restoration/art-restoration-glossary/>. Acesso em 24 mar. 2024.
- THE LEIDEN COLLECTION. Glossary. Disponível em: <https://www.theleidencollection.com/glossary/>. Acesso em: 27 maio 2024.
- UCM - Universidad Complutense Madrid. Proyecto Cabinet. *Glosario: estado y daños*. Madrid: Universidad Complutense Madrid, 2003. Disponível em: <https://www.ucm.es/ficherocibernetico/estado-y-danos>. Acesso em 25 mar. 2024.

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARIES. Institute of Museum and Library Services. *Preservation self-assessment program: Glossary*. Urbana-Champaign, 2016 Disponível em: <https://psap.library.illinois.edu/>. Acesso em: 09 maio 2023.

UNIVERSITY OF ILLINOIS URBANA-CHAMPAIGN. UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY. *Glossary of terms*. Urbana, IL, [s.d.]. Disponível em: [https://www.library.illinois.edu/conservation/Backup\\_of\\_PresCons\\_Website/glossary\\_of\\_terms.htm](https://www.library.illinois.edu/conservation/Backup_of_PresCons_Website/glossary_of_terms.htm). Acesso em: 13 maio 2023.

VALK, Marijn de. METAMORFOZE. *Library Damage Atlas: a tool for assessing damage*. Antwerp, 2018. Disponível em: [https://www.metamorfoze.nl/sites/default/files/documents/Library%20Damage%20Atlas%202018\\_DEF.pdf](https://www.metamorfoze.nl/sites/default/files/documents/Library%20Damage%20Atlas%202018_DEF.pdf). Acesso em 24 mar. 2024.

VAN WITT FINE ART CONSERVATION. *Glossary of Terms*. Naples, FL, 2012. Disponível em: <https://www.vanwittart.com/s/glossary-of-terms-qdul.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

VERLAG, Michael Imhof. WEYER, Angela (Ed.). *European illustrated glossary of conservation terms for wall paintings and architectural surfaces* (Ewaglos). 2. ed. Petersberg: Hornemann Institute, 2016. *E-book*. Disponível em: <https://hornemann-institut.hawk.de/en/projects/research/ewaglos>. Acesso em: 28 maio 2023.

VICTORIAN COLLECTIONS. *Condition reporting terminology*. 2019. Disponível em: <https://victoriancollectionshelp.zohodesk.com/portal/en/kb/articles/condition-reporting-terminology>. Acesso em 24 mar. 2024.

VIRGINIA ART CONSERVATION AND RESTORATION. *Painting Condition Assessment Terms*. Disponível em: <https://www.va-art.com/docs/glossary.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024.

WCCFA - WESTERN CENTER FOR THE CONSERVATION OF FINE ARTS. *Painting Conservation Glossary*. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5fda44c03110fa25fa884aa7/t/5fdaaa1e1bda5248f30261b2/1608165920717/PaintingConservationGlossary.pdf>. Acesso em 24 mar. 2024.

WEST LAKE ART CONSERVATION CENTER. *Glossary of Conservation & Technical Terms*. Skaneateles, [s.d.]. Disponível em: <https://westlakeconservators.com/glossary-of-conservation-technical-terms/>. Acesso em: 16 maio 2023.

XARRIÉ, M. *Diccionario de conservación y restauración de obras de arte 1 (A-Z)*. Barcelona: Balaam, 2007.

XARRIÉ, M. *Glossary of Conservation I*. Barcelona: Balaam, 2005.

XARRIÉ, M. *Glossary of Conservation II*. Barcelona: Balaam, 2006.

XARRIÉ, M. *Glossary of Conservation III*. Barcelona: Balaam, 2006.



## **APÊNDICE B**

### **ESTRUTURA DO GLOSSÁRIO**



## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000133

### Termo

abrasão

### Definição

Desgaste ou dano superficial causado pelo atrito ou contato físico entre a superfície de uma obra de arte e outro objeto ou material. Em pinturas de cavalete esse fenômeno pode ocorrer e principalmente nas camadas pictóricas, camadas superficiais e molduras, resultando na perda de detalhes, cor e textura.

### Termo Inglês

abrasion

### Definição em inglês

Wear or surface damage caused by friction or physical contact between the surface of a work of art and another object or material. In easel paintings, this phenomenon can occur primarily in the paint layer and supports.

### Termo Espanhol

abrasión

### Termo Francês

abrasion

### Termo Italiano

abrasione

### Notas

A abrasão pode ser causada por manuseio inadequado, limpeza agressiva, transporte sem proteção ou exposição prolongada a elementos abrasivos. Em pinturas, isso pode levar à exposição do suporte subjacente. Esse dano pode afetar camadas pictóricas, superficiais, resultando na perda de detalhes, cor e textura.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Camada superficial; Suporte\Madeira; Suporte\Papel; Suporte\Tecido;

### Fontes / Referências

CENTRE DE CONSERVATION DU QUEBEC. Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées. Quebec, 2013.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

ROSENFELD, Lenora Lerrer. Glossário técnico de conservação e restauração em pintura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

### Catalogado por

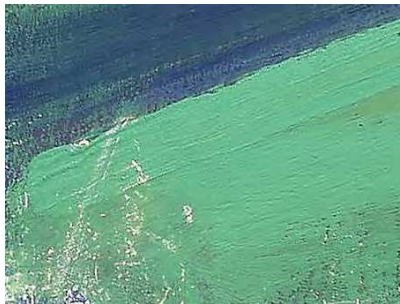
Ana Panisset

### Data

19-09-2024



Abrasão acidental da superfície de uma pintura sobre tela.



Abrasão da superfície pictórica



Abrasão do chassi em madeira.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000087

### Termo

bolha

### Definição

Defeito na camada superficial de uma obra de arte, principalmente em pinturas, onde pequenas bolsas de ar ou gás se formam entre as camadas de tinta, verniz ou entre a camada pictórica e o suporte.

### Termo Inglês

blister

### Definição em inglês

Defect in the surface layer of a work of art, mainly in paintings, where small pockets of air or gas form between the layers of paint, varnish, or between the pictorial layer and the support.

### Ocorrência

blistering  
blisters  
bolhas

### Termo Espanhol

ampolla

### Termo Francês

cloque

### Termo Italiano

bolla  
sbollatura

### Outras denominações

estufamento

### Notas

As bolhas podem resultar de uma falha na adesão entre as camadas devido a fatores como mudanças de umidade, temperatura, envelhecimento natural dos materiais ou técnicas inadequadas utilizadas no processo de restauração ou conservação anterior.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Camada superficial

### Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

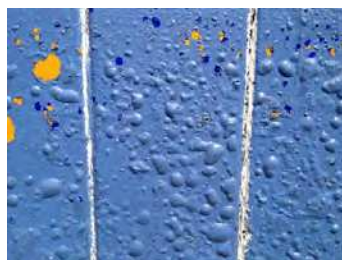
17-09-2024



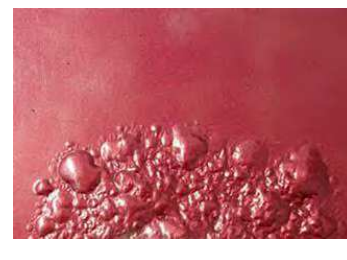
Bolha na camada pictórica, óleo sobre tela.



Detalhe de bolha na camada pictórica, óleo sobre tela.



Bolha em camada pictórica



Bolha em camada pictórica

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

## ID

00000.000139

## Termo

craquelê

## Definição

Rede de pequenas fissuras ou rachaduras que se formam na superfície de uma pintura, na camada de pictórica e camada superficial, pode ocorrer também na camada de preparação.

## Termo Inglês

crackle

## Definição em inglês

A network of small fissures or cracks that form on the surface of a painting, usually in the pictorial layer or the surface layer, but also in the ground layer.

## Ocorrência

crackling  
cracks  
craquelure  
craquelures  
craquelado

## Termo Espanhol

craquelado  
craqueladura

## Termo Francês

craquelure

## Termo Italiano

crettatura  
craquelure

## Notas

Os craquelês ocorrem devido ao envelhecimento natural dos materiais, quando há variações na expansão e contração das camadas de tinta, verniz ou suporte, resultantes de mudanças de temperatura e umidade ao longo do tempo. Pode ser apenas um aspecto estético, evidenciando a antiguidade da obra, mas também pode sinalizar fragilidade estrutural, especialmente se houver risco de desprendimento da tinta ou de outros danos.

## Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

## Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Camada superficial;

## Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art &amp; Architecture Thesaurus® Online.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

WESTERN CENTER FOR THE CONSERVATION OF FINE ARTS. Painting Conservation Glossary.

## Catalogado por

Ana Panisset

## Data

17-09-2024



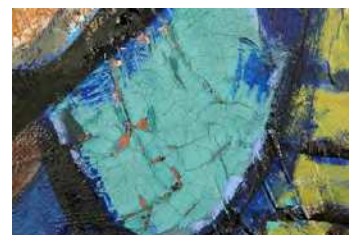
Craquelê em camada pictórica.



Craquelê em camada pictórica.



Craquelê em camada pictórica.



Craquelê em camada pictórica.



---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

---

**Termo**

delaminação

**Definição**

Separação ou descolamento de camadas de materiais em uma obra de arte, como entre a camada pictórica e o suporte ou entre outras camadas, como camada de preparação ou camada superficial.

**Termo Inglês**

delamination

**Definição em inglês**

Separation or detachment of layers of materials in a work of art, such as between the pictorial layer and the support, or between other layers, like the preparation layer or the surface layer.

**Ocorrência**

delaminating

**Termo Espanhol**

dalaminación

**Termo Francês**

délamination

**Termo Italiano**

sclagiatura  
delaminazione

**Notas**

O processo de delaminação ocorre quando há uma perda de adesão entre as diferentes camadas que compõem a obra, muitas vezes causada por flutuações de temperatura e umidade, degradação dos materiais com o tempo ou danos físicos. Pode resultar em bolhas, rachaduras, áreas soltas ou perda de material, comprometendo a estabilidade e a aparência da obra.

**Tipologia de objeto**

Pintura de cavalete

**Fontes / Referências**

THE AUSTRALIAN INSTITUTE FOR THE CONSERVATION OF CULTURAL MATERIAL. Visual Glossary. Moonah: AICCM, [s.d.].

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

ROSENFELD, Lenora Lerrer. Glossário técnico de conservação e restauração em pintura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997

---

**Catalogado por**

Ana Panisset

**Data**

18-09-2024

---



Delaminação da camada superficial e pictórica.



Delaminação da camada superficial e pictórica.



Delaminação da camada superficial e pictórica.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000082

### Termo

descamação

### Definição

Desprendimento de fragmentos da camada pictórica, do verniz ou de outras camadas superficiais em uma obra de arte, especialmente em pinturas. Ocorre devido à perda de adesão entre as camadas de preparação, pictórica ou superficial, e o suporte.

### Termo Inglês

flaking

### Definição em inglês

Detachment of fragments from the pictorial layer, varnish, or other surface layers of a work of art, especially in paintings. It occurs when there is a loss of adhesion between the preparation, pictorial, or surface layers and the support.

### Termo Espanhol

escamas  
descamación

### Termo Francês

écaillage

### Termo Italiano

sfaldatura  
sollevamento

### Outras denominações

desprendimento

### Notas

A descamação (ou desprendimento) pode ser provocada pelo envelhecimento dos materiais, flutuações de temperatura e umidade, ou por danos físicos e manuseio inadequado. Pode resultar na perda de áreas importantes de pigmento e de detalhes visuais, comprometendo a integridade da obra.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Camada superficial;

### Fontes / Referências

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

17-09-2024



Descamação de camada de verniz.



Descamação de camada pictórica.



Descamação de camada pictórica.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000081

### Termo

descolamento

### Definição

Separação de camadas, como a camada de preparação, camada pictórica e camada superficial em relação ao suporte subjacente.

### Termo Inglês

cleavage

### Definição em inglês

Separation of layers, such as the preparation layer, pictorial layer, and surface layer, from the underlying support.

### Termo Espanhol

levantamiento

### Termo Francês

clivage

### Termo Italiano

sollevamento

### Notas

Esse problema pode ocorrer devido a fatores como variações de umidade e temperatura, degradação dos materiais ao longo do tempo, ou tensões físicas, resultando na perda da adesão entre as camadas. O descolamento pode se manifestar em áreas elevadas, bolhas ou fendas, e, se não tratado, pode levar à perda de partes da camada pictórica ou de outros elementos da obra. Técnicas de consolidação são usadas para reestabelecer a adesão e preservar a integridade da peça.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Tipologia de material

Camada de preparação; Camada pictórica; Camada superficial;

### Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

### Catalogado por

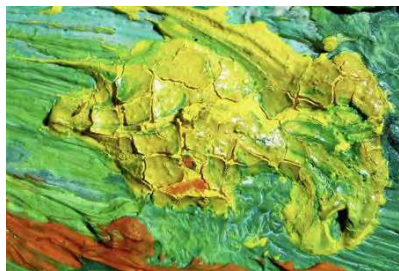
Ana Panisset

### Data

14-10-2024



Descolamento da camada pictórica.



Descolamento da camada pictórica.



Descolamento da camada pictórica.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000080

### Termo

empenamento

### Definição

Deformação ou curvatura côncava ou convexa de um suporte rígido ou semi-rígido.

### Termo Inglês

warping

### Definição em inglês

Deformation or concave or convex curvature of a rigid or semi-rigid support.

### Ocorrência

warp

### Termo Espanhol

alabeo

### Termo Francês

gauchissement

### Termo Italiano

imbarcamento

### Outras denominações

distortion

### Notas

O empenamento ocorre quando há uma distribuição desigual de tensões internas no suporte, geralmente causada por mudanças na umidade, temperatura ou pela absorção e perda de água ao longo do tempo. Pode comprometer a estabilidade estrutural da obra e afetar sua aparência, causando fissuras, descolamento da camada pictórica ou até a quebra do suporte. Em casos de obras de madeira, por exemplo, o empenamento pode criar curvaturas visíveis e desalinhamento dos painéis.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Chassi; Moldura; Suporte\Madeira; Suporte\Papel;

### Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

13-10-2024



empenamento de painel de madeira.



empenamento



empenamento de moldura.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

---

**ID**

00000.000089

**Termo**

esbranquiçamento

**Definição**

Aparecimento de manchas ou áreas esbranquiçadas e opacas na superfície de uma pintura.

**Termo Inglês**

blanching

**Definição em inglês**

Appearance of stains or whitish and opaque areas on the surface of a painting.

**Termo Espanhol**

blaqueo

**Termo Francês**

blanchiment

**Termo Italiano**

imbianchimento

sbiancamento

**Notas**

O esbranquiçamento ocorre quando há microfissuras, mudanças na estrutura do verniz ou umidade nas camadas superficiais, causando uma aparência opaca e leitosa. Pode ser resultado de fatores como exposição excessiva à umidade, reações químicas nos materiais, degradação do verniz ou técnicas de conservação inadequadas.

**Tipologia de objeto**

Pintura de cavalete

**Parte/Tipologia de material**

Camada superficial;

**Fontes / Referências**

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

**Catalogado por**

Ana Panisset

**Data**

15-10-2024





esbranquiçamento



esbranquiçamento



esbranquiçamento

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### Termo

fissura

### Definição

Ruptura em um material sem a separação completa das partes.

### Termo Inglês

crack

### Definição em inglês

Break in a material without the complete separation of parts.

### Ocorrência

cracking  
fissure

### Termo Espanhol

grieta  
fisura

### Termo Francês

fissure

### Termo Italiano

fessura  
fenditura

### Outras denominações

check  
clivagem  
rachadura

### Notas

As fissuras podem ocorrer na camada de tinta, no verniz ou no suporte (como madeira ou tela) e são causadas por fatores como envelhecimento natural dos materiais, variações de umidade e temperatura, ou tensões mecânicas sofridas pela obra ao longo do tempo. Podem ser superficiais, afetando apenas as camadas externas, ou profundas, chegando ao suporte da obra.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada de preparação; Camada pictórica; Camada superficial; Chassi; Moldura; Suporte\Madeira;

### Fontes / Referências

THE AUSTRALIAN INSTITUTE FOR THE CONSERVATION OF CULTURAL MATERIAL. Visual Glossary. Moonah: AICCM, [s.d.].

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID. Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural - C+R Terminologia. 2. ed. Madrid, 2018.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

21-09-2024



Fissura em suporte em tela.



Fissura em camada pictórica.



Fissura em painel de madeira.

---

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

---

**ID**

00000.000123

**Termo**

foxing

**Definição**

Aparecimento de manchas e pontos arredondados de tons amarronzados, amarelados ou avermelhados ocorre, provavelmente, devido a uma combinação de fatores como o crescimento de fungos e a oxidação de impurezas metálicas presentes nos materiais.

**Termo Inglês**

foxing

**Definição em inglês**

Appearance of stains and rounded spots in brownish, yellowish, or reddish tones, likely occurs due to a combination of factors, such as mold growth and the oxidation of metallic impurities present in the materials.

**Termo Espanhol**

foxing

**Termo Francês**

piqûre

**Termo Italiano**

foxing

**Notas**

Fatores ambientais, como umidade, variações de temperatura e condições inadequadas de armazenamento, podem contribuir para o seu desenvolvimento. Embora o foxing geralmente não cause danos estruturais afeta principalmente a estética da obra.

**Tipologia de objeto**

Pintura de cavalete

**Parte/Tipologia de material**

Camada pictórica; Suporte\Papel

**Fontes / Referências**

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

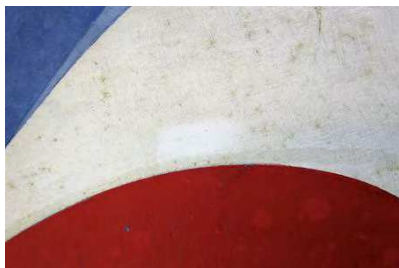
---

**Catalogado por**

Ana Panisset

**Data**15-10-2024

---



Foxing em camada pictórica.



Foxing em obra em papel.



Foxing em obra em papel.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000131

### Termo

mancha

### Definição

Alteração de cor localizada causada por substância estranha à obra ou envelhecimento desigual.

### Termo Inglês

stain

### Definição em inglês

Localized color alteration caused by a foreign substance to the work or uneven aging.

### Ocorrência

manchas  
stains

### Termo Espanhol

mancha

### Termo Francês

tache

### Termo Italiano

macchia

### Notas

Manchas podem ser superficiais ou penetrar profundamente nas camadas da obra, dependendo do material e da substância que as causou. O termo mancha é genérico e, por isto, em um diagnóstico é preciso especificar a sua causa, indicando se é resultado da ação de fungos, adesivos degradados, objetos enferrujados, excrementos de insetos, resíduos de tintas, óleos e gorduras, degradação irregular, dentre tantas outras possibilidades.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Suporte\Madeira; Suporte\Papel; Suporte\Tecido;

### Fontes / Referências

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

13-10-2024



Mancha em camada pictórica.



Mancha em camada pictórica.



Mancha em suporte de madeira.



Mancha em camada pictórica.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000127

### Termo

mofo

### Definição

Crescimento de fungos de diversos tipos que se desenvolvem em materiais orgânicos. O mofo aparece como manchas brancas, cinzas, verdes ou pretas e pode causar danos significativos à obra de arte, como descoloração, manchas permanentes, degradação das camadas superficiais e enfraquecimento estrutural dos materiais.

### Termo Inglês

mold

### Definição em inglês

Growth of various types of fungi that develop on organic materials. Mold appears as white, gray, green, or black spots and can cause significant damage to the artwork, such as discoloration, permanent stains, degradation of surface layers, and structural weakening of the materials.

### Ocorrência

mould

### Termo Espanhol

moho

### Termo Francês

moisissure

### Termo Italiano

muffa

### Notas

Além do impacto visual e físico, o mofo pode continuar a se espalhar se não for tratado adequadamente, agravando os danos.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Fontes / Referências

AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. BPG Glossary of Terms. Disponível em: Acesso em: 26 abr. 2019

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

13-10-2024



Mofo no verso de uma pintura.



Mofo na camada pictórica.



Mofo no suporte em papel.



Mofo na camada pictórica.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000079

### Termo

ondulação

### Definição

Deformação ou curvatura irregular que ocorre na superfície de uma obra, como uma pintura em tela, papel ou outros materiais flexíveis. Esse fenômeno cria áreas elevadas e rebaixadas, resultando em uma aparência ondulada ou enrugada.

### Termo Inglês

cockling

### Definição em inglês

Deformation or irregular curvature that occurs on the surface of a work, such as a canvas painting, paper, or other flexible materials. This phenomenon creates raised and recessed areas, resulting in a wavy or wrinkled appearance.

### Ocorrência

cockle

### Termo Espanhol

ondulación

### Termo Francês

gondolement  
ondulation

### Termo Italiano

ondulazione

### Notas

As ondulações são frequentemente causadas por variações de umidade e temperatura, que fazem com que o material se expanda e contraia de forma desigual. Pode prejudicar a estabilidade estrutural da obra, alterar sua apresentação visual e, em casos extremos, causar fissuras ou descamação.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Suporte\Papel; Suporte\Tecido;

### Fontes / Referências

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

13-10-2024





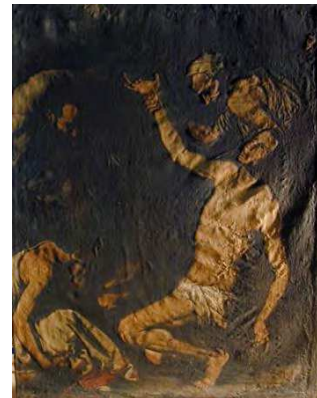
Ondulação de pintura sobre tela.



Ondulação de pintura sobre papel.



Ondulação de pintura sobre papel.



Ondulação de pintura sobre tela.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

## ID

00000.000126

## Termo

perda

## Definição

Ausência ou remoção de partes originais de uma obra, como fragmentos de tinta, verniz, gesso ou mesmo do suporte que desapareceram ou foram danificados.

## Termo Inglês

loss

## Definição em inglês

Absence or removal of original parts of a work, such as fragments of paint, varnish, plaster, or even the support that have disappeared or been damaged.

## Termo Espanhol

pérdida  
faltante  
laguna

## Termo Francês

lacune  
perte  
manque

## Termo Italiano

macanza  
lacuna  
perdita

## Outras denominações

lacuna

## Notas

A perda pode ser causada por fatores como deterioração natural dos materiais, acidentes, manuseio inadequado, intervenções anteriores mal executadas, ou desastres como incêndios e inundações. Essas ausências comprometem tanto a integridade estética quanto a estrutural da obra.

## Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

## Parte/Tipologia de material

Camada de preparação; Camada pictórica; Camada superficial; Chassi; Moldura; Suporte\Madeira; Suporte\Papel; Suporte\Tecido;

## Fontes / Referências

THE AUSTRALIAN INSTITUTE FOR THE CONSERVATION OF CULTURAL MATERIAL. Visual Glossary. Moonah: AICCM, [s.d.].

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

## Catalogado por

Ana Panisset

## Data

13-10-2024



Perda de camada pictórica.



Perda de partes da moldura.



Perda de camada pictórica sobre tela.



Perda de camada pictórica sobre madeira.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000078

### Termo

pulverulência

### Definição

Condição em que a camada de tinta, pigmento, ou outro material de uma obra de arte se torna instável e começa a se transformar em pó, perdendo sua coesão.

### Termo Inglês

chalking

### Definição em inglês

Condition in which the layer of paint, pigment, or other material of a work of art becomes unstable and begins to turn to powder, losing its cohesion

### Termo Espanhol

pulverulencia

### Termo Francês

pulvérulence

### Termo Italiano

sfarinamento

### Outras denominações

esfarelamento  
powdering

### Notas

Ocorre quando o material pictórico se degrada devido à exposição prolongada a fatores como luz intensa, variações de temperatura, umidade elevada, ou reações químicas, o que enfraquece os aglutinantes e a adesão da tinta ao suporte. A pulverulência pode resultar em perda de pigmento e desintegração da superfície da obra, afetando tanto a estética quanto a estrutura da peça.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica;

### Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

WESTERN CENTER FOR THE CONSERVATION OF FINE ARTS. Painting Conservation Glossary.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

13-10-2024



Pulverulência de camada pictórica, transferida para luvas,



Pulverulência de camada pictórica.



Pulverulência de camada pictórica.



Pulverulência de camada pictórica.

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000077

### Termo

rasgo

### Definição

Ruptura no suporte de uma obra de arte, como tela, papel, ou outro material flexível, deixando bordas irregulares.

### Termo Inglês

tear

### Definição em inglês

Break in the support of a work of art, such as canvas, paper, or other flexible material, leaving ragged edges.

### Ocorrência

tears  
rasgos

### Termo Espanhol

rotura  
desgarro  
rasgadura

### Termo Francês

déchirure

### Termo Italiano

lacerazione  
strappo

### Notas

Os rasgos podem ocorrer devido a danos físicos, manuseio inadequado, envelhecimento do material ou acidentes, como quedas ou perfurações, ou por atos de vandalismo. Dependendo da profundidade e extensão, um rasgo pode afetar tanto o suporte quanto as camadas de preparação, pictóricas e superficiais, comprometendo a integridade estrutural e estética da obra.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Suporte\Papel; Suporte\Tecido

### Fontes / Referências

THE AUSTRALIAN INSTITUTE FOR THE CONSERVATION OF CULTURAL MATERIAL. Visual Glossary. Moonah: AICCM, [s.d.].

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

PAGLIONE, Camila Zanon. Glossário visual de conservação: um guia de danos comuns em papéis e livros. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017.

Catalogado por

Data

Ana Panisset

13-10-2024



rasgo em pintura sobre tela.



rasgo em pintura sobre tela.



rasgo em pintura sobre tela.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000076

### Termo

repintura

### Definição

Tinta que não foi aplicada pelo artista e que cobre a obra original. A repintura é frequentemente usada para alterar a imagem de uma pintura ou ocultar danos, geralmente cobrindo mais da tinta original do que o necessário.

### Termo Inglês

overpaint

### Definição em inglês

Paint that was not applied by the artist and covers the original artwork. Overpaint is often used to alter a painting's image or conceal damage, typically covering more of the original paint than needed.

### Ocorrência

overpainting

### Termo Espanhol

repinte

### Termo Francês

repeint

### Termo Italiano

ridipintura

### Notas

A repintura pode ser feita com a intenção de cobrir áreas danificadas, perdas de pigmento, ou para melhorar a aparência da obra, porém executada de forma inadequada, alterando o caráter original da obra. Repinturas excessivas ou mal feitas podem comprometer a autenticidade e o valor da obra, mascarando detalhes importantes ou deteriorando-se mais rápido que os materiais originais.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica;

### Fontes / Referências

CENTRE DE CONSERVATION DU QUEBEC. Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées. Quebec, 2013.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

ROSENFELD, Lenora Lerrer. Glossário técnico de conservação e restauração em pintura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

06-10-2024



repintura de fundo da camada pictórica.



repintura de fundo da camada pictórica.



repintura de fundo da camada pictórica.

---

## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

---

**ID**

00000.000075

**Termo**

ruga

**Definição**

Ondulações ou dobras que se formam na superfície de uma obra, geralmente em materiais flexíveis como papel ou tecido.

**Termo Inglês**

wrinkle

**Definição em inglês**

Wrinkles or ridges that form on the surface of a work, usually in flexible materials such as paper or fabric.

**Ocorrência**

wrinkles  
wrinkling

**Termo Espanhol**

arrugas

**Termo Francês**

froissement

**Termo Italiano**

rughe

**Notas**

As rugas podem ocorrer devido a fatores como variações de umidade e temperatura, envelhecimento do material, ou manipulação inadequada. Podem afetar a apresentação estética da obra e, em casos extremos, podem causar danos adicionais, como fissuras ou descamação das camadas pictóricas.

**Tipologia de objeto**

Pintura de cavalete

**Parte/Tipologia de material**

Camada pictórica; Suporte\Tecido;

**Fontes / Referências**

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

MAUNY-VAN DEN BURG, Julia. RCE Programme 'Heritage of Modern Times'. The Modern Paint Damage Atlas.

AIC - AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION. Lexicon Terms. [Washington DC], 2012.

---

**Catalogado por**

Ana Panisset

**Data**07-10-2024

---





Rugas na camada pictórica.



Rugas na camada pictórica.



Rugas no suporte.



## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000130

### Termo

sujidade

### Definição

Acumulação de substâncias indesejadas na superfície de uma obra de arte, que podem incluir poeira, sujeira, gorduras, fuligem ou outros contaminantes. Esses materiais podem originar-se de fatores ambientais, como poluição, ou de práticas de manuseio, armazenamento ou exibição que expõem a obra à sujeira.

### Termo Inglês

dirt

### Definição em inglês

Accumulation of unwanted substances on the surface of a work of art, which can include dust, grime, grease, soot, or other contaminants. These materials can originate from environmental factors, such as pollution, or from handling, storage, or display practices that expose the artwork to dirt.

### Termo Espanhol

suciedad

### Termo Francês

poussière

### Termo Italiano

sporczia

### Outras denominações

sujidade superficial  
surface dirt

### Notas

Esses contaminantes podem se acumular ao longo do tempo devido a fatores como exposição ao ambiente, manuseio, poluição ou armazenamento inadequado. A sujidade pode afetar significativamente a aparência visual da obra, obscurecendo detalhes e alterando cores, além de contribuir para a deterioração dos materiais ao longo do tempo.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Camada pictórica; Camada superficial; Moldura; Suporte;

### Fontes / Referências

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. Condition Reporting – Paintings. Part III: Glossary (CCI) Notes 10/11. Ottawa, 2017.

THE FINE ARTS CONSERVANCY. Glossary for paintings. West Palm Beach, 2022.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

06-10-2024



Sujidade em moldura.



Sujidade em camada pictórica.



## Terminologia : Glossário Visual de Alterações em Bens Culturais

### ID

00000.000083

### Termo

vinco

### Definição

Marca de pressão ou dobra que se forma em materiais flexíveis, como papel ou tecido. Aparece como linhas ou marcas visíveis que alteram a superfície do material.

### Termo Inglês

crease

### Definição em inglês

Pressure mark or fold that forms on flexible materials such as paper or fabric. It appears as visible lines or marks that alter the surface of the material.

### Ocorrência

creases

### Termo Espanhol

pliegue

### Termo Francês

pliure

### Termo Italiano

piegatura

### Notas

Ocorre devido a manipulação, armazenamento inadequado ou exposição a condições ambientais desfavoráveis. Pode comprometer tanto a integridade estética quanto estrutural da obra comprometendo a resistência do material. Podem levar a fissuras ou rasgos, especialmente se houver tensão excessiva.

### Tipologia de objeto

Pintura de cavalete

### Parte/Tipologia de material

Suporte\Papel; Suporte\Tecido;

### Fontes / Referências

NPS - NATIONAL PARK SERVICE. Museum Handbook: museum collections. Quebec: National Park Service, 2006.

THE GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus® Online.

CENTRE DE CONSERVATION DU QUEBEC. Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées. Quebec, 2013.

### Catalogado por

Ana Panisset

### Data

06-10-2024



Vincos em uma pintura sem chassi



Vinco em obra sobre papel



Vincos em obra sobre papel

## APÊNDICE C - Legendas das imagens da capa e início dos capítulos



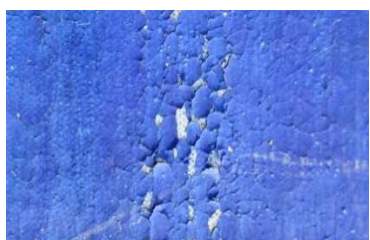
Craquelês  
Fotografia: Lucas Galeano



*Crust*  
Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024])



Ataque de insetos  
Fotografia: Lucas Galeano



*Flaking*  
Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024])



*Cupping*  
Imagem: *Modern Paint Damage Atla.* (Mauny-van den Burg, [2024])



*Blanching*  
Imagem: *Visual glossary* (AICCM, [2023])

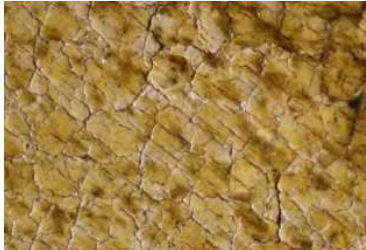


*Abrasion*  
Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022)



*Facing*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022)



*Micro-fissures and cracks*

Fotografia: Teresa Fernández-Muro (Almela; Fernández, 2018, p. 113).



*Split*

Fotografia: Lucas Galeano



*Micro-fissures and cracks*

Fotografia: Teresa Fernández-Muro (Almela; Fernández, 2018, p. 113).



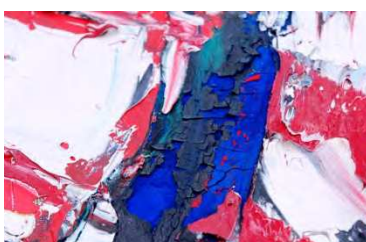
*Bitumen*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022).



*Insect damage*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022).



*Delaminating*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).





*Abrasion*

Imagem: CCQ *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* (CCQ, 2013).



*Insect remais*

Fotografia: Archivo IPCE (Almela; Fernández, 2018, p. 112).



*Delaminating*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Coulures*

Imagem: *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* (CCQ, 2013).



*Crust*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Imbibed dirt*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



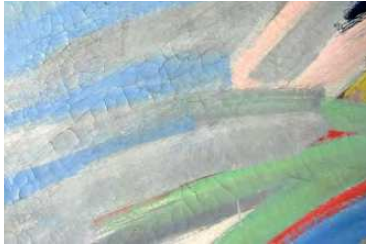
*Exuding medium*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Flaking*

Fotografía: Marta Iriondo (Almela; Fernández, 2018, p. 117).



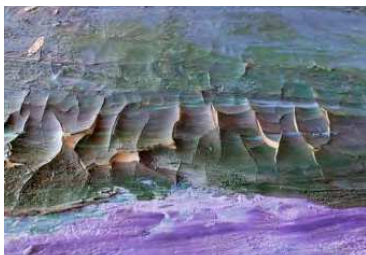
*Aging crack*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



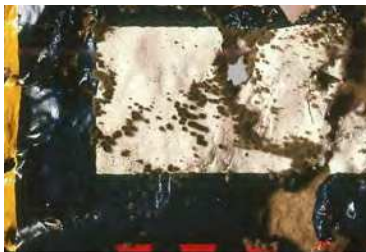
*Flaking*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022).



*Cleavage*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Mould / Insect damage*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022).



*Fungal infestation*

Fotografía: Cristina Salas (Almela; Fernández, 2018, p. 112).



*Yellowing*

Imagem: *Visual glossary* (AICCM, [2023]).



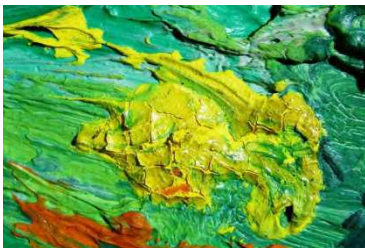
*Pests*

Fotografía: Cristina Salas (Almela; Fernández, 2018, p. 108).



*Bloom*

Imagem: Modern Paint Damage Atlas (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Cleavage*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



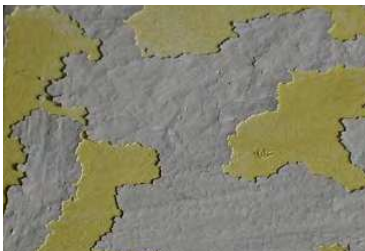
*Feather crack*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Oxidation*

Fotografía: Cristina Salas (Almela; Fernández, 2018, p. 107).



*Flaking*

Imagem: *Glossary for paintings* (The Fine Arts Conservancy, 2022).



*Craquelure*

Fotografía: Teresa Fernández-Muro (Almela; Fernández, 2018, p. 115).





*Insect infestation*

Fotografía: Cristina Salas (Almela; Fernández, 2018, p. 108).



*Flaking and lifting*

Fotografía: Cristina Salas (Almela; Fernández, 2018, p. 113).



*Crumbling*

Imagem: *Modern Paint Damage Atlas* (Mauny-van den Burg, [2024]).



*Eclaboussures*

Imagem: *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* (CCQ, 2013).



*Ecaillage*

Imagem: *Glossaire visuel des altérations sur les œuvres d'art et les objets de musées* (CCQ, 2013).

